

VALDIRA VIEIRA DA ROCHA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS:
CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES E
PERCEPÇÕES DE PAIS E ALUNOS**

Orientador: Manuel Tavares

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Instituto de Educação

Lisboa

2013

VALDIRA VIEIRA DA ROCHA

**EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS:
CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES E
PERCEPÇÕES DE PAIS E ALUNOS**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Manuel Tavares
Co-orientadora: Prof. Dr^a. Ana Carita

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Instituto de Educação

Lisboa

2013

‘Se na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo, se não é possível mudá-lo sem certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda a possibilidade, que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com elas coerentes.’

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que acreditam na importância da Educação para a construção de um mundo melhor e que percebem a Sexualidade como algo bonito e, prazeroso, que deve ser pautado no respeito mútuo, sabendo que a Educação Sexual é necessária para o entendimento e a vivência da sexualidade dentro dessa percepção.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, que nos possibilitou essa linda e surpreendente odisséia que é a vida! E aos meus pais, que como instrumentos dele, me colocaram nesta viagem!

Os agradecimentos dessa página também são muito especiais, sobretudo, ao meu orientador, o Prof^o.Dr^o. Manuel Tavares, o qual sempre foi tão gentil, comprometido e paciente na orientação da construção deste trabalho. Obrigada por ter acreditado em mim, no meu projeto e por ter tornado possível à realização deste objetivo.

Ao professor Óscar que também muito contribuiu para que este projeto acontecesse.

À professora Elza, e a co-orientadora a Professora Dr^a. Ana Carita, que também contribuiu para a construção deste trabalho. .

E a todos os professores que fizeram parte deste curso e que deram, cada um a seu modo, a sua contribuição.

Agradeço ainda a todos os participantes da pesquisa, os professores, o representante do PSE em Sergipe, o representante da Secretaria da Educação e em especial ao médico Almir Santana, que me recebeu de forma tão gentil e cordial, tendo um sorriso no rosto.

Bem como a todos os alunos e pais que também colaboraram de forma solidária com a pesquisa.

Sendo também muito especial os agradecimentos às pessoas que me auxiliaram neste longo percurso, a professora Ione Cardoso, a Elegiano Cirilo, pelo grande auxílio técnico, ao Professor Pedro Freittas, o professor Francisco Andrade, e os coordenadores e diretores das escolas pesquisadas.

E agradeço ainda a minha família e filhos, Bruna, Bruno e sobretudo a Maria Clara que renovou a minha energia e me acompanhou neste curso desde que nasceu.

RESUMO

Rocha, Valdira Vieira da (2013). *O Ensino Noturno em Crise: Um Estudo de Caso na Cidade de Aracaju*. Lisboa, 211 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, ULHT.

A Educação Sexual, está presente nos PCNs, devendo ser trabalhada de maneira Inter e transdisciplinar, contudo, ela continua ausente da escola, e ainda é percebida como um assunto polêmico, sendo necessária a união da Família e da escola nesta tarefa. Sendo que a E. Sexual que propomos é a Emancipatória, que permite aos jovens refletirem e construir seus conhecimentos de forma crítica. Educar para a Sexualidade não é tão somente educar para a prevenção, e não está somente atrelada às questões biológicas, visto que a sexualidade é algo muito mais amplo, que é construída culturalmente e que engloba diversos aspectos da vida. Ela deve promover a vivência plena e saudável da sexualidade, permitindo a percepção de que vivenciar a sexualidade é se permitir à prática do amor, com base no auto- respeito e no respeito ao outro e no combate a todas as formas de violência. Discorreremos neste texto uma breve história da Educação Sexual, bem como sobre alguns modelos e conceitos atrelados à sexualidade, investigamos nos textos as concepções, a formação e as práticas de professores e de outros sujeitos envolvidos nesta questão. Ao final do trabalho analisamos os resultados e dados levantados e refletimos acerca das soluções para os problemas detectados que dificultam a implantação da E. Sexual Emancipatória na escola. As conclusões do estudo revelam que esta ainda é percebida com receio pela comunidade escolar, que quando admite a abordagem da temática, consideram-na apenas do ponto de vista das questões biológicas e da prevenção. Os professores em grande parte não se sentem preparados para abordar a temática, por falta de formação, porém os alunos consideram-na importante, sendo que a Educação Sexual acaba reduzindo-se a palestras realizadas na escola. Consideramos o PSE importante para a Educação Sexual e no auxílio na formação dos professores, sendo que a SEED deve ofertar cursos, para qualificá-los. Diante dos relatos dos entrevistados, foi constatado que os jovens que recebem E. Sexual, de fato apresentam mudanças significativas no seu comportamento. Sendo necessário, portanto o registro dessas mudanças, já que este não está sendo realizado.

Palavras-chaves - Educação Sexual, Formação Continuada, Sexualidade, professores, pais e alunos.

ABSTRACT

Rocha, Valdira Vieira da (2013). *O Ensino Noturno em Crise: Um Estudo de Caso na Cidade de Aracaju*. Lisboa, 211 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, ULHT.

The Sex Education, is present in the PCNs, and must be crafted so Inter and transdisciplinary, however, she remains absent from school, and is still perceived as a controversial subject, being necessary to unite the family and school that this job. Since E. Sexual propose is that the Emancipation, which enables young people to reflect and build their knowledge critically. Educating for Sexuality is not merely to educate for prevention, and is not only linked to biological questions, since sexuality is something much broader, which is culturally constructed and that encompasses many aspects of life. It should promote the full experience of sexuality and healthy, allowing the perception that experience sexuality is to enable the practice of love, based on self-respect and respect for others and to combat all forms of violence.

We discuss this text, a brief history of Sex Education, as well as on some models and concepts linked to sexuality, we investigate the concepts in texts, training and practices of teachers and other individuals involved in this matter. At the end of the paper we analyze the results and data collected and reflect about the solutions to problems encountered that hamper the deployment of E. Sexual Emancipation in school. The study's findings reveal that this is still perceived with fear for the school community, who admits when approaching this topic, consider it only from the point of view of biological issues and prevention. Teachers largely do not feel prepared to address the issue, lack of training, but students consider it important, and the Sex Education just reducing the lectures held in the PSE in the school. Consider important for E. Sexual and assisting in the training of teachers, and the SEED should offer courses to qualify them. Given the reports of respondents, it was found that young people who receive E. Sexual indeed show significant changes in their behavior. Since necessary so the record of these changes, since this is not being realized.

Keywords: Sex Education, Continuing Education, Sexuality, teachers, parents, students.

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DSTs	Doenças sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EJAEM	Educação de Jovens e Adultos Ensino Médio
GGB:	Grupo Gay da Bahia
GLBTs /GLBTTs/GAYS	Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação Cultura
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PSE	Programa de Saúde e Prevenção na escola
SEED	Secretaria de Estado da Educação
SPE	Saúde e Prevenção na escola
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.
UNAIDS	Conjunto das nações unidas sobre HIV e AIDS .

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I –PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....	15
1.1. ESTADO DA ARTE.....	16
1.2. OBJETO DE PESQUISA E PROBLEMÁTICA	21
1.3. COMPORTAMENTO SEXUAIS NA ADOLÊSCÊNCIA E FATORES DE RISCO.....	22
1.4. HISTÓRIA E CLARIFICAÇÕES CONCEITUAIS	28
1.5. DEFINIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA E A SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES.....	38
1.6. O PAPEL DA ESCOLA NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL	50
1.7. A FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS E O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	52
1.8. A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS PCNs EM CONTEXTO ESCOLAR.....	60
CAPÍTULO II - PERCURSOS METODOLÓGICOS	65
2.1. TIPO DE PESQUISA	66
2.2. PROBLEMA	66
2.3. OBJETIVOS	67
2.4. LÓCUS DA PESQUISA.....	68
2.5. PARTICIPANTES	68
2.6. INSTRUMENTOS DE PESQUISA	70
2.7. TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS.....	72
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	75
3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	76
3.1.1. Resultados gerais:	76
3.1.2. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES DA ESCOLA CAMÉLIO COSTA.....	78
3.1.3. RESULTADO E ANALISE DA ENTREVISTA REALIZADA NA OUTRA ESCOLA PESQUISADA, ESCOLA ESTADUAL BARÃO DE MAUÁ, NA QUAL É DESENVOLVIDA O PSE.....	89
3.1.4. RESULTADO DA ENTREVISTA REALIZADA NA SECRETARIA DE SAÚDE, E DA EDUCAÇÃO E NO PSE:	96

3.1.5. ANÁLISE DO DISCURSO DO ENTREVISTADO DA SECRETARIA DE SAÚDE	99
3.1.6. ANÁLISE DO DISCURSO DO ENTREVISTADO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO	104
3.1.7. ANÁLISE DO DISCURSO DO ENTREVISTADO DO PSE.....	113
3.1.8. RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS A ALUNOS E PAIS NAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE SERGIPE.....	117
3.1.9. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO BARÃO DE MAUÁ ..	124
3.2. RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS.....	131
3.3.1. ANÁLISE DOS RESULTADOS	140
3.3.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS A PAIS E ALUNOS.	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
APÊNDICES	I
Apêndice 1 ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	II
Apêndice 2-Roteiro Das Entrevistas	IV
Apêndice 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTAS	V
Apêndice 4 - ROTEIRO DA ENTREVISTAS	VI
Apêndice 5-Questionário dos alunos	VIII
Apêndice 6 - Questionário para os pais.....	XII
Apêndice 7 - Transcrição Completas das Entrevistas	XV
Apêndice 8-Tabela referente a Revisão de Literatura.	XLI
ANEXOS	XLIII
Anexo 1 -: Partos por unidades da federação entre jovens dos 10 aos 14anos.	XLIV

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Amostra -Sujeitos participantes na pesquisa.	69
Tabela 2A - Identificação Dos Professores Entrevistados na Escola Carlos Camélio Costa. ...	69
Tabela 2-B. Identificação dos professores do Barão de Mauá.	70
Tabela 3-a. referente ao tipo de educação sexual que recebeu.	78
Tabela 4-A-Referente a responsabilidade pela Educação Sexual dos jovens.	80
Tabela 5-A - Referente a ter recebido qualificação acerca da educação sexual.....	82
Tabela 6-A. Referente a estar preparado e à vontade para abordar a educação sexual e sobre a eficácia desta para realidade do aluno.	83
Tabela 7.A. Definição de Educação Sexual, e o interesse dos alunos pela mesma.....	84
Tabela 8.A. Se costuma abordar a educação Sexual e como faz esta abordagem.....	86
Tabela 9.A. Se a escola desenvolve o PSE e sobre as ações deste na escola.	87
Tabela 10-A. Já realizou atividade ou projeto ligado a Educação Sexual. Descreva-o.	88
Tabela 1-B. Como foi educado sexualmente e sobre a influência desta educação em sua vida até hoje.....	89
Tabela 2-B. Sobre a responsabilidade sobre a educação sexual dos jovens.....	90
Tabela 3.B.Participação em curso de formação sobre a educação sexual.....	90
Tabela 4.B. Como foi e qual a contribuição desses cursos de formação para a sua prática. .	91
Tabela 5 - B. Preparação dos Professores acerca da educação sexual e a contribuição desta para uma melhor vivencia dos alunos.	92
Tabela 6 -.B. Definição de Educação Sexual e interesse dos alunos pela mesma.....	93
Tabela 7-B. Se Costuma abordar a Educação Sexual de que forma e quais temas aborda.	93
Tabela 8 -.B. Quais as ações do PSE nesta escola.....	94
Tabela 9-B. Atividades e projetos sobre educação sexual desenvolvido pelo professor.	95
Tabela 1C. Identificação dos entrevistados na secretarias e PSE.....	96
Tabela 2-C. Rstultado da Entrevista junto ao representante da Secretária de Saúde do estado de Sergipe	96
Tabela 3-C. Resultado da Entrevista junto ao representante da Secretaria de Educação	101
Tabela 4-C. resultados da entrevista do Coordenador do PSE de Sergipe pela Secretária de Educação.....	108
Tabela 1D-Questões likert aplicadas aos alunos do Camélio Costa.....	121
Tabela 2D - Questões aplicadas aos alunos do Barão de Mauá.	130
Tabela 3-D Questões likert aplicadas aos pais	135

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 A- Estado civil dos pais e mães questionados.	131
Gráfico 2-A Sexo dos pais e mães participantes.	132
Gráfico 3A-Idade dos pais e mães participantes da pesquisa.	132
Gráfico 4-A- Qual o tipo de educação sexual que recebeu?.....	133
Gráfico 6-A- Influência da educação sexual que recebeu na sua vida até hoje.....	134
Gráfico 7-A –Quais os temas que os pais acreditam que a escola poderia trabalhar.	135

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual é apresentada nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) como um tema transversal, que deve ser trabalhado de maneira inter e transdisciplinar, sendo que família e escola são fundamentais para que a Educação Sexual aconteça de forma produtiva e tranquila permitindo aos jovens a vivência plena e responsável da sua sexualidade.

(...) Educação Sexual é formar a pessoa inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado (Nunes e Silva, 2000, p.126).

Muitos dos nossos jovens já possuem vida sexual ativa e falam constantemente sobre sexo e sexualidade, contudo quando se trata de Educação Sexual, no tocante à saúde, prevenção e direitos, entre outros temas ligados a esta questão, parece que eles não estão muito preparados, visto que muitos são os casos de jovens com DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) como também, é significativo o número de adolescentes grávidas.

Dados do ministério da saúde comprovam que mais de 70% dos casos de AIDS correspondem a indivíduos com idade variando entre 20 a 39 anos sendo que uma parcela considerável desses pacientes contraiu o vírus ainda na adolescência. Se adicionarmos a essas evidências fenômenos sociais cada vez mais presentes como a gravidez precoce e não planejada, o aumento da ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS, poderemos perceber o quanto os jovens são desinformados e vulneráveis a problemas sexuais (BRASIL, 1998, p.4).

Em nossas escolas constantemente nos deparamos com crianças em situação de risco e com jovens alunas grávidas que, em muitos casos, acabam abandonando a escola.

A análise do perfil de morbidade desta faixa da população tem revelado a presença de doenças crônicas, transtornos psicossociais, fármaco-dependência, doenças sexualmente transmissíveis e problemas relacionados à gravidez, parto e puerpério. A gravidez neste grupo populacional vem sendo considerada, em alguns países, problema de saúde pública, uma vez que pode acarretar complicações obstétricas, com repercussões para a mãe e o recém-nascido, bem como problemas psicossociais e econômicos (YAAZLLE, 2006, p. 443).

Fatos como estes nos mostram o despreparo da maioria dos jovens para lidar com questões da sexualidade, sendo primordial, portanto, atentar para a necessidade da existência da educação sexual nos cursos de formação dos educadores. Na escola devem existir momentos, nos quais os jovens possam manifestar os seus problemas, questionamentos e elaborar soluções para problemas das diversas questões que envolvam a sexualidade, tais como: DST/AIDS/

prostituição, gravidez precoce ou indesejada, aborto entre outros problemas da sexualidade, bem como os tabus, crenças e valores a estes associados, de maneira que as suas opiniões sejam respeitadas e complementadas. O trabalho de orientação sexual na escola deve articular-se, portanto, com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes possibilitando a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, e demais problemas e temas relacionados à sexualidade.

Os cursos de formação de docentes, em sua maioria, não oferecem disciplinas que abordem a temática, em relação a esta questão; ao longo do curso de pedagogia sentimos a necessidade de receber orientações sobre como trabalhar a sexualidade em sala de aula. Porém, o curso de pedagogia da UFS (Universidade Federal de Sergipe), na década de 90, não oferecia disciplinas que tratassem desse tema. Contudo, através da nossa prática docente, pudemos observar alunos e professores de algumas escolas públicas em que percebíamos o grande interesse dos alunos a respeito da Educação Sexual, questão esta quase sempre deixada de lado.

Desse modo desenvolvemos este trabalho, tendo como problema de pesquisa o fato de muitos dos nossos alunos, apesar de parecerem informados, ainda estarem em situação de risco, levando-se em consideração casos de DSTs entre alunos e um grande número de gravidez precoce e indesejada, bem como casos de abortos e abuso sexual, além de existirem em nossas escolas muitos alunos vítimas de homofobia, preconceitos e discriminações. Em relação a pertinência acadêmica acreditamos que a presente pesquisa fomentará a discussão a respeito da necessidade da educação sexual nas escolas.

Dessa forma, em função da revisão da literatura e estado da arte, tal como das conclusões dos respectivos estudos que, genericamente, apontam para a necessidade imperiosa de uma educação sexual holística nas escolas, de modo a superar os seus aspetos meramente biológicos, e que possa contribuir, não apenas para a prevenção de doenças sexuais transmissíveis e de gravidezes precoces, mas também nos seus aspetos sociais que contribuam para a afirmação da tolerância no que diz respeito às diferenças e opções sexuais, delineamos o nosso objeto de pesquisa. Por considerarmos também que, em primeiro lugar, os profissionais da educação têm responsabilidade nesta matéria estabelecendo uma colaboração com as famílias, entidades oficiais e técnicos de saúde e que a assunção de tal responsabilidade implica a existência de consensos alargados, decidimos investigar esta situação por meio da seguinte questão de pesquisa: Quais as concepções de professores, e dos representantes do PSE e da Secretaria de Saúde e da Educação de Sergipe a respeito da Educação Sexual e para a Saúde nas escolas, e quais as percepções de pais e alunos acerca dessa temática?

Buscando perceber ainda se a implementação da Educação Sexual na escola contribui, de fato, para que os jovens vivenciem a sua sexualidade de forma mais plena e responsável, de modo que apresentem menos problemas relacionados à sexualidade do que aqueles que não recebem Educação Sexual na escola. Nesta perspectiva, decidimos definir o seguinte objetivo geral que, por sua vez, decorre da questão de pesquisa enunciada:

Analisar as concepções dos professores e dos representantes do PSE e da Secretaria de Estado da Educação e da Saúde de Sergipe sobre a educação sexual, bem como verificar as percepções dos discentes e de seus pais a respeito da oferta desta na escola.

No que diz respeito aos objetivos específicos que cumprimos, por meio dos instrumentos de pesquisa utilizados, decidimos, em primeiro lugar, diagnosticar se os jovens que estudam na escola, que oferece educação sexual onde se realizou o estudo empírico, de fato, vivenciam a sua sexualidade de forma mais plena e responsável, de modo que apresentem menos problemas relacionados à sexualidade do que aqueles que não recebem Educação Sexual na escola. Coletar as opiniões e informações junto da Escola, dos pais e de alunos acerca de problemas e de comportamentos de risco nas duas escolas pesquisadas.

Identificar o modelo e o funcionamento do programa de Educação Sexual/Educação para Saúde desenvolvido pelas Secretarias de Educação e de Saúde de Sergipe.

A fim de elucidarmos estas questões e coletarmos os dados referentes ao nosso estudo, realizamos uma pesquisa em 02 escolas de Aracaju, tendo optado por uma escola que oferece o PSE(Programa de Saúde nas Escolas), o qual aborda a sexualidade e outra que não oferece o referido programa, objetivando traçar um comparativo entre as duas escolas.

Tendo em consideração o objeto de pesquisa e os objetivos propostos consideramos que uma pesquisa quali quantitativa seria adequada pelo fato de nos permitir, por um lado, aprofundar a temática no sentido da sua compreensão e, por outro, ampliar os horizontes da pesquisa pela ampliação dos respectivos sujeitos.

A dissertação que, afinal, constitui o relatório da nossa pesquisa, foi organizada em III Capítulos, sendo que o I contém subcapítulos que abordam a História da Educação Sexual, a formação de professores para trabalhar a Educação Sexual além de conceitos e questões relacionados a sexualidade, procurando não apenas se deter nas questões físicas, biológicas e preventivas, mas procurando abordar outros temas ligados a esta questão, de maneira que a sexualidade seja discutida de forma ampla e desmitificada, dentro de uma abordagem histórica, objetivando uma Educação Sexual Emancipatória.

Neste capítulo, discorreremos ainda a respeito de alguns trabalhos recentes que abordaram este tema de forma mais ampla, procurando refletir sobre as diversidades sexuais e provocando uma discussão que fomenta a construção do conhecimento sobre a sexualidade.

O II Capítulo trata dos caminhos metodológicos da pesquisa, o qual nos permitiu a coleta dos dados que nos possibilitaram chegar aos resultados, os quais foram analisados e nos permitiram perceber as concepções dos professores e demais entrevistados bem como as percepções de pais e alunos participantes da pesquisa, além de fazer perceber como a Educação Sexual está sendo trabalhada em nossas escolas.

No III Capítulo consta a apresentação dos resultados, por meio de gráficos e tabelas e a análise e a interpretação do material levantado nesta pesquisa.

Nas considerações finais, procuramos refletir sobre os resultados alcançados e também sobre alternativas que promovam uma melhor formação para os professores e que os instrumentalizem para que possam desenvolver práticas metodológicas que envolvam a Educação Sexual, dentro de uma perspectiva emancipatória.

A análise de dados das entrevistas se deu por meio de Análise de discurso bem como através de análise quantitativa estatística para o questionário aplicado aos alunos e pais com a elaboração de relatório crítico e de tabelas e gráficos que ilustrem os dados de porcentagens e estatísticas.

Em anexo apresentamos os roteiros das entrevistas realizadas e as suas transcrições e o modelo dos questionários.

O presente trabalho foi realizado, por meio de uma pesquisa descritiva e exploratória por meio de pesquisa bibliográfica, análise documental, além de entrevista e aplicação de questionário. Sendo justificado pela importância da oferta da educação sexual, afim de evitar problemas relacionados à sexualidade.

Acreditamos na relevância da nossa pesquisa e pretendemos dar continuidade no doutorado, buscando trabalhar a educação sexual e as novas dinâmicas familiares.

CAPÍTULO I – PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1.1. ESTADO DA ARTE

Neste capítulo trataremos de alguns trabalhos que discutiram a questão da educação sexual e que apresentam abordagens recentes da mesma. Discutindo esta questão não mais apenas dentro do viés, físico, biológico e preventivo, mas buscando uma visão mais ampla, possibilitando a reflexão acerca de questões da diversidade, da homofobia, e das questões de gênero, dado que os comportamentos humanos e a tolerância perante as diferenças supõe uma educação ampla de que a educação sexual, necessariamente, faz parte. Muitos destes trabalhos adotam uma postura mais aberta procurando desenvolver a criticidade, entendendo que a sexualidade aborda questões históricas, psicológicas, sociais e culturais. O objetivo desta primeira abordagem visa identificar o nível de conhecimento no âmbito do objeto de pesquisa “educação sexual” para que, a partir daí, possamos contribuir com a nossa pesquisa, para a ampliação deste domínio. Por outro lado, delinear o estado da arte contribuiu, também, para que pudéssemos construir e definir, com maior clareza, o nosso objeto de pesquisa. As pesquisas a que tivemos acesso, do ponto de vista acadêmico, orientaram-nos, também, na abordagem metodológica mais ajustada a este tipo de pesquisa e ao nosso objeto de pesquisa. A revisão da literatura abrangeu os estudos acadêmicos produzidos entre 2007 e 2012.

Nos últimos anos(2007-2012) têm surgido livros que abordam de forma clara e contextualizada esta temática, em *Histórias Íntimas Sexualidade e Erotismo na História do Brasil*, Priore(2011), a autora, nos faz viajar pela história da sexualidade, apresentando o erotismo em suas diferentes formas, traçando um histórico sobre a sexualidade das mulheres que durante muito tempo tiveram seu prazer negado, bem como as proibições que cerceavam a curiosidade das crianças. Contudo, segundo a mesma, o assunto antes percebido como indecente e proibido hoje passou a ser tratado abertamente, principalmente após o crescimento da Internet.

Contudo, o fato de estarmos falando mais de sexo, não quer dizer que as pessoas estejam mais informadas e tenham mais conhecimento sobre o assunto, esta autora discute ainda questões graves como a violência e o abuso infantil, colocando que a mercantilização dos corpos, muitas vezes aceita pelos pais favorece a ação de abusadores e contribui para o aumento da pedofilia.

Graças à internet, a circulação no meio virtual de imagens de crianças sendo usadas como objeto sexual aumentou. A propagação da informação valeu-se de uma velocidade até então impensável. O Brasil passou a ocupar um desonroso terceiro lugar, atrás apenas dos Estados Unidos e da Rússia, no ranking mundial de sites de pornografia infantil. Os agressores

eram jovens de classe média, entre 17 e 24 anos, atraídos pelas expressivas somas oferecidas pelo tráfico de pornografia infantil. (...), a clientela compreendia homens com mais de quarenta anos, profissionais liberais ou executivos, em sua maioria. O barateamento de câmeras digitais, das webcams e de programas de edição multiplicou a troca de imagens e arquivos (Priore,2011, p.226).

Nos últimos anos também, alguns autores, em geral profissionais da Saúde ou da Educação trabalharam esta temática por meio de artigos e teses buscando não só a prevenção de doenças e de gravidez indesejada, mas também procurando discutir de forma clara e sem emissão de juízo de valor questões relacionadas à sexualidade como um todo, ressaltando a necessidade de se discutir esta temática considerando aspectos sociais, culturais e históricos.

O livro ‘Diversidade Sexual na Escola ‘de 2009, da coleção Educação para todos, lançado pelo Ministério da Educação e pela UNESCO, organizado por Rogério Diniz Junqueira, que faz parte do material utilizado no PSE, reúne textos que discutem de forma clara questões polêmicas ligadas à sexualidade tais como: a homofobia, e a lesbofobia, fomentando o debate sobre ações e comportamentos discriminatórios e preconceituosos que permeiam o cotidiano de alunos e professores GLBTs deixando claro que a homofobia é um grave problema social que deve ser combatido.

Os autores apontam a escola como um espaço onde a diversidade nem sempre é respeitada, havendo até mesmo muitos momentos em que comportamentos homofóbicos são estimulados, fazendo com que muitos alunos gays, acabem se afastando da escola. Contudo, os autores afirmam que como espaço de aprendizagem e construção de saber este espaço pode e deve ser utilizado como meio de combater a intolerância, o desrespeito e a violência contra homoeróticos.

Além dessas questões outro ponto bastante importante trabalhado por estes autores é a questão de como são percebidas e tratadas as crianças filhas de pais que vivem relações de conjugalidade homoerótica, colocando que a escola deve estar preparada para lidar com estas criança, as quais muitas vezes sofrem bullying, ou são orientadas por seus pais ou mães a esconder a situação a fim de evitar discriminações e preconceitos contra elas por terem dois pais ou duas mães.

Refletimos aqui, porém, sobre uma nova modalidade de preconceito e de discriminação, também associada a orientação sexual e a identidade de gênero não hegemônicas, que é a sofrida por crianças e jovens em idade escolar –os filhos de mulheres lésbicas e de homens gays seja vivendo em situações conjugalidade e, portanto, de dupla filiação, seja em situação de monoparentalidade. Tais crianças constituem um conjunto

crescente de alunos e alunas das escolas brasileiras até o momento praticamente ignorado, já que a vivência pública da maternidade e da paternidade de gays e lésbicas, ainda é uma realidade recente no Brasil (JUNQUEIRA,2009, p.161).

Esta é mais uma questão que evidencia a importância de se trabalhar a Educação Sexual, na escola incluindo aí as crianças da Educação Infantil, as quais já por volta dos 3 anos conseguem perceber as diferenças sexuais e passam a apresentar um comportamento mais curioso em relação a tudo, incluindo-se aí as questões da sexualidade e de gênero. Desta forma é de extrema importância que os professores estejam preparados para lidar com estas questões, para isso é preciso que estes professores recebam orientações para que possam desenvolver atividades voltadas para a formação de jovens que saibam lidar com a sua sexualidade de forma responsável e baseada no respeito mútuo.

Em relação a esta questão, pesquisadores do tema, como Selma Martin em sua dissertação de Mestrado de (2010), discute a Educação Sexual buscando perceber a concepção de professores, bem como o quanto os professores se acham responsáveis pela Educação Sexual de seus alunos, e ainda verificando se a participação em um curso on-line de sexualidade trouxe mudanças à prática destas professoras. Segundo Martin, as professoras compreendiam a sexualidade humana, contudo inicialmente apresentavam um comportamento mais tímido, sendo que após o curso eles demonstraram-se mais à vontade com o assunto, tendo acontecido ainda o relato de ações interessantes realizadas na Educação Sexual por estes professores que participaram do curso.

Os apontamentos permitiram observar que as professoras em sua totalidade consideraram de grande importância a participação no curso on-line, destacando que este propiciou reflexões importantes, até de dúvidas que traziam da época da adolescência, contando com a oportunidade de conhecer e realizar leituras importantes e atuais sobre a temática, desfazendo tabus e preconceitos (MARTIM,2010, p.138).

Em (2011), Betina Lortzenbauer da Rocha, em sua tese de doutorado, buscou conhecer a percepção de alunos e professores acerca da Educação Sexual, a fim de coletar subsídios para a construção de uma cartilha sobre a sexualidade.

De acordo com a autora, a maioria das dúvidas dos alunos girava em torno das questões anatômicas e fisiológicas, bem como do relacionamento afetivo, a identidade sexual e orientação sexual, a contracepção, o aborto, a gravidez na adolescência, tipos, sintomas e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e a caracterização da violência sexual.

A pesquisadora afirma ter constatado que a Educação Sexual era trabalhada na escola, em função da necessidade dos alunos e do interesse do professor, ainda segundo a pesquisadora

os professores que contribuíram com o trabalho haviam recebido qualificação para trabalhar esta temática, tendo como facilidade o interesse dos alunos, e como dificuldades a falta de capacitação, a resistência de outros colegas professores e a pouca participação da família.

Tendo sido constatado que a cartilha elaborada pode auxiliar no desenvolvimento da temática, tanto na escola quanto em casa, além de ter percebido a importância de pesquisas referentes às percepções de adultos de referência e a prática desenvolvida na escola, como também a importância da qualificação para profissionais de Saúde e da Educação, para o desenvolvimento da Educação Sexual na escola, o que favorecerá o convívio saudável e responsável entre os adolescentes.

Acreditamos que um ponto de partida para trabalhar o tema sexualidade na escola seja conhecer as percepções de alunos e professores, pois possibilitará nortear a elaboração de propostas de trabalho e projetos para serem desenvolvidos na escola. (ROCHA 2011,p.18).

No artigo, "Você sabe o que é sexualidade? (2011) as autoras Groth, Thomé, e Rosa, fazem um relato de experiências sobre um trabalho de monitoria de oficinas e projetos de sexualidade que ocorreram em 02 escolas públicas de São Miguel do Oeste, S. Catarina.

O referido artigo teve como objetivo verificar o conhecimento dos alunos sobre a sexualidade principalmente no tocante a questão de prevenção às DSTs e a AIDS e a gravidez indesejada. As autoras afirmaram ter concluído que os jovens iniciam a vida sexual, sem contudo terem muitas informações a respeito de como vivenciar a sexualidade de forma segura, afirmando ainda que a participação dos pais na educação sexual dos filhos é essencial para que os jovens se protejam e posterguem o início da vida sexual.

A primeira característica encontrada por intermédio das intervenções foi que, com exceção de pouquíssimos casos, não há conversação entre pais e filhos sobre sexualidade e aspectos relacionados o que faz com muitos desses adolescentes possuam conhecimentos errôneos em relação ao assunto e um desconhecimento a respeito das diferenças entre sexo e sexualidade (GROTH THOMÉ e Rosa, 2011, p.121).

No artigo, Materiais Audiovisuais Didáticos e Educação Sexual na Escola: Uma Pesquisa nos acervos videográficos do Ministério da Educação e Cultura e Ministério Da Saúde do Governo Brasileiro, os autores Vagner Matias do Prado, Arilda Inês Miranda Ribeiro, Luciana Cristine Fazano, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, buscam abordar as diferenças sexuais como problemática da pesquisa, sugerindo que a Educação Sexual

deve estar além dos aspectos biológicos, mas tratar desta questão observando os aspectos históricos, culturais, sociais e políticos que envolvem esta questão, e que influenciam na construção de identidades culturais.

Para isso, eles realizaram uma pesquisa quantitativa a fim de levantar vídeos produzidos pelos Ministérios da Educação e Cultura e da Saúde do Governo Federal Brasileiro, visando listar quais, quantos e de que tratavam estes materiais de apoio.

Ao final da pesquisa foi constatado que há um bom número de vídeos, os quais em sua maioria se prendem a abordar questões biológicas e de prevenção e que apenas um número reduzido desses vídeos se lançavam à discussão de gênero e de diversidade. Por se tratar de uma pesquisa quantitativa eles não discutiram o conteúdo dos vídeos qualitativamente, ficando, contudo aberto o caminho e a sugestão para que esta discussão fosse feita.

Embora materiais audiovisuais sobre sexualidade possam ser encontrados nas esferas governamentais, os resultados de nossa pesquisa evidenciam a precariedade de pensamentos políticos voltados para a construção de materiais de apoio pedagógicos que possibilitem desenvolver debates escolares acerca dos aspectos culturais e de marcação de diferenças sociais desencadeados pela construção de saberes sobre a sexualidade humana, (PRADO, Arilda e FANZANO,2011,p.39).

Em relação à Educação Sexual, comportamento dos jovens e prevenção à doenças ,pesquisadores do grupo de estudos em População, Sexualidade e AIDS realizaram no ano de 1998 e depois em 2005,uma pesquisa objetivando analisar a idade, em que se dava a iniciação sexual dos jovens e qual a preocupação na utilização do preservativo por adolescentes brasileiros. Paiva, Calazans, Venturi e Dias, concluíram que a média de iniciação sexual ficava por volta dos 14 anos em 1998,tendo sido mantido a média em 2005.tendo constatado ainda que o uso de preservativos em relações casuais e/ou estáveis aumentou, dessa forma deixando os jovens menos expostos a doenças sexualmente transmissíveis, HIV e AIDS. Um fator importante constatado também foi que quanto maior a escolaridade, do jovem mais tarde ele dá início a vida sexual.

Assim sendo, quanto mais escolarizado acredita-se que também ele estará mais preparado para planejar melhor uma gravidez, saberá lidar melhor com seu corpo e com o do outro e estará também mais apto a se prevenir, de DSTs e AIDS.“Os resultados do resultados do presente artigo confirmaram as conclusões dos estudos que indicam que o uso do preservativo é determinado não apenas por fatores de ordem individual, mas também sociocultural (PAIVA, CALAZANS, VENTURI e DIAS,2011).

Ainda hoje um grave problema com os quais os professores se deparam na escola é a gravidez na adolescência a qual algumas vezes, é indesejada, outras, porém acontecem realmente porque a jovem assim decidiu, porém na maioria dos casos a família não aceita e não reage bem a uma gravidez que ocorre na adolescência, e então age muitas vezes de forma violenta com a jovem que em muitos casos também não conta com a ajuda do pai da criança, que às vezes também é jovem ou sendo mais velho, já possui outra família. Em relação a esta questão, o artigo :A violência Intrafamiliar contra adolescentes grávidas de 2007 de autoria de Monteiro, Costa, Nascimento, Aguiar, tem como objetivo descrever como era e como ficou a relação entre jovens grávidas e seus familiares após a descoberta da gestação. Constatando-se que as adolescentes viviam bem com seus familiares antes da gravidez, contudo o fato delas terem engravidado os levou a agirem com violência contra elas, constatou-se também que sexualidade e contracepção não fazem parte do diálogo dessas famílias.

A violência intrafamiliar percebida neste trabalho revela o quanto está distante o diálogo sobre sexualidade e contracepção entre pais e filhos. A adolescente vive uma relação de normalidade e de afeto até o momento em que revela sua gravidez, entretanto, a partir desse momento, instaura-se o conflito, já não se sabe mais o que é o certo e o que é errado. Os valores se embaralham e a família se sente impotente, envergonhada e joga na adolescente toda a sua raiva, sua insegurança (MONTEIRO, SOUZA, COSTA e AGUIAR, 2011).

Assim sendo estes textos provocam a reflexão a respeito de questões atuais e de grande relevância sendo evidente a necessidade de os jovens estarem bem informados e preparados para lidarem com estas questões a fim de se protegerem, inclusive da violência e do abuso que muitas vezes ocorre dentro da própria família. Partindo dos estudos realizados que focalizam, sobretudo, a ausência de diálogo na família, a violência sexual, o aumento da gravidez na adolescência, os inúmeros comportamentos de risco dos adolescentes, incidimos a nossa pesquisa, quer do ponto de vista teórico quer empírico sobre as concepções de professores, estudantes, famílias e responsáveis institucionais sobre a educação sexual nas escolas.

1.2. OBJETO DE PESQUISA E PROBLEMÁTICA

Pensamos ser de particular relevância o questionamento dos professores, estudantes e respectivas famílias, bem como dos responsáveis pela secretaria da educação e da saúde sobre uma temática tão polêmica, mas tão essencial, que é a inserção da educação sexual na escola dado que, na maioria dos casos, as famílias não cumprem essa função essencial que é a educação sexual dos seus filhos.

Dessa maneira, através deste trabalho desenvolvemos uma pesquisa dentro da perspectiva da educação sexual emancipatória, visto que esta é a teoria com a qual mais nos identificamos, já que dentro desta, a Educação Sexual, é trabalhada de maneira contextualizada preocupando-se em observar as diversidades e o contexto social, histórico, político, filosófico, emocional e espiritual no qual o sujeito se enquadra, permitindo ao indivíduo a construção consciente e crítica de sua sexualidade.

Assim, em um projeto (...) sobre a sexualidade devemos levar em conta a dinâmica da evolução psicofísica da criança atentando especialmente para suas necessidades e interesses que estão diretamente ligados a sua vivência cultural, segundo ,seu estágio de maturidade emocional e intelectual (NUNES e SILVA p.94).

Ainda de acordo com estes autores, a educação sexual busca identificar estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações. Visa educar para a compreensão significativa e igualitária da identidade de gênero, de modo a percebê-los de forma igualitária.

Contudo, percebemos que a sexualidade não encontra espaço nem em casa e nem na escola, sendo que muitas vezes quando esta é tratada na escola esconde-se sob o véu da saúde e da prevenção, deixando de lado o espaço para o debate e as reflexões a respeito de todas as suas diferentes formas de se manifestar.

A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade de função de reproduzir. Em torno do sexo ,se cala .O casal legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo (...) reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, p. .10).

Desse modo, neste estudo verificamos concepções de agentes educacionais a respeito da educação sexual e buscamos perceber a importância desta na construção de uma sexualidade mais responsável, mais saudável, mais permitida e menos envolta em mistério.

Para isso realizamos uma pesquisa quali quantitativa, em duas escolas de Aracaju onde aplicamos questionários aos discentes e a seus pais. Tendo realizado ainda entrevistas com docentes e outros agentes educacionais na secretaria de saúde, de educação e junto ao representante do PSE.

1.3. COMPORTAMENTO SEXUAIS NA ADOLÊSCENCIA E FATORES DE RISCO

Apesar de a sexualidade estar desde sempre presente em nossas vidas, visto que somos seres sexuais, percebemos que este ainda é um assunto proibido em muitas famílias, que se

negam a conversar com os jovens sobre estas questões, e muitas vezes não aceitam que a escola também aborde este tema, mas permitem os bombardeios da mídia que constantemente entra nas nossas casas com programas que abordam sexo e sexualidade em suas mais diferentes formas, sem a preocupação de contextualizar e orientar os jovens para uma vivência sexual saudável e responsável.

Jovens que não recebem educação sexual nem na família e nem na escola estão mais propícios às influências da TV ou de outros veículos, estando desta forma mais expostos a riscos, tais como, os crimes de pedofilia e sites pornográficos que muitas vezes se constituem em perigos reais aos quais crianças e adolescentes estão expostos dentro de casa.

Além de muitas vezes estes veículos, banalizarem o sexo e a sexualidade, apresentando jovens que têm vida sexualmente ativa, sem a preocupação de trabalhar a prevenção e a carga de responsabilidade que a vida sexual acarreta. Muitas vezes, a própria mídia ainda reforça estereótipos e preconceitos, sobretudo os de gênero apresentando muitas vezes as mulheres que não possuem um comportamento dentro dos padrões esperados como “devassa ‘e por outro lado os homens que traem as suas esposas são apresentados como pessoas simpáticas alegres e até divertidas ao tentar conciliar a vida de ‘bigamia.”.

Além disso, os gays são sempre simpáticos e alegres na TV e estão sempre no núcleo da comédia como se, obrigatoriamente para serem aceitos eles tivessem de ser engraçados o tempo inteiro. Já em relação às lésbicas, o que se observa é que elas ainda não são muito aceitas, sendo que as poucas vezes em que relações assim foram retratadas foi de forma bem discreta. Percebemos que os preconceitos em relação as mulheres aumentam em relação a mulher lésbica que afinal acaba pertencendo a duas categorias das ‘chamadas minorias”.

O texto *Gênero, Sexualidade e Educação: Das afinidades políticas às tensões teóricas metodológicas* de Guacira Lopes Louro (2008), questiona as normas, as leis e costumes que estão recheados de ideias preconceituosas jurídicas, morais, religiosas e educacionais, os quais de uma forma ou de outra, por um ou outro motivo, discrimina pessoas que não se enquadram nos ditos padrões “normais ’de sexualidade. Procurando ainda discutir teorias e metodologias para que as diversidades da sexualidade sejam amplamente debatidas e respeitadas.

Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade essa parece ser uma atitude, comum, corriqueira, talvez mesmo “Compreensível”. Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais e ou educacionais que discriminam sujeitos porque as suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é para mim ,intolerável. Mas esse quadro parece representar em linhas mais ou menos gerais ,a sociedade brasileira

.Por isso ,sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano.(LOURO,2008p.203).

A Educação Sexual cada vez mais se torna necessária, sabemos que de uma maneira ou de outra ela sempre acontece, ainda que de forma tímida, omissa ou repressiva. Pois ao se calarem sobre a Sexualidade, a família e a escola acabam educando sexualmente para o medo e a vergonha, fazendo transparecer aos jovens que o Sexo e a Sexualidade não devem ser debatidos.

Contudo, nos dias atuais cada vez mais o sexo, a sexualidade e as diversas questões ligadas a estes temas chegam mais facilmente a qualquer um que disponha de internet ou de TV, a qual explora de maneira aberta esta temática e quase nunca se dispõe a educar sexualmente, mas apenas estimula comportamentos eróticos. Sobretudo após o avanço da internet, conteúdos altamente eróticos e até pornográficos se tornaram de fácil acesso para qualquer pessoa que afirme ter mais de 18 anos. Dessa forma, ao se calarem sobre o tema os pais e a escola acabam deixando os jovens sem informações sendo que como a curiosidade é algo natural, eles irão buscar estas informações, seja com amigos em revistas ,na TV ou em sites na internet, os quais nem sempre são confiáveis e preocupados em garantir a segurança a saúde e o bem –estar destes jovens.

A História da Educação Sexual, aponta que a sua ausência dos currículos foi quase que constante, sendo que de maneira muito tímida, vez ou outra surgiram tentativas de se implantar a Educação Sexual na escola, porém podemos apontar a década de 80, como um marco na História da Educação Sexual, visto que neste período a explosão dos casos de AIDS, causou pânico e fez com que diversos temas ligados a sexualidade fossem discutidos na escola, no geral os responsáveis por abordar estes temas na escola nem sempre foram os professores, mas sim profissionais da Saúde ,que davam ênfase aos aspectos biológicos, médicos e preventivos.

Outro momento marcante da Educação Sexual foi a década de 90,na qual surgiram os PCNs, os quais apontavam a importância de se abordar a Educação Sexual em sala de aula ,por meio dos temas transversais, Sendo que não necessariamente ela deveria ficar restrita a um professor ,mas sim ser abordada de maneira interdisciplinar e transdisciplinar que sem dúvida é muito interessante, porém como a Educação Sexual desse modo, seria tarefa de todos ,na prática em geral ficou sendo tarefa de ninguém, ou em muitos casos restrita aos professores de biologia e as suas salas de prevenção ,os quais em muitos casos se limitavam a distribuir

panfletos e outros materiais e a tratar de questões referentes a prevenção a gravidez , a AIDS e as DSTs.

Entretanto, é salutar colocar que a Educação Sexual não pode e não deve se limitar a trabalhar as questões ligadas à prevenção e aos aspectos biológicos, apesar destes serem de suma importância e representarem importantes pontos de incertezas e dúvidas de jovens e adolescentes de ambos os sexos. Porém, a sexualidade é algo bem mais amplo e complexo não estando restrita somente aos aspectos físicos, anatômicos preventivos e biológicos, mas abrangendo também aspectos culturais, psicológicos históricos e emocionais do indivíduo, sendo de grande importância a vivência plena e saudável da sexualidade, para que os indivíduos de ambos os sexos se sintam bem consigo mesmos.

As políticas educacionais brasileiras nos últimos anos vêm buscando desenvolver materiais que abordem a Educação Sexual, dentre eles citamos o PSE e o Kit contra a homofobia ,que representa um grave problema em nossa sociedade, e que se torna visível na escola. Atualmente com os casos de reconhecimento de uniões estáveis civis entre pessoas do mesmo sexo ,cada vez fica mais evidente a situação de filhos e filhas de lésbicas e gays nas escolas, os quais merecem e devem ter respeitados seus direitos como todos os outros alunos.

Infelizmente, contudo como afirmado por alguns autores a situação de filhos de uniões gays, alunos gays, professores gays, nem sempre é tão tranquila visto que estes muitas vezes se veem obrigados a esconder a verdade sobre as suas vidas para que não sejam alvos de discriminação, preconceito e bullying.

É importante destacar que nos últimos tempos muitos materiais foram disponibilizados, tanto pelo MEC, quanto por ONGS, os quais visam a diminuição da intolerância e da violência contra aqueles que possuem orientação sexual diversa.

Porém, é interessante destacar também, que nos últimos anos vem surgindo um grupo de jovens que opta pela abstinência sexual, buscando se guardar para o casamento, sendo que estes jovens de ambos os sexos, na maioria das vezes pertencem a grupos religiosos que pregam que a prática sexual, deve estar restrita ao casamento monogâmico entre um homem e uma mulher e de preferência ter fins reprodutivos, apontando como pecado qualquer tipo de envolvimento sexual que não se encaixe nestes padrões. Apesar desta ser desde sempre a orientação da igreja chama a atenção o surgimento de grupos de jovens e até de jovens adultos que já haviam iniciado a vida sexual e que passam a frequentar estes grupos, que desenvolvem atividades específicas que orientam com veemência o abandono provisório e o adiamento da prática sexual tanto por homens, quanto por mulheres, para o casamento.

O ano de 2012 foi o palco de muitas notícias relacionadas à sexualidade, tais como: a pílula anticoncepcional masculina que permite ao homem controlar melhor a contracepção, retirando da mulher a exclusividade do uso deste meio, fazendo com que também o homem tenha mais responsabilidade e um melhor controle em relação às práticas contraceptivas. Neste ano também aqui no Brasil, houve o aumento da união civil estável entre pessoas do mesmo sexo, além da liberação do casamento entre casais do mesmo sexo, que já está sendo realizado no nosso país, e também a decisão inédita da justiça em disponibilizar a um casal homoafetivo a licença maternidade, o que abriu um precedente para que outros casais que vivam este tipo de relação, também busquem este direito, visto que a licença maternidade, na verdade é um direito da criança que necessita dos cuidados dos adultos para poder crescer de forma saudável.

Em vista de todos estes fatos, cada vez mais, em sala de aula os professores irão se deparar com as mais diversas situações, e com um novo formato de família, sendo necessário, portanto que ele esteja preparado para lidar com estas novas e diversas formas de vivenciar a sexualidade, deixando claro que o mais importante é que as diversidades sejam respeitadas e que mesmo que você não concorde com a visão e postura do outro o respeito mútuo é essencial pois Direitos Sexuais, também são Direitos Humanos.

Em relação à questão de gênero, tem chamado a atenção também a chamada “criação de gênero neutro” a qual não diferencia meninos de meninas, percebendo no ser infantil, apenas uma criança que seria um ser de gênero neutro. Na prática esta filosofia educacional permitiria as crianças vivenciar experiências, comportamentos e utilizar objetos e brinquedos que seriam normalmente considerados do sexo oposto. Sendo que os adeptos dessa filosofia decidem não fazer referência ao sexo da criança nem em família, chegando ao ponto de ocultar o sexo do bebê, a fim de evitar que elas recebam a educação tradicional que diferencia as crianças de acordo com os seus sexos.

Assim sendo, a educação pela criação de gênero neutro chega a abolir os pronomes ele e ela e adotam um novo modo de se referir às crianças, o qual destacaria a neutralidade delas. Contudo muitos estudiosos e psicólogos afirmam que proporcionar experiências múltiplas e iguais às crianças de ambos os sexos é válida e muito positiva, porém o extremismo e o exagero não são aconselháveis já que isto pode causar confusão na cabeça da criança, que sem um referencial, poderá apresentar problemas quando for mais velha.

A questão central, portanto, não é negar as diferenças entre os sexos, mas distinguir diferenças de desigualdades, para que se possa superar a opressão de alguns seres humanos por outros em nome das diferenças, sejam elas biológicas, éticas ou sociais relações de gênero são socialmente construídas a partir da primeira

infância e afetam a vida toda das pessoas nos campos sexual, profissional e social.(...).Os profissionais da saúde e da educação desempenham um papel importante na aprendizagem de relações humanas apoiadas no respeito as diferenças e menos marcadas por desigualdade e discriminação, contribuindo para a valorização da dignidade de todos os seres humanos. (BRASIL,, 2006, p.42).

Dessa forma, cabe a pais e educadores utilizarem o bom senso para educar as crianças de forma que elas percebam e valorizem a igualdade entre os gêneros entendendo que homens e mulheres podem e devem ser iguais e terem os mesmos direitos e deveres, não sendo contudo necessário que se abra mão de ser menino e menina.

Sendo tarefa, portanto, tanto dos homens quanto das mulheres a responsabilidade pela educação de seus filhos, os quais tendo a oportunidade de vivenciar experiências relacionados tradicionalmente a um ou a outro sexo, terão mais sensibilidade e saberão dialogar e construir as suas relações com base no respeito mútuo entendendo que homens e mulheres devem ser respeitados antes de tudo por serem pessoas independentes de sexo, identidade, ou opção sexual, cabendo ainda a escola como um espaço educacional e democrático oportunizar às famílias homoafetivas e aos seus filhos vivenciarem o espaço escolar sem medo de não serem bem acolhidas, sendo importante para isso que a Educação Sexual seja trabalhada e seja possibilitado aos agentes educacionais e ao alunado espaços amplos de debate sobre a sexualidade e suas diversas formas de vivenciá-la.

Ainda dentro desta temática, outro ponto que tem chamado a atenção nos últimos anos é o crescimento no número de casos de jovens de ambos os sexos que sofrem abuso e violência sexual, por parte de parentes ou pessoas próximas. Devemos ressaltar ainda que a exposição de crianças e adolescentes a conteúdos eróticos e à pornografia também é crime.

Contudo, muitos pais e mães expõem seus filhos diariamente a estes conteúdos que adentram em seus lares por meio de programas de TV ou por meio da internet e até mesmo de músicas e danças altamente eróticas e provocativas que estimulam a sexualidade de forma precoce e acrítica em suas crianças as quais muitas vezes também adotam vestuários que não estão adequadas à sua faixa etária, fazendo com que meninas se vistam como míni- mulheres e acabem adotando comportamentos que não correspondem a sua idade, bem como promovendo comportamento de desrespeito às mulheres e aos GLBTTTs, sendo portanto fundamental a ação de educadores sexuais para que os jovens lidem de maneira saudável e harmoniosa com a sexualidade.

A escola é uma instituição fundamental nessa mudança de rumos. No Brasil, cada vez mais pessoas passam por ela, um lugar que pode ser espaço de abertura para novos valores, oferecendo a crianças e a

jovens uma pluralidade de pensamentos, além de informações importantes para o seu crescimento e o convívio social.(...)
(Junqueira,2009,p.176).

Vale ressaltar mais uma vez que não cabe ao educador ensinar sexualidade, ou qualificar comportamentos como certos ou errados, mas sim oportunizar ao jovem espaços para a construção de saberes sólidos, críticos e desfragmentados que observem o jovem por inteiro percebendo a sexualidade em todas as suas dimensões política, social, psicológica, cultural e emocional de forma crítica e livre.

Conclui-se, portanto, que a sexualidade ainda gera polêmica estando ao mesmo tempo presente e ausente nas nossas discussões, percebemos ainda que a maioria dos trabalhos que abordam a Educação Sexual acaba se prendendo às questões biológicas e preventivas, contudo alguns pesquisadores e autores tais como: Nunes e Silva, Junqueira e Louro entre outros educadores, já atentaram para a necessidade de se ampliar as discussões para questões relacionadas a outros aspectos da sexualidade dentre eles a diversidade sexual bem como as questões de gênero, violência e abuso sexual percebendo a vivência sexual não apenas como algo naturalmente dado mas sim dentro de uma perspectiva mais ampla contextualizada histórica, política, psicológica, emocional e culturalmente, entendendo que os Direitos Sexuais também são Direitos Humanos.

1.4. HISTÓRIA E CLARIFICAÇÕES CONCEITUAIS

Primeiramente, queremos diferenciar **sexo** e **sexualidade**, visto que muitas vezes estes dois termos se confundem parecendo ser uma coisa só. Contudo, apesar de serem muitos próximos, são na verdade coisas distintas. Nunes e Silva (2000) definem Sexo e Sexualidade da seguinte forma.”(...) É possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal. Já a sexualidade é um conceito cultural, constituído pela qualidade, pela significação do sexo”(Nunes e Silva,2000,p.74).”

Em material recente lançado pelo MEC, denominado: Adolescentes e jovens para a educação entre pares Saúde e Prevenção nas escolas encontraram a seguinte definição para a sexualidade. (...) a Sexualidade humana vai muito além dos fatores meramente físicos, pois é transpassada por concepções, valores e regras sociais que determinam, em cada sociedade, em cada grupo social e em cada momento da história aquilo que é tido como certo ou errado, apropriado ou impróprio, digno ou indecente “ (Brasil, 2011,p.13).

No mesmo material, acima citado, encontramos a seguinte definição para Sexo: “O sexo biológico é constituído pelas características fenotípicas (...) e genotípicas (...) presentes em nossos corpos” (Brasil, 2011, p.14).

Além de sexo e sexualidade outro conceito essencial para a nossa pesquisa é o de Educação Sexual, definida por Nunes e Silva da seguinte forma:

Entendemos por EDUCAÇÃO SEXUAL o conjunto de informações, práticas, valores, habilidades, significações e expressões da SEXUALIDADE em sociedade. Assim, todas as pessoas recebem uma forma de Educação Sexual. Quando recebemos aquela Educação Sexual tradicional, isto é voltada para a compreensão, assimilação, significação e vivência da Sexualidade de maneira conservadora, compreendida a partir dos papéis tradicionais, estamos sendo formados e educados para um tipo de ação sobre nosso corpo, desejo e Sexualidade. Trata-se da Educação Sexual tradicional, marcada pelas características do medo, vergonha, repressão e preconceitos (Nunes e Silva, 2001, p.13).

Assim sendo, a maioria das pessoas são educadas sexualmente para a não vivência plena da sua sexualidade, mas sim para uma vivência sexual marcada pela culpa e pelo medo o que faz com que tanto homens quanto mulheres não se sintam realmente capazes de decidir como, quando e com quem podem vivenciar a sua sexualidade. Sendo que muitas vezes as pessoas omitem e reprimem seus desejos de maneira a se enquadrarem em um modelo de sexualidade que seja mais aceito socialmente, ainda que para isso percam as suas identidades.

E quem somos? Indivíduos de muitas caras. Virtuoso e pecador, oscilando entre a transigência e a transgressão (...). Na rua, liberados; em casa, machistas. Ora permissivos, ora autoritários (...). Amigos de gays, mas homofóbicos (...). Na intimidade, miramos nossas contradições (...). (PRIORE, 2011, p.238).

Contrariamente, a esta Educação Sexual Tradicional a Educação Sexual proposta por Nunes e Silva é a Educação Sexual Emancipatória, na qual a Sexualidade é percebida de forma mais humanista e significativa.

Quando buscamos novas formas de conceber o corpo, o desejo e a sexualidade, de uma maneira científica, humanista e significativa subjetivamente, estão propondo uma nova educação sexual, a Educação Sexual Emancipatória. Emancipatória quer dizer aquela que promove a emancipação, autonomia, responsabilidade afetiva e social, aquela educação que se baseia em elementos da ciência, que respeita homens e mulheres como iguais, que propõe práticas sociais de solidariedade, afetividade e convivência entre os sexos, em todas as fases e idades (Nunes e Silva, 2001, p.14).

Acreditamos ainda, ser fundamental trabalharmos também outros conceitos, que também estão diretamente ligados à expressão das sexualidades, como já vimos o sexo biológico se refere ao nosso órgão sexual diretamente definindo se nascemos mulheres ou homens. Contudo nem sempre quem nasce com órgão masculino se identifica como homem e nem sempre quem nasceu mulher se identifica como tal, podemos afirmar então que a identidade sexual não está tão presa ao sexo ao qual o indivíduo pertence.(...) A identidade sexual está muito mais vinculada a ideia de quem acreditamos ser .Ela é formada ao longo da vida através da imagem física, de como a pessoa é tratada e como ela se sente.(.) (BRASIL,2006, p..60).

Sendo que a manifestação da identidade sexual é percebida pelo papel sexual que o indivíduo apresenta na sociedade, através de suas ações, gestos, comportamentos e vestuário.

Papéis sexuais podem ser definidos como comportamentos masculinos ou femininos dos indivíduos na sociedade (...) A identidade sexual que é um sentimento interno, geralmente se manifesta em um comportamento externo, que denominamos papel social sexual.(...)Não há correspondência entre papéis sexuais que adquirimos e a nossa orientação afetiva sexual.(...) (Brasil,2006,p.60).

Desse modo fica claro que o fato de mulheres desempenharem funções ou gostarem de atividades masculinas não a tornam homossexual e nem o fato de alguns homens gostarem de atividades consideradas femininas também não afeta a sua orientação sexual.

A orientação do desejo, ou orientação sexual é o sentimento de atração direcionado a pessoas com quem desejamos nos relacionar amorosa e sexualmente.(...)independe de uma escolha consciente ou de um aprendizado. (...) (Brasil,2006, p. 60).

Podemos dessa forma perceber a sexualidade manifestar-se de forma diferenciada de pessoa para pessoa, sendo que dentro dessas definições existem variações que compõem a chamada diversidade sexual.

Acreditamos que a educação sexual na escola deve ser a Educação Sexual Emancipatória que é aquela que promove a reflexão, que busca significados, a que promove conhecimento sobre a sexualidade sem discriminação, preconceitos ou sexismo, mas sim promovendo um comportamento de responsabilidade consigo e com o outro valorizando o indivíduo e estimulando o respeito mútuo.

Na verdade, não há outra escolha: ou recebemos uma educação sexual tradicional, cheia de preconceitos históricos e tabus, ou assumimos uma educação emancipatória, existencialmente significativa e socialmente responsável (Nunes e Silva,2001, p.14).

Dessa forma, ainda hoje a sexualidade é um assunto tabu tanto nas famílias, quanto na escola, sendo assim, na maioria das vezes ou este assunto é deixado de lado na escola, ou é tratado de forma a destacar apenas o biológico e a prevenção. Já na família a atitude mais comum é o silêncio e a repressão, sobretudo para as meninas as quais são aconselhadas a adiarem a iniciação sexual o mais possível. Sendo necessário, porém que os jovens recebam uma educação que os tornem capazes de levantar questionamentos e buscar soluções para estas questões de forma autônoma, assim sendo a educação do indivíduo só é completa e eficiente se englobar também a Educação sexual, a qual deve proporcionar aos jovens a autonomia necessária para a construção de conceitos e para a vivência responsável e saudável da sua sexualidade.

Para Ariès, (1981) o modelo de infância sempre esteve ligado aos modelos de sociedade e em algumas épocas não havia uma divisão entre mundo infantil e o mundo adulto. Para as mulheres essa situação levou mais tempo para mudar. Dessa forma, meninas ainda muito jovens constantemente eram forçadas a casarem, o que fazia com que muitas dessas meninas contraíssem doenças ou engravidassem e muitas vezes morressem no parto.

O sentimento de infância beneficiou primeiro meninos, enquanto as meninas persistiram por mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos: seremos levados a observar mais uma vez esse atraso das mulheres em adotar as formas visíveis da civilização moderna, essencialmente masculina”(ARIES,1981 apud NUNES e SILVA,2000, pág.25) .

De acordo com Nunes e Silva, (2000) Ariés destaca as ideias de um famoso educador do século XV que apresenta uma visão castradora e repressora de educação infantil, afirmando que as crianças não devem se tocar e nem ser tocadas, para evitar a promiscuidade aconselhando, ainda a confissão em caso de algo proibido e pecaminoso ter acontecido.

Dever-se-á falar-lhes sobriamente utilizando apenas palavras castas. Dever-se-á evitar que as crianças se beijem se toquem com as mãos, com as mãos nuas ou se olhem durante as brincadeiras **figeremoculi in lorumdecore**. Dever-se-á evitar a promiscuidade entre os pequenos e grandes, ao menos na cama :os **puericapacesdali, puellae, juvenes**, não devem dormir na mesma cama com pessoas mais velhas ,mesmo que sejam do mesmo sexo. E mais[...] a criança não deve deixar que os outros a toquem ou beijem, e se o fizer deve sempre se confessar [...] [ARIÉS,1981,Apud NUNES e SILVA,pág.24,2000).

Assim sendo, durante muito tempo a criança não teve seu espaço na família, as quais ocupavam os mesmos espaços e realizavam as mesmas tarefas dos adultos. Contudo, foi Rousseau, em 1762, com a publicação de *Emílio* que trouxe uma nova concepção na forma de

se educar as crianças, que agora deverão contar com o amor e a dedicação da mãe, esta nova visão marca o início da família moderna e apresenta um novo modelo de infância.

O seu livro denominado Emílio ou da Educação:

(...) é tido como um marco inaugural novo e original na concepção ocidental moderna sobre a criança, com seu naturalismo pedagógico como suporte e firme determinação política de afirmar ser a educação uma proposição singular de constantes práticas de liberdade. (apud NUNES e SILVA, 2000, p.4).

Na visão de Foucault, (1985) o início da separação de classes e também a separação do mundo adulto e infantil no final do século XVII, significava uma estratégia do Estado que ao separar visava melhor governar. Para ele, assim surge o modelo de educação para crianças, pautado na visão burguesa de forma a controlar o saber e o poder sobre a sexualidade, observado por ele até mesmo na organização dos colégios que apresentavam uma estrutura que facilitavam a vigilância.

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo.(...)Todos os detentores de uma parcela de poder uma parcela de autoridade se colocam num estado de alerta perpétuo :reafirmado sem trégua pelas disposições ,pelas precauções tomadas ,e pelo jogo das punições e responsabilidades (...) (FOUCAULT, 1985, p 30.).

Dessa forma podemos afirmar que indiretamente a Educação Sexual, já se fazia presente nesses colégios, porém de forma efetiva, de acordo com Priore (2011) foi no século XX a partir dos anos 30, que surgiram as primeiras tentativas de se abordar a Educação Sexual na escola. Na Europa, as escolas laicas pautadas em diretrizes conservadoras , passaram a trabalhar questões como o aborto e a prevenção a doenças venéreas, procurando adiar a prática sexual para depois do casamento, sobretudo para as moças que eram aconselhadas e vigiadas para se manterem puras.

Nunes e Silva (2000) afirmam que no Brasil ao observarmos a História da Educação Sexual, percebemos a sexualidade quase sempre ausente dos currículos escolares. Os primeiros a criarem espaços educacionais aqui, foram os jesuítas, os quais se preocupavam em ensinar as crianças, a ler, escrever e contar, doutrinando-as na fé católica e procurando reprimir as manifestações do corpo que eram percebidas como pecado. Sabemos que ainda hoje, a religião exerce forte influência sobre as questões sexuais e que a ideia da sexualidade relacionada ao

pecado ainda é muito forte. De acordo com a igreja, as práticas sexuais devem ter fins reprodutivos, sem o uso de preservativos e ficarem reservadas para o casamento.

Ainda de acordo com estes autores, além da questão religiosa, a implantação da Educação Sexual, é dificultada pela visão da família em relação às crianças e adolescentes, que os vê como seres inocentes e assexuados, bem como pela forte repressão sofrida pelas mulheres que acabam também reprimindo as crianças pelas quais são responsáveis.

Nunes e Silva (2000) afirmam ainda que ao longo da História, podemos perceber a ausência das discussões sobre a sexualidade nos currículos escolares apesar desta sempre fazer parte das conversas secretas dos alunos, os quais poderiam ser castigados se flagrados em uma dessas discussões.

A partir destes autores, traçaremos um breve histórico sobre a educação sexual no Brasil. Segundo eles, foi nos anos 60, que surgiram de forma mais eficaz, as primeiras tentativas e abordagens de uma possível Educação Sexual na escola.

Distantes da revolução sexual euro-americana, nossos educadores e pais pioneiros na educação sexual de seus filhos propunham uma educação sexual normativa e paranética. Os diversos materiais deste período têm identificação com os fundamentos de similares formas de aconselhamentos religiosos e originam-se nos setores nos núcleos mais conservadores da sociedade brasileira, aturdida com a revolução dos costumes e com os avanços das modernidades permissivas, identificadas com a modernização e industrialização emergentes (Nunes e Silva, 2000, p.13).

Já na década seguinte, a educação sexual era do tipo médico-biologista inspirada nas descrições das funções reprodutivas, centrada nas informações, voltada para uma abordagem higienista e médico-profilática.

Com a chegada da década de 80, os discursos pela liberdade feminina começaram a se solidificar, havendo, contudo, uma forte mitificação da autonomia feminina através de discursos ainda cheios de preconceitos, os quais enquadravam e segmentarizavam o trabalho feminino. Surgem nessa época alguns programas na TV que exploram essa visão, ainda separando e definindo papéis e comportamentos a serem desempenhados por homens ou por mulheres, de acordo com o sexo e não com a preferência de cada um.

Para Nunes e Silva a década seguinte, apresentou um novo modelo fortemente influenciado pela mídia.

Já na década de 90, surge um modelo que pode ser definido como consumista quantitativo, este não está presente na escola estando, porém nas instituições sociais, na mentalidade social dominante, na propaganda e na representação do padrão homem mulher. Este

modelo é dominante na sociedade de massa tendo reduzido a revolução sexual de fundamentos filosóficos e políticos a uma prática sexual desumanizada e como objeto de consumo, tendo como seu principal veículo a mídia (NUNES e SILVA, 2000, p. 16).

Muitos dos direitos conquistados em décadas anteriores acabaram sendo postos de lado por algumas mulheres que agora não só aceitam o papel de mulher objeto, mas também se orgulham em ter a aparência e o comportamento pautados em um comportamento sexual altamente erótico, copiado de “celebridades” da TV.

Com a implantação dos PCNs no final da década de 90, A Educação Sexual, volta ao campo das discussões, aparecendo como tema transversal, devendo ser abordado de forma interdisciplinar e transdisciplinar por professores com formação nas mais diversas áreas do conhecimento . Contudo, na prática, ainda assim ela continuou deixada de lado. Mesmo que tenham surgido, ainda que esporadicamente algumas tentativas de implantação de projeto de Saúde, nos quais a Educação Sexual mais uma vez surgia, restrita, porém, aos aspectos biológicos e de prevenção a doenças.

Na primeira década do ano 2000 podemos notar uma preocupação por parte de educadores e de estudiosos sobre o tema, que objetivam trabalhar a Educação Sexual, sem se prenderem somente a aspectos físicos, biológicos e preventivos além de também não mais se pautarem por preconceitos, tabus, ou aconselhamentos. Dessa forma, muitos desses autores preocupam-se ainda em discutir está temática dentro de uma abordagem histórico crítica a qual permite aos educadores e aos educandos desenvolverem o debate, a reflexão e a construção de conhecimentos que lhes permitam a vivência sexual plena saudável, responsável e prazerosa da sua sexualidade. A maioria desses estudiosos preocupam-se também em abordar assuntos, que muitas vezes ainda são postos de lado tais como a homossexualidade masculina e feminina, os direitos dos GLBTTTs, a igualdade de gêneros, diversidade sexual além de temáticas como violência e abuso sexual contra homoafetivos mulheres e crianças.

Para Vitiello (1995) a educação sexual é a parte do processo educativo especificamente voltada para a formação de atitudes referentes a maneira de viver a sexualidade .

Sendo então importante a participação da escola, que juntamente com a família deve se encarregar da educação e da formação da criança, respeitando as suas opiniões e orientando-a para que ela seja no futuro um adulto seguro e que construa as suas relações baseadas no respeito-mútuo.

Para Nunes e Silva, (2000) ao contrário do que muito se costuma afirmar, podemos dizer que as crianças não são desprovidas de sexualidade e devem ter suas curiosidades

respondidas de forma clara. Sendo que a adolescência se constitui no período em que o jovem se vê mais desperto e interessando em vivenciar a sua sexualidade. Portanto a Educação Sexual deve começar ainda na infância, e ser compartilhada por pais e pela escola. “Não é necessário que se despeje um caminhão de informações à criança. Porém o que não pode é não satisfazer suas curiosidades com franqueza à medida que elas forem surgindo. É importante conversar com a criança em uma linguagem que elas dominem e que possam entender”(...) .(Nunes e Silva,1997, p.52).

Para Vitiello, (1995), a Educação Sexual, encontra-se pautada em 04 grandes modelos, o demográfico, o médico, o feminista e o humanista., ele ainda nos aponta formas como este tema deve ser abordado.

Modelo Demográfico: é baseado nas doutrinas malthusianas e neomalthusianas, prioriza os aspectos referentes ao ensino dos métodos de controle da natalidade. Embora idealmente não seja meramente repressor, este modelo é freqüentemente utilizado como meio de exercer repressão sexual. Note-se, aliás, que o ônus e os riscos inerentes às práticas anticoncepcionais recaem habitualmente sobre as mulheres, sendo exercido até mesmo como uma forma de controlar a sexualidade feminina. *Modelo Médico:* enfatiza a necessidade de que se ensine aos jovens a importância dos procedimentos ligados à preservação da saúde. (...). Frequentemente este modelo de Educação Sexual também é utilizado como forma de repressão sexual, tendo-se em vista que torna o exercício da sexualidade como algo arriscado e ameaçador. Se no antigo modelo religioso repressor da sexualidade, sexo era associado ao pecado, nesse modelo sexo é associado à morte. *Modelo Feminista:* prioriza a busca da equidade de gênero, buscando dar a mulher maior liberdade no uso de sua sexualidade e lutando contra os preconceitos que pesam sobre elas. (...). Suas vertentes socialistas equiparam a luta pelos direitos da mulher com a luta de classes, identificando no capitalismo um inimigo tão virulento quanto o machismo. *Modelo Humanista:* coloca o processo educativo como meio de atingir a felicidade, priorizando o sexo prazeroso e sem vítimas, isto é, sem que se provoquem danos aos outros nem a si mesmo.” (VITIELLO, 1995, pp. 22 - 23).

Assim sendo, acreditamos que para vivenciar a sexualidade sem grandes problemas é importante a participação da família e da escola na formação da criança envolvendo tantos os aspectos físicos, quanto sociais, psicológicos e emocionais, levando-se em conta a cultura e a sociedade em que o aluno está inserido. Dessa forma nos parece que o enfoque humanista e emancipatório, o qual permite que os indivíduos reflitam, questionem e junto com os adultos busquem soluções para as suas dúvidas seja o mais satisfatório.

A educação sexual nas escolas, deve estar presente no cotidiano escolar de maneira inter e transdisciplinar, e ser responsabilidade de todos os professores, contudo aqueles que mais se identificarem poderão ficar responsáveis pela Educação Sexual, e deverão lidar com as questões ligadas a esta temática de forma, madura, tranquila, segura, e procurando respeitar os diferentes pontos de vista.

Autores como Vitiello (1995) afirmam que para que a Educação Sexual ocorra de forma mais eficiente e produtiva, se faz necessário que ela seja trabalhada de maneira que permita o diálogo entre alunos e professores e a participação de todos os envolvidos. E para que isto aconteça, as dinâmicas de grupo são excelentes recursos que facilitam este processo, o qual permitirá que a educação sexual ocorra de forma lúdica e intimista. Além disso, para Vitiello se faz necessário que a realidade sociocultural dos alunos também seja levada em consideração, afim de valorizar os conhecimentos dos alunos sendo imprescindível para isso que o educador busque ser criativo e dinâmico para estimular a participação do educando que deve ficar à vontade para participar das atividades propostas.

Para Foucault (1988), durante muito tempo, a sexualidade foi negada aos jovens e adolescentes, estando esta presente em seus corpos, lhes era negado, saber sobre ela já que a sexualidade deveria estar restrita ao casal, de preferência legitimamente casados, devendo estar ligada a fins reprodutivos. Para o autor, para buscar saberes sobre a sexualidade, quase sempre era necessário transgredir leis.

De acordo ainda com Foucault, com a delimitação do mundo infantil deu-se a implementação de uma perversa estratégia de disposição controladora do saber do poder sobre a sexualidade, a partir do século XVIII, sobretudo no tocante a pedagogização do sexo da criança.

Para ele a:

[...] dupla afirmação ,de que todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual ;e de que tal atividade sexual ,sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza” ,traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais “limiars” ,ao mesmo tempo aquém e já no sexo ,sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais ,as famílias, os educadores ,os médicos e mais tarde ,os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado ,perigoso e em perigo[.... (FOUCAULT, 1985, p.99).

Assim constroem-se estereótipos dos jovens que são muitas vezes percebidos como petulantes, desobedientes e irresponsáveis, contudo, devemos perceber que adolescente,

jovem ou adulto cada ser é único não cabendo, portanto a utilização de conceitos pré-concebidos em relação aos jovens que podem agir de maneira diversa frente a mesma situação.

Como afirmado por Vitiello, (1995), o professor que irá trabalhar com Educação Sexual deve ser alguém que se disponibilize e que queira realmente trabalhar com esta temática, devendo adotar uma postura democrática e livre de preconceitos, para conversar e provocar reflexões críticas em seus alunos sem a emissão de juízo de valor. Acreditamos que o adolescente deve sentir-se seguro e com autonomia para tomar as suas decisões, buscando seus direitos e exercendo seus deveres.

De acordo com Nunes e Silva (2000) de forma simplista costuma-se falar que os jovens de hoje sabem tudo sobre sexo. No entanto, o número de adolescentes grávidas e de abortos continua aumentando, sabemos que a iniciação sexual tem ocorrido cada vez mais cedo. Contudo, nossos jovens não estão preparados para ter uma vida sexualmente ativa, necessitando dessa forma de um espaço organizado que lhes possibilite conhecer não só os aspectos físicos de seu corpo, mas também que lhe possibilite o raciocínio crítico sobre a sexualidade em suas mais diferentes manifestações.

O trabalho de educação sexual não deve limitar-se aos aspectos fisiológicos devendo estar presente em todas as disciplinas e ser apresentado e trabalhado através de várias dinâmicas tais como jogos, filmes, vídeos, entre outros. Sendo que em todos esses recursos devem ser abordadas questões da vida real, e os jovens devem ter espaço para relatar fatos, discutir, refletir e opinar sobre os temas abordados (PCN/MEC p. 129, 1997).

Assim sendo, a educação sexual que a escola deve oferecer é a educação sexual humanista, que proporcione uma atitude emancipatória, pois, segundo Nunes e Silva(2000), a escola não deve substituir a família, mas sim realizar um trabalho conjunto .Dentro desse enfoque deve-se identificar os estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações, educando para uma visão compreensiva e igualitária entre os gêneros em suas diferentes potencialidades, devendo o educador buscar realizar um trabalho coeso, reflexivo, crítico e que considere os aspectos sociais e históricos, nos quais o aluno está inserido.

Em todas as sociedades, as expressões da sexualidade são alvo de normas morais, religiosas ou científicas ,que vão sendo interiorizadas pelas pessoas desde a infância e por isso podem ser interpretadas como “naturais”. Entretanto ,o contexto histórico e cultural determina, em grande medida, as expressões da sexualidade, pois as aprendizagens que realizamos nesse campo acontecem na medida em que vivemos nossos desejos e nossas relações, em determinado tempo e lugar. Como afirma Jurandir Freire Costa 919940, 'Cada sociedade inventa a sexualidade que pode inventar(BRASIL,2006,p.53).

Dessa forma, fica claro que a educação sexual não implica em ensinar ou direcionar o desejo sendo que as formas de se vivenciar esse desejo sofre influências culturais e históricas do espaço no qual o sujeito está inserido. Além de que o papel masculino e o feminino também são diretamente influenciados por estes aspectos os quais oscilam de povo para povo e de época para época. Sendo que hoje as diferentes formas de expressão do masculino e do feminino, não mais se enquadram apenas no conceito de masculino e de feminino, e para suprir essa lacuna surge o conceito de gênero que não mais diferencia homens de mulheres somente pelo aspecto físico, mas também pela forma como o indivíduo se identifica.

(...) Assim o conceito de gênero se refere as relações entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens. Todas essas relações podem expressar desigualdades, fazendo com que alguns tenham mais poder do que outros e mais poder sobre os outros. (BRASIL, 2006, p.41)

Sendo extremamente importante desenvolver ações que promovam o respeito e combatam atitudes misóginas, discriminatórias e violentas sobretudo contra as mulheres e as crianças. Dessa forma, acreditamos no papel da escola em educar pessoas para a vivência de valores que destaquem a convivência harmoniosa entre as pessoas independente da raça, do sexo ou da opção sexual.

1.5. DEFINIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA E A SEXUALIDADE DOS ADOLESCENTES

A infância e a adolescência se constituem em diferentes fases de aprendizagem, sendo que é na infância que se constroem as primeiras impressões sobre o eu, os outros e o mundo.

A Infância tem sido considerada a época da aquisição subjetiva e sociocultural da identidade humana na relação com o mundo, na descoberta de si e na apropriação significativa da cultura. Entendemos ser esta a característica mais particular desta fase de nossas vidas. Hoje sabemos que destas relações estabelecidas com o mundo no período da infância dependerão em grande parte, as muitas outras que acontecerão em etapas posteriores (NUNES e SILVA, 2000, p.11).

É extremamente importante que a criança tenha a possibilidade de experimentar e vivenciar as suas próprias conquistas, apesar das dificuldades reais e imaginárias que possam surgir. Vencer as dificuldades por si só gera na criança orgulho e a segurança de que é possível continuar a buscar novos conhecimentos. Portanto, sujar-se, chorar, sentir dor, machucar-se e até frustrar-se por não conseguir algo são acontecimentos importantes que a partir da infância contribuirão para a construção de um adulto capaz de

encaminhar seus próprios conflitos e buscar suas realizações. Não basta que tenhamos afeição pela criança, é preciso respeitar sua infância (Idem ,Ibidem).

Sendo assim, é importante que as crianças tenham oportunidade de vivenciar coisas diferentes e tenham a orientação dos adultos na construção de conhecimentos. Entretanto, apesar disso, o estímulo à curiosidade infantil não acontece no tocante a curiosidade em relação a sexualidade, sendo que ainda hoje a nossa cultura dominante e centrada muitas vezes em valores machistas, tradicionais e religiosos que atrelam a sexualidade ao pecado e a algo proibido, deixam as crianças, impedidas de buscarem saberes sobre a sexualidade e seu próprio corpo.

As teorias pedagógicas contemporâneas (...) concluem que a criança age de maneira intuitiva e sensorial na dinâmica descoberta de sua corporeidade das formas sociais de sua expressão. A mesma curiosidade que estimula o apropriar-se da linguagem, do mundo da cultura e dos comportamentos socialmente aceitos, engendra a satisfação dos desejos e o encontro com as possibilidades gratificantes de apropriar-se subjetivamente, com todas as potencialidades de aprender e usufruir do ser do mundo e das coisas e das pessoas (NUNES e SILVA,2000,p.111).

Contudo, a curiosidade da criança que é muito estimulada nos diversos ambientes e nas diversas situações é reprimida no campo da sexualidade, sendo que tanto a família, quanto a escola costumam achar que este não é um assunto para crianças .Entretanto, a falta de informação, as informações truncadas, as meias verdades somadas à curiosidade infantil podem acarretar sérios problemas ,visto que sem a devida orientação as crianças podem se defrontar com situações que poderão lhes colocar em situação de risco, visto que a falta de informação pode gerar ansiedade, angústia e medo em relação a este assunto.

(...) A criança assimila, tanto pela dinâmica da informação verbal, insuficiente e empobrecida, quanto pelo conjunto de castigos e punições arrolados como conseqüências de supostos “desvios” do padrão de enquadramento. As instituições sociais e de seus papéis, as práticas gerais de transmissão da linguagem e dos papéis sexuais materializam-se em exigências formais ao redor do núcleo de poder central de nossa sociedade: a família patriarcal monogâmica e produtiva (NUNES e SILVA,2001,p.111).

De acordo ainda com estes autores toda educação é sexual, seja reprodutiva, castradora, ou libertadora. Não há possibilidade de se educar plenamente uma criança negando-

lhe a dimensão sexual, a qual poderá se tornar um indivíduo, inseguro, triste, apático, masoquista, perverso, o que acarretará em uma autoestima baixa e na sensação de inadequação e inutilidade.

Assim sendo, o educador deve levar em consideração as necessidades e os interesses da criança, e perceber que ela é um ser em desenvolvimento e que por isto é natural que ela tenha curiosidade sobre tudo, incluindo-se aí a sexualidade. Devendo portanto, o educador responder suas perguntas de acordo com o que lhe for questionado mas, respeitando sempre os limites da criança, e tendo o cuidado de observar o seu grau de maturidade, emocional e intelectual e o espaço social no qual ela está inserida.

Dessa forma, ao chegar na adolescência que é a fase em que ocorrem as mudanças psíquicas e físicas e quando socialmente o jovem também passa por mudanças, já que a sociedade como um todo passa a percebê-lo de forma diferente, se este jovem foi educado sexualmente desde a sua infância, com certeza ele enfrentará esta fase de forma mais tranquila. Visto que ser adolescente não é muito fácil, a adolescência traz dúvidas, medos, inseguranças e nem sempre o jovem está seguro para vivenciar todas estas transformações pelas quais está passando, sobretudo as mudanças emocionais.

A puberdade é uma das etapas da vida em que o corpo sofre profundas transformações (...). E, paralelamente a certas novidades no corpo, ocorrem alterações nas emoções, no comportamento e na maneira de se relacionar com o mundo. Todas essas mudanças ocorrem na adolescência. Usamos essa palavra para descrever tanto os aspectos físicos da puberdade quanto os aspectos psicológicos e sociais que ocorrem juntamente com as mudanças físicas (GEWANDSZNAJDER, 2010, p.230).

É evidente que se os adolescentes puderem contar com orientação de adulto tanto da família quanto da escola, ficará mais fácil passar por esta etapa de forma mais segura e tranquila o que o tornará um jovem mais feliz e um adulto mais responsável. Visto que a falta de informações e de conhecimento sobre as transformações que o corpo passa pode gerar ansiedade e trazer preocupações, as quais muitas vezes não têm razão de ser.

De acordo com Nunes e Silva, uma das maiores preocupações do jovens, principalmente os meninos se refere à questão dos órgãos sexuais, visto que principalmente em relação aos meninos é o pênis o órgão que confirma a sua masculinidade, sendo que qualquer alteração pode trazer complicações na *psiquê pubertária*, enquanto que para a menina a atenção e os questionamentos se concentram nos seios, símbolo da feminilidade e da maternidade.

Sendo que nessa fase também o adolescente vai amadurecendo e passando por transformações psicológicas, as quais vão lhe aproximando do mundo adulto sem, no entanto,

ainda ter lhe afastado por completo do mundo infantil, nessa fase os jovens costumam buscar soluções para problemas e conflitos que não se limitam a ele mas também a outros jovens e a toda a humanidade sendo comum nesse período a participação e o engajamento de jovens em movimentos de caráter social, político e ideológico. Vale ressaltar, que estas posições e características variam de indivíduo para indivíduo, respeitando as características, opiniões e os contextos de cada ser.

Dessa forma, como ressaltado por Nunes e Silva, os adolescentes vivenciam um período de intensas vivências e possibilidades, não sendo somente um período de negação e de rebeldia, mas também como todas as etapas de nossas vidas, esta fase pode ser marcada por experiências positivas e de realizações, como por momentos e sentimentos negativos, os quais poderão ser levados para os restos de nossas vidas.

(...) O que altera este quadro é a consciência reflexiva, isto é o entendimento e a capacidade de compreensão dos sujeitos, meninos e meninas, e de seus pares próximos, pais, amigos, parentes, grupos, escola e sociedade, dos processos de transformações institucionais, corporais e biológicas pelos quais se passa nesse rico tempo de vida. (NUNES e SILVA, 2001, p.34).

Sendo extremamente importante que os jovens tenham espaços e oportunidades para refletir sobre o mundo, sobre si e sobre os outros, afim de que possa atravessar esta fase da forma mais positiva possível, visto que todas estas transformações e mudanças podem trazer conflitos e medos, tais como o medo da não aceitação, de ser diferente de não estar adequado e não ser valorizado e respeitado no seu grupo, na família e na escola.

Entendemos que, em relação aos jovens GLBTs, esta situação, fica ainda mais evidente visto que na maioria das vezes a escola não disponibiliza e nem proporciona estes espaços de discussões sobre identidade sexual, papel sexual, gênero e orientação sexual, ficando muitas vezes evidente as atitudes homofóbicas e discriminatórias contra os alunos e até professores que apresentem comportamentos sexuais diversos.

Embora produza efeitos sobre todo o alunado, é mais plausível supor que a homofobia incida mais fortemente nas trajetórias educacionais e formativas e nas possibilidades de inserção social de jovens que estejam vivenciando processos de construção identitária sexual e de gênero que os situam a margem da normalidade (...) (HUMAN WATCH,2001 Apud Junqueira,2001,p.24).

Dessa forma, podemos afirmar que a Educação Sexual se faz necessária sendo fundamental portanto que os profissionais da educação contem com materiais e recebam

formação adequada para que saibam lidar de forma adequada com esta temática, respeitando os direitos sexuais e a diversidade sexual percebendo que a sexualidade é algo complexo e que abrange aspectos como históricos, sociais, culturais, emocionais e psicológicos possibilitando uma educação sexual emancipatória.

Compreendemos que a sexualidade está extremamente atrelada ao corpo, contudo ela também está ligada à forma como nós nos percebemos e pela qual a vivenciamos, assim sendo o meio, a cultura e a época na qual vivemos também influencia a nossa vivência sexual.

As pedagogias culturais que são colocadas para funcionar através de artefatos culturais da mídia contemporânea, dentre outros, tem se revelado, pois, como processos educativos potentes quando se trata de instituir relações entre corpo, gênero e sexualidade. E o corpo feminino é um destes lugares onde uma pedagogia incessante articula e (RE) produz o estímulo constante ao “cuidado de si”, nos termos de Foucault (1985). Esse cuidado de si pode ser operado sobre o corpo como estímulo decorrente da ação de um outro ou como iniciativa do próprio sujeito (JUNQUEIRA, 2009, p.223).

Sendo que esses aspectos também apresentam fortes influências na família e na escola que constantemente reforça e estimula estes estereótipos, legitimando modelos de beleza e papéis e comportamentos que seriam adequados a homens ou às mulheres. Assim como a sexualidade, a forma como se percebe o que é ser homem e o que é ser mulher, também muda ao longo do tempo sofrendo influências, culturais, religiosas e sociais, como afirmado por Priore, em *Histórias Íntimas, Sexualidade e Erotismo na História do Brasil*.

Entre os séculos XII e XVIII, a Igreja identificava, nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra. Quer na filosofia, quer na moral ou na ética do período, a mulher era considerada um ninho de pecados. Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da Lua, ao mesmo tempo em que seduziam aos homens, os repugnavam. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira os repeliam. O Corpo da mulher era considerado impuro (PRIORE, 2011, p. 39).

Diante dessa realidade, muitas mulheres sofreram abusos e se sentiram culpadas por isto, visto que passaram a se sentir inferiores aos homens, que lhes ensinavam que deviam obedecer-lhes. Outros grupos também sofreram com o preconceito e foram discriminados e tiveram a sua sexualidade reprimida ou negada, também sofrendo violência e abuso sexual e entre eles estão os jovens e os homoeróticos.

Em relação aos homoafetivos, de acordo com Pesquisas do Grupo Gay da Bahia (GGB) em seu Relatório Anual de Assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil do ano

de 2010, baseadas em boletins de ocorrência e em jornais e revistas o número de assassinato de homossexuais no nosso país está aumentando.

Ainda de acordo com o GGB o Brasil, está entre os países que mais cometem violência contra homossexuais. E infelizmente os casos de violência contra a mulher e contra a criança incluindo a pedofilia também são grandes em nosso país.

Sendo que há ainda preconceito e discriminação em relação à vivência sexual fora do padrão considerado normal. Porém, a sexualidade não está restrita a apenas um aspecto da vida, ela faz parte do ser humano, que não é imutável, por isso ela é dinâmica e não se limita aos órgãos sexuais, mas se manifesta nos gestos, ações e sentimentos do indivíduo, que deve ter a oportunidade de discutir, refletir e vivenciá-la de forma saudável.

Assim sendo, não podemos tratar de sexualidade de forma isolada, restrita a determinadas momentos ou lugares, visto que ela está presente em nós e ao mesmo tempo influencia e é influenciada pelo que somos e pelo que vivemos.

Sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1975).

Alguns estudiosos do tema contribuem para que possamos refletir sobre as diferentes formas de se vivenciar a sexualidade, sendo que os estudos de Freud foram uns dos que mais contribuíram para que pudéssemos entender dentre outros pontos, a sexualidade infantil.

A escola constantemente, se depara com esta situação, visto que os jovens estão iniciando mais cedo a vida sexual, bem como também, apesar do preconceito e da discriminação, muitos jovens estão assumindo a sua sexualidade, incluindo diferentes orientações sociais, sendo ainda evidente a existência de alunos oriundos de famílias formadas a partir de uniões gays. Faz-se necessário que os educadores estejam preparados para lidar com esta situação de forma clara e sem emissão de juízo de valor, procurando esclarecer as dúvidas e auxiliar as crianças e em especial aos adolescentes, que estão passando por uma fase de mudanças físicas e psicológicas a fim de que este período seja vivenciado de forma mais tranquila.

Refletimos aqui, porém, sobre uma nova modalidade de preconceito e de discriminação, também associada a orientação sexual e a identidade de gênero não hegemônicas, que é a sofrida por crianças e por jovens em idade escolar -os filhos e as filhas de mulheres lésbicas e de homens gays –seja vivendo em situações de conjugalidade e ,portanto ,de dupla filiação. seja em situação de monoparentalidade. Tais crianças constituem um conjunto crescente de alunos e alunas das escolas brasileiras ,até o momento praticamente ignorado, já que a vivência pública da maternidade e da paternidade por gays e lésbicas ainda é uma realidade recente no Brasil (JUNQUEIRA, 2009, p.161).

De acordo ainda com Junqueira (2000) na escola muitas vezes estas famílias são invisíveis, com pais e mães geralmente orientando os filhos e filhas a omitirem de todos que fazem parte de uma família não convencional, por receio que sejam vítimas de violência e discriminação. Sendo que poucas são as iniciativas ,nas escolas voltadas a escutar e a respeitar estas diferenças nas organizações familiar.

Para auxiliar a escola nesta tarefa, surge em 2008, o PSE- (Programa de Saúde e Prevenção nas Escolas), do ministério da saúde em parceria com o Ministério da Educação, que visa promover ações de saúde e prevenção na escola. O Estado de Sergipe e o município de Aracaju também contam com o PSE, contudo ao que parece as ações ainda estão muito restritas a participação de agentes do programa e ainda muito centradas apenas na prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada. Contudo, o guia para formação de profissionais de saúde e educação, que faz parte do programa trata também de temas como gênero, aborto, violência sexual e homossexualismo, possibilitando uma discussão mais ampla sem, contudo esgotar o tema.

A Educação Sexual, não está restrita à escola ela está presente no dia a dia, sendo que ao se calar sobre o assunto a família também está educando sexualmente, fazendo parecer que este é um assunto proibido entre pais e filhos. Porém ao mesmo tempo em que se calam permitem aos filhos assistir programas que constantemente têm como tema o sexo, sem nenhuma preocupação de orientar os jovens para os cuidados que devemos ter ,quando temos uma vida sexual ativa e ao permitir aos filhos o acesso a estas informações sem discuti-las, os pais acabam também fazendo com que os filhos permaneçam com a dúvida.

Como já visto anteriormente, o sentimento de infância e a forma de percebê-la, variou ao longo do tempo. As crianças e em especial as mulheres, sempre tiveram negado o direito de saber e de conhecer o próprio corpo, sendo ainda a fase da adolescência percebida como uma fase perigosa, a qual deveria estar sempre sob vigilância, talvez por isto explica-se o fato de

tantas moças terem sido obrigadas a se casarem cedo por volta dos 13 anos, evitando-se assim que se tornassem as chamadas “meninas perdidas”.

“Menina perdida” foi a expressão utilizada pelo advogado de José Maria dos Santos, acusado ,em 1904,no Rio de Janeiro de ter deflorado Olívia Silva Lisboa ,de 15 anos. Olívia estaria nesta irremediável condição ,apesar da idade, não apenas por ter perdido a virgindade ,mas ,segundo o advogado ,pelo abandono em que se encontrava-se “sem mãe” -,e com um pai que a “abandonara aos instintos perversos de que geralmente é dotada a mulher sem educação (...) (PRIORE, 2010,p.289).

Ainda de acordo com Priore, (2008) a manutenção da pureza das meninas era uma preocupação constante, sendo que para isso evitava-se falar com elas sobre sexualidade e quando se tratava sobre este assunto abusava-se das reservas das censuras, bem como de ideias preconceituosas, sendo que em relação aos rapazes a situação não era muito diferente, pois apesar de muitas vezes serem estimulados a terem uma prática sexual lhes faltava conhecimentos sobre o assunto.

Em seus escritos, Foucault (1985) trata sobre a questão de não se permitir que as crianças tivessem informações sobre a sexualidade, pois se acreditava que estas eram desprovidas de sexo, bem como muitos adultos entendiam que se recebessem informações elas poderiam buscar mais cedo a vivência sexual.

(...) As crianças (...) sabe-se muito bem, que não tem sexo, boa razão para interditá-lo, razão para proibir-lhes de falar dele, razão para fechar os olhos e tapar e os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo ,razão para impor um silencio geral e complicado .Isso seria próprio da repressão(...).Assim marcharia, com sua lógica capenga , a hipocrisia de nossas sociedades burguesas (FOUCAULT, 1985 p.10).

De maneira geral, os adultos não educam as crianças para a vivência plena da curiosidade sobre o corpo e a sexualidade. Na maioria das vezes os questionamentos e as curiosidades das crianças acerca deste assunto é ignorado ou respondido com meias verdades. Este comportamento faz com que os jovens desenvolvam sentimentos como o medo e a culpa, o que poderá lhes trazer problemas que afetarão toda a sua vida.

De acordo com Saito e Leal (2000), a primeira falha em relação à educação sexual se dá na família, que estruturada ou não, e de qualquer nível econômico continua negando a sexualidade de pais e filhos. De acordo com ela, o sexo e não a sexualidade penetra livremente nestas famílias por meio da mídia, que não tece um comentário crítico a cerca deste tema.

Assim sendo, muitas vezes a criança e o adolescente acabam ficando com muitas dúvidas e com visão deturpada sobre o que vê. Seria necessário então que as famílias deixassem

o preconceito de lado e desde cedo abordassem esse tema com seus filhos, orientando-os a aceitar normalmente as mudanças ocorridas na adolescência e prevenindo os jovens para os riscos de uma vida sexual ativa, demonstrando que ter responsabilidade e se prevenir contra doenças e gravidez indesejada são essenciais para que os jovens tenham uma vivência sexual plena, feliz e responsável. Além disso, muitos jovens também se deparam com o preconceito e a discriminação por possuírem orientação sexual diferente ou simplesmente por gostarem de coisas consideradas inadequadas ao seu sexo.

Sendo a família o nosso primeiro grupo social, deveria ser ela a primeira responsável pela educação sexual das crianças, contudo sabemos que por negligência, vergonha ou cuidado excessivo, muitos pais preferem manter este assunto de lado, e muitas vezes não se dão conta de que a sexualidade está presente nos diversos ambientes sociais que frequentamos e que seu filho de uma forma ou de outra não irá ficar sem esse tipo de informação ainda que de forma deturpada.

Dessa forma, seria interessante, a parceria entre família e escola para uma orientação responsável e que permitisse ao jovem solucionar as suas dúvidas sobre a sexualidade, tais como: gravidez, métodos contraceptivos, DSTs, AIDS, homoerotismo, sexismo entre outras. Possibilitando ao jovem ter informações sobre estes temas de forma tranquila e confiável, visando uma vivência plena, responsável e saudável baseada no auto-respeito e no respeito ao outro.

Hoje podemos perceber o quanto a mídia é influente, principalmente junto aos jovens, no tocante ao modo de falar, de vestir e de se comportar. A mídia também influencia para a adoção de comportamentos sobre padrões de beleza, papéis e posicionamentos sexuais, estimulando muitas vezes a prática do sexo, sem orientar os jovens sobre os cuidados que devemos ter quando temos uma vida sexual ativa.

Muitos jovens iniciam a vida sexual cedo e possuem conhecimentos práticos sobre o sexo, mas não sabem como se prevenir de problemas que envolvem a vivência da sexualidade, acreditando muitas vezes que a sexualidade está limitada ao sexo. De acordo com os PCNs podemos definir sexo da seguinte forma:

Sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais) a sexualidade é de forma bem mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo (...) (BRASIL,1997, p.80).

Assim sendo a sexualidade não se prende aos órgãos sexuais nem ao ato sexual, ela está implícita em nós e faz parte de nossa vida desde o momento em que nossos pais se uniram para nos dar a vida. Ainda na primeira infância, a criança descobre o órgão sexual e passa a brincar com ele, percebendo que isto lhe proporciona prazer.

Pode ser observada em dimensão individual ou realizada em grupo. Há uma grande curiosidade na observação dos órgãos genitais próprio sou de outros colegas. Brincar de “papai” e “mamãe” etc. Aos três ou quatro anos isto é muito frequente. Mais tarde a criança tenderá a fazer desenhos e figuras humanas com caracteres sexuais destacados, simbolizando também uma curiosidade maior sobre a questão. É preciso considerar que tais desenhos ou mesmo a manipulação dos órgãos genitais é absolutamente normal e inofensiva, ao contrário, colaboram para a descoberta e aceitação do corpo (NUNES e SILVA, 2000, p.98).

Contudo, logo que o adulto percebe que a criança teve sua curiosidade sexual despertada passa a reprimi-la e busca enquadrá-la no modelo de comportamento esperado pela sociedade, fazendo com que muitas vezes a criança se reprima e até desenvolva algum tipo de distúrbio sexual. Por outro lado adultos permissivos, promíscuos e situações provocativas podem despertar muito cedo e equivocadamente a sexualidade infantil. Nem sempre a família está preparada para lidar com esta situação e é aí que acreditamos ser fundamental a participação da escola que deve orientar a criança e o adolescente para que ele saiba lidar melhor com as questões da sexualidade.

Dessa forma, devemos pensar na sexualidade sem nos prendermos aos aspectos físicos, somente, mas percebê-la como algo natural e próprio do indivíduo, que a constrói ao longo da vida, podendo comportar-se de diferentes maneiras, de acordo com as experiências que vivencia.

Conforme Louro (2007), a sexualidade além de ser uma questão pessoal é social e política, sendo construída durante toda a vida, de várias maneiras. (...) ser homem ou ser mulher, do ponto de vista biológico, significa, grosso modo, nascer com pênis ou com vagina, respectivamente. A essa condição biológica somam-se as influências do meio e o desenvolvimento psicológico de cada um (a)².

Sabemos que o meio, a cultura e a época contribuem para que sejam atribuídos papéis e comportamentos diferenciados a homens e mulheres, papéis estes que variam ao longo da história, sendo que ainda hoje as mulheres sofrem preconceitos e discriminações e são vítimas de comportamentos misóginos. Em alguns países é negado à mulher até mesmo o direito de nascer, bem como de viver a sua sexualidade sendo constante a prática de violência e abuso

sexual, bem como de procedimentos como a retirada do clitóris em uma demonstração de total negação do direito da mulher de vivenciar a sua sexualidade com prazer. Contudo, estas questões não se prendem somente a questão sexual, mas passam também pela discriminação da mulher no trabalho, as quais constantemente são alvos de assédios sexuais e morais.

Em España y en Brasil los estudios de género, de un modo desigual, se van desarrollando y acumulando un conocimiento que no siempre es reconocido que, en ocasiones, se limita a una información estadística sobre laparticipación de mujeres em um ámbito concreto. En este sentido, es importante señalar que hablar de género no es exclusivamente hablar de mujeres. El término género se refiere al modo en que las relaciones entre los sexos se reproducen, institucionalizan y producen discriminaciones, por lo tanto, analizalas relaciones de poder, subordinación y discriminación sin limitarse a señalarla posición ocupada por La mujer. (MONTANÉ e CARVALHO, Alexandre, 2012, p.111).

Dessa forma percebe-se a complexidade do tema. Sabemos que muitos jovens durante a adolescência, não têm ainda formada a identidade sexual, e acabam sentindo-se confusos, por serem cobrados a ter determinados comportamentos que representam estereótipos do que é ser homem ou mulher, sendo que esta situação se torna ainda mais complicada em relação aos jovens gays e trans que acabam sofrendo discriminações duplas, as meninas por serem mulheres e lésbicas e os meninos por serem gays e se apresentarem com características femininas.

Tudo isso conduz a um resultado que se chama “identidade sexual”, ou seja: tendo nascido com determinadas características físicas e sendo reconhecida pelo meio e por si mesma como pertencente ao gênero A, está estabelecida a identidade sexual de uma pessoa. (ABDO, 2004, p. 22).

Trabalhar com o tema educação sexual tem sido um grande desafio para as escolas. No Brasil, o tema orientação sexual faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal, ou seja, todas as disciplinas devem trabalhá-lo, sem deixar de focar a sua área específica, porém, explicitando as relações entre as demais áreas do conhecimento (Secretaria de Educação Fundamental, 1998). Da mesma forma, esta é uma área que pode e deve ser explorada pelas disciplinas/professores de várias áreas do conhecimento de maneira interdisciplinar, objetivando a transdisciplinaridade.

Vale ressaltar, que para trabalhar com a educação sexual, o educador deve estar preparado e se disponibilizar a realizar este trabalho, podendo este educador ser de qualquer área e não necessariamente somente de Biologia.

No entanto a educação, não acontece somente na escola e os espaços informais também educam ou deseducam por meio das situações e informações que apresentam.

Os jovens hoje são constantemente bombardeados por músicas, imagens e programas que abordam a temática sexual, contudo nem sempre eles podem contar com a orientação de um adulto para solucionar as suas dúvidas, muitas vezes os pais preferem não abordar esta temática com os filhos e isto faz com que estes procurem informações com colegas, ou outros meios que nem sempre tratam desta questão com os cuidados necessários, fazendo com que muitas vezes, por falta de informações, crianças e adolescentes fiquem expostas a situações de risco e tenham medo de denunciar abusadores. Desse modo professores e outros profissionais que trabalham com crianças devem estar atentos a sinais e comportamentos que evidenciem uma possível vítima de abuso, a fim de possibilitar a prevenção para que os casos de abusos sejam evitados e em caso do abuso já ter ocorrido tomar as devidas providências. Em relação a esta questão Priore (2011), afirma que se faz necessário uma maior participação da sociedade e da família a fim de proteger a criança da sexualização precoce.

O nó da questão é a pouca participação da sociedade nessa discussão. Muitas crianças brasileiras, por ignorância ou negligência parental, são: precocemente sexualizadas (...). Nossas crianças vivem cercadas de objetos e mensagens publicitárias que as incitam a viver num mundo onde toda a forma de querer é voltada a satisfação imediata. Por que não a sexual? O sonho publicitário na televisão, no shopping e nos outdoors promete-lhes tudo, pela compra ou pelo consumo. (...) Tudo colabora, enfim para banalizar a imagem da criança e diminuir a aversão a pornografia infantil. (PRIORE, 2011, p.227).

É inegável a participação da mídia e do mercado nessa erotização precoce da infância, estimulando que crianças usem produtos e objetos destinados ao público adulto. Programas televisivos e músicas cada vez mais estimulam a prática do sexo, sem nenhuma preocupação em educar e alertar os jovens para os cuidados que devemos ter ao iniciarmos uma vida sexual. Algumas canções, danças e programas apresentam gestos e palavras eróticas como se fossem “brincadeiras”, e muitas famílias estimulam as crianças a copiar estas danças, a cantar as músicas e até a vestir roupas parecidas com as das dançarinas que se “vestem” com roupas extremamente sensuais, estimulando a erotização das crianças sem muitas vezes se dar conta disso.

O crescimento da internet e o uso da rede por crianças e adolescentes sem nenhuma supervisão de adultos também gera problemas, visto que muitos sites disponibilizam conteúdos eróticos sem nenhum cuidado em relação a evitar que os jovens tenham acesso ao seu conteúdo.

Em relação a este fato Priore (2011) afirma que com o crescimento da internet, houve a facilitação e o aumento da procura por materiais eróticos. De acordo com a mesma autora, desde 1995, quando a internet chegou ao Brasil, mais de 200 projetos de lei foram encaminhados ao Congresso na tentativa de regularizar minimamente o espaço cibernético nacional.

Contudo apesar das leis, o que de fato acontece na realidade infelizmente é que os casos de abusos contra crianças, seja real ou virtual, continuam ocorrendo. Em relação a esta questão, o ECA (lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), afirma que:

Art.13 Os casos de suspeita ou confirmação de maus tratos contra crianças ou adolescentes serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.”(Título II- Dos Direitos Fundamentais/Capítulo I- Do Direito a Vida e a Saúde,pg.16)No artigo 18: ”É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.(Capítulo II- Do Direito a Liberdade, ao Respeito e a Dignidade,pg.18)No artigo 70: É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente(Título III-Da Prevenção Capítulo I Disposições Gerais, p.31).

E assim sendo é certo que a prevenção ao abuso sexual, passa pela Educação Sexual que deve ser compartilhada pela família e pela escola, devendo para isso os adultos promoverem ações educativas de prevenção, as quais permitam aos jovens reconhecer situações abusivas.

1.6. O PAPEL DA ESCOLA NA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A família é o nosso primeiro espaço de aprendizagem, contudo é na escola que os jovens se preparam para a vida e recebem o conhecimento de forma sistematizada, sendo assim é essencial a união família e escola para a formação adequada dos jovens. Se a escola é o lugar onde se prepara para o mundo adulto, porque o aluno deve penetrar em tal mundo encarando o sexo como uma aprendizagem oculta como um segredo? Se a sexualidade faz parte do saber espontâneo como tal não precisa do saber sistemático? (GUIMARÃES, 1995. Apud MARTINS 2010).

Em vista disso, acreditamos ser fundamental a implantação da educação sexual, a qual deve se pautar em uma visão que possibilite a discentes e docentes discutirem de forma clara e objetiva esta temática, devendo o educador se despir de preconceitos e refletir criticamente sobre os diversos aspectos que envolvem esta questão.

[...] a escola é apontada como um importante instrumento para veicular informações sobre formas de evitar a gravidez e de se

proteger de doenças sexualmente transmissíveis, chegando-se a ponto de afirmar que quanto mais baixa a escolaridade, maior o índice de gravidez entre adolescentes (ALTMANN(2001, p.2).

Para Nunes e Silva (2000), a implantação da educação sexual emancipatória requer do professor uma enorme capacidade crítica de maneira a ter e proporcionar ao educando a compreensão plena e integral, histórica, ética, estética, psicossocial, significativa e consciente das possibilidades humanas. Possibilitando-lhe a vivência sexual plena e saudável que torne o indivíduo capaz de refletir de forma crítica a conceitos pré-concebidos e que são apresentados pela mídia. Constitui-se de fundamental importância para uma abordagem científica do desenvolvimento infantil, que o professor busque nas contribuições de Freud e Piaget compreender as etapas do desenvolvimento psicossocial das crianças observando as diferentes abordagens feitas por estes estudiosos, visando uma abordagem humanista da Educação Sexual.

Vale ressaltar que não cabe ao educador ensinar sexualidade, mas sim estimular a reflexão e debates que proporcionem aos jovens a construção de saberes, afim de vivenciar de forma segura e tranquila a sua sexualidade.

Parece, pois que uma educação sexual não pode incidir, inicialmente, de um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Por que, decididamente, não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições em desenvolvê-la em seu contexto pessoal, de criá-la. E não se preparam estas condições, senão em uma perspectiva criativa, de dar condições a uma elaboração pessoal. É, então, o sentido criador mesmo que deverá ser a meta de uma educação sexual. Afinal, a sexualidade é um modo de expressão, liga-se estreitamente a sensibilidade de constituído, com ela „essa atividade essencialmente humana que é o erotismo”. (VASCONCELLOSA,1971,apud NUNES e SILVA2000, p 109).

Assim de acordo com Nunes e Silva (2000), aqueles que pretendem apresentar a sexualidade devem expandir os apelos de controle e dominação, as normatizações repressivas e as arbitrariedades históricas calcadas no preconceito e na negação do desejo.

Como destacado por Saito e Leal (2000) se a meta é informar ou, melhor formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência por ser esta a sua função precípua. Este espaço pedagógico torna legal a discussão sobre a sexualidade. Segundo elas, alguns autores constataram que o fato de as jovens terem aulas sobre sexualidade não influenciou a sua decisão de iniciar a atividade sexual, ocorrendo, porém, entre elas, menor número de gestações. A literatura mostra que adolescentes que receberam aulas de orientação sexual usaram preservativos em maior escala na primeira relação e, ainda, que os jovens sempre citam a escola

como fonte de informação sobre sexualidade, valorizando não só esses conhecimentos como o local onde os receberam.

Acreditamos, portanto, que é necessário que cada vez mais a escola participe da vida dos jovens, orientando-os em suas dúvidas e estimulando-os a buscarem conhecimentos que lhes permitirão vivenciar a sua sexualidade de forma mais saudável e responsável, estimulando as atitudes responsáveis, baseadas no respeito-mútuo.

Fazemos educação sexual não para a repressão controladora ou para o estímulo irresponsável, muito menos para a negação sórdida ,fazemos educação sexual porque os homens tem na sexualidade uma dimensão ontológica irreduzível .A sexualidade é uma dimensão humana fundamental ,que não pode jamais ser negada ou anulada sem deixar sequelas éticas e privações existenciais; nenhuma sublimação de poder compensa o fracasso sexual, nem estético, nem econômico ,pois a sexualidade é a dimensão híbrida do desejo e da sociedade, dos afetos ,das paixões e das realizações e das incompletudes emancipatórias ,talvez uma das formas mais claras das utopias existências e políticas(NUNES e SILVA,2000,p.126).

Contudo, é mister a articulação entre família e escola, visto que a responsabilidade pela educação integral da crianças e dos jovens é uma responsabilidade tanto da família, quanto da escola em vista disto como afirmado por Nunes e Silva um projeto pedagógico de educação sexual emancipatório deve considerar a necessidade dessa articulação, dessa responsabilidade de proporcionar uma educação integral, a qual só é possível se abranger a sexualidade.

Para isso, Saito e Leal (2000) nos ajudam a refletir sobre o conteúdo que não deve somente contemplar a reprodução em detrimento da sexualidade. A educação sexual é sim um meio e não um fim fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre fatores de risco. Ainda de acordo com estas autoras, é preciso reconhecer a criança como ser sexuado e desvincular o adolescente de estereótipos.

Sendo que como afirmado por Nunes e Silva, a educação sexual só acontece quando é assumida pela escola toda, que deve percebê-la como dimensão básica e fundamental do processo humano e educativo, necessário para a formação global do indivíduo.

Desse modo, se faz necessário que a escola, desenvolva a educação sexual de maneira a possibilitar aos jovens a construção de conhecimentos de forma emancipada de maneira que lhes possibilite conhecer seus corpos, se prevenirem, respeitar as diferenças e combater atitudes homofóbicas e sexistas.

1.7. A FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS E O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO SEXUAL

A Educação Sexual não se constitui em um tema de fácil debate, sendo ainda hoje, percebida por muitos como algo que não deve ter lugar na escola, contudo felizmente, nos últimos anos principalmente após a Educação Sexual ter aparecido nos PCNs como tema transversal, ainda que de forma um tanto quanto tímida tem surgido trabalhos de educadores que se preocupam com esta temática, procurando não só focar nos aspectos preventivos e biológicos, mas também discutir a sexualidade de forma mais ampla de maneira a proporcionar ao educando espaços para que ele discuta, reflita e emita as suas opiniões. No entanto, para que isto aconteça é necessário que o professor deseje e decida abordar estas questões sem a emissão de juízo de valor e dentro de uma perspectiva emancipatória possibilitando ao educando a oportunidade de reflexão sobre a sexualidade percebendo-a como algo natural e que envolve diversos aspectos do indivíduo tais como :os emocionais, os psicológicos os sociais, os culturais e os históricos.

A Educação Sexual, não pode e não deve se constituir em mais uma disciplina com notas e cobranças visto que a sexualidade não deve ser ensinada ,sendo portanto papel do educador estimular, debates e provocar reflexões sobre os mais diversos temas relacionados a esta temática, visando auxiliar o educando a vivenciar melhor e aprender a lidar de maneira tranquila com assuntos e tabus, dentre eles: a diversidade sexual, o aborto ,a contracepção, a homofobia, o sexismo, a violência , o abuso e a vitimacão sexual bem como as relações de gênero entre outros temas de maneira que o discente possa ser sujeito ativo nesse processo de construção do saber.

A sexualidade é uma dimensão humana que vai além de sua determinação biológica, pois é ,também, culturalmente determinada .As informações sobre ela trabalhadas na escola precisam envolver reflexão, tanto individual como coletiva, pois é esse exercício que permitirá ao educando reconhecer-se como sujeito de sua sexualidade, capaz de construir relações saudáveis e positivas e capaz ainda, de identificar possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade (FIGUEIRÓ,2006,p.17).

O Educador Sexual deve ser alguém que realmente deseje se comprometer e lidar com estas questões não bastando para isso uma formação acadêmica, ou a participação em cursos de extensão e de formação, os quais sem dúvida são importantes, mas é necessário além disto ,que o educador se comprometa com esta tarefa, visto que além de professor, o responsável pela Educação Sexual deve ser um educador e como tal deve realizar uma atividade dialética com o educando estando disposto a repensar valores e a reconstruir conceitos sem se apegar a rótulos e sem a preocupação de tachar comportamentos como certos ou errados, mas sim auxiliando o

jovem a refletir e a construir os seus conhecimentos de maneira que possam perceber a vivência sexual como algo prazeroso, sendo capaz de evitar problemas e de reconhecer e denunciar possíveis abusos e comportamentos violentos que possam estar vivenciando, bem como ainda ajudá-los a basear suas relações em atitudes que se baseiem no auto respeito e no respeito ao outro. Não podemos nos esquecer de que o objetivo fundamental da Educação Sexual consiste em ajudar as pessoas a viverem a sua sexualidade de maneira saudável e feliz, participando construtivamente da transformação dos valores e normas relacionados a sexualidade(FIGUEIRÓ, 2001,p.153).

É necessário que os cursos de pedagogia e de licenciaturas passem a possibilitar ao futuro professor uma formação voltada para a Educação Sexual e que as Secretarias de Educação também disponibilizem formação sexual para seus *professores*. Contudo, a formação do educador sexual requer mais que uma formação acadêmica, pois necessita que o próprio educador possa reavaliar as suas atitudes e conceitos e adote uma postura democrática, afim de lidar com questões diversas e até polêmicas sem a preocupação de qualificá-los em certo ou errado, sendo que para isto de acordo com Nunes e Silva, é necessário que ele faça a crítica dos papéis tradicionais ,de suas convicções ideológicas de maneira a resgatar a sexualidade humana de forma positiva, afetiva e integral, pois como afirmado por estes autores toda a educação sexual, implica em uma reeducação da própria sexualidade.

(...) Não se faz educação sexual de maneira dogmática e doutrinária .Nem todavia se pode sustentar um projeto de educação sexual sobre o voluntarismo espontaneísta, mesmo aquele carregado de boas intenções e altruísmo. A vontade deve ser o motor das práticas transformadoras mas esta somente se completa com a consciência crítica que deve ser sistematicamente buscada pela ciência e trabalho intelectual de pesquisa e de aprofundamento(NUNES eSILVA,2000,p.109).

Dessa maneira para que a educação sexual surta efeitos se faz necessário um trabalho constante e bem organizado planejado por meio de atividades que estimulem a participação dos alunos e que os deixem à vontade para levantar questionamentos e a emitirem as suas opiniões, sendo que as dinâmicas de grupo, o debate, as rodas de conversas, as atividades lúdicas, a arte e a literatura se constituem em ótimos recursos para auxiliarem os educadores nessa tarefa de proporcionar uma educação sexual humanista e emancipatória que possibilite a professores e alunos o desenvolvimento de uma consciência crítica que lhes possibilite o desenvolvimento de atitudes coerentes que confirme o pleno exercício da cidadania. “(...) Qualquer tentativa de inovação da prática pedagógica não pode dar-se no vazio, mas precisa estar atrelada a todo um

conjunto de lutas pela valorização e pela melhoria da profissão docente. (FIGUEIRÓ, 2006,p.62)”.

Além disso, se faz necessário que haja também a formação de todo o corpo de funcionários da escola, visto que eles também devem participar do processo educativo dos alunos, sendo preciso também que haja a melhoria das condições de trabalho do professor como um todo, passando pelas condições físicas da escola, dos materiais didáticos, do salário e da adequação da carga horária de preferência somente em uma escola, para que ele possa ter tempo para estudar e melhor preparar as suas aulas.

Em 2007, foi criado o Programa de Saúde na Escola, o (PSE), que é um programa criado em parceria pelo Ministério da Saúde e Ministério da Educação, instituído pelo Decreto Presidencial Nº 6.286, a fim de desenvolver ações para a melhoria da qualidade de vida da população do Brasil, sendo que foi firmado uma parceria entre saúde e educação para o efetivo desenvolvimento das ações de saúde do programa as quais estavam ligadas, também, às ações voltadas para a Educação Sexual e as diversas questões ligadas a Sexualidade. Esperava-se que o referido programa desenvolvesse ações que mobilizassem todos os profissionais da escola, devendo inclusive estar presente no projeto político-pedagógico da mesma, sendo que para que o programa funcionasse de fato, era mister a união entre os profissionais da saúde e os da educação.

O PSE é dividido em três componentes: I- Avaliação clínica e psicossocial, II Promoção e Prevenção a Saúde, no qual se engloba a educação sexual, e a educação para a saúde reprodutiva e o III, o de Formação. Sendo este componente responsável por formar jovens multiplicadores e oferecer cursos de qualificação para os professores. Podemos perceber que um dos principais objetivos do PSE é contribuir para a prevenção da AIDS, do HIV, das DSTS e da gravidez indesejada na adolescência.

Contudo por vários fatores, a efetivação desse programa na prática acaba enfrentando diversas barreiras, entre elas o fato de alguns diretores não aceitarem o componente, como afirmado por um dos nossos entrevistados, além do fato de muitos professores não se sentirem a vontade e preparados para abordar a temática em suas aulas, o que faz com que mesmo após a formação oferecida pelo programa muitos não busquem esta formação e não envolvam os conteúdos em suas aulas, visto que ainda para alguns professores este é um assunto que deve ser tratado pela professora / professor de biologia, como se a sexualidade se restringisse a questões físicas e biológicas.

Sendo muito interessante uma ação deste programa que envolve diretamente os alunos, os quais devem ser multiplicadores dos conhecimentos adquiridos no programa (a chamada educação entre pares, a qual disponibiliza de material próprio e com linguagem voltada para os jovens) a fim de que eles realizem ações práticas para divulgar os conteúdos trabalhados. Acreditamos que estas ações poderiam se estender também aos pais e aos professores de forma intensa e contínua a fim de que as ações do programa pudessem atingir um público maior.

A vivência sexual é garantida pelos Direitos Sexuais, conhecer o próprio corpo, decidir o momento da maternidade e da paternidade, escolher o parceiro ou a parceira, receber orientação sobre como se prevenir de gravidez indesejada, de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, bem como da exploração sexual, da violência da pedofilia são direitos de homens e mulheres. Para que o indivíduo seja saudável, a sua vida sexual também deve ser saudável, sabemos que a forma como o indivíduo percebe a sexualidade reflete na forma como vai vivenciá-la e na maneira como irá lidar com o outro, sendo que tabus, mitos e preconceitos muitas vezes fazem com que estes indivíduos não se sintam à vontade ao lidar com a sexualidade o que acaba lhes trazendo problemas de ordem sexual, os quais irão se refletir nos outros aspectos de suas vidas também e na forma como lida com o outro..

Na década de 80, com a explosão da AIDS, os alunos de muitas escolas, passaram a receber palestras de profissionais de saúde, os quais se preocupavam em abordar de forma clara, cuidados necessários, para a prevenção desta e de outras doenças sexuais, bem como os cuidados necessários para se evitar a gravidez precoce e indesejada. Sendo que ainda hoje estes temas são pertinentes, tendo em vista o número ainda grande de jovens que engravidam e que acabam muitas vezes abandonando a escola e de jovens infectados pela AIDS e outras doenças relacionadas à sexualidade.

Entretanto nem sempre a gravidez precoce é indesejada sendo que, em muitos países e culturas e até mesmo no Brasil de poucas décadas atrás a gravidez precoce era até estimulada, visto que as meninas se casavam cedo e eram educadas para serem mães e donas de casa precocemente, fato que ainda ocorre em algumas regiões do mundo. Contudo um dos fatores que causa problemática a esta situação é a questão social e econômica, na qual as adolescentes ainda sem estudos e educação, sem trabalho, sem um companheiro, e que muitas vezes são filhas e netas de mulheres solteiras e que também foram mães muito cedo, as quais enfrentam graves problemas de ordem econômica e social acabam sendo também mães muito cedo e muitas vezes por isso deixam a escola. Um outro fator preocupante está

também no fato de muitas dessas jovens viverem em situação de risco em relação às drogas e às doenças, visto que se engravidaram, não usaram preservativos.

Outro problema grave relacionado à sexualidade ativa é o aborto, que apesar de ser ilegal no Brasil é praticado por um grande número de mulheres, que o realizam por opção, por vários motivos ou muitas vezes por pressão do companheiro que não apoia a sua gestação, dados do Ministério da Saúde atestam o alto número de abortos realizados no nosso país e a alta taxa de mortalidade de mulheres que optam pelo aborto clandestino e em péssimas condições de higiene.

No Brasil, embora seja ilegal, o abortamento é praticado por milhares de mulheres. Algumas estimativas indicam que são realizadas 750mil abortamentos/ano, outras estimativas indicam 1,4 milhão/ano (...) Como o procedimento é ilegal, torna-se difícil saber o número de abortamentos realizados. Mas as complicações que resultam de abortamentos inseguros, feitos em condições precárias de higiene, levam um número muito grande de mulheres aos prontos-socorros todos os dias(BRASIL,2006,p.85).

Para os padrões atuais no nosso país a faixa etária considerada ideal para que os jovens se tornem pais é preferencialmente após os 20 anos, desejando-se ainda que estes jovens tenham concluído seus estudos e possam se responsabilizar por suas despesas através de um trabalho. Contudo nem sempre é assim que acontece, então é mister que haja a participação da família e da escola nesse processo visando educar e preparar o jovem para que ele não corra riscos desnecessários e nem seja pai ou mãe precocemente. Entretanto, como citado por um dos nossos entrevistado o médico, se faz necessário um trabalho de Educação Sexual também com as famílias as quais muitas vezes não são educadas sexualmente.

Podemos diagnosticar através dos questionários que muitos pais e mães acabam estimulando comportamentos machistas, sexistas e homofóbicos e ainda sentem dificuldades em tratar de questões ligados à sexualidade com seus filhos, tivemos informações ainda de que alguns jovens nas escolas pesquisadas são orientados por seus pais e pelas suas igrejas a não participarem de palestras ou aulas que tratem de temas ligadas a sexualidade, sendo estes jovens orientados a só iniciarem suas vidas sexuais após o casamento. Demonstrando uma educação sexual centrada na repressão, na qual a prática sexual é ligada ao pecado, tendo chamado a atenção a fala de alguns professores, os quais também demonstraram certo constrangimento ao falarem sobre o tema e utilizaram termos que associavam a vivência sexual ao medo, tendo chegado um professor a afirmar ser importante implantar a “pedagogia do terror”, ou seja para ele a Educação Sexual na escola deve ser trabalhada de maneira que faça com que os jovens dos dois sexos tenham medo de terem filhos, tendo ficado evidente

em sua fala, que a sua preocupação se centrava sobretudo na questão econômica, ou seja como um jovem e uma menina que não tem estudo, trabalho e nem recursos financeiros irão sustentar uma criança? Contudo a adolescência é uma fase de descobertas sendo que os jovens não necessitam de uma pedagogia do terror, que estimulem o medo ,a repressão e que associe a sexualidade a algo feio, sujo e proibido, mas, sim de ser orientado para que possa vivenciar a sua sexualidade de maneira saudável, prazerosa, responsável e baseada no respeito mútuo, sabendo se cuidar e cuidar do outro, conhecendo seu corpo, os métodos preventivos e contraceptivos afim de ter um vida sexual e afetiva feliz , para que venha a ser pai ou mãe apenas quando realmente esteja com condições econômicas e preparado biológica ,física ,psicológica, emocionalmente.

A epidemia da AIDS trouxe novos desafios éticos e para a saúde pública. Por um lado reforçou-se a necessidade de prevenção das doenças de transmissão sexual em geral. Percebeu-se, também, que o controle dessas doenças não estava associado apenas a vontade pessoal e ao diagnóstico e tratamento ,mas a promoção de transformações socioculturais e da qualidade das relações humanas (BRASIL,2006,p.95).

Contudo, apesar de nesse momento ter ficado evidente a necessidade da Educação Sexual na escola, ainda assim as iniciativas entre os profissionais da educação é tímida, visto que a maioria das ações nesse período ficaram restritas aos palestrantes de saúde que eventualmente compareciam a escola. Contudo, muitas vezes estes profissionais ainda encontram resistência por parte da escola e das famílias que acreditam que estes assuntos não são para serem tratados na escola. Sendo que isto acontece até hoje como afirmado pelo médico em sua entrevista na qual relata que alguns diretores, a maioria deles evangélicos não aceitam muito bem a presença dos palestrantes nas escolas geridas por eles. Ficando evidente que a Educação Sexual e a sexualidade ainda causa uma certa estranheza para algumas pessoas ao serem tratados na escola.

Como ressaltam Asinelli-Luz, Morales e Manikowski (2007), a prática da educação sexual na escola reflete como o/a educador/a percebe, vivencia e representa a sua própria sexualidade. Estudo realizado com profissionais das áreas de educação e saúde vinculadas ao Programa Saúde e Prevenção nas Escolas, dos Ministérios da Educação e da Saúde, em diferentes municípios brasileiros, mostra que temas como aborto, preconceito, orientação sexual, exploração sexual e violência sexual, por exemplo, raramente são trabalhados na escola, assim como há pouco aproveitamento do espaço escolar para a discussão e conhecimento por parte dos/as estudantes e professoras/es sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ainda,

segundo as autoras, da mesma forma, discussões sobre o uso de preservativo (masculino e feminino), a prevenção do HIV e AIDS, a gravidez na adolescência, sem a devida discussão e reflexão sobre a maternidade e paternidade responsável, podem ajudar na manutenção de uma representação de sexualidade que domestica e medicaliza os corpos.

Em relação ao PSE, programa de saúde, fica evidente a preocupação através de seus materiais em se trabalhar a sexualidade de uma forma mais ampla, buscando realizar um trabalho mais amplo dinâmico e voltado para o aluno e o professor que receberia qualificação para desenvolver esta temática, existindo ainda a chamada educação em pares voltada para a formação de jovens multiplicadores os quais após participarem do programa ficam incumbidos de passar adiante seus aprendizados. Porém, por se tratar de um programa muito amplo que desenvolve ações que envolvem a saúde do educando como um todo, percebe-se que na prática na escola pesquisada as ações do PSE acabaram ficando restritas às visitas espaçadas dos profissionais de Saúde que realizaram palestras relacionadas à saúde e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, prevenção a gravidez e outras ações ligadas a saúde tais como Saúde bucal, hábitos de higiene, orientação alimentar e prevenção a doenças em geral. Deixando claro que o PSE, na escola pesquisada não está sendo realizado de fato pois não está desenvolvendo e nem auxiliando diretamente o trabalho dos professores com atividades ligadas a Educação Sexual. Desta forma, fica claro que as atividades por ele desenvolvidas na escola ligadas a educação sexual e sexualidade acabam ficando restritas às ações de prevenção à saúde e as questões biológicas, realizadas por profissionais da saúde e por agentes do programa os quais visitam eventualmente a escola quando solicitado por algum professor, porém estas visitas percebe-se que são raras. Sendo que não houve informação sobre alunos desta escola que tenham de fato participado do educação em pares, o qual serviria para que eles se tornassem multiplicadores de conhecimento na sua escola. Ficando claro assim que na prática o PSE não conseguiu cumprir seu papel e suprir a lacuna da formação e da oferta de Educação Sexual.

Concluimos ao entrevistarmos os professores a falta de preparo dos mesmos para lidarem com esta temática, nota-se que muitos desses profissionais não se sentem preparados e não percebem a necessidade de buscar conhecimentos nessa área, procurando manter-se fora desta questão, como se isto não fizesse parte de seu trabalho. Além de constantemente confundirem sexo com sexualidade e ainda associarem a Educação Sexual a aconselhamentos e medicalização, acreditando ainda que os professores de biologia seriam os mais adequados para tratar destas questões, o que não deixa de ser reflexo da educação sexual que receberam

quando jovens, a qual não trabalhava a sexualidade dentro de uma perspectiva histórico-cultural.

Entender a sexualidade de uma perspectiva histórico-cultural, como fator de aprendizagem e interação social, significa superar os limites impostos pela educação escolar. A possibilidade de vivenciar a diversidade das relações afetivas e sociais provocada pela educação sexual contribui para a compreensão e uma experimentação de novas possibilidades do exercício da alteridade em contextos mais amplos que os familiares, e é dessa forma que "o indivíduo se humaniza quando a cultura impregna a biologia, e um novo ser, assim redefinido, se eleva como pessoa (BRASIL, 1994, p. 11).

E essa deve ser, por fim, a principal justificativa para que o tema seja discutido e trabalhado na escola e nos cursos de formação docente.

1.8. A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS PCNS EM CONTEXTO ESCOLAR

A Educação Sexual, deve ser trabalhada de forma inter e transdisciplinar, ou seja, ela não deve ser uma nova disciplina, mas deve ser trabalhada dentro de todas as disciplinas e por todas as disciplinas que deverão ultrapassar os limites de suas áreas e abrir espaços para reflexões e debates sobre a realidade extraclasse dos alunos.

De acordo com os PCNs (1997) a interdisciplinaridade, busca derrubar as barreiras existentes entre as diversas áreas do conhecimento, apresentando uma preocupação mais epistemológica enquanto que a transversalidades busca possibilitar conhecimentos teóricos e sistematizados sobre a realidade e na realidade.

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimentam-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extraescolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos (BRASIL, 1997p. 31).

Acreditamos que o adolescente deve sentir-se seguro e com autonomia para tomar as suas decisões, buscando seus direitos e exercendo seus deveres. Os PCNs, ao tratar da Educação Sexual afirma que esta temática deve ser tratada dentro de uma perspectiva transdisciplinar, possibilitando ao educando uma visão ampla e que permita uma reflexão crítica da realidade.

Entretanto, apesar da sexualidade ser um tema transversal presente nos (PCNs), a maioria dos livros didáticos que tratam do tema, continua se prendendo a características físicas e biológicas e a descrição dos aparelhos reprodutivos e as suas funções.

Porém, diferentemente dos livros de ciências, os PCNs, afirmam que o corpo deve ser discutido como matriz da sexualidade, orientando portanto que os professores façam uma discussão mais ampla sobre a sexualidade, não se limitando somente as questões, anatômicas, fisiológicas.

O corpo é concebido como um todo integrado, de sistemas interligados e inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer/desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que se considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, este todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social (BRASIL, 1997, p.p. 139-140).

Além disso, os PCNs, também propõem que se abordem questões relativas às relações de gênero, destacando o caráter histórico-cultural do ser homem e mulher. Sendo fundamental ainda que, sejam combatidas opiniões sexistas que representem discriminações e preconceitos. A inclusão do tema relações de gênero nos PCNs "tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação" (Brasil, 1997, p. 144).

No entanto, apesar desses avanços, Altmann (2001) aponta uma série de críticas ao texto dos PCNs. Para a autora, a orientação sexual nos PCNs é entendida como sendo de caráter informativo, e a sexualidade é entendida como um "dato da natureza", "algo inerente" e "necessário", falando-se, às vezes, em "necessidade básica", contrastando com uma perspectiva histórico-cultural sobre a sexualidade:

Há, nestes trechos, indicativos normalizadores da sexualidade. Ela é vista sob o ponto de vista biológico, atrelada às funções hormonais. Quanto à experimentação erótica, à curiosidade e ao desejo, estes são considerados comuns, quando a dois. A potencialidade erótica do corpo a partir da puberdade é concebida como centrada na região genital, enquanto à infância só é admitido um caráter exploratório pré-genital. Os "conteúdos devem favorecer a compreensão de que o ato sexual, bem como as carícias genitais, só tem pertinência quando manifestado entre jovens e adultos" (ALTMANN, 2001, p. 581).

Em outros momentos dos PCNs são mencionados aspectos históricos da sexualidade, mas, como ressalta ainda Altmann (2001, p. 581): "esta dimensão histórica é pensada como

sendo construída em cima de algo naturalmente dado. Em outras palavras, a sexualidade e o sujeito são pensados como essências sob as quais há um investimento da cultura".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais representam avanço no tocante a questão da abordagem da Educação Sexual, contudo como apontado por Altmann, continuam abordando a temática de forma informativa apresentando a sexualidade como necessidade básica, deixando ainda questões importantes de lado.

A Educação Sexual nunca fez parte do currículo escolar, sendo que ao longo dos anos ela surgiu muito timidamente atrelada aos modelos e as situações históricas e culturais pelas quais passava a sociedade.

A década de 90, contudo trouxe uma nova forma de se trabalhar a Educação Sexual, visto que nessa época surgem os PCNs, dentre os quais o que apresenta a Sexualidade como um eixo temático e transversal afim de que os professores de todas as disciplinas abordem em suas aulas esta temática de forma a trabalhar os diferentes aspectos e situações atreladas a esta questão sem ficar preso somente a questões de saúde e prevenção, mas sim percebendo o corpo como matriz da sexualidade e possibilitando reflexões e questionamentos que possibilitem debates acerca de mitos e tabus atrelados a esta temática. Sendo que após os PCNs, surgiram alguns trabalhos relacionados a esta temática, procurando discutir a Educação Sexual dentro de uma perspectiva emancipatória.

Contudo, apesar dos PCNs, serem percebidos como um avanço eles ainda assim foram criticados por alguns autores como Altmann (2001) que afirma que os PCNs naturalizam e apresentam a sexualidade como algo quase que mecânico como função básica, sem porém observar e discutir a sexualidade observando questões históricas sociais e políticas.

Nos últimos anos têm surgidos novos trabalhos e programas abordando a Educação Sexual, dentre eles o PSE (Programa de Saúde e Prevenção nas escolas), de 2006, programa este que envolve ações preventivas e de saúde como um todo, tendo, porém espaço para a discussão sobre a Educação Sexual, por meio de um guia de formação para profissionais de Saúde e de Educação que por meio de oficinas e dinâmicas visa discutir temas como DST e AIDS, gravidez e contracepção, passando ainda por relações de gênero, violência e abuso sexual, sexualidade de pessoas com deficiência e homossexualidade na escola, procurando enfatizar a importância da parceria entre família e escola na educação sexual dos jovens.

Ainda dentro dessa temática o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e a UNESCO (Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2004, apresentaram a Coleção Educação para Todos, a qual traz títulos que abordam a Sexualidade, dentre eles o

volume ‘Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas’(2009), visto que a homofobia se constitui em um grave problema de violência na nossa sociedade tendo ocorrido inclusive casos de bullying na escola decorrentes de discriminações e preconceitos envolvendo alunos e professores homoeróticos. Os textos trabalhados neste livro, discutem a escola como um espaço onde a homofobia é muitas vezes fomentado, buscando instigar os educadores a utilizar o espaço escolar para promoverem o reconhecimento e o respeito as diferenças e as diversidades sexuais inclusive em se tratando de relações homoafetivas, visto que de acordo com os direitos sexuais a vivência sexual é um direito de todos, sendo que a violência e a exploração sexual devem ser combatidas. .

Contundo, porém algumas ações do MEC nos últimos anos geraram polêmica como o Kit contra a homofobia, (Brasil sem homofobia) o qual é composto por Vídeos e cartilhas que trabalham a diversidade sexual, envolvendo relações de gênero, homoerotismo, bissexualismo, lesbianismo entre outros temas, visando combater ações e atitudes homofóbicas na escola. O Kit de acordo com o MEC ,destinava-se ao Ensino Médio e a formação dos professores. Porém, este material, foi duramente criticado por segmentos religiosos, e outros segmentos da sociedade que o acusaram de não estar focado no combate a homofobia, mas sim na exaltação de opções sexuais, através de textos e imagens que foram por eles consideradas fortes e que poderiam interferir e influenciar a sexualidade dos jovens e crianças ,já que segundo estes grupos este Kit iria ser distribuído a crianças de 07 a 12 anos de idade.

Após muita polêmica e discussões, o Kit contra a homofobia acabou sendo vetado pela presidenta Dilma, que considerou impróprio e inadequado o conteúdo do material, o qual, fazia parte do projeto Escola sem Homofobia e havia sido avaliado pelo Conselho Federal de Psicologia, pela Unesco e UNAIDS (o conjunto das nações unidas sobre HIV e AIDS que haviam dado o parecer favorável ao material, o qual ainda assim, não foi aprovado pela presidenta, o que afastou a possibilidade do mesmo ser utilizado na escola.

De acordo com os PCNs, (1997)a Educação Sexual é um tema transversal, que como tal deve ser trabalhado de maneira a discutir a realidade do educando, sendo assim, observando a faixa etária dos alunos é importante que se discuta com eles os mais variados temas afim de que, desde cedo, a criança aprenda a respeitar as diferenças e não desenvolvam comportamentos e atitudes de violência contra aqueles que apresentarem um comportamento sexual diferente do seu.

Para os estudiosos do tema a Educação Sexual não deve se prender apenas a questões físicas e biológicas, ou aos cuidados e prevenções às doenças sexuais e gravidez indesejada,

mas deve também discutir mitos e tabus relacionados a esta temática . Devendo o educador receber formação para que discuta de forma clara, tranquila e sem a emissão de juízo de valor, todos os temas relacionados a sexualidade respeitando os conhecimentos prévios dos alunos e observando a realidade social na qual o aluno vive.

Para Vitiello (1995) a Educação Sexual deve acontecer em uma parceria entre a família e a escola, dessa forma, se faz necessário que os pais estejam presentes e abertos às discussões que envolvam esta temática, devendo a escola permitir que haja espaço para que os jovens relatem as suas experiências e busquem soluções para as suas dúvidas.

Autores como Nunes e Silva, (2000) enfatizam que o tema deve ser trabalhado dentro do enfoque emancipatório, considerando-se as questões, sociais, culturais e políticas, ou seja o meio no qual o aluno está inserido.

De acordo, com os PCNs (1997) a Educação Sexual deve acontecer na escola de maneira transdisciplinar, sendo que a partir da quinta série, ou hoje, de acordo com a nova nomenclatura, sexto ano, deve ser criado na escola um espaço formal no currículo com um professor que se disponibilize a trabalhar este tema. Desse modo, conclui -se que os PCNs, representaram um importante passo para que a Educação Sexual acontecesse na escola, apesar de ainda apresentar a sexualidade quase como uma necessidade básica, sem contudo levar em consideração aspectos importantes de caráter social, cultural e histórico no qual o indivíduo está inserido. Desse modo, propomos a educação sexual para além dos PCNS, oportunizando espaços para a reflexão, e os debates de forma clara e sem a emissão de juízo de valor, sobre os diversos aspectos e formas de manifestação da sexualidade.

CAPÍTULO II - PERCURSOS METODOLÓGICOS

2.1. TIPO DE PESQUISA

A nossa pesquisa é quali-quantitativa, a qual se constitui na abordagem ideal para chegarmos aos nossos objetivos, visto que esta permite uma análise profunda e subjetiva do tema em estudo, permitindo também a análise quantitativa dos dados.

A abordagem quantitativa se mostra apropriada quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis, de variáveis e interferências a partir de amostras de uma população. Esse tipo de pesquisa usa medidas numéricas para testar hipóteses ou buscar padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos. Em contrapartida, a pesquisa qualitativa caracteriza-se, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo. Embora distintas essas abordagens são complementares; sua combinação tem por finalidade realizar um mapeamento das características e das percepções dos sujeitos. (Navarro, 2005, p. 16).

Para a coleta de dados buscamos as fontes, por meio de dados estatísticos do Ministério da Saúde, do Ministério da Educação, além da Secretaria de Educação do Estado de Sergipe e das escolas pesquisadas que nos permitiriam perceber o número de jovens e adolescentes que contraíram doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, que engravidaram precocemente ou que sofreram qualquer tipo de abuso e que por isto deixaram a escola. Nestes locais, buscamos ainda informações e relatos entre outros documentos, tais como relatórios e informativos que possibilitaram um diagnóstico da vida estudantil destes jovens, sendo constatado porém que nem as escolas nem as secretárias, ou o PSE dispõem de dados pesquisados ou documentos que nos forneçam estas informações. Tendo sido, por este fato, necessário recorrermos a dados mais gerais relativos a todo o país que fornecem estes dados e aos relatos dos entrevistados que afirmaram a existência de diversos problemas, bem como atestam a eficácia e a importância da oferta da Educação Sexual na escola, a qual contribui para minimizar estes problemas.

2.2. PROBLEMA

Muitos dos nossos alunos, apesar de parecerem informados, ainda estão em situação de risco, levando-se em consideração casos de DSTs entre alunos e um grande número de gravidez precoce e indesejada, bem como casos de abortos e abuso sexual, além de existirem nossas escolas muitos alunos vítimas de homofobia, preconceitos e discriminações.

Questão de Pesquisa: Quais as concepções de professores, e dos representantes do PSE e da Secretaria de Saúde e da Educação de Sergipe a respeito da Educação Sexual e para a Saúde nas escolas, e quais as percepções de pais e alunos acerca dessa temática?

A implementação da Educação Sexual na escola contribui de fato para que os jovens vivenciem a sua sexualidade de forma mais plena e responsável, de modo que apresentem menos problemas relacionados à sexualidade do que aqueles que não recebem Educação Sexual na escola?

2.3. OBJETIVOS

- **GERAL:** Analisar as concepções dos professores e dos representantes do PSE e da Secretaria de Estado da Educação e da Saúde de Sergipe sobre a educação sexual, bem como verificar as percepções dos discentes e de seus pais a respeito da oferta desta na escola
- **ESPECÍFICOS:** Diagnosticar se os jovens que estudam na escola que oferece Educação Sexual apresentam menos problemas relacionados com a sexualidade, quando comparados com jovens que não recebem Educação Sexual na escola.
- Coletar as opiniões e informações junto da Escola, dos pais e de alunos acerca de problemas e de comportamentos de risco nas duas escolas pesquisadas.
- Identificar o modelo e o funcionamento do programa de Educação Sexual/Educação para Saúde desenvolvido pelas Secretarias de Educação e de Saúde de Sergipe.

A fim de elucidarmos estas questões e coletarmos os dados referentes ao nosso estudo, realizamos uma pesquisa em 02 escolas de Aracaju, sendo que optamos por uma escola que oferece o PSE(Programa de Saúde nas Escolas), o qual aborda a sexualidade e outra que não oferece o referido programa, objetivando traçar um comparativo entre as duas escolas para percebermos se a oferta da Educação Sexual através desse programa trouxe mudanças significativas no comportamento sexual dos jovens, sobretudo no tocante a ocorrência de casos relacionados a problemas sexuais nestas duas escolas.

A relevância deste estudo se deu na medida em que nos permitiu perceber as concepções dos professores e dos demais representantes dos órgãos pesquisados, bem como as percepções de discentes e pais a respeito da Educação Sexual na escola. Tendo-nos possibilitado ainda, através da análise dos dados percebermos, se a oferta da Educação Sexual na escola, trouxe de fato mudanças significativas para o comportamento sexual desses jovens, fazendo com que os mesmos não tenham comportamento de risco, bem como tenham passado a lidar com a sexualidade de forma emancipada, plena, responsável segura e respeitando as diferenças.

2.4. LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na escola Estadual “Monsenhor Carlos Camélio Costa”, com alunos do EJAEM, (Educação de jovens e Adultos Ensino Médio,) e na Escola Estadual Barão de Mauá, com alunos do 1º ano do Ensino Médio, sendo que a primeira não desenvolve o PSE (Prevenção e Saúde nas Escolas) e a segunda desenvolve. Optamos pelas duas escolas a fim de traçarmos um comparativo entre elas no que se refere a Educação Sexual.

Caracterização das escolas

- Colégio Estadual Barão de Mauá que está situado na Rua 2 do Conjunto Orlando Dantas, e oferta o Ensino Regular. Conta com 260 alunos no Ensino Fundamental e 738 alunos no Ensino Médio, totalizando 998 alunos. Fazendo parte do quadro desta escola:69 professores,03 coordenadores,01 secretária e 1 diretora. A referida escola conta com laboratório, quadra poliesportiva e biblioteca.
- Escola Estadual Monsenhor Carlos Camélio Costa, situada na rua Alagoas S/N
- no Bairro Jose Conrado de Araújo, que oferta o ensino regular com 287 alunos e o EJA com 391 alunos totalizando 678 estudantes, fazendo parte do quadro da escola 15 professores,02 coordenadoras,01 secretária e 01 diretora. Esta escola possui internet quadra poliesportiva, biblioteca e sala de recursos.

2.5. PARTICIPANTES

A População ou os sujeitos da pesquisa foram 6 professores(as), para percebermos quais as suas concepções a respeito da Educação Sexual, os quais foram escolhidos dentre os professores das duas escolas, pesquisadas, sendo que quatro desses professores eram da escola Carlos Camélio Costa e dois da escola Estadual Barão de Mauá, sendo que os dois professores da segunda escola citada, foram sugeridos pelo representante do PSE, pelo fato, desses professores desenvolverem atividades e /ou projetos relacionados a Educação Sexual.

Um dos nossos outros entrevistados foi o representante do PSE em Sergipe ,pelo fato desse programa ter um componente, voltado para a educação Sexual e às Sexualidades, voltado para os alunos bem como para a formação de discentes, o qual é desenvolvido em uma das nossas escolas pesquisadas. Procuramos através desta entrevista perceber a concepção desse programa acerca da Educação Sexual e como este programa está sendo desenvolvido.

Entrevistamos ainda o representante da Secretaria de Estado de Educação (SEED),responsável pela oferta de cursos de formação aos professores da rede Estadual ,a fim também de perceber como a Secretaria de Educação do nosso Estado percebe a Educação

Sexual e de identificar quais as ações desenvolvidas por esta secretaria relacionadas à sexualidade voltadas para discentes ,bem como para a formação de professores .Além do representante da Secretária de Saúde do nosso Estado, a qual desenvolve o PSE, em parceria com a SEED, sendo que o representante desta secretaria, é responsável por um grupo que realiza trabalho preventivo e de apoio a pacientes de DSTs e AIDS aqui no nosso Estado, além de realizar palestras voltadas para a comunidade escolar.

De acordo com Marconi e Lakatos a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo, a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (2003, p.163).

Tabela 1- Amostra -Sujeitos participantes na pesquisa.

SUJEITOS	FONTES	QUANTIDADES
Discentes	Entrevistas	6
Representante do PSE.	Entrevista	01
Representante da Secretária de Educação/Formação de Professores	Entrevista	01
Representante da Secretaria da Saúde.	Entrevista	01
Alunos	Questionários	100
Pais.	Questionários	100
	TOTAL	209

Tabela 2A - Identificação Dos Professores Entrevistados na Escola Carlos Camélio Costa.

Nome	Idade	E. civil	Religião	Disciplina
P1	34anos	Casado	Católico	Matemática
P2	52 anos	Solteiro	Católico	Geografia

P3	41anos	Casada	Católica	Inglês
P4	43anos	Casada	Católica	Inglês

Os professores da escola Carlos Camélio Costa , na sua totalidade se declararam católicos, sendo um solteiro e três casados, com idades variando dos 34 aos 43 anos.

Tabela 2-B. Identificação dos professores do Barão de Mauá.

Identificação	Idade	Religião	Estado civil	Disciplina
P5 -D.	38	Católica	Casada	Biologia
P.6 -S.	41	Espírita	Solteiro	Matemática

Quanto aos professores da escola Barão de Mauá, um se declarou espírita e uma católica, sendo 1 solteiro e 1 casada, tendo 1, 41 e o outro, 38 anos.

2.6. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Quanto à abordagem qualitativa, foi traçada mediante as entrevistas semi - estruturadas e gravadas com professores e com os representantes do PSE e das Secretárias de Educação e da Saúde do Estado de Sergipe, as quais possibilitaram perceber as concepções dos entrevistados acerca da Educação Sexual. .

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. Para Goode e Hatt (1969:237), a entrevista "consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação" (MARCONI,LAKATOS,2003,pg.195).

Afim de coletarmos opiniões de pais e alunos e informações relacionados a questão da Educação Sexual e da sexualidade, aplicamos questionários para pais (100) e (100) alunos, sendo que por uma questão de facilitar a análise dividimos este número de alunos entre as duas escolas, sendo que, o número de aluno em uma das escola estava bastante reduzido, tendo dessa

forma, em uma das escolas participando da pesquisa somente 39 alunos, sendo o restante dos sujeitos 61 alunos da outra escola pesquisada. Este questionário utilizado foi fechado e com questões do tipo modelo Likert,

com algumas questões iguais e algumas específicas e direcionadas aos pais ou aos alunos, do 1º ano do Ensino Médio, das referidas escolas, a fim de caracterizar e obter a opinião deles sobre a Educação Sexual na escola, bem como perceber se a ocorrência de problemas relacionados a sexualidade é menor entre os alunos que recebem educação sexual na escola.

De acordo com Marconi e Lakatos, "Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. 2003, p.g.101)."

A amostra aplicada foi o da Amostragem Não Probabilística por Conveniência ou Acidental, já que este tipo de amostra facilita a seleção de amostras, facilitando também a análise dos dados e reduzindo os erros de amostragem.

Os procedimentos de pesquisa se deram por meio de elaboração de análise crítica, de discurso, a partir de entrevistas com os professores, representantes da Secretaria de Educação, Secretaria da Saúde e representantes do PSE, bem como pela análise das diretrizes do(PSE.). Visando identificar o modelo, as concepções e a coleta de informações, bem como, as suas opiniões em relação as contribuições que a Educação Sexual pode oferecer para que os alunos lidem melhor com a sexualidade.

A análise de discurso surge (AD) na França, na década de 60, do século XX com o intuito de estudar a linguagem enquanto ação ,enquanto atividade esperada pelos sujeitos .As diversas formas das palavras, significam conforme ORLANDI(2001) da palavra pronunciada pelo homem, o que significa, o que o constitui e constitui a sua história. A 'AD concebe a linguagem como mediação.

Para fazermos um comparativo, realizamos a pesquisa em duas escolas Estaduais de Aracaju, uma que desenvolve o PSE (Programa de Saúde e Prevenção na escola) e outra que não oferece o referido programa. Dentro dessa abordagem buscamos ainda analisar as diretrizes do PSE, para percebermos o modelo de Educação Sexual abordado neste programa.

Através do questionário e das entrevistas buscamos também, levantar informações nas duas escolas para traçarmos um comparativo entre o comportamento dos alunos da escola que oferece Educação Sexual e da escola que não oferece afim de detectarmos diferenças e semelhanças no comportamento dos dois em relação à sexualidade, bem como identificarmos ocorrências de casos de gravidezes, afim de diagnosticarmos se a Educação Sexual oferecida

através do projeto desenvolvido em uma delas, modificou e trouxe melhorias para o comportamento sexual de seus alunos tornando-os jovens cuidadosos, saudáveis e mais responsáveis.

2.7. TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

As técnicas de análise de dados se deram por meio de Análise de discurso. Bem como através de análise quantitativa estatística para os questionários aplicados aos alunos e pais com a elaboração de relatório crítico e de tabelas e gráficos que ilustrem os dados de porcentagens e estatísticas.

Ainda hoje falar sobre sexualidade na escola causa um certo estranhamento sobretudo ao se falar de diversidade sexual ou seja das sexualidades em suas diversas formas de se manifestar, Sendo que o conceito de sexualidade é muitas vezes confundido com o de sexo ,fazendo com que muitas pessoas ainda se neguem a tratar desta questão na escola, Contatamos que uma grande parte das pessoas que se negam a discutir a sexualidade na escola e que declaram que este não é um assunto para ser discutido na mesma, declararam pertencer as religiões cristãs tradicionais, sobretudo a evangélica.

Para realizarmos a presente pesquisa inicialmente nos debruçamos em diversos autores que abordam o tema da Educação Sexual, Sexualidade e as diversas questões ligadas a ela. Em seguida, elaboramos um roteiro de entrevistas, para professores, e para os representantes do PSE, e os dois representantes da Secretaria de Saúde e da Educação, responsável pelos cursos de formação de professores da rede estadual de Ensino do Estado de Sergipe. Por meio das entrevistas buscamos perceber a concepção desses sujeitos a respeito da educação sexual, bem como se e de que forma os professores abordavam e lidavam com esta temática em suas aulas. Bem como identificar se nas duas escolas ocorreram problemas relacionados à sexualidade entre os alunos os quais tenham resultado em abandono escolar. Elaboramos também dois questionários diferenciados para pais e alunos das duas escolas pesquisadas ,para percebemos as suas opiniões sobre a Educação Sexual na Escola e demais temas ligados à sexualidade.

Em relação aos professores não encontramos muitas dificuldades para realizar as entrevistas, sobretudo no “Barão De Mauá” ,escola na qual existe o PSE, no qual detectamos contudo que apesar da existência do projeto nessa escola, as suas ações estão limitadas a eventuais palestras que abordam a Educação para a Saúde em geral bem como para a Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, AIDS e gravidez indesejada ,sendo que os professores afirmaram que estas visitas aconteceram somente de forma esporádica. Porém,

ainda assim, existe na escola um projeto voltado para a Educação Sexual , que é realizado por um professor de matemática , o qual se preocupa sobretudo com questões ligadas ao combate à homofobia e as questões de gênero e de identidade, visto que segundo o mesmo existe um número muito grande de jovens homossexuais na escola.

Ainda nesta escola entrevistamos também a professora de Biologia, a qual nos foi sugerida pela equipe do PSE, como sendo uma das responsáveis pelo programa na escola ,porém a professora nos informou que trabalhava sim a educação Sexual, centrando pelo que pudemos perceber suas aulas nas questão biológicas, físicas e de prevenção mas não por meio do PSE, visto que segundo ela no último ano a equipe do PSE, havia visitado a escola apenas uma vez, para realizar atividades voltadas para a saúde bucal, sendo que segundo a mesma ,nunca havia recebido por parte do PSE, e nem Secretária de Educação, nenhum curso de qualificação referente à Educação Sexual nesta escola, visto que a formação teve início mas não teve continuidade, sendo que em outra escola localizada no interior do Estado, segundo ela, foi oferecida a formação pelo PSE, tendo ela naquele momento tido a oportunidade de aproveitar a formação.

Em relação aos professores da outra escola, o Camélio Costa, o qual não conta com o programa ,entrevistamos quatro professores, um de matemática, duas de inglês e uma de geografia ,escolhemos professores de áreas diversas justamente para percebemos como os professores das áreas diversas lidam com esta questão, já que os PCNs afirmam que a Educação Sexual deve ser trabalhada de forma inter e transdisciplinar, sendo que os quatro afirmaram não abordarem esta temática em suas aulas, diretamente, mas somente quando surgia em alguma discussão ou situação não previamente planejada, tendo também os professores afirmado não terem sido qualificados para abordarem esta questão em suas aulas.

Em seguida, aplicamos os questionários junto aos alunos do 1ºAno das duas escolas e aos pais. Sendo que em relação aos alunos do Barão de Mauá, na qual a Educação Sexual é trabalhada pelos professores a aplicação dos questionários foi mais tranquila ,visto que os alunos já estão acostumados a discutir sobre esta temática ao longo do ano, porém na outra escola a aplicação dos questionários foi percebida com uma certa estranheza pelos alunos, sendo que alguns se negaram a responder a pesquisa. Tendo ocorrido o mesmo em relação a alguns pais, os quais afirmaram não ser este tema assunto a ser tratado na escola ,visto que para eles os responsáveis pela educação sexual dos jovens são os pais, resposta também dada por alguns alunos ,muitos dos quais evangélicos.

Além dos professores, entrevistamos também o representante do PSE ,o qual nos passou informações sobre este programa, suas ações e área de atuação .E ainda um médico., representante da Secretária da Saúde, o qual nos colocou como se dá a ação dessa Secretaria, em escolas da rede estadual nas quais acontecem palestras sobre prevenção a AIDS, DSTs e Gravidez indesejada. Em seguida, entrevistamos o representante da Secretaria de Educação ,responsável pela Formação de Professores, a fim de detectarmos se esta Secretaria oferta cursos de qualificação em Educação Sexual para os professores da rede estadual e qual seria a concepção desses cursos ofertados.

Apresentamos, no Capítulo seguinte, os dados coletados e a respectiva análise que, pensamos, vão de encontro ao problema e questão de pesquisa anteriormente enunciados, tal como aos objetivos que delineamos.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No início deste capítulo reafirmamos que o que pretendemos saber com a pesquisa realizada é o que pensam os diversos atores de duas escolas sobre a inclusão da educação sexual na escola e sua influência na alteração comportamental dos jovens estudantes. As concepções dos diversos atores são contribuições imprescindíveis para o debate alargado sobre a educação sexual, para desmistificar um conjunto de tabus e preconceitos que ainda existem nos diversos grupos sociais, independentemente do estatuto e gênero a que pertencem. Mas também para que a sexualidade não seja perspectivada como uma dimensão exterior ao sujeito como ser psicoafetivo e sócio-cultural. As múltiplas interações sociais supõem relações afetivas em que a sexualidade está presente. Não pode ser, por isso, um epifenômeno, algo abstrato e independente da multiplicidade dos comportamentos humanos.

Neste sentido, podemos, desde já, referir, em termos sintéticos, o seguinte:

3.1.1. Resultados gerais:

A partir da nossa pesquisa, chegamos aos seguintes resultados: Em relação à concepção dos professores podemos afirmar que muitos deles não entendem de forma ampla o conceito de sexualidade, chegando a confundir sexo e sexualidade. Contudo, na escola onde o PSE é aplicado, os professores possuem uma visão mais ampla, aberta e crítica a respeito desta questão, buscando trabalhar a educação sexual dentro de uma visão mais emancipatória.

A concepção emancipatória deverá, portanto ser científica, crítica e ao mesmo tempo cultural e politicamente livre. A crítica histórica dos papéis criar uma concepção ampla da sexualidade das crianças e dos jovens por aqueles que acreditam na liberdade, a liberdade dos homens e das pessoas assumirem com plenitude seu papel único de sujeitos.(...)NUNES e SILVA,p.125,2000).

Contudo, pelo que podemos perceber o trabalho dos professores desta escola é independente, visto que as ações do PSE, são tímidas e esporádicas.

Em relação às opiniões de pais e alunos nas duas escolas a grande maioria dos participantes afirmou ser favorável à Educação sexual na escola, apesar de que muitos deles pensam em educação sexual, somente no tocante à prevenção e às questões biológicas.

No tocante aos representantes das Secretárias de estado de saúde e educação, e do PSE, estes demonstraram ter uma concepção de educação sexual voltada para práticas mais democráticas, respeitando as diversidades e de promoção da autonomia, ou seja, mais próxima de uma concepção emancipatória. Contudo, a secretaria de educação, a de saúde e o próprio

PSE, que têm a função de formar os professores nesta área, acabam não desempenhando bem esta função, visto que até mesmo na escola que nos foi dada como referência do programa as ações estavam mais voltadas para a saúde. Além disso a maioria dos professores afirmaram nunca terem participado de nenhuma oficina de qualificação nesta área.

Em relação à questão se a educação sexual na escola ajuda a diminuir e a melhorar a vida sexual dos jovens, no tocante à prevenção e à quebra de preconceitos e ao respeito às diversidades, podemos afirmar que sim, a partir dos depoimentos de alguns professores, e dos representantes dos órgãos pesquisados, os quais apesar de não terem estes registros, afirmaram que na prática percebem a melhoria do comportamento dos alunos que recebem educação sexual, percebendo inclusive a diminuição no número de alunas grávidas, bem como também mudança de atitude comportamental, sobretudo no tocante ao respeito às mulheres e aos alunos GLBTS.

Educar na diversidade,(...) requer, portanto, o desenvolvimento de uma postura de abertura em relação ao “outro”: de acolhimento, de reconhecimento da legitimidade da diferença, e de rediscussão acerca dos processos de produção de diferenças e dos mecanismos de distinção e de hierarquização entre todos os sujeitos envolvidos (...) (BAUMAN,2003B:122APUD JUNQUEIRA).

Quanto ao PSE, podemos perceber a sua importância, promovendo a prevenção e o combate à homofobia e à discriminação de mulheres, contudo o programa não conta com pessoal suficiente e enfrenta algumas barreiras para chegar a algumas escolas, nas quais alguns diretores por questões religiosas não aceitam que os palestrantes abordem a sexualidade, mas somente questões de saúde. Dessa forma o programa carece de pessoal, de divulgação e de incentivo para que possa chegar a mais alunos e professores, haja vista a sua grande importância ,sobretudo pelo fato de seus representantes estarem abordando a sexualidade de forma crítica, sendo fundamental que eles tenham a oportunidade de chegar a mais professores.

De acordo com Nunes e Silva a escola deve educar para a emancipação ,a qual necessita de esclarecimento e pelo entendimento dos contextos, devendo portanto a escola proporcionar espaços que estimulem o debate e a construção de saberes, também no campo da educação sexual.

Fazemos Educação sexual não para a repressão controladora, ou para o estímulo irresponsável ,muito menos para a negação sórdida ,fazemos Educação Sexual porque os homens tem na sua sexualidade uma dimensão ontológica irreduzível (...) NUNES e SILVA,p.125,2000)

Sendo assim a educação sexual na escola deve ser debatida de forma clara e democrática, estimulando a troca de ideias e permitindo aos jovens a demonstração de suas opiniões, sempre pautadas pelo respeito mútuo.

Para facilitar nosso trabalho, dividimos em dois grupos os professores entrevistados, sendo o primeiro os dos professores do Camélio Costa, escola na qual não está sendo desenvolvido o PSE, e no outro grupo ficaram os professores do Barão de Mauá, na qual é desenvolvido o PSE.

Porém, apesar do PSE, contemplar a Educação para saúde Sexual e a Sexualidade, percebe-se que as ações deste programa na escola, estão limitadas a visitas esporádicas de agentes de Saúde, os quais desenvolvem atividades e palestras a respeito de Prevenção a doenças e gravidez indesejada, sem no entanto haver uma articulação real entre esses profissionais e os professores da escola.

Dessa forma, nesta escola a Educação Sexual fica restrita, no geral, a ação individual de professores que de forma espontânea abordam esta temática em suas aulas. Dentre esses professores destacamos a Professora de biologia, que aborda esta temática em suas aulas, porém focando-se nas questões preventivas e biológicas e o professor de Matemática que desenvolve um projeto de educação sexual voltado para as ações de combate a homofobia e para a discussão em relação as questões de gênero e de identidades.

A seguir, apresentaremos as respostas dos professores das duas escolas, depois apresentaremos a análise dos depoimentos dos professores, sendo que as perguntas encontram-se na tabela 1 A no apêndice.

Em seguida, apresentaremos os depoimentos dos representantes das secretarias de estado da educação e do representante do PSE com as respectivas análises.

Logo após apresentaremos os resultados dos questionários aplicados aos alunos das duas escolas, seguido dos resultados dos pais, tecemos em seguida a análise. Por fim fazemos um comentário geral sobre os resultados alcançados e passamos as considerações finais.

3.1.2. RESULTADOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES DA ESCOLA CAMÉLIO COSTA

Tabela 3-a. referente ao tipo de educação sexual que recebeu.

EDUCAÇÃO SEXUAL QUE RECEBEU E INFLUÊNCIA NA VIDA SEXUAL ATÉ HOJE
EXCERTO DE DEPOIMENTO (ed.)

p1- na família meus pais, mais a minha mãe trataram de forma natural. Influenciou em relação aos cuidados.
p2 - em casa. sim influenciou um pouco.
p3 -com a família influenciou.
p 4- não tive educação sexual, (...) Busquei estas informações. Sim, influenciou.

A família foi a base da educação sexual do **P.1**, focando esta educação nos cuidados e na prevenção em relação às doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. Percebe-se que o entrevistado foi educado sexualmente em casa, tendo ficado este papel reservado, principalmente para a mãe que se preocupou em educá-lo sexualmente de modo a preveni-lo de doenças sexualmente transmissíveis. Desse modo percebemos que a educação sexual por ele recebida foi baseada em cuidados com a saúde. Devendo assim, ter se pautado em aconselhamentos médicos.

P.2, A educação sexual aconteceu, de acordo com o entrevistado, em casa. Tendo esta educação sexual influenciado um pouco no seu comportamento sexual apresentado ainda hoje.

O entrevistado se mostrou um pouco incomodado em participar da entrevista ,respondendo com frases curtas e diretas , visto que não estava à vontade para falar sobre esta temática, talvez um reflexo da educação sexual que recebeu em família ,a qual parece ter sido repressora.

Ao longo da entrevista a **P.3** demonstrou estar pouco à vontade para falar sobre a temática, respondendo com frases curtas e diretas. Talvez também reflexo da educação sexual que recebeu em família, a qual deve ter sido baseada na culpa e no medo. A entrevistada afirma que recebeu educação sexual em família ,e que esta educação sexual influenciou a sua vida até hoje.

AP.4 deixa claro que não recebeu educação sexual na família. Fazendo com que a mesma buscasse estas informações por meio da mídia escrita e audiovisual.

Durante a entrevista ficou claro que a família da entrevistada não a educou sexualmente, deixando-a sem informações neste campo. Sendo que a mesma buscou por conta própria informações em relação a esta temática em livros, revistas e outros meios áudio-visuais, e já que não contava com nenhum tipo de orientação por parte da família, cabia a ela própria refletir e decidir o que seria interessante para a sua vida prática, ou o que ficaria ausente da sua vida. Sendo contudo, esta uma decisão difícil e que pode trazer graves consequências, seria mais sensato por parte da família conversar e refletir com a filha para que

juntos eles pudessem encontrar respostas e decidissem quais os melhores procedimentos a serem adotados, por esta, então, adolescente. Contudo, a família preferia se calar sobre o assunto que era proibido em família, deixando espaço assim para que a jovem fosse em busca dessas informações em outros meios, os quais nem sempre são confiáveis.

(...) parto do princípio de que todos somos educadores sexuais: o pai, os professores, os demais profissionais e a comunidade em geral, estejamos ou não conscientes disso, uma vez que, no contato com várias crianças e adolescentes e jovens, acabamos por passar informalmente, várias mensagens implícitas ou explícitas, sobre a sexualidade, contribuindo para que os educandos construam suas ideias, seus valores e seus sentimentos em relação a ela (FIGUEIRÓ2006,P.30).

Dessa forma como percebido a maioria das famílias dos entrevistados acabaram realizando uma educação sexual mais repressora.

Tabela 4-A-Referente a responsabilidade pela Educação Sexual dos jovens.

(FD)1Responsabilidade de pela educação sexual dos jovens.
Excerto de depoimentos (ED)
P1 - A família tem um papel fundamental ... É a princípio ela a família que tem o cuidado, a escola também tem participação, mas a base é a família bem estruturada. Se você tem isso em casa ajuda bastante.
P2 - A responsável mesmo, primeiro é a família e em segundo lugar a escola.
P3 - Um pouco da família e um pouco dos jovens.
P4 - Hoje eu tenho certeza de que faz parte de um conjunto. Não adianta hoje a gente querer que os pais ou a escola, façam só. Porque existem diversos meios, revistas, livros. tv, internet, amigos e este debate deve ser feito por todo mundo, dentro de casa e na escola.

O **P.1** deixa clara a importância de uma família bem estruturada para que a educação sexual, aconteça de forma eficaz, destacando ainda a importância da participação da escola nesse processo. Sobretudo quando levamos em consideração que muitas famílias não são bem estruturadas e que muitos pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes também não foram educados sexualmente. E dessa forma, passam por problemas e transmitem, preconceitos, mitos e tabus em relação às mais diversas questões ligadas à sexualidade. Sendo que muitas dessas famílias também, ou se calam em relação a estas questões, ou abordam este assunto

de maneira equivocada .Sendo importante a participação da escola nessa tarefa de educar sexualmente os jovens ,sendo ainda necessário a união entre escola e família neste processo.

A família é apontada pelo **P.2** como a primeira instituição e a mais responsável pela educação sexual dos jovens, sendo que a escola é apontada como a segunda instituição responsável pela educação sexual dos adolescentes.

A **P.3** afirma que a responsabilidade da educação sexual é um pouco da família e um pouco dos jovens .Dessa forma a entrevistada atribui muito da responsabilidade pela educação sexual aos próprios jovens, e a outra parte na sua opinião fica a cargo da família. Dessa forma, a entrevistada desconsidera o papel da escola, nesse processo, como também a sexualidade das crianças ,já que atribuiu aos jovens ,grande parte da responsabilidade pela própria educação sexual. Talvez esta visão se deva ao fato desta professora não ter recebido uma educação sexual baseada no diálogo ,mas sim baseada na culpa e na repressão, a qual possivelmente deixava a cargo dela a responsabilidade pelos cuidados com a sua vida sexual. O que a faz afirmar que a responsabilidade em grande parte pela educação sexual é do próprio jovem, contudo para que este jovem seja responsável e cuidadoso se faz necessário a participação da família e da escola no papel de educadores.

A **P.4** apresenta como responsável pela educação sexual dos jovens a família ,a escola e outros setores da sociedade ,tais como os meios de comunicação ,os quais exercem hoje uma forte influência junto aos jovens, transmitindo muitas vezes informações relacionadas à sexualidade, sem contudo , ter a preocupação de debater estas informações, sendo que muitas vezes também a família deixa os jovens expostos a estes conteúdos, mas não se preocupam em debater sobre o que estes meios de comunicação despejam em seus lares diariamente, ficando dessa forma então, muitas vezes os jovens e as crianças expostas ao mais diversos temas relacionados a sexualidade, sem no entanto ter com quem conversar e tirar dúvidas sobre o que viu nesses meios. E inegável a participação da mídia e a influência por ela exercida em especial sobre os jovens, contudo não pode a educação destes ficar a cargo desses meios, devendo portanto a família e a escola de forma consciente utilizarem esses meios para possibilitar ao jovem perceber de forma crítica e produtiva o que estes recursos lhes transmitem, afim de que possam .refletir criticamente e construir conhecimentos que lhes possibilitem uma vivência da sexualidade de forma saudável e responsável.

Tabela 5-A - Referente a ter recebido qualificação acerca da educação sexual

(FD) Qualificação acerca da Educação Sexual.
Excerto de depoimentos
P 1 -Não. Infelizmente não.
P 2 - Não. Não Recebi, qualificação.
P3 - Não.
P 4 - Veja, eu fiz alguns cursos, mas não que tenham sido oferecidos pelo Estado, mas por conta própria. Cursos que lidavam com a sexualidade, mas não com o objetivo de trabalhar a educação sexual com os alunos.

OP.1 afirma nunca ter recebido qualificação para abordar esta temática em sala de aula, porém diz achar interessante, contudo afirma que esta função sempre ficou a cargo da professora de ciências. Dessa forma mesmo ele percebendo como algo necessário por lidar com crianças e jovens, afirmou nunca ter necessitado, para logo em seguida afirmar que alguns alunos o procuram para falar sobre estas questões. É mister que percebamos que a educação sexual, não pode ficar a cargo somente do professor de ciências e que a sexualidade não pode se restringir aos aspectos biológicos e reprodutivos. A fala do professor demonstra que apesar dele não tocar neste assunto em suas aulas, os alunos o procuravam talvez pelo fato dele ser homem, e a professora de ciências ser mulher, visto que apesar de existir ainda um certo preconceito sobre estas questões muitos alunos talvez não se sintam à vontade para tratar destas questões, principalmente com uma professora e provavelmente estes alunos se sentiram mais à vontade para conversar com um homem a respeito de suas dúvidas. Ficando claro assim a importância de professores das diversas áreas desenvolverem esta temática, até mesmo porque é isto que é proposto nos PCNs, que a sexualidade seja abordada de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Sendo importante ainda desmitificar estas questões, visto que a educação sexual é um tema que pode e deve ser abordado na escola de forma contextualizada de maneira a desmitificar e quebrar preconceitos, visto que este é um assunto que faz parte da vida de homens e mulheres.

OP.2 , o professor de geografia, também afirma nunca ter recebido qualificação para abordar esta temática em suas aulas.

A **P.3** também afirmou nunca ter recebido nenhuma qualificação para trabalhar com esta temática e se mostrou muito pouco à vontade para falar sobre esta questão.

A **P.4** afirmou nunca ter recebido cursos de formação para abordar a Educação Sexual em suas aulas, que tenham sido ofertados pelo Estado. Contudo, por interesse próprio foi buscar esta informação, mas somente por uma questão pessoal, sem a preocupação de utilizar estas informações em suas aulas, visto que o próprio curso não tinha este aspecto formativo. Contudo, ao longo da entrevista ela acaba demonstrando que abordava a sexualidade em suas aulas e que os conhecimentos adquiridos nestes cursos ainda que de forma indireta estavam sendo utilizados. Os três primeiros entrevistados nunca tinham recebido nenhum tipo de qualificação que abordasse a sexualidade e então não tiveram como responder a esta questão sobre a influência destas qualificações para as suas práticas. Já a Prof.4 afirmou ter recebido formação. Tendo afirmado que estes cursos contribuíram para a sua prática em sala-de aula, apesar de como afirmado por ela anteriormente, estes cursos não terem sido de caráter pedagógico.

Tabela 6-A. Referente a estar preparado e à vontade para abordar a educação sexual e sobre a eficácia desta para realidade do aluno.

(FD) Estar preparado e a vontade para abordar a Educação Sexual, percebendo a eficácia desta para a realidade do aluno.
Excerto de depoimentos
P1 - Preparado não. Mas não me sinto incomodado, se houvesse necessidade falaria. A família é importante, mas a escola também é importante não deve estar isenta, o adolescente fica mais à vontade em falar na escola. Sim com certeza.
P2 - Me sinto à vontade. Preparado, não. E Sim acredito que a Educação Sexual na escola, melhora a vida dos jovens.
P3 - Não. Acredito.
P4 - Sim. A vontade e preparada sim. Acredito porque a gente consegue perceber o que é ato sexual e sexualidade em si, então assim, fazer o aluno perceber isto é essencial, fazê-lo perceber que a sexualidade não é apenas o ato sexual, fazê-lo perceber isto, já é uma grande vitória.

É preciso ter como fio condutor a ideia de que a formação de professores, tanto a inicial, quanto a continuada, juntamente com a questão da organização do trabalho escolar é um fator de grande determinação da qualidade do ensino.(FIGUEIRÓ,2006,p.94).

O **P.1** , parece realmente não ter atentado para a questão , apesar de perceber a importância da escola nesse processo, pois volta a falar que se houvesse necessidade abordaria a questão, apesar de já ter relatado que alguns alunos o procuram para falar sobre sexualidade ,isto demonstra que há a necessidade e que talvez até de jeito informal ele já discuta com seus alunos esta temática, sem porém ao que parece haver uma intencionalidade pedagógica neste ato. Tendo afirmado ainda este professor que não está preparado para trabalhar com a sexualidade em sala de aula, o que para ele seria muito importante, visto que trabalha no turno noturno em uma escola onde existem muitos jovens na chamada situação de risco, muitos dos quais, segundo a fala do próprio professor ,o procuram para falar sobre temas ligados a sexualidade.

O **P.2** , afirmou não ter problemas em abordar a sexualidade, mas afirmou também não estar preparado para trabalhar esta temática em suas aulas, tendo afirmado ainda que acredita na importância e na contribuição dessa abordagem para a melhoria de vida desses jovens na construção de uma vida saudável.

A **P.3** confirmou a nossa expectativa, quando afirmou não se sentir nem preparada e nem a vontade para falar sobre educação sexual e sobre sexualidade em suas aulas .Como o esperado deu uma resposta curta e direta, demonstrando estar incomodada em falar sobre o assunto. Mas afirmou acreditar que a Educação Sexual contribua para que os alunos se tornem mais responsáveis e saudáveis sexualmente falando.

A **P.4** afirmou estar preparada e a vontade para trabalhar a educação sexual em suas aulas, apesar de ser professora de inglês ,ela afirma debater sempre a temática ,não por meio de um planejamento ,mas de forma natural à medida que as questões surjam ainda que entre os alunos, quando de acordo com ela aproveita o momento para discutir a questão .E em se tratando de algo particular ela procura conversar isoladamente com o aluno em questão, buscando construir uma solução para o problema. Além de ter demonstrado perceber a diferença entre sexo e sexualidade ,e de buscar transmitir estes conhecimentos aos seus alunos ,conhecimento que ela percebe como muito importante.

Tabela 7.A. Definição de Educação Sexual, e o interesse dos alunos pela mesma.

(FD) Definição de Educação Sexual e interesse dos alunos pela mesma.
Excerto de depoimentos

<p>P1 - Passa pela anatomia de cada um, explicar e educar no sentido de prevenção a doenças, cuidados, não tem idade certa é muito pessoal, não se ensina como fazer sexo, não é necessário, acha que educação sexual é relativo a cuidado com a prevenção a gravidez que é grande no Estado de Sergipe. Percebo interesse.</p>
<p>P2 - É a maneira de educar sobre o sexo. Se a pessoa estiver preparado para o sexo é melhor do que saber por outras pessoas né? Sim, conversando sempre, mostram interesse em conversas com amigas ,muitas vezes de forma errada. Acho que os temas que devem ser trabalhados são relacionados ao uso de preservativo, gravidez precoce e a idade que deve se iniciar a vida sexual ,se é que isso é possível.</p>
<p>P3 - É na verdade só informe do que é relação sexual, e de métodos contraceptivos. Percebo.</p>
<p>P4 - Eu defino da seguinte forma eu acredito que sexualidade é algo muito amplo né? Acredito que é o respeito, você respeitar o outro ser humano dentro da perspectiva dele. A partir do momento que ele não lhe agrada e você não agrada o outro, você consegue estabelecer com ele um relacionamento muito produtivo. Sim percebo interesse dos alunos, porque assim um dos temas que eu acredito que mais interessa aos alunos é a homossexualidade, a homoafetividade né?(...).</p>

O **P.1** ao tentar definir educação sexual não o fez mas sim, citou conteúdos a serem trabalhados em Educação Sexual, variando entre aspectos físicos, biológicos e preventivos, mostrando ainda uma certa apreensão e confusão entre sexo, sexualidade e educação sexual. Quanto ao interesse por parte dos alunos, ele confirmou existir e parece também ter dúvidas e interesses no assunto e que busca respostas em programas de televisão. A qual, como já discutido anteriormente, quase sempre não apresenta esta temática de forma educativa.

O **P.2** restringiu a Educação Sexual à questão de educar para o sexo, como se a Educação Sexual estivesse restrita à questão da prática sexual, e a aconselhamentos e medidas preventivas, o entrevistado demonstrou ainda confusão entre sexo e sexualidade e falta de conhecimento sobre a Educação Sexual. Contudo percebe interesse por parte de seus alunos e afirma que eles percebem o sexo de forma errada. Sem, contudo, deixar claro se interfere nas conversas dos alunos e se procura auxiliá-los na construção de conceitos saudáveis a respeito da sexualidade.

Ao definir Educação Sexual, **P.3**, demonstra não ter muitas informações a este respeito e afirma que a definição de Educação está limitada a informes sobre o que é relação sexual e ao uso dos métodos contraceptivos. Deixando claro que há urgência na oferta de

cursos de formação nessa área para os professores ,em vista de muitos ainda confundirem e não conseguirem perceber o papel da Educação Sexual e confundirem sexo e sexualidade e de ainda acreditarem que a educação sexual está limitada a questão da prevenção de doenças e de gravidez indesejada.

A **P.4** percebe a Educação Sexual, como algo muito amplo e talvez por isto não tenha restringido a um conceito amarrado, mas perceber a amplitude do tema e a importância do respeito próprio e ao outro no trato com as questões ligadas a sexualidade. Esta visão mais ampla deve ser fruto dos cursos ligados à sexualidade, dos quais a professora participou. Em relação ao interesse dos alunos, ela afirmou perceber a existência deste e destacou como um dos assuntos mais questionados pelos alunos a homossexualidade. Questionei então sobre a importância de se trabalhar gênero e identidade e ela confirmou a importância desses assuntos, mas não se estendeu sobre isto.

Tabela 8.A. Se costuma abordar a educação Sexual e como faz esta abordagem.

(FD) Se costuma abordar a Educação Sexual e como faz esta abordagem
Excerto de depoimento (ED)
P1 - Não costumo abordar esta temática
P2 - Sim. Costumo abordar relacionado ao crescimento da população, é .nos países subdesenvolvidos né ?Assim dessa forma.
P3 - Não.
P4 - Sim porque esta temática da sexualidade, hoje em dia é assim , esta questão da sexualidade está ausente hoje na escola é por incrível que pareça, apesar de existir um grande número de informações na tv, internet ,mídia e rádio ,ao mesmo tempo não se tem este debate e este debate deve ser feito na igreja ,na escola, e em outros espaços religiosos. (...) assim é necessário que haja o debate, que só acontece em lugares como estes escola, casa ,igreja então assim discutir com as pessoas porque isto ajuda a ampliar a visão da sexualidade e também a visão de mundo.

O **P.1-** deixa claro que não aborda a sexualidade em suas aulas ,mas afirma reagir bem em situações nas quais a temática surge entre os alunos ,demonstrando porém um certo constrangimento e uma certa insegurança, parecendo procurar tratar as situações que surjam como algo engraçado e que não devem ser levadas muito a sério, isto talvez faça com que situações constrangedoras e de bullying aconteçam e não sejam percebidas, já que talvez por

insegurança e por falta de preparo o professor acabe entrando na brincadeira e favorecendo situações nas quais palavras e atitudes favoreçam o preconceito e a falta de informação. Reafirmando a necessidade de que os professores sejam preparados para trabalhar com estas questões afim de que no caso delas surgirem em suas aulas ,não ajam como o prof.1 que afirmou em seu depoimento ,que trata estas questões como brincadeira. Percebemos isso como algo grave ,visto que mascarando de brincadeira acontecem muitas vezes atitudes cheias de preconceitos e estereótipos que discriminam e constroem ,sobretudo as mulheres.

O P.2 afirma que aborda a temática relacionando-a a assuntos da sua disciplina que é geografia, a qual trabalha a questão do crescimento populacional e dessa forma, o professor aproveita a sua disciplina para abordar questões relativas à prevenção a gravidez indesejada. Dessa forma, mais uma vez a questão se restringe a questão preventiva e ligada aos aspectos quantitativos populacionais, o que não deixa de ser uma abordagem, mas, muito tímida.

A P. 3 deixa claro não abordar a temática em suas aulas.

A P.4 afirma ser necessário a realização do debate na escola e em outros espaços a respeito da sexualidade ,afirmando ainda que se fala muito sobre sexualidade ,se informa muito, mas não há muita preocupação de se debater estas questões em espaços sociais de grande importância ,nos quais este debate deve acontecer. Afirmado ainda que a sua sala de aula serve como espaço de debate a respeito dessa temática. Sendo que pela sua fala anterior fica evidente que a temática é abordada por ela de forma ampla envolvendo questão de gênero e relacionados à igualdade de gênero e aos direitos da mulher, sem ficar apenas restrita a questões biológicas e preventivas.

Tabela 9.A. Se a escola desenvolve o PSE e sobre as ações deste na escola.

Se a escola desenvolve o PSE e sobre as ações deste programa nesta escola..
Excerto de depoimentos (ED)
P1 - Sim conheço lá na rede municipal, o pessoal vai lá. Mas acho que está restrita a questão da higiene pessoal e a saúde bucal com a distribuição de objeto de saúde bucal. Pelo que pude perceber de longe, mas não tenho certeza.
P2 - Olha, se for eu não tenho conhecimento
P3 - Não tenho conhecimento.
P4 –Se for,não tenho conhecimento.

O professor que é diretor de outra escola da rede municipal, afirmou conhecer o PSE ,da outra escola, visto que no Camélio Costa, o programa não acontece, contudo pelo que podemos notar na outra escola como afirmado por ele o programa apenas fica restrito às questões de educação para a saúde ,sobretudo a bucal. Contudo, pelo que podemos perceber, não está havendo o envolvimento de todos os professores na realização do programa ,como deveria ser ,já que o professor afirma saber que o projeto acontece ,mas que não sabe informar exatamente como acontece e quais as questões abordadas pelo programa na escola em que ele trabalha.

Em relação a esta escola pesquisada como já dito antes ela realmente, não conta com o programa de saúde na escola .

Tabela 10-A. Já realizou atividade ou projeto ligado a Educação Sexual. Descreva-o.

(FD) - Já realizou alguma atividade e ou projeto ligado a Educação sexual, descreva-o.
Excerto de depoimentos (ED)
P1 - Não desenvolvi. Infelizmente, mas acho que seria interessante, mas nunca houve nenhum projeto, nem aqui e nem em outra escola.
P2 - Não.
P3 - Não ,não tenho.
P4 - Não projeto, não tenho.

Todos os professores afirmaram não ter participado e nem ter desenvolvimento nenhum projeto ou atividade relacionado a educação sexual nem nesta e em outra escola .Dessa forma concluímos que nesta escola a Educação Sexual não faz parte da realidade escolar, estando contudo de forma indireta presente, visto que como afirmado pelos professores ,os alunos demonstram interesse por esta temática, a qual só é discutida em eventuais palestras, que abordam questões sobretudo ligadas às questões preventivas. Percebe-se ainda que em situações informais e nas conversas dos alunos a sexualidade ,se faz presente. Principalmente por serem alunos da noite ,na qual existem muitas jovens mães e alunos homoafetivos, e transexuais, os quais acabam muitas vezes sendo alvo de atitudes e brincadeiras homofóbicas. Faz-se necessário, um trabalho de formação com os professores para que estes passem a lidar

de forma mais tranquila com estas questões de maneira que todos compreendam a importância de desenvolver um comportamento de respeito em relação às diversidades .

3.1.3. RESULTADO E ANALISE DA ENTREVISTA REALIZADA NA OUTRA ESCOLA PESQUISADA, ESCOLA ESTADUAL BARÃO DE MAUÁ, NA QUAL É DESENVOLVIDA O PSE.

Tabela 1-B. Como foi educado sexualmente e sobre a influência desta educação em sua vida até hoje.

(FD) Educação Sexual e sua influência na vida sexual atual.
Exceto de depoimentos (ED)
P5 -A curiosidade me fez pesquisar e me fez buscar leituras e meu curso (biologia) também ajudou a ter a minha orientação sexual. Mas Educação Sexual mesmo eu não tive não. Quer dizer eu não tive orientação sexual nem de pais e nem de professores. E não influenciou.
P6 - Fui educado sexualmente pela família em si, minha mãe apesar de ser dona-de-casa, ela sempre nos colocou em contato com este tema por meio das mídias tais como filmes, o próprio preservativo, foi apresentado por ela , e ela sempre conversou muito conosco, mas eu sempre estudei em colégios de padre e nas aulas de ciências biológicas a professora sempre nos esclareceu sobre as DSTs, as mudanças no corpo ,tivemos sorte, hormônios, mas não muito ligado as questões de O. Sexual não só ligado mesmo à parte funcional do organismo mesmo. .E sim influenciou. Acho que a questão religiosa no dá certo freio não é? (...).

A **P.5**, quando fala em orientação sexual, quer se referir a Educação Sexual e deixa claro que não foi educada sexualmente nem em casa e nem na escola, tendo ela indo buscar informações em leituras de livros e revistas e também através de seu curso de graduação que foi em Biologia, o que provavelmente lhe deu uma visão muito dentro dessa área. Sendo que ao longo da entrevista ,percebemos que as suas falas estavam pautadas na biologia, deixando de lado questões mais amplas..

O **P.6**, afirma ter recebido educação sexual em família, ao que parece função que ficou reservada à mãe, a qual o orientou em relação principalmente ao cuidados e medidas preventivas em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Ele cita a escola também como um espaço no qual a sua Educação Sexual ocorreu, contudo podemos perceber que

mais uma vez ,ela ficou restrita às questões, físicas, biológicas e medidas preventivas. Sendo interessante ainda a questão religiosa presente em sua fala ,quando ele afirma que a religião serve para dar um freio, demonstrando que indiretamente a sua educação sexual também teve influência da igreja.

Tabela 2-B. Sobre a responsabilidade sobre a educação sexual dos jovens.

(FD) Responsabilidade pela Educação Sexual dos jovens.
Excerto de depoimentos (ED)
P5 - Em primeiro lugar da família e em segundo da escola P6 - Eu digo que a família é a base, mas temos sim de ter um profissional na escola. Eu tive esta sorte de ter uma mãe que era dona-de casa, mas e as crianças hoje muitas vezes são criadas com as avós, as quais não tem uma cultura muito compatível com a realidade de hoje e que não tem uma cultura em relação as DSTs, por exemplo ,e tem dificuldade com a realidade de hoje, sendo que muitos pais não tem tempo e de acompanhar o filho e de saber tudo que eles fazem. Então é necessário sim que a escola traga as novidades né ?Eu acho que esta questão do conservadorismo é quebrada pela escola, passa pela grade curricular ,por professores capacitados e a articulação da família e da igreja. Assim vem valores culturais e a essência sexual da pessoa é muita vezes deixada de lado, tabus em relação a orientação sexual. Então eu acho que deve sim ter uma ligação entre a escola, a família a igreja.

A **P. 5** coloca a família como a primeira instituição responsável pela educação sexual, apontando a escola como o outro lugar de maior importância nesta tarefa.

O **P. 6** .Afirma ter recebido Educação Sexual na família e na escola, tendo a sua mãe tido a preocupação de lhe orientar a vivenciar a sua sexualidade baseando-a na afetividade talvez isso se deva ao fato do mesmo ter estudado em escola religiosa o que o levou a citar também a igreja ,ao lado da família e da escola, como uma importante instituição responsável na tarefa de educar os jovens sexualmente.

Tabela 3.B.Participação em curso de formação sobre a educação sexual.

(FD) Participação em cursos de qualificação para trabalhar a educação sexual.
Excerto de depoimentos (ED)
P 4- Não.

P 5 - Eu busquei esta formação, por meio de vídeos, seminários e congressos, não me lembro do nome dos eventos agora. Mas eu sempre busco, não que a escola peça, mas quando alguém sabe de algo que envolva estas questões, me informa entendeu ?

A **P. 5** professora afirmou nunca ter recebido curso para trabalhar com a Educação Sexual em suas aulas, apesar de estar trabalhando em uma escola que oferta o PSE, e que tem como uma das suas funções ofertar qualificação para os professores abordarem a educação sexual. Tendo, porém depois se contradito, visto que afirmou já ter participado de uma formação oferecida pelo PSE, em outra escola que trabalhou. Afirmou ainda, não ter participado de cursos sobre sexualidade ofertados pela secretaria, apesar do curso do PSE, do qual ela afirmou ter participado, ser ofertado em parceria com a secretária da Educação. Talvez esta fala se deva ao fato dela não ter ligado o PSE, à secretária e de a formação oferecida não ter focado tanto a sexualidade, mas sim as questões de saúde.

O **P.6** afirmou nunca ter recebido formação pela secretaria, mas afirmou buscar esta qualificação por conta própria em cursos e em seminários.

Tabela 4.B. Como foi e qual a contribuição desses cursos de formação para a sua prática.

(FD)-Como foi e como contribuiu para a sua prática.
Excerto depoimentos(ED)
P5 - Nunca recebi ou participei de nenhum curso de formação
P 6 - Como já falei busquei esta formação em cursos e seminários, por conta própria e com certeza eles contribuíram para a minha prática pedagógica e para as atividades e projetos que desenvolvo, aqui na escola relacionados a esta temática.

Como já dito antes, os professores apesar de desenvolverem atividades ligadas à Educação Sexual e de fazerem parte de uma escola, na qual está sendo desenvolvido o PSE, Programa de Saúde na Escola, que aborda a sexualidade, informaram que nunca participaram de nenhum curso oferecido pela secretaria de educação, desenvolvendo dessa forma os seus projetos baseados em informações e cursos que não tinham ligação nem com este órgão do Estado e nem com o PSE. Contudo em relação à contribuição da educação sexual junto aos

alunos ambos afirmaram que percebiam sim resultados positivos na oferta da educação sexual na escola.

Chama a atenção ainda ,o fato da professora 5, afirmar ter participado do PSE também no interior do Estado ,quando ocorreu um curso de formação, mas que talvez tenha se restringido as outros componentes do programa. Visto que segundo ela no Barão este curso também teve início mas não houve continuidade, tendo desta forma afirmado, nunca ter participado de curso de formação sobre sexualidade desenvolvido pela secretaria de educação.

Tabela 5 - B. Preparação dos Professores acerca da educação sexual e a contribuição desta para uma melhor vivencia dos alunos.

(FD) Preparação dos professores para trabalhar esta temática em sala de aula e contribuição desta para que os alunos se tornem mais responsáveis e saudáveis sexualmente.
Excerto de depoimentos (ED)
<p>P5 - Preparada totalmente não. Mas me sinto bastante à vontade, a minha curiosidade em saber sobre isto é grande, então estou sempre buscando textos para trabalhar isto com meus alunos .Acredito sim ,com certeza, sem sombra de dúvida.</p>
<p>P6 - Sim me sinto preparado e à vontade. Eu acho que sim porque eu já tenho mais de três anos nesta prática, busco colocar como matemática para a cidadania que começa primeiro com a pesquisa de laboratório, com informações sobre o mundo e o Brasil, para ver a realidade maior e a nossa realidade. Sim, contribuiu. Contribuiu principalmente e contribui principalmente se a pessoa tiver uma orientação de psicólogos e se tiver uma orientação de professores da área de ciências biológicas de pessoas que estão sempre ligadas a este tema. Acho que é muito importante.</p>

Os dois professores desta escola afirmaram se sentir preparados e à vontade para trabalharem com a Educação Sexual e foram unânimes também em afirmar que a Educação Sexual contribui para que o jovem se torne uma pessoa mais responsável e saudável sexualmente, estando ,porém a professora mais voltada para as questões biológicas e o professor, que é de matemática, abrangendo questões mais amplas envolvendo a diversidade e as questões de gênero.

Tabela 6 -B. Definição de Educação Sexual e interesse dos alunos pela mesma.

(FD) Definição de Educação Sexual e interesse dos alunos por esta temática.
Excerto de depoimentos
P5 - A Educação Sexual é um conhecimento que a gente tem de adquirir sobre os diversos temas da sexualidade ,gênero, não só a anatomia e a fisiologia ,mas envolvendo tudo ,por que este conhecimento vai orientar a pessoa quando ela for ter a sua prática, experiência individual. Sim. É interessante eles tem bastante interesse. Dentre os temas relacionados a sexualidade o que mais chama a atenção deles é na minha experiência como evitar a gravidez, isto é o que mais chama a atenção deles.
P6 —Eu digo que é algo meio subjetivo porque é primeiro fazer com que o outro se goste, se entenda é... ele começa a buscar ,claro através das literaturas e de sua própria auto -análise e avaliação do que é ser feliz. Do que é ser tocado, de como deve ser tocado ,se é criança ,se esse toque ...porque existe a violência sexual contra o menor. Não é isso ?É por isso que a educação sexual deve ser desde pequenininho.(...)Educação Sexual, eu digo que é uma mistura não sei também se é porque eu tenho uma base religiosa católica e agora espírita, a gente busca, muito essa essência do outro né ? É o amar para se amar tem de se amar primeiro. Sim percebo.

Os dois professores afirmaram perceber o interesse dos alunos pelas temáticas ligadas à Educação Sexual .Tendo os dois em suas definições afirmado que a educação sexual é algo mais amplo do que a Educação para a prevenção, demonstrando perceberem a amplitude do tema.

Muito além de auxiliar na redução da gravidez precoce e/ ou indesejada e do índice de doenças sexualmente transmissíveis(DST),Incluído Aids, a Educação Sexual deve ser realizada a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da personalidade do educando e, conseqüentemente, para a sua qualidade de vida.(...) (FIGUEIRÓ,2006,p.17).

Tabela 7-B. Se Costuma abordar a Educação Sexual de que forma e quais temas aborda.

(FD)-Abordagem didática da temática e temas.
Excerto de depoimentos (ED)
P5 - Bom eu abordo a questão da gravidez os perigos da gravidez na adolescência. eu abordo a anatomia, a fisiologia do sistema reprodutor, as DSTs, de um modo geral. Como eu abordo isto? Através de textos, do conteúdo do livro didático, dos filmes e de debates.

P6 - Bem veja bem a dinâmica é usar as nossas dores, como objeto de estudo, então que dores são essas? As aflições que eles estão passando em relação a transformação do corpo, com a sexualidade com a identidade de gênero, a violência na escola e no mundo Mas e quem vai ser a medida? A matemática. Eu tenho experiência que a estatística, vai ser o veículo que vai comprovar para a direção e para o corpo de professores ,então através da pesquisa local a real a verdadeira necessidade deles. Porque até nestes questionários eu coloco .Você sente dúvidas sobre quais temas? Sobre o tema violência contra a mulher? Dificuldade com o corpo? Dificuldade com o pai, com a mãe? E através desta pesquisa local, iremos identificar se ele está sofrendo bullying na escola ou em casa(...)Então este trabalho é feito para que a gente se auto avalie também.

A **P.5** deixa claro que aborda a questão da sexualidade ,contudo fica claro também que a sua preocupação se concentra nas questões ligadas a sua disciplina que é biologia. Focando a sua atenção nas questões biológicas, físicas e preventivas. Contudo ela demonstra preocupação em não se prender apenas ao livro didático e parece buscar outros meios para promover o debate a respeito desses temas.

O **P.6** Como já afirmado antes desenvolve um projeto denominado matemática para a cidadania ,no qual busca trabalhar questões ligadas a sexualidade ,envolvendo não só questões físicas, biológicas e preventivas, mas também questões ligadas a questões de gênero ,identidades, preconceitos, bullying e homofobia, orientação sexual e desejo.

Tabela 8 -B. Quais as ações do PSE nesta escola.

(FD) Desenvolvimento do PSE na escola e suas ações.
Excerto de depoimentos (ED)
<p>P5 - Não. Nunca soube ,olha só aqui na escola existe o PSE, mas assim ,como posso falar...,eles fizeram várias ações aqui na escola, uma das ações foi a “Qualidade de vida”, trouxeram a academia da cidade, eles fizeram uma ação com relação a saúde bucal, escovação ,mediram estatura ,vacinação e algumas relacionadas a alimentação ,teve também aqui na escola. Mas relacionado mesmo a sexualidade não ocorre... nada! O que houve foi uma pequena orientação para os professores, mas que não teve continuidade e não teve conclusão. Então na realidade o PSE em 2012,é ...2011 a ação foi maior e em 2012 foi bem menor ,só teve escovação.</p>
<p>P6 - Não. O projeto que eu desenvolvo não tem ligação com o PSE. Também nunca parei para pedir auxílio e não sei sobre as ações dele aqui ,talvez tenha em outro turno.</p>

A Escola Estadual nos foi sugerida por membros do PSE, como uma das escolas que servem de referência sobre a prática do programa. Contudo pelo que podemos perceber, as ações do programa desta escola estão ainda muito tímidas e quase que totalmente voltadas para as ações de saúde física, sendo que as ações de Educação Sexual e dos temas ligados a sexualidade estão ficando restritas aos professores que as desenvolvem por iniciativa própria, sendo que como afirmado por Nunes e Silva, apesar de bem intencionadas estas práticas espontaneístas não podem por si só darem conta de toda a abrangência que envolve a sexualidade e a Educação Sexual. Ficando mais uma vez claro a necessidade de projetos de formação para os professores poderem desenvolver bem esta temática em suas aulas.

Tabela 9-B. Atividades e projetos sobre educação sexual desenvolvido pelo professor.

(FD) Atividades e ou projeto ligado a educação sexual, desenvolvido pelo professor.
Excerto de depoimentos (ED)
P5- Já sim. Nesta escola eu fiz um miniprojeto, um trabalho e atividades em sala de aula, no qual os meninos fizeram atividades de paródias, desenvolveram estórias em quadrinhos um com prevenção as DSTs ,como se adquire as DSTs .E na outra escola eu fiz um projeto maior onde a gente teve peças teatrais, paródias ,danças, jogos como passa ou repassa ,em relação as DSTs e pedimos aos alunos que preparassem um folder sobre as DSTs e o distribuíssem nas escolas.
P6- Sim desenvolvo o Projeto Matemática para a Cidadania.

A **P.5** afirmou já ter desenvolvido projeto ligado a Educação Sexual em outra escola, na qual trabalhava anteriormente e que nesta escola desenvolve atividades ligadas a esta temática .

O **P.6** Como podemos perceber, desenvolve o projeto Matemática para a cidadania, que envolve a educação Sexual ,procurando não se prender apenas as questões físicas e biológicas, mas buscando fazer reflexões sobre diversos temas ligados a sexualidade dentro de uma perspectiva mais ampla.De acordo com o seu relato o projeto é desenvolvido baseado em questões reais que afligem seus alunos os quais sugerem temas e opinam por meio de questionários individuais que são respondidos em sigilo.

Tabela 1C. Identificação dos entrevistados na secretarias e PSE.

Identificação	Formação	Ocupação	Órgão
R .S. S	Médico sanitarista	Gerente do Programa estadual de DSTs /AIDS	Secretária de Saúde
R.S.E	Letras /Direito /Enfermagem	Coordenação Sistema OAB/SEEED	Secretaria de Educação
R.PSE	Ciências Biológicas /Mestrando em Educação	Coordenador do PSE Sergipe	Secretária de educação /PSE

3.1.4. RESULTADO DA ENTREVISTA REALIZADA NA SECRETARIA DE SAÚDE, E DA EDUCAÇÃO E NO PSE:

A Tabela 2-C, abaixo apresenta o resultado da Entrevista junto ao representante da Secretária de Saúde do estado de Sergipe.

Tabela 2-C. Resultado da Entrevista junto ao representante da Secretária de Saúde do estado de Sergipe

1. O PSE está desenvolvido em algumas escolas do nosso Estado, qual a participação desta Secretária no desenvolvimento deste Programa?	
	<p>Existe uma parceria entre as secretarias do estado da saúde e a secretaria de estado da educação, bem como com as demais secretarias de educação dos municípios ,com relação a nossa participação no PSE e SPE(saúde e prevenção nas escolas),acontece em vários momentos ,primeiro na capacitação de professores, segundo na realização de palestras, atendendo na distribuição de materiais informativos e em</p>
Secretária da saúde	<p>terceiro lugar através das palestras, atendendo a demanda.</p>

<p>• A saúde sexual é fundamental para que o indivíduo viva bem. Defina Educação Sexual e aponte a sua importância.</p>	
<p>Secretária da saúde</p>	<p>A Educação Sexual é um ramo da ciência fundamental para o ser humano porque na Educação Sexual se aborda a Saúde Sexual e esta saúde sexual envolve a sexualidade .como também as doenças sexualmente transmissíveis ,então é fundamental para a vida do ser humano.</p>
<p>3. E em relação a Educação Sexual e Sexualidade, quais as atividades desenvolvidas na escola por esta secretaria e,que temáticas costumam abordar?</p>	
<p>Secretária da saúde</p>	<p>- Na capacitação dos professores, um dos temas que explicamos é a sexualidade, que envolve os aspectos da biologia, gênero, orientação sexual ,mitos, fantasias sexuais é...são vários os temas abordados nestas capacitações, um outro tema abordado aí dentro é a gravidez na adolescência.</p>
<p>4. Quais as dificuldades encontradas no desenvolvimento na escola, de atividades ligadas a Educação Sexual?</p>	
	<p>- Ainda não há uma cultura principalmente é...por parte de determinados diretores com relação a abordagem da sexualidade. Existem questões religiosas que atrapalham e alguns diretores de escola que são mais conservadores e acham que a abordagem da Educação Sexual junto aos alunos está incentivando alguns comportamentos .Esta dificuldade, outra dificuldade é o envolvimento dos pais ,é necessário que toda escola mobilize os pais para esclarecer porque aquela escola está abordando o tema as sexualidade. Então isso eu acho um desafio.</p>

5. E em relação a capacitação dos professores ,como se dá esta qualificação? Qual o grau de participação e de dúvidas?	
Secretária da saúde	As capacitações são disponibilizadas sempre em conjunto entre a secretária de educação e a de saúde, de acordo com a demanda e por microrregiões por exemplo e elas estão sempre disponíveis e...nós sabemos que há uma renovação dos professores nas escolas, então nós sempre procuramos estar atento a esta renovação e disponibilizar estas capacitações.
6. Como já foi afirmado existe um grau de resistência por parte de alguns diretores, mas em relação aos professores, alunos e pais, vocês também percebem alguma resistência?	
Secretária da saúde	Com relação aos alunos não, encontramos tanta dificuldade, porquê a sexualidade já faz parte da vida deles , é lógico que muitos deles tem informações erradas é...e nós procuramos nas palestras e nos debates mostrar o que é certo e o que é errado e eles vão refletir de acordo o comportamento deles. Não temos muita dificuldade com os alunos porque hoje tudo tá muito erotizado ,então o tema da sexualidade abre até a discussão para outros temas ,facilita a discussão para os outros temas.
7. Quais são as maiores dúvidas apresentadas pelos alunos em relação a sexualidade?	
Secretária da saúde	Sobre gravidez na adolescência, métodos anticonceptivos, quanto ao uso da camisinha, ainda tem muitas dúvidas ,sobre exame de AIDS, Sintomas das DSTs ,São os temas mais abordados.

8. Hoje uma das questões que está muito evidente é a questão da diversidade sexual e da homofobia ,vocês é...recebem alguma queixa de alunos com relação a estas questões?	
Secretária da saúde	A parte da Secretaria de Educação, falam que existem casos de atitudes inadequadas por parte de professores e até de alunos diante de um aluno homoafetivo ou de uma aluna lésbica .Isso ainda existe ,isto é uma questão cultural que ainda persiste; embora tenha diminuído muito ,mais ainda existe.
9.Vocês tem como acompanhar e perceber mudanças significativas e positivas no comportamento dos jovens que recebem educação sexual nas escolas?	
Secretária da saúde	A gente tem algumas pesquisas ,que foram feitas á nível nacional, mas não é a nível local ,ainda não temos ,um estudo com estas questão, mas dá para ver a mudança.

3.1.5. ANÁLISE DO DISCURSO DO ENTREVISTADO DA SECRETARIA DE SAÚDE

A fala do entrevistado deixa claro que a união ente a Secretaria de Educação e a Secretaria de Saúde resultam em ações, que visam realizar um trabalho que permita o desenvolvimento de uma série de atividades que disponibilizem informações e que promovam a saúde sexual nas escolas, além da distribuição de materiais informativos de prevenção, ocorrendo também atividades relacionadas à formação dos professores.

Contundo, ao que nos parece diante das falas dos professores entrevistados de que não receberam formação para desenvolverem esta temática em suas aulas, talvez fosse necessário que esta formação não ficasse restrita a palestras, mas que houvesse realmente um curso pensado e organizado para que os professores pudessem receber esta formação. Na fala de uma das professoras entrevistadas, foi dito que em uma escola do interior, na qual trabalhou, os professores foram capacitados pelo grupo do PSE e que o resultado dessa formação foi muito positivo, fazendo com que estes professores realmente se envolvessem nos projetos relacionados à Educação Sexual que passaram a ser desenvolvidos na escola.

Considerando que todo esse processo tem exigido novas atitudes dos educadores, creio que a temática “sexualidade” pode ser um ponto capital na formação continuada, ou seja no exercício de busca de crescimento pessoal e profissional do professor. Penso que se a formação continuada, for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor aluno e em todo o processo de ensino e aprendizagem.(FIGUEIRO,p.93,2003).

Dessa forma, acho memorável o trabalho desenvolvido pelo equipe do PSE, contudo, sabemos das dificuldades enfrentadas por eles e podemos perceber que há a necessidade de um número maior de pessoas nessa equipe para que possam atender às escolas tanto das redes municipais, quanto as da rede estadual. Sendo assim, se houvesse um calendário organizado e um local apropriado no qual os professores por escolas ou micro –regiões pudessem receber formação por um tempo mais longo, o trabalho iria apresentar um melhor resultado.

Além disso, seria interessante, que os professores cursistas fossem monitorados e orientados a desenvolverem projetos de educação sexual nas escolas, devendo estes projetos terem os seus resultados compartilhados e debatidos, a fim de buscar uma melhoria constante no cotidiano escolar. Faz-se, portanto necessário que a Secretaria de Educação por meio do núcleo de formação de professores disponibilize e divulgue estes cursos para os professores de sua rede. As palestras são importantes e fundamentais contudo, devido à importância e a abrangência do tema, é necessário, que esta formação se estenda por um período maior de tempo e que possa abranger um número maior de professores e conseqüentemente de alunos.

Como podemos perceber o médico, define Educação Sexual da seguinte forma “A Educação Sexual é um ramo da ciência fundamental para o ser humano porque na Educação

Sexual se aborda a Saúde Sexual e esta saúde sexual envolve a sexualidade como também as doenças sexualmente transmissíveis, então é fundamental para a vida do ser humano”, confirmando que a Educação Sexual é indispensável para que o indivíduo tenha uma vida saudável e para que possa vivenciar a sua sexualidade sem problemas que afetem a sua saúde física e psicológica. Portanto, para ele a Educação Sexual não deve estar restrita às questões biológicas e preventivas, mas também abranger os diversos aspectos da sexualidade tais como: questões de gênero, diversidade entre outros temas, os quais são tratados por ele e por sua equipe nas palestras realizadas junto a alunos e professores

De acordo ainda, com este profissional, existem alguns diretores, que por concepção religiosa não aceitam a realização das palestras sobre sexualidade, bem como alguns pais que também não concordam com este trabalho por acharem que é um incentivo a certo tipo de comportamentos, e à prática do sexo precocemente, sendo dessa forma, segundo ele,

necessário que a escola mobilize e informe os pais para que assim possam também participarem desse processo, visto que muitos deles também precisam ser educados sexualmente. Contudo, como também afirmado por ele, muitos desses jovens já iniciaram a sua vida sexual, porém ao que nos parece, muitas vezes os pais estão alheios a este fato.

De acordo com o nosso entrevistado, uma das maiores dúvidas dos jovens continua ligada às questões biológicas e preventivas à gravidez, à AIDS e às doenças sexualmente transmissíveis. Sendo assim é fundamental a continuidade da Educação Sexual envolvendo estas questões, sem contudo se prender a elas, visto que a sexualidade abrange outras questões de grande importância, tais como a homofobia citada pelo nosso entrevistado como uma das queixas relatadas pelos alunos aos representantes do programa, ligados a Secretaria de Educação.

Como afirmado por ele, o grupo consegue perceber resultados positivos no comportamento dos jovens que recebem educação sexual na escola, sem contudo haver registro disso por meio de pesquisa que possa comprovar este fato. Isto é confirmado por Saito e Leal(2000), que confirmam a importância da educação sexual para a melhoria da qualidade de vida dos alunos.

A Tabela 3 C abaixo apresenta o resultado da Entrevista junto ao representante da Secretaria de Educação.

Tabela 3-C. Resultado da Entrevista junto ao representante da Secretaria de Educação

1. A Educação Sexual é um tema transversal presente nos PCNs. Contudo as ações para que ela seja abordada em sala-aula continuam tímidas. De quem é a responsabilidade pela Educação Sexual para o senhor/?	
Secretária de Educação	A responsabilidade é de todos, família, escola, comunidade de forma em geral. Mesmo porque a Educação Sexual, ela transcende a questão do sexo em si e sim ela trabalha a sexualidade e o desenvolvimento do adolescente não é ?Com relação ao desenvolvimento do seu corpo.
2. A secretaria de educação de Sergipe desenvolve algum projeto de qualificação para os professores trabalharem está temática?	

<p>Secretaria de Educação</p>	<p>Além do PSE, que é o programa de saúde e prevenção na escola, nós temos vários cursos de formação continuada que envolve o tema das diversidades, engloba a questão de gênero e de sexualidade e as questões das diferenças com relação e educação inclusiva. Desde o ano de 2011 nós temos cursos de formação continuada com 200 horas, todas em convenio com a UAB(Universidade Aberta do Brasil) e a UFS(Universidade Federal de Sergipe).</p>
<p>4. Depois de realizados os cursos vocês procuram saber se os professores estão ponto em prática os cursos? Vão fazer está busca?</p>	
	<p>Na verdade a gente não tem um instrumento de avaliação.</p>
<p>Secretaria de Educação</p>	<p>Mas quando há uma análise das projetos políticos pedagógicos das escolas, bem como dos planos e conteúdos iniciais, a gente percebe a inclusão desses conteúdos nas aulas dos professores.</p>
<p>5. Qual a importância e quais os objetivos da oferta da Educação Sexual nas escolas?</p>	
<p>Secretaria de Educação</p>	<p>A educação Sexual é um processo de aprendizado né? Então os adolescentes, passam por um processo de formação, conhecimento ,na realidade do que venha a ser a prática sexual ,métodos contraceptivos, com relação com temas como gravidez indesejada na adolescência, bem como o conhecimento do seu próprio corpo não é? E também de ver as diferenças entre o sexo masculino e feminino e também na questão de trabalhar as tolerâncias.</p>
<p>6. Como os pais reagem em relação a oferta da Educação Sexual?</p>	

<p>Secretaria de Educação</p>	<p>Bem na verdade, a gente percebe certa barreira entre os pais nesse programa mesmo porque na cabeça dos pais é como se a gente tivesse ensinando os adolescentes a fazerem sexo. E a gente sabe que não é isso, porque além da prevenção de uma gravidez indesejada a gente trabalha a questão de conhecer né? A sua sexualidade. O que é sexualidade? Porque a sexualidade, ela é ampla né? Não é só a gravidez, não é só o ato sexual, mas sim o todo né?</p>
<p>7.O PSE inclui a sexualidade em seu programa o senhor acredita que este programa seja suficiente ,ou seria necessário um programa mais específico para abordar estas questões, sobretudo uma formação mais direcionada para aqueles professores que já desenvolve em suas aulas conteúdos relacionados a Educação Sexual?</p>	
<p>Secretaria de Educação</p>	<p>Veja só, com relação ao PSE ele é amplo porque ele trabalha a prevenção ao uso de álcool ,droga, violência ,a sexualidade ...suficiente ,não. Porque você não vai dizer que um programa fechado, um programa que possui conteúdo programado, um material próprio, ele vai ser suficiente para abordar todos os temas de modo a exauri-los</p> <p>.Na realidade todos os programas que visem melhorar o conhecimento nesta área ,principalmente da sexualidade é bem vindo</p>
<p>8. Quais seriam os procedimentos a serem adotados pela escola, caso identifique alunos que enfrentem problemas relacionados à sexualidade?</p>	

Secretaria de Educação	(...). a própria legislação não é? O próprio estatuto da criança e do adolescente né que vai disciplinar a permanência desse aluno na escola, bem como a forma como este estudo será aproveitado né? No caso de aluna que se afaste, no caso da menina que se afaste para ter seu bebê né? E neste caso a escola tem toda a autonomia, né?(...) também é em relação à violência né? Então o Conselho Tutelar é acionado ,bem como o Ministério Público ,porque o Ministério Público tem um programa que vai acompanhar a ida e ausência desse aluno na escola deste adolescente. Então tudo isso é comunicado tanto ao ministério público, quanto ao conselho tutelar, caso haja algum problema, mas algum programa específico não existe.
-------------------------------	--

3.1.6. ANÁLISE DO DISCURSO DO ENTREVISTADO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

O Representante da Secretaria da Educação coloca que a responsabilidade da Educação Sexual é de responsabilidade de todos. Ao questioná-lo a respeito de ser oferecido pela SEED ,cursos de formação para a Educação Sexual, ele nos comunicou que, como o responsável pela formação dos professores, que esta secretaria sempre disponibiliza cursos de formação para os professores, inclusive cursos que abordam a sexualidade.

Porém, todos os professores, que entrevistamos inclusive os que realizam atividades e projetos voltados para a Educação Sexual, foram unânimes em afirmar que nunca receberam cursos de formação em Educação Sexual por esta Secretaria. Tendo alguns deles afirmado que fizeram cursos nesta área por conta e interesse próprios. Já em relação à formação do PSE, uma professora afirmou conhecer bem o programa e já ter participado de cursos de formação oferecidos pela equipe desse programa, a mesma afirmou que o resultado desse curso na escola foi muito positivo tendo envolvido os professores e alunos e tendo ainda surtido efeitos concretos ,tais como a redução do número de alunas grávidas nesta escola, a qual apresentava um alto índice de jovens grávidas.

Contudo ainda, assim a maioria dos professores entrevistados disseram não conhecer e nunca terem participado de cursos do PSE, o qual como já foi dito é realizado em uma parceria da Secretaria da Saúde com a Secretária da Educação ,tendo sido criado por meio de uma

portaria do governo Federal ,sendo assim não se trata de um programa ,pensado pela secretária de Educação do Estado de Sergipe.

Percebemos que os cursos de formação de educação continuada, dos professores do Estado de Sergipe, estão muito dependentes de programas e parcerias com instituições, tais como a UFS e a UAB, a qual oferece cursos à distância, achamos válida a iniciativa, contudo entendemos que se faz necessário uma ação mais direta desta secretária a fim de fomentar , facilitar e incentivar a participação dos professores nestes cursos, visto que muitos professores afirmam não receberem informações sobre os mesmos ,além de entendermos ser importante a existência de cursos presenciais que tratem da realidade de professores e alunos do nosso estado, ou seja cursos pensados e criados aqui.

Podemos apontar ainda como dificuldade de acesso a estes cursos por parte dos professores ,a falta de tempo e de incentivos, visto que muitos professores trabalham em dois empregos ou mais ,muitas são mulheres e mães e assim têm seu tempo limitado, além do fato de que antigas gratificações oferecidas aos professores que participavam de cursos de formação terem sido cortadas, o que faz que muitos professores não tenham mais interesse em participar de cursos e seminários ,entre outros eventos ,visto que muitas vezes para participar dos mesmos ,os professores necessitam pagar todas as despesas e depois não contam com nenhum retorno financeiro.

É óbvio que a formação não é necessária apenas para melhorar a questão salarial, estando também atrelada à melhoria da qualidade da educação, já que um professor bem formado e atualizado irá melhorar a qualidade e o nível de suas aulas. Sendo assim a oferta, e o incentivo à participação dos professores nesses cursos por parte da Secretaria de Educação ,são essenciais para que haja uma melhoria substancial no trabalho do professor, o que acarretará na melhoria da educação como um todo.

Em sua fala, o representante da secretaria afirma que além do PSE, são oferecidos vários cursos de formação continuada que envolve o tema das diversidades, contudo afirma também que estes cursos ocorrem desde 2011, sendo cursos de formação continuada com 200 horas ,todas em convênio com a UAB (Universidade Aberta do Brasil) e a UFS (Universidade Federal de Sergipe), confirmamos assim que estes cursos oferecidos não são ofertados diretamente pela Secretaria de Educação, sendo que muitos deles são à distância e como percebemos são recentes, visto que como afirmado por ele, começaram a ocorrer desde 2011.O nosso entrevistado ,afirmou ainda que muitos professores afirmam não participarem dos cursos por não terem sido informados ,mas segundo ele os cursos são bem divulgados, contudo

os professores que entrevistamos afirmaram nunca terem tido conhecimento de nenhum curso ofertado pela secretaria de educação que abordasse esta temática.

Porém, coincidentemente no período no qual realizamos esta entrevista, estavam sendo oferecidos alguns cursos relativos à sexualidade, realizados por meio desta parceria entre a UFS, a UAB e a Secretaria de Educação do estado de Sergipe, porém o número de inscritos era pequeno. E pelo que pude perceber nas escolas, os professores não tinham recebido nenhuma informação a este respeito, apesar das informações estarem no site da secretaria. Acreditamos portanto ser necessário uma divulgação maior, além de algumas ações que melhorem a qualidade do ensino e que tornem atraentes e incentivem a participação dos professores nesses cursos.

(...) uma política educacional que contemple a formação inicial e continuada dos professores, uma decisiva revisão das condições salariais, além da organização de uma estrutura de apoio que favoreça o desenvolvimento do trabalho (Acervo de livros e obras de referência, equipe técnica para a supervisão, materiais didáticos, instalações adequadas para a realização do trabalho de qualidade aspectos que sem dúvida implicam a valorização da atividade do professor. (BRASIL 2000,p.38).

Além do que, acreditamos ser mister o acompanhamento das ações desenvolvidas pelos professores que participaram de algum curso de qualificação, para que assim possa se perceber os resultados práticos dos cursos, além de ser necessário perceber se aqueles que participaram dos cursos, realmente passaram as informações adiante. De acordo com a fala dele podemos perceber que ele entende a Educação Sexual de uma forma mais ampla entendendo que esta não pode se prender as questões preventivas, físicas e biológicas, ainda assim, as suas falas relacionadas a estas questões foram constantes.

Outro ponto que nos chamou a atenção, nesta fala foi em relação, a contradição entre a fala dele e a de outro entrevistado, que é o representante da Secretaria de Saúde. Em relação à questão sobre as barreiras impostas por alguns gestores de escolas, visto que na fala do segundo, o qual coordena equipes que realizam palestras nas escolas para alunos e professores foi afirmado que alguns gestores e pais não aceitam as palestras, acatando ao PSE, mas descartando a questão da sexualidade, muitas vezes por questões religiosas, afirmação confirmada pelo representante do PSE.

Porém na sua fala ele afirma que os diretores têm ‘a cabeça muito aberta’ e que buscam a secretaria para pedir ajuda para abordarem esse tema na escola. Contradizendo assim, o que é vivenciado pelos realizadores das palestras.

Dessa forma cabe a pergunta se estarão estes gestores, se comportando de uma maneira perante a Secretaria e de outra diante dos responsáveis pelo oferta de ações relacionadas à Educação Sexual ?

Como podemos perceber não existe nenhum tipo de acompanhamento e nem de monitoramento em relação aos resultados de cursos de formação ofertados por esta secretaria, e também não existem registros de dados de alunos que tenham passado por algum problema relacionado à sexualidade, seja de doenças ou gravidezes, apesar de como afirmado pelo nosso entrevistado ser muito grande o número de jovens alunas que engravidam. Já em relação ao suporte dado a alunos que passem por algum tipo de problemas nessa área também não existe nenhuma medida específica de apoio por parte da secretaria ,cabendo a ela apenas divulgar o ocorrido aos pais ,ao conselho tutelar e ao Ministério Público.

Acreditamos que uma medida importante a ser tomada pela secretaria de Educação seria formar e informar pais, profissionais da escola, professores e alunos para que cada um soubesse como agir em casos de pedofilia, abuso e violência sexual, afim de conscientizá-los da gravidade desses problemas e não se calarem diante destes crimes. Sendo importante ainda que as unidades escolares contem com profissionais capacitados, tais como psicólogos e psicopedagogos, para que estes acompanhem o jovem e a sua família, visto que muitos casos de abuso e violência sexual acontecem na família. Dessa forma é mister a ação educativa e preventiva por parte da Secretária de Educação, e não apenas a tarefa de comunicar fatos aos órgãos competentes quando eles já tenham ocorrido.

Como afirmado pelo entrevistado, o PSE não é suficiente nessa tarefa, podemos perceber o empenho dos membros desse programa e é inegável a importância do mesmo, contudo a Educação Sexual é algo que deve ser constante e contínua para que seus resultados surtam os efeitos necessários ,sendo assim é preciso que os professores recebam realmente formação continuada e permanente para desenvolverem temas relacionados à sexualidade em suas aulas, sem receio e sem tabus e preconceitos, visto que muitos por perceberem a necessidade acabam desenvolvendo por conta própria atividades ,relacionadas à Educação Sexual ,as quais muitas vezes são pautadas em aconselhamento médico ,religioso e cheias de preconceitos.

“A Educação Sexual. Apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva se oficializada ao acaso, isto é, sem o devido planejamento e preparo dos professores. Há entre nós, latinos, forte herança de educação moralista, com influências repressivas (todas as religiões) muito presentes e que podem dominar a educação sexual como uma doutrinação (Guimarães, 1995,p.87)!”.

Dessa forma sem dúvida, a atuação do PSE, é importante, com as palestras, e os cursos de formação ,bem como outros cursos que sejam ofertados, porém a formação do educador sexual deve ser constante e baseada na realidade cotidiana, sendo necessário que os diversos temas que envolvem a sexualidade sejam constantemente debatidos, em um diálogo constante, claro e sempre sem a emissão de juízo de valor.

Contudo para além de cursos de qualificação é necessário a melhoria da educação, como um todo passando pela melhoria física dos prédios, pela disposição de materiais didáticos ,pela formação dos outros funcionários da escola, e pela valorização do professor, o qual deveria poder se dedicar a apenas uma escola para que tivesse mais tempo para estudar e elaborar o seu planejamento, afim de melhorar a sua prática educativa. Para educar o indivíduo tem de também ter sido educado, e no campo da sexualidade isto fica mais evidente, se o professor não estiver tranquilo com a sua própria sexualidade ,difícilmente ele vai lidar de forma tranquila e destituída de preconceitos com estas questões, sobretudo em relação às questões que aflorem relacionadas à diversidade sexual.

A tabela 4 C abaixo apresenta o resultados da entrevista do Coordenador do PSE de Sergipe pela Secretária de Educação

Tabela 4-C. resultados da entrevista do Coordenador do PSE de Sergipe pela Secretária de Educação.

1. Como surgiu o PSE? Quais os seus objetivos e como é organizado na prática?	
Coordenador do PSE	- Bem, a origem disso tudo é o SPE Saúde e Prevenção na escola),que foi lançado em 2003 nacionalmente, pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação em conjunto que é uma política intersetorial com fomento para discutir na escola sobretudo a questão da saúde sexual e reprodutiva, uma vez que na época o PSE estava vinculado ao programa nacional de DSTS /AIDS, certo ?Então ,as temáticas iniciais eram relacionadas a questão da temática sexual e saúde reprodutiva, DST, AIDS, gravidez na adolescência ,drogas ,sexualidade e gênero. (...) e então chegou a Sergipe(...). Bom de 2004 a 2007 , o Ministério ,lançou algumas publicações como o guia de formação de professores da saúde, e para estudantes o caderno das coisas importantes e publicações de jogos e teve outras publicações todas relacionadas a saúde sexual e reprodutiva ,todas ligadas a sexualidade. Em2007,ocorreu a tentativa de transformar o PSE ,em um programa em um programa nacional ,esta tentativa foi um pouco frustrada porque como, era restrito a DSTs, AIDS, sexualidade ,gênero ,violência e drogas é eles tiveram como manobra de tornar o programa um programa nacional do governo federal, que tivesse rubrica

	<p>própria ,foi ampliar o programa para além da saúde sexual e reprodutiva, ampliar ´para tudo o que se relaciona com a saúde integral no sistema de Saúde. Então no final de 2007,foi lançada a portaria(7de dezembro)interministerial 6286,que instituiu o programa saúde na escola ,ele possui 05 componentes .Entre eles, o número 2 é o componente de promoção de saúde e prevenção na escola ,onde foi colocando o projeto de saúde e prevenção na escola ,então neste componente trata da questão de saúde sexual, reprodutiva ,violência ,drogas ,atividades físicas e corporais ,,ficou no primeiro componente .II Avaliação clínica e psicossocial ,educação de saúde da família /saúde bucal ,auditiva visual na escola, hipertensão ,diabete e obesidade preconizadas pelas equipes da saúde da família dentro das esfera de territorial e envolve o público jovem /adulto estudante vinculado a escola e chega até as famílias com ações de palestras com ferramentas contínuas que envolvam a comunidade (oficina).E o componente III ,É o de formação Permanente ,nos quais os grupos de trabalho, estaduais,municipais e regionais que vão que vão pensar as ações de formação e o outros componentes são de monitoramento e de avaliação do próprio Ministério.</p>
<p>2. Quais são as Diretrizes do programa?</p>	
	<p>As diretrizes do programa hoje é o PSE Passo a Passo ,que é na verdade ,desmembramento dos cinco componentes ,se tem como premissa básica a diretriz de formação ,porque para que o programaenvolvidos é,...com o andamento operacional do programa atualizados.Neste sentido ,o componente de formação vai cumprir a diretriz do programa que é o de formação permanente e continuada. E a diretriz de mitigar vulnerabilidades relacionadas.Tanto agravos a saúde física ,quanto a saúde psicossocial desses jovens. A partir das ações da equipe de saúde e das ações de formação de jovens que a gente chama de educação entre pares.</p>
<p>Coordenador do PSE</p>	<p>tenha continuidade nos precisamos manter os profissionais de saúde ,da educação e os profissionais envolvidos é,...com o andamento operacional do programa atualizados.Neste sentido ,o componente de formação vai cumprir a diretriz do programa que é o de formação permanente e continuada. E a diretriz de mitigar</p>

	vulnerabilidades relacionadas. Tanto agravos a saúde física ,quanto a saúde psicossocial desses jovens. A partir das ações da equipe de saúde e das ações de formação de jovens que a gente chama de educação entre pares.
--	--

Como e quando este programa foi implantado em Sergipe? Quantas e quais são as escolas participantes? O senhor pode citar algumas, nas quais tenha tido um resultado mais eficaz?	
Coordenador do PSE	Em Sergipe também em 2007também a partir da portaria, 6289em 2004.Em 2012 o número de escolas participantes era de 283 escolas em todo o estado. Entre estas escolas, as que nós aqui da rede estadual e da secretaria acompanhamos mais de perto posso citar a escola estadual João batista Nascimento que tem feito um trabalho consistente e insistente nos últimos cinco anos continuidade .Relacionado ao protagonismo juvenil(sexualidade e gênero e nos últimos anos tem estendido a prevenção as drogas e a violência. E o Albano Franco também tem feito um trabalho bem interessante ,mas mais voltado para o componente 1 vinculando a escola com a unidade de saúde)mas eles tem feito um bom trabalho relacionado a gravidez na adolescência ,tem também o Murilo Braga em Itabaiana ,que realizado caminhadas ,gincanas e ações de mobilização. E o município de Macambira que é pequeno, mas tem feito um trabalho extremamente relevante através das equipes de família e eles só tem lá duas equipes de saúde de família, mas que estão muito presentes e vinculadas nos últimos três anos e nós temos visitados estas escolas pelo menos uma vez por ano para promover palestras e formação para os profissionais da saúde e para os professores .

Vocês tem dados registrados que confirmem que estes alunos que participam do projeto conseguem vivenciar melhor a sexualidade e se proteger melhor de problemas relacionados a sexualidade, vocês fizeram este acompanhamento?	
Coordenador do PSE	<p>Problemas ligados a sexualidade, nós temos dois casos o de duas escolas, nas quais jovens militantes do movimento LGBTs tiveram problemas porque quiseram realizar atividades nas escolas e não tiveram apoio da gestão e dos colegas e nós tivemos que intervir institucionalmente como gestor da secretária de estado da educação, para apoiarmos o movimento dos jovens .Problemas que chegaram até nós foram esses pontuais, mas assim o que a gente percebe quando vamos ministrar cursos de formação para educadores e profissionais de saúde por aí é que esta é uma temática ainda colocada como de segunda ordem e quando vamos ministrar palestras e oficinas aos pais é assim não surgem muitas perguntas ,fica todo mundo ,calado ninguém que se posicionar. Assim né temos um problema que é o uso do banheiro. No ensino noturno de jovens e adultos, nós temos algumas transexuais matriculadas ,e o nome social que não vai para a caderneta e o professor ignora o nome social.Chama pelo nome da certidão de nascimento . E assim esses são alguns detalhes e que fazem com que estas pessoas se afastem da escola. E a gente conversar com estes gestores e com os professores para tentar mitigar esses problemas .</p>
Qual a sua definição de Educação Sexual.	
Coordenador	<p>Bem é Educação para a sexualidade né? Para o exercício da sexualidade. (...).Então educação Sexual é um processo de elevação do nível de consciência para que estes jovens possam fazer as suas próprias escolhas e possam viver socialmente com a premissa do respeito.</p>

<p>Quem são as pessoas responsáveis pelo desenvolvimento das ações do PSE nas escolas ?E como elas foram qualificadas para desenvolverem o programa? Por que já presenciei algumas palestras que eram pautadas em aconselhamentos, dentro de uma abordagem médico-religiosa em algumas escolas.</p>	
<p>Coordenador do PSE</p>	<p>Bem antes de chegarmos a escola as equipes de saúde e de gestão fazem o alinhamento teórico que se dá por meio do PSE, passo a passo ,que e o material didático do programa ,a gestão, as temáticas como podem se trabalhadas, guia de formação dos professores p educação e saúde ,tem textos, oficinas que revelam a matriz teórica do programa.. Tem também aas reuniões periódicas dos grupos gestores pra gente discutir o que tem sido feito porque o que acontece realmente é o que você coloca por conta dos municípios terem autonomia para desenvolverem o programa ,acabam convidando outros,que não tem o alinhamento teórico do programa e a gente conversar para que estas pessoas se alinhem a visão do programa. Porém infelizmente na prática isto não acontece, a gente encontra pessoas que fazem a abordagem muito nesta linha de aconselhamentos, médico ,religioso, pautado na moralidade ,isto acontece, mas assim quando nós vamos fazer parte ,nós procuramos nos alinhar teoricamente dentro do programa.</p>
<p>Educação Sexual também faz parte do PSE. Como e quais são os conteúdos desta temática que são abordadas pelo programa?</p>	
	<p>II- Gravidez na adolescência, sexualidade, gênero. Por meio de palestras e da formação.</p>
<p>De forma prática, em sua opinião a Educação Sexual, na escola seja por ações individuais dos professores ,ou através do PSE, tem contribuído para que o aluno tenha uma melhor qualidade de vida e vivencie de forma mais responsável e feliz a sua sexualidade.</p>	

<p>Coordenador do PSE</p>	<p>- É infelizmente, isso a gente acredita que acontece com um número mínimo de jovens que conseguiram elevar o nível de sua consciência, e mudaram sua prática para viver estas questões e, eu vou lhe dizer, quais são estes jovens que melhoraram a sua a prática. São aqueles que se envolveram no programa , com os quais nós conseguimos fazer formação, os de grupos de protagonismo, os de educação entre pares que conseguiram fazer a formação, que tem um grupo na escola, que é um tanto ativista que se mobiliza ,que Propõe ações .(...) .realmente se apropriaram desses conceitos ,e mudaram a sua prática e implantaram em sua vida cotidiana os demais jovens que participaram de oficinas e de palestras, que são ações pontuais. A gente consegue tocá-los por um momento só, por conta de nós trabalharmos com a realidade concreta, levarmos para ele dados da realidade .mas só de modo continuado a gente percebe que os índices de gravidez e de violência não altera, a gente tem conseguido inserir a temática de forma mais frequente, mas o espaço é curto e o número de violência ,de gravidez e de problemas não se alteram bruscamente, penso que demanda mais tempo para elevarmos este nível de consciência.</p> <p>Eu diria que a abordagem da sexualidade ainda fica muito pautada no bio e digo que se sairmos do bio para o social ,vai ficar muito só pautado no masculino/ feminino, pênis /vagina e não vão se conceber outras formas de relação e se saírem do social para chegar no bio, inverter a ordem a gente vai sim elevar o nível de consciência e vai perceber que sim existem outras formas de se relacionar e que o respeito é uma premissa que precisa estar presente em todas as relações.</p>
----------------------------------	---

3.1.7. ANÁLISE DO DISCURSO DO ENTREVISTADO DO PSE

A escola como um espaço de relações é ideal para o desenvolvimento do pensamento crítico e político, na medida em que contribui na construção de valores

peçoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo e Interfere diretamente na produção social da saúde.(BRASIL,p.5,2011).

O nosso entrevistado traçou um breve histórico do PSE, desde o seu surgimento. Fica claro que o PSE aborda a educação sexual e reprodutiva, com caráter preventivo ,além de também desenvolver grupos de formação de jovens ,os quais são estimulados a se tornarem multiplicadores do conhecimento desenvolvido nestes cursos em suas escolas. É importante ressaltar, que além da questão preventiva e biológica, fazem parte do programa, questões ligadas às sexualidades, aos gêneros e às diversidades e violências, de maneira a buscar uma discussão mais ampla de combater atitudes preconceituosas, discriminatórias e de violência às mulheres, crianças e gays masculinos e femininos.

Este programa é desenvolvido em conjunto pela Secretaria de Saúde e da Educação, sendo que os profissionais por ele capacitados desenvolve-o nas escolas das rede pública municipais e estadual. Contudo, como podemos perceber pela fala do entrevistado, o programa é desenvolvido em apenas 283 escolas, sendo que algumas destas escolas ,em razão da decisão de gestores, que se pautam em questões morais e religiosa, abrem mão da temática da sexualidade, ficando assim o programa reduzido as outras temáticas, as quais envolvem a saúde visual, nutricional, auditiva e bucal.

Achamos importante que a escola tenha a sua autonomia, contudo devido a importância da oferta de educação sexual na escola e do fato do PSE contar com profissionais gabaritados e preparados para discutir estas questões e de ainda disponibilizar a formação dos professores seria interessante que a decisão de aceitar ou não a discussão sobre a sexualidade não ficasse restrita aos gestores, mas sim que fosse discutida com toda a comunidade escolar e em especial com os professores, aos quais está sendo negado o direito de receber formação continuada ,que é um direito deles, por uma decisão única dos gestores. Desse modo, o posicionamento desses gestores, acaba prejudicando o desenvolvimento do programa ,o aprendizado dos alunos e contribuindo para atitudes preconceituosas e discriminatórias nas escolas, nas quais atuam.

A formação continuada dos professores deve ser encarada como uma prática social, assim como o ato de ensinar também o é. Deve ser entendida numa perspectiva segunda a qual o papel da escola seja concebido como o de formadora do indivíduo para o exercício da cidadania .(FIGUEIRÓ,2006,p.94)

Seria interessante se estes gestores e os pais também participassem de debates e de oficinas para que os mesmos se conscientizassem da importância do desenvolvimento das ações do PSE, o qual tem muito a contribuir para a formação de professores e para a Educação Sexual em nossas escolas.

Com certeza, somente o PSE, não consegue sozinho dar conta dessa tarefa, contudo é inegável a importância de sua contribuição, acreditamos ser necessário que a educação sexual faça parte do cotidiano escolar, de maneira que todos os professores discutam estas questões em suas aulas, visto que as situações envolvendo estas temáticas são constantes na escola, como afirmado pelo responsável do PSE, em nosso Estado, estas questões surgem desde a Educação infantil, sendo diante disso, necessário que o professor esteja preparado para discutir estas questões de forma clara e objetiva sempre com muita tranquilidade e tendo a preocupação de respeitar a faixa etária de seu aluno respeitando e adequando o vocabulário à idade dos discentes.

De acordo ainda com o nosso entrevistado, apesar de não haver nenhum estudo registrado sobre a mudança de comportamento dos jovens que recebem educação sexual nas escolas eles conseguem perceber esta mudança através de relatos de professores, os quais confirmam notar esta mudança. Fato relatado também, uma das nossas entrevistadas, a qual afirmou que em uma escola na qual trabalhava no interior de nosso estado, existia um número alto de jovens que engravidavam e que este número reduziu consideravelmente após a realização de ações de Educação Sexual, que passaram a ser realizadas nesta escola.

Contudo, infelizmente ninguém registrou dados relacionados a estas questões, pelo que podemos perceber, visto que nem a Secretaria de Saúde, nem a de Educação e nem os responsáveis pelo PSE, possuem nenhum documento relacionado a este tipo de pesquisa. Sabemos que esta é uma questão que demanda tempo para ser observada, contudo o PSE surgiu em 2007, e pelo que podemos perceber até agora não foi feito nenhum registro preocupado em quantificar problemas relacionados à sexualidade dos alunos, tais como a gravidez, ou o abandono da escola por conta de casos relacionados à homofobia, casos estes que podemos registrar em nossa pesquisa, quando aplicamos questionários aos alunos das duas escolas.

Sendo assim acho que seria interessante, o registro de casos assim, pelo grupo responsável, pelo PSE, visto que através desses registros, ficaria mais fácil conhecer e acompanhar a realidade desses alunos percebendo quais as suas dúvidas e principais problemas e assim poder desenvolver ações mais conectadas com a realidade na qual, os mesmos estão inseridos. Neste sentido, acho louvável o trabalho de um dos nossos professores entrevistados,

o qual afirmou aplicar questionários relacionados à sexualidade, a serem respondidos pelos alunos de forma anônima a fim de coletar informações e posteriormente desenvolver conteúdos relacionados à sexualidade, em suas aulas, visando ajudar estes alunos a construírem seus conhecimentos e buscarem soluções para as suas dúvidas de forma a derrubar mitos e barreiras e buscar uma vivência sexual ,feliz, responsável e baseada no respeito mútuo.

Como podemos perceber, a definição desse nosso entrevistado para a Educação Sexual, passa pela questão da autonomia e pelo que podemos perceber parece se pautar no que chamamos de educação sexual emancipatória ,visto que de acordo com ele é preciso que os jovens sejam capazes de fazer as suas próprias escolhas, com autonomia e possam viver bem a sua sexualidade buscando superar barreiras e limites, com base contudo, no respeito .Ao ser questionado sobre qual a melhor maneira de se trabalhar os conteúdos da sexualidade ,ele afirmou que acredita que seja partindo da realidade do educando, o que concordamos, sendo contudo necessário que além de partir da realidade desses educandos, também haja a preocupação de se fazer o registro dessa realidade ,a fim de percebermos padrões e mudanças de comportamento e facilitar a busca de soluções para problemas relacionados à vivência sexual desses jovens.

Educar integralmente (...) exige a responsabilidade e o cuidado de considerar todas as suas dimensões e trabalhar para que nenhuma delas fique de fora do seu processo de desenvolvimento. Sendo a sexualidade uma dimensão ontológica do ser humano, jamais poderemos deixar de contemplá-la neste processo(..)NUNES e SILVA,2000,p.124).

Podemos perceber ainda através desta fala que as barreiras para a efetivação da educação sexual nas escolas ainda são muito grandes, ao contrário da fala da Secretaria de educação, o representante do PSE deixa claro que alguns diretores de escola, por questões moralistas e religiosas aderem ao PSE, porém solicitam a exclusão dos temas ligados à sexualidade. Observamos que muitas vezes quando estas questões são levadas à escola permanecem como afirmado por ele, centradas apenas nas questões biológicas e preventivas. Deixando assim claro a importância da Educação Sexual na escola envolvendo estas questões, sem contudo se prender a elas ,visto que a sexualidade abrange outras questões de grande importância, tais como a homofobia citada pelo nosso entrevistado como uma das queixas relatadas pelos alunos aos representantes do programa ,ligados à Secretaria de Educação.

Quando questionado em relação ao fato de mudança de comportamento dos discentes que recebem educação sexual na escola, este entrevistado ,deixa claro que esta

mudança de comportamento é sim percebida ,sobretudo naqueles que disponibilizam desta educação por mais tempo.

Não podemos nos esquecer que o objetivo fundamental da Educação Sexual consiste em ajudar as pessoas a viverem sua sexualidade de maneira saudável e feliz, participando construtivamente da transformação dos valores e normas sociais relacionados a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2001,153).

Como afirmado por ele, o grupo consegue perceber resultados positivos no comportamento dos jovens que recebem educação sexual na escola, sem contudo haver registro disso por meio de pesquisa que possa comprovar este fato. Sendo desse modo interessante promover ações de registro ,coleta e análises desses dados.

3.1.8. RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS A ALUNOS E PAIS NAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE SERGIPE

Prosseguiremos apresentando os resultados obtidos na aplicação dos questionários junto a pais e alunos. Posteriormente, realizaremos as análises finais do resultados levantados ao longo da pesquisa e teceremos as considerações finais.

Inicialmente apresentaremos os resultados dos questionários aplicados aos alunos do Camélio Costa , escola na qual não é desenvolvido o PSE, e onde a maioria dos professores afirmaram não desenvolver projetos e atividades diretamente ligadas à sexualidade. Esta escola oferece, à noite, a modalidade EJAEM e lá aplicamos o questionário junto aos alunos das primeiras etapas , as quais correspondem ao primeiro ano do ensino médio.

A maioria dos alunos participantes da pesquisa nesta escola pertenciam ao sexo feminino, sendo que tanto nesta escola, quanto na outra verificamos a existência de alunas trans ou de meninos homossexuais, sendo que alguns deles, acrescentaram nas opções de sexo a palavra homossexual ou transexual, visto que se não se enquadravam no gênero masculino e diante disso não se definiam como pertencentes ao sexo masculino, mas não se sentiam seguros para optar pelo feminino, já em relação às meninas não foi observado este fato.

Dessa forma, tivemos nesta escola um total de 39 alunos participantes constituídos de 20 meninas, 18 meninos e 1 transexual, sendo que contudo em alguns casos meninos gays afirmavam que se declarariam meninas. Nota-se dessa forma que os conceitos de gênero, os papéis sexuais, o sexo biológico e as identidades sexuais, ainda estão muito confusas para estes jovens, os quais tiveram dúvidas para preencher a questão relativa a qual sexo biológico pertenciam, em virtude da sua identidade sexual bem como de suas opções sexuais.

Os participantes da pesquisa nesta escola foram alunos em sua maioria com idade variando entre 15 a 25 anos, estando alguns deles acima dessa faixa etária em virtude da turma ser do EJAEM e de se tratar de ensino noturno. Inicialmente pensávamos em aplicar os questionários com um número maior de alunos nesta escola, contudo não foi possível, devido esta escola estar com um número reduzido de alunos, principalmente neste turno pesquisado e de nos outros turnos não se disponibilizar turmas do ensino médio.

Tendo declarado ter de 15 a 20 anos um total de 31 pessoas, de 21 a 25 anos um total de 6 pessoas, de 26 a 30 anos o total de 1 pessoa, e acima de 30 anos 1 pessoa.

Em relação à religião, 25 pessoas se declararam católicas, 8 evangélicas, 2 espíritas, e 4 pessoas não declararam.

Quanto à questão, relacionada ao fato de já ter iniciado a vida sexual, 30 pessoas afirmaram já ter iniciado e 9 afirmaram ainda não ter iniciado a vida sexual ativa.

Tendo 11 pessoas afirmado ter iniciado a vida sexual entre os 10 e os 14 anos de idade, 14 pessoas afirmado que iniciaram entre os 15 e 18 anos, 1 pessoa que afirmou ter iniciado dos 18 aos 24 anos e 4 pessoas que não declararam.

A questão sobre se usou ou não o preservativo foi respondida afirmativamente por 23 pessoas e negativamente por 7 pessoas. Nota-se aí um percentual significativo de pessoas que não se preveniram na primeira relação, ficando desta forma expostos a riscos de doenças e gravidezes indesejadas.

Na questão seguinte, eles poderiam escolher uma ou mais instituições ou pessoas que considerassem importantes na tarefa de educar os jovens, para a sexualidade, chamando a atenção o grande número de jovens que citaram os amigos, sendo que muitas vezes estes amigos são tão inexperientes e desinformados quanto eles tendo sido citada em primeiro lugar pelos jovens estudantes desta escola como a instituição com maior responsabilidade pela Educação Sexual dos jovens, a família, citada por 17 pessoas, seguida de amigos e internet cada um com 10 pessoas, logo após aparece a tv com 8 pontos e só então surge a escola com 7 e logo após a igreja com 6 pontos seguida de revista também com 6 pontos e na categoria outros aparece com 1 ponto, a médica.

Contudo, apesar de muitos terem apontado a família como a principal responsável pela Educação Sexual, um bom número deles afirmou não conversar sobre sexualidade em família, além de só uma pequena parte ter informado buscar informações sobre estas questões junto as suas famílias, tendo muitos deles declarado buscar estas informações na escola, na igreja, com amigos, na internet em revistas e, em outros meios tendo uma aluna citada

profissionais da saúde .Deixando claro que eles acreditam na responsabilidade da família na educação sexual, contudo este diálogo nem sempre acontece ,ou não acontece de maneira clara como deveria.

Em relação a conversar sobre sexualidade com a família, 23 pessoas responderam afirmativamente e 15 pessoas responderam não, enquanto 1 pessoa não respondeu .Dessa forma percebemos que um grande número desses jovens não dialogam com a família sobre a sexualidade.

Foi perguntado ainda qual o momento em que a escola deveria ofertar a Educação Sexual, 30 pessoas, afirmaram que o momento ideal para a escola tratar desta questão é o Ensino Fundamental, tendo 4 pessoas optado pela Educação infantil, 4 pelo Ensino médio e 1 pessoa não optou.

Outro item que chamou a atenção foi o relativo a quais os métodos preventivos que eles consideravam mais eficientes para evitar doenças sexuais transmissíveis. Neste item eles também poderiam escolher mais de um item ,tendo sido citado por 33 pessoas, o uso de preservativos, seguido de parceiro único com 11 pessoas ,e surpreendentemente a pílula, a qual ainda é percebida por algumas pessoas como eficiente na prevenção das DSTs, tendo sido citado por 8 pessoas, logo após ficou o parceiro único com 11 pontos, o coito interrompido com 3 pontos, abstinência com 2. Sendo preocupante o resultado visto que alguns deles citaram o coito interrompido como um meio eficaz de se evitar esses problemas nos fazendo perceber sobre a importância do trabalho de prevenção às DSTs , AIDS e gravidez indesejada junto a estes alunos ,os quais em sua maioria têm vida sexual ativa e ainda demonstram dúvidas em relação às medidas preventivas e de saúde.

Indagamos ainda se eles, ou alguém que eles conheciam já haviam passado por problemas relacionados (poderiam ser citado mais de um), a sexualidade , tendo muitos deles afirmado que sim e citado em primeiro lugar o aborto com 18 pontos , o preconceito, com 16 pontos, a gravidez indesejada com 13 pontos, seguido da homofobia com 9 pontos ,da discriminação com 8 pontos , da violência sexual, com 7 pontos ,da pedofilia e abuso na família com 4 pontos, ,da AIDS, com estes mesmos números ,da exploração sexual, com 3 pontos , das DSTs, com 2 pontos da lesbofobia³ , e sexismo²,tendo alguns afirmado não terem passado e nem conhecerem ninguém que passou por algum destes problemas.

Indagamos ainda se a escola deles oferece Educação Sexual e se eles concordavam com esta oferta, sendo que a maioria afirmou que a escola oferece educação sexual e que concordam com esta oferta..

Entendemos as respostas afirmativas a esta questão, relacionadas a palestras ocasionais que já aconteceram na escola, e em conteúdo da matéria de biologia. Tendo 24 pessoas, afirmado que sim, 3 pessoas não informaram e 12 pessoas afirmaram que não.

Os alunos desta escola, em grande parte, 31 pessoas, afirmou concordar com a oferta de Educação Sexual na escola, 5 pessoas afirmaram não concordar e 3 pessoas não optaram.

Contudo, a declaração dos professores de que não realizam atividades e nem projetos sobre a educação sexual, nos faz entender esta resposta afirmativa dos alunos em relação a oferta, devido ao fato de acontecerem aulas de biologia e de eventualmente terem ocorrido algumas palestras sobre o tema da sexualidade, sobretudo relacionado às questões preventivas, visto que os mesmos comentaram isto enquanto solicitado a preencherem o questionário, ficando claro portanto que projetos relacionados à educação sexual e atividades contínuas, não são uma realidade nesta escola. Porém ainda assim um bom número de alunos considerou que a escola ofertava Educação Sexual. Solicitamos ainda que eles citassem quais os temas que haviam sido abordados na escola, tendo eles respondido em sua maioria temas como os de prevenção as DSTs e AIDS, reprodução e órgãos sexuais, prevenção à gravidez indesejada, métodos anticonceptivos e aborto, e violência sexual seguidos de diversidade sexual, gênero, e homofobia. Questionamos ainda, se eles tiveram aulas de educação sexual e solicitamos que eles informassem quais os temas que haviam sido discutidos, tendo 32 pessoas afirmado já ter recebido aulas sobre Prevenção as DSTs e AIDS, 16 pessoas afirmaram ter recebido informações sobre reprodução e órgãos sexuais, gênero e prevenção a gravidez aparece com 8 pontos, e diversidade sexual com 6 pontos.

Questionamos ainda se, no caso da escola oferecer a educação sexual, quais seriam os temas que eles achavam que poderiam ser abordados. A maioria optou por temas ligados à prevenção de doenças com 23 pontos, da gravidez indesejada com 20, da pedofilia e da prevenção ao abuso sexual com 22 pontos, da AIDS com 22 pontos, passando por questões como gestação com 20 pontos, vivendo com AIDS com 16 pontos, órgãos reprodutores com 12 pontos e outros temas ligados à biologia, além de alguns que afirmaram querer mais informações sobre os glbtts, com 6 pontos e homofobia com 5 pontos, todos os temas foi a opção de 2 pessoas.

Em relação à questão relacionada a conhecer alguém da mesma faixa etária dele, que tenha passado por problemas relacionados à sexualidade, e que por isso tenha deixado a escola, a maioria afirmou não conhecer ninguém que tenha passado, porém alguns afirmaram conhecer alguém que passou pelos seguintes problemas em ordem decrescente, gravidez

indesejada ,homofobia, AIDS e aborto. Tendo 24 pessoas afirmado que não conheciam ninguém, enquanto 8 pessoas responderam que sim e as 7 restantes negaram-se a responder deixando em branco. Tendo sido questionado ainda, que tipo de problema esta pessoa enfrentou, 4 pessoas afirmaram conhecer alguém que passou por gravidez indesejada , 2 pessoas afirmaram conhecer alguém que passou por problemas relacionados à homofobia , 2 pessoas afirmaram conhecer alguém que teve AIDS 1 afirmou conhecer alguém que fez aborto,tendos todas estas pessoas abandonado a escola devido a estes problemas.

A questão de número 10 apresentava questões do tipo Likert, relacionadas a aspetos ligados à sexualidade as quais deveriam ser respondidas de acordo com o nível de incômodo que o questionado sentia mediante as situações apresentadas variando de:1-Para nada incomodado (NI), 2-Para pouco incomodado.(PI), 3-Indiferente, (I)4-Muito incomodado (MI) ,5Extremamente incomodado.(EI) As perguntas desta tabela estão no apêndice.

Tabela 1D-Questões likert aplicadas aos alunos do Camélio Costa

Questões	1(NI)	2(PI)	3(I)	4(MI)	5(EI)
A)Ter um colega gay ou lésbica na sala de aula ou na vizinhança.	35	-	-	3	1
B) Casar com uma menina que não é mais virgem.	34	2	-	2	1
C)Ser flertado por alguém do mesmo sexo.	7	6	1	7	18
D)Realizar tarefas consideradas não apropriadas para o seu sexo.	17	08	-	06	08
E)Ser amigo de uma adolescente grávida.	30	2	3	3	1
F)Atitudes preconceituosas e discriminatórias contra gays masculinos e femininos.	26	-	2	3	8
G) Crimes homofóbicos	6	2	2	5	24

H)Não ser respeitado NO CASO DE ser gay ou lésbica	3	4	-	8	24
I)Namorar com um/uma bissexual	10	2	2	2	23
J)Ter um professor gay ou lésbica	35	-	1	-1-	2
L)Ser colega de alguém que é filho de gays ou de lésbicas que vivem em situação de conjugalidade	34	2	-	-	3
M)Comportamentos discriminatórios e violentos contra a mulher.	27	2	1	-	9

Os resultados destas questões apontaram que ainda existem certos preconceitos em relação às mulheres, os quais muitas vezes se pensa que já foram deixados de lado, tais como a questão de se casar com uma menina que não fosse mais virgem, apesar de a grande maioria 34 pessoas terem afirmado não se incomodarem com isso, algumas pessoas ainda se mostraram incomodadas(2) ou extremamente incomodadas.(1).

Já em relação à questão que tratava sobre como eles se sentiam em relação à questão b) relacionada ao fato de ter colegas gays ou lésbicas na sala de aula ou na vizinhança a grande maioria(35) afirmou não se incomodar nem um pouco com isto, porém 3 pessoas disseram se incomodar muito e 1 pessoa afirmou ficar extremamente incomodada ,com esta situação, revelando assim que alguns alunos não aceitam a presença de gays em suas turmas. Fato comprovado também na fala de um dos nossos professores entrevistados que afirmou que os alunos sofrem discriminações por ser gays, sobretudo aqueles que usam vestimentas femininas, fato também registrado nas respostas de alunos que afirmaram que alguns colegas abandonaram a escola por causa da homofobia. Enquanto isso, a questão sobre ter um professor gay ou lésbica foi apontado como causadora de incômodo para apenas 4 pessoas, sendo que 35 afirmaram não se incomodarem em ter professores gays.. Contudo estes resultados ainda apontam para a existência do preconceito e da intolerância, visto que

situações outras ligadas à questão da diversidade sexual e as questões de gênero também foram apontadas como incômodas ou muito incômodas para alguns alunos.

Em relação à questão sobre realizar tarefas consideradas não apropriadas para meu sexo ,alguns alunos também se disseram se sentir incomodados ou muito incomodados revelando comportamento sexista e preconceituoso diferenciando tarefas que consideram ter relação com um ou com o outro sexo, como se ambos não fossem capazes de realizar as mesmas tarefas. Já a questão sobre como se sentiam sobre atitudes discriminatórias contra gays masculinos e femininos ,surpreendeu negativamente por um grande número de pessoas revelarem pouco se incomodar tanto em relação a discriminações contra a mulher e também em relação aos gays ,contudo em relação a crimes homofóbicos a maioria afirmou se sentir extremamente incomodado ,esquecendo-se porém que palavras pejorativas e algumas “brincadeiras” enquadram em violência verbal, as quais devem ser combatidas tanto em relação aos gays ,quanto em relação as mulheres, que são muitas vezes alvo de comentários indelicados e desrespeitosos.

Estas respostas apontam para atitudes preconceituosas, discriminatórias, sexistas e desrespeitosas para com mulheres e homossexuais ,demonstrando assim a necessidade de discussões na escola que procurem provocar reflexões sobre a necessidade de desenvolver atitudes, comportamentos e ações baseadas no respeito mútuo e na valorização do ser humano independente do seu sexo ,ou de sua orientação sexual.

Outra questão tratava da presença de filhos de gays e lésbicas que vivem em situação de conjugalidade para a qual ,34 afirmaram não se incomodarem ,contra 2 que se sentem muito incomodados e 3 que afirmaram ficar extremamente incomodados com esta situação. Fato preocupante visto que está aumentando e se tornando mais evidente a presença de crianças nesta situação, as quais devem ter seus direitos respeitados e usufruírem do espaço escolar como qualquer outra criança. As questões que lidavam com fatos ligados à diversidade sexual foram alvo de comentários entre os alunos que opinavam sobre as questões verbalmente enquanto respondiam os questionários ,fato declarado pelo professor da turma,sendo que a questão sobre namorar um bissexual ,foi uma das mais polêmicas ,acalorando as discussões entre os que afirmavam se sentirem extremamente incomodados (23),contra os que afirmaram nada se incomodar (10). Ser amigo de uma jovem grávida, surpreendentemente também foi apontado como muito incômodo ou extremo incômodo por(6) pessoas. Outro ponto que chamou bastante a atenção deles foi a questão a respeito de como se sentiam ao ser flertado por alguém do mesmo sexo tendo 18 ,pessoas afirmado que se sentiam extremamente incomodados , 7 afirmado que

se sentiam incomodados, 1 que se disse indiferente, 6 afirmaram ficar pouco incomodados e 7 afirmaram em nada se incomodar com esta situação. Alguns alunos afirmaram também que se sentiam incomodados por não serem respeitados, no caso de serem gays, tendo sido inclusive afirmado por alguns deles que alguns de seus colegas gays ,haviam abandonado a escola, por terem sido alvo de atitudes homofóbicas.

3.1.9. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO BARÃO DE MAUÁ

Na outra escola pesquisada, o Barão de Mauá é desenvolvido o PSE, porém como afirmado pelos professores desta escola, nesta instituição, as ações do PSE, estão ficando centradas nas ações de saúde, deixando dessa forma as ações relacionadas às questões de saúde sexual e das sexualidades ,limitadas a palestras eventuais realizadas pelo grupo que está à frente do PSE.

Nesta escola, assim como na outra , apesar de não termos registrado nesta a presença de alunas transexuais, percebemos que dois alunos gays, declararam pertencer ao sexo feminino, pois afirmaram não se identificarem com o gênero masculino.

Tendo nesta questão 38 pessoas, afirmado pertencer ao sexo feminino e 23 pessoas, declararam pertencer ao masculino.

Nesta escola foi percebido ainda a presença de alunos gays que usam vestimentas e acessórios femininos, além de pintarem as unhas e usarem maquiagem. De acordo com o relato de um professor entrevistado nesta escola estes alunos, acabam sofrendo mais discriminação na escola do que aqueles alunos que são gays assumidos, mas que se vestem como meninos Sendo que este professor afirmou realizar um projeto denominado ‘Matemática para a Cidadania’, no qual entre outras atividades, procura desenvolver ações ,como peças teatrais ,nas quais os alunos possam refletir sobre o que é ser homem ,ser mulher e possam trocar de papel a fim de se colocarem no lugar do outro e perceber quais as diferenças e dificuldades pelas quais as pessoas passam. De acordo ainda com o professor, alguns de seus colegas professores se sentem incomodados com a presença desses alunos e se incomodam também com algumas de suas atitudes ,consideradas não apropriadas para o sexo masculino, de acordo ainda com este professor ,muitos de seus colegas não participam de atividades na escola que envolvam a sexualidade, talvez por medo de não serem compreendidos e de receberem críticas, e dessa forma acabam preferindo não se envolver nestas questões.

Este relato do professor confirma que muitos professores não percebem como sendo uma das suas responsabilidades a Educação Sexual, acreditando ainda que esta tarefa cabe somente ao professor de ciências.

Nesta escola tivemos um total de 61 participantes, sendo 38 meninas e 23 meninos e como já citado dois meninos que declararam pertencer ao sexo feminino, por se identificarem com o gênero feminino .

Quanto à religião tivemos uma maioria de católicos, seguidos pelos evangélicos, e do espíritas, sendo que alguns alunos não declararam a religião e alguns afirmaram não ter religião alguma.

Nesta escola quanto à religião declararam-se católicos 30 pessoas, 17 pessoas declararam-se evangélicos, 8 pessoas não declararam ,4 pessoas, afirmaram não ter religião e 2 afirmaram ser espíritas.

Em relação a esta escola as idades dos alunos oscilaram de 14 aos 17 anos com 40 pessoas nesta faixa etária, de 18 a 20 anos 15 pessoas e 6 pessoas que afirmaram ter mais de 20 anos .

Quando questionados a respeito de já terem iniciado a vida sexual ,a maioria afirmou já ter iniciado, tendo também a maioria afirmado ter usado o preservativo, contudo também nesta escola preocupa o fato de alguns destes alunos não terem feito o uso de preservativos, ao terem a primeira relação sexual. Nesta escola também ,assim como na outra, muitos alunos declararam ter iniciado a vida sexual muito cedo entre os 10 e os 18 anos. Tendo 40 pessoas afirmado que já haviam iniciado a vida sexual e 18 pessoas , afirmaram que não haviam iniciado ,além de 3 pessoas que não declararam. Em relação ao uso do preservativo 21 pessoas, afirmaram que sim e 15 pessoas afirmaram que não utilizaram e 4 pessoas não declararam.

Para a questão relativa a idade em que teve início a vida sexual 11 pessoas responderam que iniciaram a vida sexual entre os 10 e os 14 anos. Sendo que 14 pessoas afirmaram ter iniciado a vida sexual dos 15 aos 18, apenas 1 dos 19 aos 24 anos, 13 pessoas, não declararam.

Nesta escola também, assim como na outra, a maioria dos alunos afirmaram acreditar que a escola, poderia oferecer Educação Sexual , no ensino fundamental. Sendo que 30 pessoas , afirmaram ser o ensino fundamental o momento para ser ofertada a Educação Sexual na escola, 20 pessoas , afirmaram ser no Ensino Médio, 4 pessoas afirmaram ser na Educação Infantil e 7 pessoas, não optaram.

De acordo ainda com os alunos, eles já haviam discutido na escola temas diversos relacionados à sexualidade, passando de temas ligados à prevenção de doenças e de gravidez indesejada bem como o aborto, às questões ligadas à diversidade sexual, violência sexual, às questões de gênero à homofobia e à pedofilia. Acreditamos que isto se deva ao fato de haver na escola dois professores que trabalham questões de sexualidade, bem como pelo fato de ter existido na escola uma participação mais efetiva dos membros do PSE. Apesar dos professores terem afirmado que as ações do PSE, ultimamente não estarem sendo desenvolvidas, visto que eles afirmaram ainda, não terem informações sobre a existência de ações ligadas diretamente a sexualidades nesta escola nesse momento. Contudo, como afirmado por uma professora em anos anteriores a ação do PSE, havia sido mais marcante nesta unidade escolar.

Nesta escola quando perguntamos sobre quais temas e de que forma eles foram abordados na escola, pudemos observar que estes foram mais abrangentes, visto que é desenvolvido um projeto ligado à educação sexual nesta escola. Sendo citados pelos alunos, temas como a prevenção à doenças por 51, reprodução e órgãos sexuais por 27, gravidez indesejada por 21, diversidade sexual por 20, questões de gênero por 22 e homofobia,32 e violência sexual por 17 pessoas, já que eles poderiam escolher mais de uma opção.

Em relação à escola ofertar Educação Sexual e a utilidade desta oferta,40 pessoas não optaram,17 afirmaram que sim e 4 pessoas afirmaram que não. Nesta questão, aqueles que afirmaram que a escola oferece Educação Sexual, deve estar se referindo a ações eventuais, como palestras, bem como aqueles que são alunos de professores que espontaneamente realizam projetos ligados a esta temática.

A oferta da Educação Sexual, foi percebida como importante por 50 pessoas que afirmaram concordar, 8 não concordam e 3 pessoas não declararam. Para esta questão percebemos que a grande maioria acredita que a escola deve sim ofertar educação sexual.

Em relação a temas que os alunos gostariam de discutir na sala de aula, percebemos que eles demonstraram interesse por todos os temas que dizem respeito à sexualidade passando pela prevenção às doenças, às violências, à gravidez indesejada, passando pelas diversas questões biológicas e chegando às questões relacionadas à diversidade sexual, aos GLBTs, às questões de gênero, o combate à pedofilia, à homofobia, além de outros temas ligado a estas questões.

Sobre quais os temas que os alunos acreditam que a escola deveria trabalhar assim como na outra escola, os alunos do Barão optaram em sua maioria por temas ligados à saúde e à prevenção ficando prevenção, pedofilia e abuso sexual com 38 pontos, gravidez indesejada

com 31, órgãos reprodutores com 16, menstruação com 11, gestação com 17 e prevenção à AIDS 29, vivendo com AIDS 20, prevenção às DSTs 25, seguidos de lesbofobia com 8 ,homofobia 9, GLBTTTS 6, homoerotismo 9, questões de gênero 5 e todos com 3 pontos.. Sendo que esta questão possibilitava aos alunos optarem por múltiplos assuntos.

Em relação aos lugares onde buscam informações sobre a sexualidade, 29 pessoas afirmaram buscar informações na família, 27 pessoas, afirmaram ser com os amigos, 23 pessoas, afirmaram ser na internet ,seguida da escola com 12 pessoas, 9 pessoas afirmaram ser na TV, 6 pessoas, afirmaram ser na igreja ,5 pessoas , afirmaram ser em revistas e 3 pessoas afirmaram ser em outros lugares. Assim como na questão anterior os alunos poderiam optar por mais de uma resposta.

Quando questionados sobre onde buscavam informações sobre a sexualidade, aparecem em primeiro lugar a família ,ainda que muitos tenham afirmado não conversarem sobre sexualidade com a família demonstrando dessa forma o interesse dos jovens em conversar com a família sobre este tema em segundo aparecem os amigos ,com os quais, sem dúvida eles se sentem mais à vontade, porém na maioria das vezes estes jovens também são inexperientes e cheio de dúvidas ,em terceiro a internet, a qual muitas vezes oferece conteúdos recheados de pornografia e erotismo sem a preocupação de orientar os jovens e somente em quarto lugar apareceu a escola ,a qual ainda não é percebida por alguns jovens ,pais e até mesmo por alguns educadores como um importante espaço no qual a sexualidade deve ser debatida, em seguida aparece a TV, outro espaço no qual a Educação Sexual tem pouco espaço, mas onde a sexualidade e o erotismo aparecem muito, logo depois aparece a igreja, seguida pelas revistas e outros, sendo neste caso citado DVDs pornô. Dessa forma percebemos a falta de preparo e de informação destes alunos ,visto que muitos deles parecem confundir sexo ,com sexualidade ,além de terem citado como fontes de busca de informação lugares não muitos confiáveis e educativos como revistas, tv e internet ,além ainda, de um aluno ter informado buscar informações em filmes pornô ,os quais sem dúvida nenhuma não podem ser classificados como educativos ,mas pelo contrário banalizam o sexo e estimulam comportamentos que podem ser apontados como comportamentos de risco, além de vulgarizarem o sexo e apresentarem linguagem chula e altamente discriminatórias ,preconceituosas, machistas e desrespeitosas contra a mulher e ainda por cima em muitos casos estimularem atitudes violentas e até ,criminosas contra as mulheres. Em relação à tv ,também fazemos restrições ,em relação a sua confiabilidade em relação a assuntos ligados a sexualidade, visto que como afirmado por alguns autores, o sexo, mas não a sexualidade adentra em nossos lares diariamente

por meio da tv, a qual está recheada de propagandas e programas ,os quais estimulam irresponsavelmente atitudes sensuais e eróticas, até mesmo em programas voltados para o público infantil e não se preocupam em apresentar ações educativas ,que permitam ao público refletir criticamente acerca do que foi exibido. Além de apresentar em muitas de suas atrações situações discriminatórias, homofóbicas, sexistas e preconceituosas, as quais costumam associar a imagem da mulher a produtos que são comprados e consumidos como se a mulher não passasse de um mero objeto a também a ser adquirido e usado .Em relação às revistas ,sabemos também que muitas delas não apresentam conteúdos confiáveis ,mas apenas apelam para as imagens e conteúdos fortes e altamente apelativas, as quais muitas das vezes estimulam a prática sexual e assim como a tv não apontam os riscos e nem informam os cuidados que devemos ter quando temos vida sexual ativa.

No tocante, aos amigos, os quais também foram muitos citados como fonte de informação, revelam-se fortes preocupantes, visto que se trata muitas vezes de jovens desinformados e deseducados sexualmente, em busca de informações com outros jovens que na maioria das vezes também estão nestas mesmas condições. Correndo-se assim o risco de que estes jovens troque entre si informações erradas que podem prejudicar a sua vida sexual e por consequência a sua saúde como um todo .

Já em relação à igreja, outra instituição também apontada como fonte de informação, acreditamos que muitas vezes esta pode apresentar uma visão um tanto quanto restrita e obviamente voltada para os aconselhamentos ,sabemos da importância e valorizamos a visão da sexualidade como algo que deve ser vivido com base no auto respeito e no respeito ao outro ,atitudes que devem ser valorizadas pelas igrejas, contudo apontamos para o problema da igreja se prender a comportamentos e aconselhamentos ,desconsiderando assim a autonomia e o direito do jovem ,visto que ainda hoje a igreja aconselha o sexo somente para fins reprodutivos e dentro do casamento.

Sendo assim acreditamos ser fundamental o papel da família e da escola no desenvolvimento de ações e atividades que tratem da Educação Sexual, visto que as questões ligadas ao sexo e à sexualidade permeiam as relações sociais e estão presentes em ambientes diversos, sendo portanto importante que em lugares como a escola, a igreja e outros espaços públicos sejam fomentados debates e discussões que visem educar sexualmente os nossos jovens, para que eles saibam se defender de abusos, busquem seus direitos ,e possam vivenciar a sexualidade de forma sadia, emancipada e alicerçada em valores éticos e baseados no respeito mútuo.

Assim como na outra escola, apesar de terem apontado a família como a principal instituição responsável pela educação, muitos destes jovens afirmaram não conversarem sobre sexualidade com os seus familiares. Outro fato preocupante nesta escola foi o fato de assim como na outra, os alunos também terem apontado a pílula e outros anticoncepcionais como o método mais eficiente para se evitar as DSTs, apesar da maioria dos alunos terem citado o preservativo, seguido do parceiro único, fixo e da abstinência, tendo porém ainda um aluno citado o coito interrompido como um método seguro de evitar estas doenças.

Quanto aos métodos mais eficientes na prevenção às doenças, 49 alunos desta escola citaram o preservativo, tendo 23 citado a pílula, sendo este, um fato que chama a atenção e preocupa, por estes alunos ainda associarem a pílula como método de prevenção às doenças. Tendo ainda 19 pessoas citando parceiro único, o que sem dúvida é difícil de assegurar, visto que nem sempre as pessoas optam pela fidelidade em seus relacionamentos, dois que citaram a abstinência e 1 que citou o coito interrompido,

Outra situação preocupante nesta escola foi o grande número de alunos que afirmaram ter passado ou conhecer alguém que tenha passado por problemas ligados à sexualidade, tais como em ordem decrescente, gravidez indesejada, aborto, preconceito, discriminação, violência sexual, AIDS, abuso na família, exploração sexual, DSTs, lesbofobia, pedofilia, exploração sexual, sendo que apenas 1 pessoa afirmou não conhecer ninguém e 1 não declarou.

Para esta questão 30 pessoas afirmaram conhecer alguém que passou por gravidez indesejada, valendo também estes números para o aborto, 10 pessoas afirmaram conhecer alguém que sofreu homofobia, 1 pedofilia, 1 violência sexual, 9 discriminação, 15, sexismo, 1, preconceito, 25, DSTs, 2, abuso na família, 5, exploração sexual, 4, AIDS, 5, lesbofobia, 1 não declarou, 1 afirmou não conhecer.

Indagamos ainda se eles conheciam alguém que teria abandonado a escola por problemas relacionados à sexualidade, tendo 36 pessoas afirmado que não, 19 pessoas afirmado que sim, 6 não responderam. Tendo estes 9 alunos citados como principais problemas para estes abandonos o problema da gravidez indesejada e 10 alunos citando a homofobia.

A décima questão se constitui nas questões do tipo likert com valores variando de 1 para nada incomodado, 2 pouco incomodado, 3 indiferente, 4 muito incomodado e 5 extremamente incomodado. Apresentamos abaixo o número relativo a esta questão a qual teve resultado semelhantes nas duas escolas, chamando a atenção o grande número de pessoas que afirmaram não se sentirem incomodados com atitudes violentas, contra gays e mulheres, bem como com relação a crimes homofóbicos, deixando-nos com preocupações, visto que toda e

qualquer violência deve ser combatida. Demonstrando mais uma vez a necessidade de se trabalhar a Educação Sexual e todas as temáticas relacionadas à sexualidade a fim de combater atitudes violentas ,preconceitos, mitos ,tabus e discriminações.

A questão de número 10 apresentava questões do tipo Likert, relacionadas a aspetos ligados à sexualidade, as quais deveriam ser respondidas de acordo com o nível de incômodo que o questionado sentia mediante as situações apresentadas variando de:1-Para nada incomodado (NI), 2-Para pouco incomodado.(PI), 3-Indiferente, (I)4-Muito incomodado (MI), 5 Extremamente incomodado (EI). As perguntas desta tabela estão no apêndice.

Tabela 2D - Questões aplicadas aos alunos do Barão de Mauá.

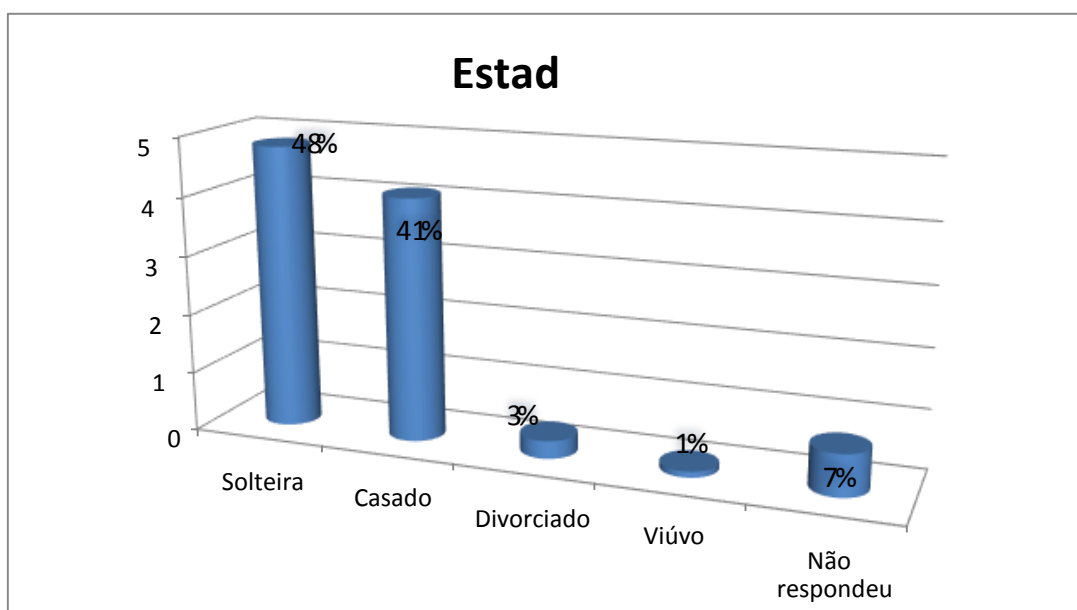
Questões	1 (NI)	2 (PI)	3 (I)	4 (MI)	5 (EI)
• Ter um colega gay ou lésbica em sala de aula)	52	4	3	-	2
• Casar com uma menina que não era mais virgem	31	12	4	8	6
• Ser flertado por alguém do mesmo sexo.	7	16	4	8	26
• Realizar tarefas consideradas não apropriadas para o meu sexo	20	10	12	8	11
• Ser amiga de uma adolescente grávida	50	4	3	2	2
• Atitudes preconceituosas e discriminatórias contra gays masculinos e femininos	20	6	2	8	25
• Crimes homofóbicos	10	4	6	6	35
• Não, ser respeitado caso de ser respeitado por ser gay ou lésbica	8	1	10	10	32
• Namorar com uma bissexual	13	9	7	5	27

• Ter um professor gay ou lésbica	42	6	2	3	8
• Ser colega de alguém que é filho de gays ou lésbica que vivem em situação de conjugalidade.	41	7	2	3	8
• Comportamentos preconceituosos e discriminatórios e violentos contra a mulher	12	6	4	9	30

3.2. RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS

Para questionarmos os pais foi necessário abordarmos os escolhidos nas próprias unidades escolares, tendo inclusive aplicado também os questionários junto a alguns alunos que já eram pais e que responderam somente este questionário. A maioria dos questionados foi de mães, tendo chamado a atenção o grande número de mães solteiras. As perguntas referentes a estes resultados estão no apêndice.

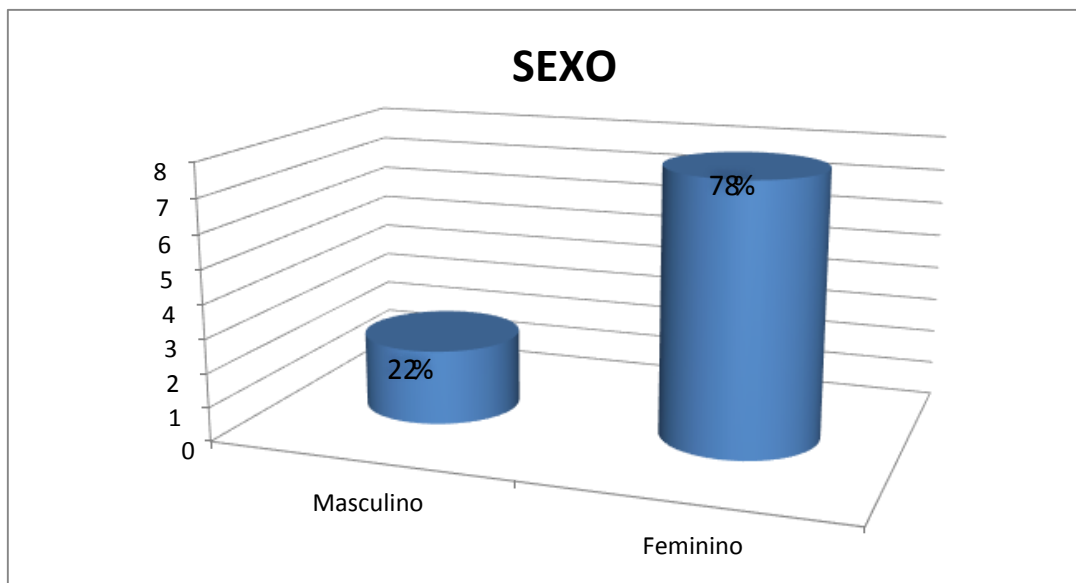
Gráfico 1 A- Estado civil dos pais e mães questionados.



O total de pais participantes da pesquisa foi 100 com percentual de 48% solteiras, percentual de 41% casadas, 7% não responderam, 3% eram divorciadas e 1% viúva.

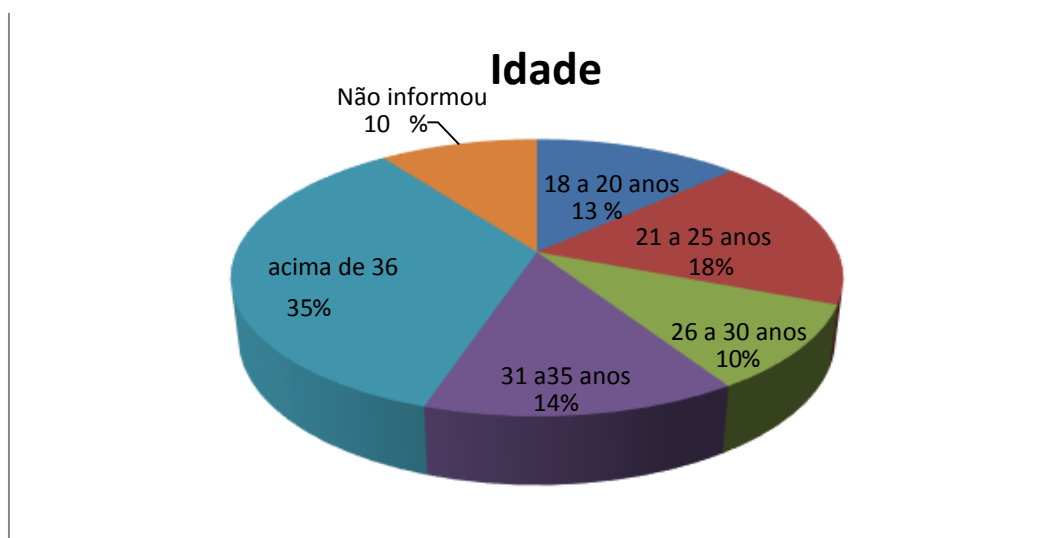
Sendo que em relação à profissão, houve um predomínio de donas de casa, seguidas de profissionais autônomos como vendedores, funcionários do comércio, trabalhadores da construção civil, tendo alguns não declarado e outros afirmaram apenas estudar. Sendo que em relação ao sexo o resultado foi o apresentando no gráfico abaixo.

Gráfico 2-A Sexo dos pais e mães participantes.



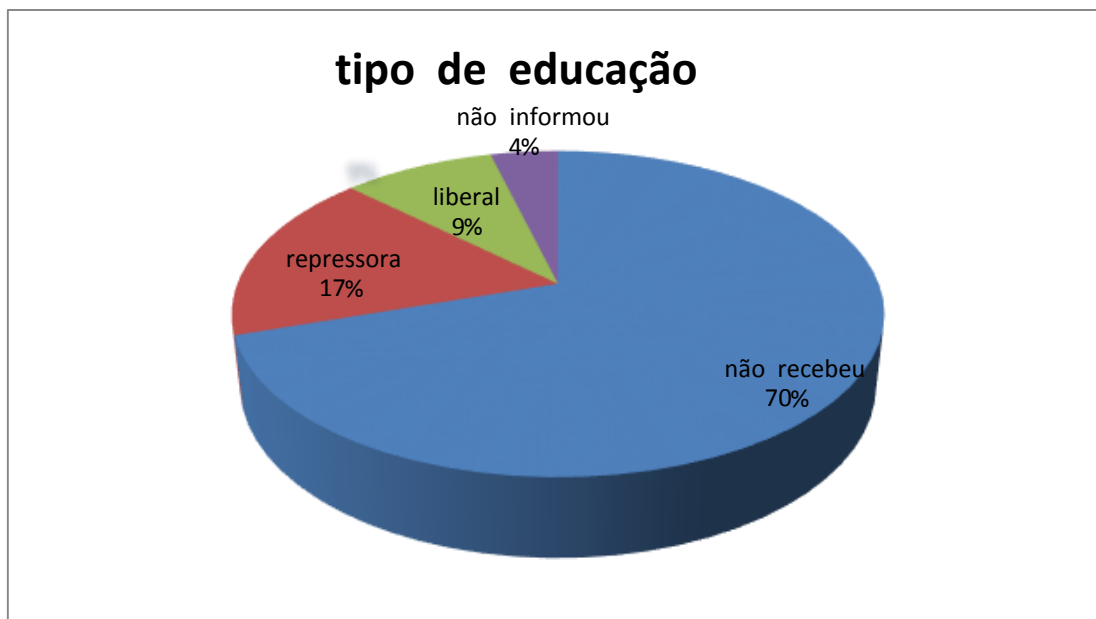
Sendo que 22% pertenciam ao sexo masculino e 78% pertenciam ao sexo feminino.

Gráfico 3A-Idade dos pais e mães participantes da pesquisa.



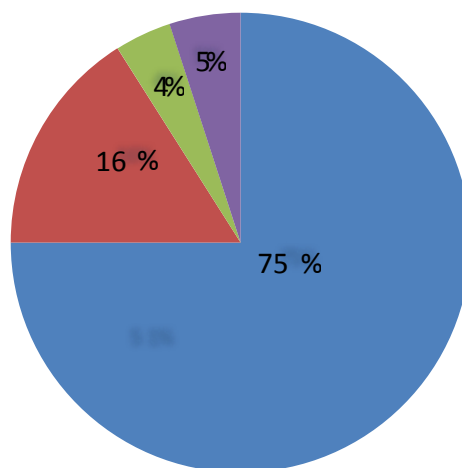
Em relação à idade 13% afirmaram ter entre 18 e 20 anos, também 18% afirmaram ter entre 21 e 25 anos, 10% afirmaram ter entre 26 a 30 anos, 14% afirmaram ter entre 31 a 35 anos, 35% afirmaram ter acima de 36 anos e 10% não informaram.

Gráfico 4-A- Qual o tipo de educação sexual que recebeu?



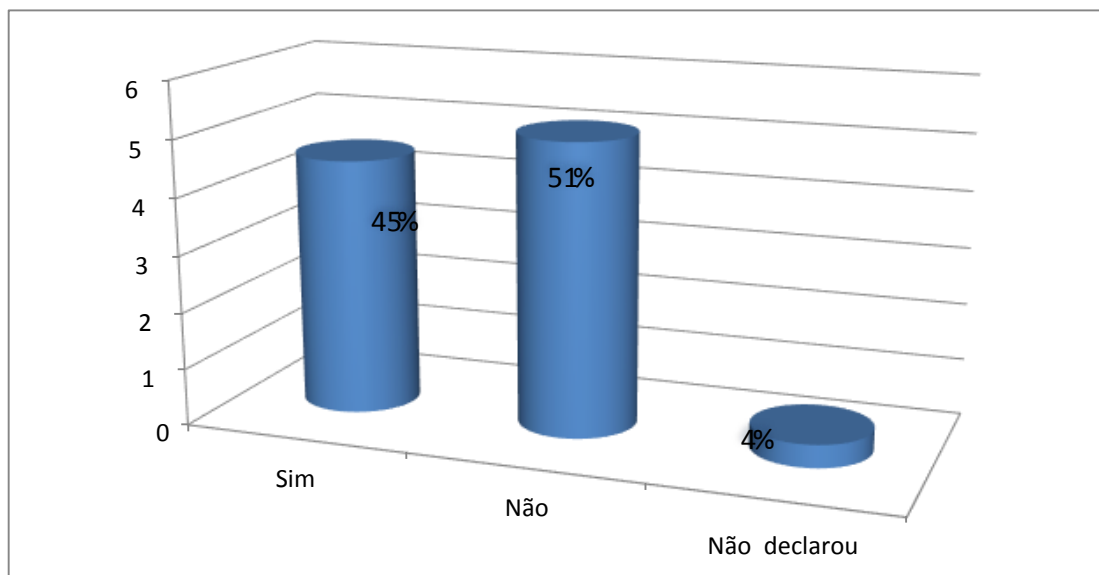
Para esta questão 70% afirmou não ter recebido educação sexual, 17% afirmou ter recebido educação repressora, 9% afirmou ter recebido educação sexual liberal e 4% não declarou. Como podemos perceber um grande número de mães e pais afirmou não ter recebido educação sexual e dos que afirmaram ter recebido, 17% afirmaram que esta foi repressora, confirmando assim as expectativas.

Gráfico 5-A. Qual a instituição responsável pela educação sexual dos jovens.



Para esta questão 16% afirmaram ser a escola a principal instituição responsável pela educação sexual dos jovens, 75% afirmaram ser a família, 4% afirmaram ser a igreja, e 5% citaram outros, neste caso tendo citado como outros, os pais. Neste caso percebemos que a maioria dos pais afirmaram ser deles a responsabilidade de educar sexualmente seus filhos.

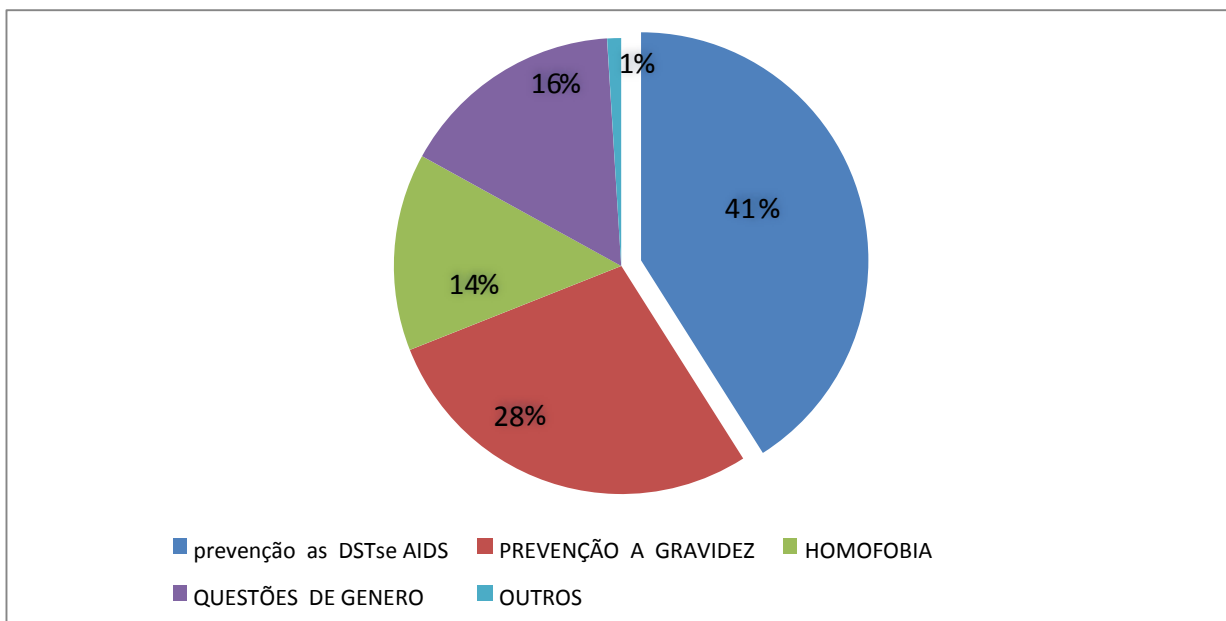
Gráfico 6-A- Influência da educação sexual que recebeu na sua vida até hoje.



A maioria dos inquiridos com 51% também declarou que a Educação Sexual recebida ,não influencia a vida sexual deles hoje, contra 45% que diz que sim a educação sexual que recebeu influencia a sua vida até hoje e 4% que não declarou Percebemos aí que 45% afirmou que a educação sexual que recebeu influenciou a sua vida até hoje, desta forma provavelmente influencia também a educação sexual que eles dão ou não dão para seus filhos. Lembrando que ao se calarem sobre o assunto, as famílias também estão educando sexualmente, pois implicitamente estão afirmando que este é um assunto proibido.

Quando questionados sobre se a escola fosse trabalhar a Educação Sexual, quais os temas que eles achavam que deveriam ser abordados a maioria dos pais optaram pela prevenção às doenças e a gravidez indesejada ,no entanto alguns também optaram por outras questões mais ligadas à diversidade sexual. Fato que demonstra que se houver debate com os pais possivelmente ficará mais tranquila a abordagem da educação sexual em sala de aula, visto que apesar de demonstrarem uma certa resistência, ao final eles afirmaram achar que a escola poderia abordar temas diversos ligados à sexualidade.

Gráfico 7-A –Quais os temas que os pais acreditam que a escola poderia trabalhar.



Para esta questão, 41% optaram por prevenção às DSTs e AIDS, 28 % optou por prevenção à gravidez indesejada, 14% optou por homofobia, 16% por questões de gênero e 1% optou por outros temas, não tendo eles porém especificados quais seriam esses outros.

A 2ª Questão dos questionários dos pais se constituiu em 20 perguntas para as quais os questionados tinham de responder com 1 para concordo, 2 para discordo, 3 concordo em parte e 4 concordo totalmente. As perguntas encontram-se no apêndice.

Tabela 3-D Questões likert aplicadas aos pais

Questões	1 concordo	2 discordo	3 concordo em parte	4 concordo totalmente
• Converso abertamente com meus filhos sobre sexualidade e procuro educá-los sexualmente	52%	9%	14%	25%
• Converso com meus filhos sobre sexo, mais somente informalmente.		29%	48%	18%
				5%

<ul style="list-style-type: none"> • Não converso com meus filhos sobre sexualidade ou sexo, isto não é assunto para pais e filhos. 	14%	76%	9%	1%
<ul style="list-style-type: none"> • Meus filhos já sabem tudo sobre sexo e sexualidade, não preciso falar com eles sobre isto 	10%	82%	5%	3%
<ul style="list-style-type: none"> • Falar sobre sexualidade com as crianças, não é bom pois desperta o interesse para a prática antes da hora. 	15%	61%	18%	6%
<ul style="list-style-type: none"> • Meu filho ou filha ,ou de alguém que eu conheço, já sofreu bullying, por ser gay 	10%	83%	1%	6%
<ul style="list-style-type: none"> • Acredito que as pessoas devem ser respeitadas independente da orientação sexual. 	80%	6%	2%	12%
<ul style="list-style-type: none"> • Ficaria incomodado se meu filho tivesse um colega gay ou lésbica. 	21%	71%	5%	3%

<ul style="list-style-type: none"> • Não gostaria que minha filha ou filho tivesse um professor gay ou lésbica. 	20%	70%	10%	-
<ul style="list-style-type: none"> • Respeito os gays ,mas acho que o homoerotismo é errado. 	37%	37%	17%	9%
<ul style="list-style-type: none"> 1) Não gostaria que minha filha fosse amiga de uma jovem adolescente grávida. 	16%	74%	6%	4%

• Não gostaria de ver meu filho casado com uma jovem que não fosse mais virgem.	14%	79%	3%	4%
• Não gostaria que meu filho se casasse com uma menina que fosse mãe.	17%	70%	8%	5%
• Meu filho pode e deve iniciar a vida sexual, quanto antes.	12%	74%	12%	2%
• Minha filha deve se manter virgem, o maior tempo possível.	48%	20%	23%	9%
• Oriento meu filho para que ele não seja pai cedo, pois a responsabilidade também é dele.	53%	9%	5%	33%
• Oriento minha filha para que ela não engravide	57%	15%	6%	22%
solteira, pois a responsabilidade e o problema sobra para a mulher, visto que quem deve se cuidar é ela.				

<ul style="list-style-type: none"> • Procuo orientar meus filhos ,para que não venham a ser pai e mãe ,muito cedo, pois a responsabilidade da criação da crianças é de ambos. 	62%	9%	2%	27%
<ul style="list-style-type: none"> • Meu filho pode tudo, minha filha não pois é mulher. 	10%	75%	11%	4%
<ul style="list-style-type: none"> • Não me incomodaria em ter um filho gay ou lésbica. 	30%	43%	18%	9%

Em relação à questão A apenas 9% das pessoas admitiram não conversar abertamente e nem procurar educar sexualmente seus filhos. Contra 52 % dos que afirmaram conversar e educar sexualmente seus filhos, 14% concordam em parte, e 25% concordaram totalmente, demonstrando que os pais já se mostram mais abertos em relação a esta questão, contudo conversar sobre a sexualidade não significa quão e como esta conversa esteja sendo aberta , conscientizadora e construtora de autonomia, podendo estar atrelada a preconceitos, mitos e tabus.

A questão B aponta para isto visto que 29 % das pessoas afirmam concordar conversar com seus filhos sobre educação sexual somente de maneira informal, contra 18%, que afirmaram totalmente ou em parte que estas conversas são informais, sendo que 48 % das pessoas discordaram afirmando que procuram não somente conversar informalmente, mas sim educar seus filhos sexualmente.

Na questão C 24 % das pessoas afirmaram não conversar com seus filhos sobre sexualidade, sendo que 76 %afirmaram discordar desta afirmação. Fazendo com que percebamos que muitos pais ainda não entendem que a sexualidade, não está restrita ao ato sexual ,mas que ela faz parte de nossas vidas desde que nascemos. Ao não conversarem sobre

a sexualidade com seus filhos eles estão ao mesmo tempo negando a sexualidade dos filhos e educam, de forma implícita, para uma sexualidade atrelada ao proibido.

Para a questão D alguns pais afirmaram que os filhos já sabiam tudo sobre a sexualidade e que por isto não precisavam conversar com eles sobre estas questões, contudo o fato de ter muitas informações, não representa ter muito conhecimento. Ainda nesta questão 82 % dos pais, discordaram afirmando que seus filhos não sabiam tudo sobre sexo que e que precisavam sim conversar com eles sobre este assunto e o restante concordou em parte com esta afirmação.

Na questão E 61% das pessoas discordam de que não é bom falar sobre sexualidade com as crianças, pois elas iriam despertar mais cedo para esta questões. Contra 39% pessoas que concordaram em parte ou totalmente com esta afirmativa.

Para a questão F 17 % das pessoas afirmaram que seus filhos ou os filhos de alguém que conhecem já sofreu bullying por ser gay. Contra 83 % que afirmaram não terem passado por esta situação.

A questão G chama a atenção pelo fato de 6% das pessoas afirmarem discordar de que todas as pessoas devem ser respeitadas independente de sua orientação sexual ,uma declaração preocupante e que demonstra desrespeito às diferenças. O restante das pessoas concordaram em parte ou totalmente com esta afirmativa.

Para a questão H 29% das pessoas afirmaram concordar em parte ou totalmente que se incomodavam que os seus filhos tivessem colegas gays na sala de aula e o restante afirmou não se incomodar com esta situação. Esta também é uma questão que confirma comportamentos homofóbicos e preconceituosos contra os gays.

Em relação a questão I 30% dos pais afirmaram se incomodar com o fato de seus filhos estudarem com professores gays, demonstrando assim o preconceito contra os professores que são gays .Contra 70% que afirmaram não se incomodar com esta situação.

Na questão J chama a atenção o grande número de pessoas 65 % que afirmou respeitar os gays, mas acharem o homoerotismo errado. Contra 37% que discordaram desta afirmativa.

A questão L é também polêmica, quando 26 % das pessoas afirmam não gostar que sua filha fosse amiga de uma jovem adolescente grávida. Demonstrando assim uma atitude discriminatória contra esta adolescente.

Na questão M 21% das pessoas afirmaram não gostar de ver seu filho casado com uma jovem que não fosse mais virgem, em mais uma demonstração de atos discriminatórios contra a mulher.

Na questão N 30 % das pessoas, afirmaram não gostar de que seus filhos se cassassem com jovens que já fossem mães.

Para questão O, de 100 pessoas, o total de 26% afirmou que concordava totalmente ou em parte que seus filhos iniciassem o mais cedo possível a vida sexual, sendo que o restante afirmou não concordar com isto.

Na questão P em relação às meninas apenas 20% discordaram de que elas deviam adiar o mais possível o início da vida sexual.

Nesta questão Q, 88% das pessoas concordaram em parte ou totalmente que os meninos não devem ser pais muito cedo, pois a responsabilidade do filho também é dele.

Sendo que na questão R, também esta mesma quantidade de pessoas afirmou que a responsabilidade é da menina e que a responsabilidade sempre sobra para ela, pareceu-nos que se tem consciência de que a responsabilidade é de ambos, contudo na prática ,na maioria das vezes entende-se que a responsabilidade quase que completa, ou completa, fica para a menina, lembrando que a maioria dos questionados eram mulheres existindo entre elas um grande número de mães solteiras.

Em relação a questão S, 9 % responderam que discordavam, que orientavam seus filhos de ambos os sexos para não serem pais cedo, pois a responsabilidade é de ambos, contra 91% pessoas que afirmaram ter esta preocupação em relação a ambos os filhos

Nesta opção T 75% das pessoas afirmaram concordar que seus filhos homens podiam tudo ,pelo fato de serem homens e que as filhas não, pelo fato de serem mulheres, Em uma afirmativa de atitude machista e sexista ,com atos e ações diferenciadas para os filhos simplesmente em função do sexo ao qual eles pertençam.

.Em relação a questão U 43% pessoas, afirmaram discordar de que não se importariam em ter um filho gay ou lésbica. Em mais uma demonstração de preconceito contra a orientação sexual.

3.3.1. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O papel da escola não é apenas ensinar e transmitir conteúdos ,mas também educar o discente de forma a prepará-lo para a vida auxiliando-o na construção de saberes e auxiliando-o a tomar decisões ,sendo que não basta prepará-lo em outros aspectos e deixar a questão sexual de lado ,visto que é função da escola preparar o aluno globalmente.

Nossas crianças e nossos alunos deverão nos ouvir, se a relação que tivermos com estas for anteriormente qualitativa. Não sustentamos uma intervenção emancipatória sobre as crianças se

não tivermos uma atitude de coerência entre nossas palavras e ações. Só assim seremos fiadores de uma visão da sexualidade mais próxima de um ideal humanista e solidários, se anteriormente já tivermos construído com as crianças esta visão emancipatória nas múltiplas exigências da vida.(NUNES e SILVA,2000p.126)

Alguns dos nossos entrevistados, colocaram a família como a principal responsável pela educação sexual dos jovens, sendo que um deles, frisa que as famílias bem estruturadas devem se responsabilizar por esta tarefa. Contudo, sabemos que nem todas as famílias são bem estruturadas e que muitos pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes também não foram educados sexualmente, e dessa forma, passam por problemas e transmitem, preconceitos, mitos e tabus em relação às mais diversas questões ligadas à sexualidade.

Dessa forma, muitas dessas famílias, se calam em relação a estas questões, ou abordam este assunto de maneira equivocada, ficando ainda mais grave esta situação, se levamos em conta que muitos dos abusos sexuais, acontecem nas famílias. Sendo que os pais questionados afirmaram em grande parte conversarem com seus filhos sobre sexualidade e procurarem educá-los sexualmente, contudo muitos afirmaram não conversarem com as crianças sobre sexualidade porque este não é assunto para elas. E outros ainda afirmaram conversar com seus filhos apenas de maneira informal, sendo que o conteúdo dessas conversas muitas vezes são recheadas de preconceitos e muitas vezes pautados em aconselhamentos e proibições.

Sendo mister a participação da escola nessa tarefa de educar sexualmente os jovens, a qual juntamente com a família e outras instituições podem unir forças para a realização desta tarefa, a qual necessita de tempo e dedicação, visto que comportamentos errôneos, visões preconceituosas e discriminatórias, atitudes sexistas e comportamentos violentos e prejudiciais sobretudo contra a mulher, são antigos na História, sendo assim necessário o empenho de todos, a revisão de valores e a reeducação de muitos adultos tanto homens, quanto mulheres, as quais muitas vezes por terem sido alvo de preconceitos e discriminações, acabam inconscientemente reproduzindo e educando seus filhos e filhas com ideias machistas e sexistas, sendo necessário dessa forma, estas famílias também se reeducarem para poderem educar seus filhos.

Uma das entrevistadas, aponta a escola e os próprios jovens como responsáveis pela tarefa de se educarem sexualmente, desconsiderando o papel de outras instituições e da escola neste processo. Concordamos que o jovem também tem um papel nesta tarefa, um papel que deve ser ativo, crítico e participativo, contudo para isso é necessário que estes espaços de debates e levantamento de questões e de construção de conhecimentos existam e que façam

parte da realidade dos jovens ,visto que educação sexual deve ser tarefa de todas as instituições.

Contudo, vale ressaltar, que para que este todo eduque ele também deve ter sido educado e estar preparado para estas discussões, visto que a sexualidade e as questões ligadas a ela são complexas estando muitas vezes atreladas a mitos ,tabus e preconceitos ,os quais dificultam uma discussão ampla e tranquila sobre diversas questões.

Percebemos também que a maioria dos participantes da pesquisa, quando pensam em educação sexual ,pensam somente no aspecto biológico atrelado às questões, às doenças e à gravidez, não percebendo que a sexualidade não se resume a estes aspectos ,ou a prática sexual somente.

Em relação aos pais podemos perceber que persistem ainda muitos preconceitos e comportamentos discriminatórios em relação a gays e a mulheres, algo ainda mais lamentável pelo fato de a maioria dos pais participantes na pesquisa serem mães, as quais acabam reproduzindo preconceitos ,fruto de tratamento e educação repressora e discriminatória que receberam ,sendo dessa forma necessário que estes pais também sejam educados sexualmente ,cabendo a escola favorecer atividades nas quais os pais e mães também sejam envolvidos.

Sem querer descaracterizar a importância da Educação Sexual para crianças, adolescentes e jovens, pensar nessa educação, também para a criança pré-escolar, para os adultos, idosos e deficientes, é estar comprometendo-se mais substancialmente com o direito ao prazer, com o resgate do erótico e com a visão positiva da sexualidade na vida das pessoas.(FIGUEIRÓ 2001,p.123).

Em relação a quem procuram para ter informações sobre o sexo, os jovens afirmaram procurar estas informações na família, e em outros lugares, além da escola, porém ao que parece muitos deles ainda não perceberam a escola como um espaço no qual a sexualidade possa ser discutida, e quando fazem isso na maioria das vezes é em conversas paralelas, sendo que deve ser papel da escola promover espaços de debates sobre a Educação Sexual ,para que o jovem se sinta à vontade para levantar questões e buscar a construção de respostas ,sem medo ,sentindo que a escola é sim um espaço ,no qual ele pode ser educado sexualmente.

Destacamos ainda, a mídia a qual foi citada por alguns questionados como um meio no qual buscam informação sobre a Educação Sexual, sendo porém que tanto a TV, quanto alguns sites na internet disponibilizam conteúdos recheados de sexo ,sem contudo tecerem comentários e sem provocar reflexões sobre o que estão transmitindo. Sendo que principalmente a TV ,costuma ridicularizar e trabalhar visões estereotipadas e preconceituosas

envolvendo homossexuais e sobretudo as mulheres ,estimulando muitas vezes a visão da mulher como mais um objeto a ser adquirido e limitando as relações humanas e afetivas a ações de interesses econômicos ,na quais os homens se acham no direito de comprarem as suas mulheres muitas vezes até através do casamento ,ação que lhe permitiria fazer uso do objeto sempre que lhes parecer interessante.

Após realizarmos as entrevistas, em conversas posteriores, coletamos alguns depoimentos de algumas professoras, sendo que uma delas afirmou que um de seus alunos não permitia que suas esposas aprovada em vestibular, continuasse a estudar, e outro que não aceitava a separação, visto que para ele a esposa não podia ser de mais ninguém. Dessa forma percebemos o quanto a mulher ainda é percebida como um bem a ser adquirido, frases como por exemplo “eu tenho um carro, uma casa, uma fazenda e uma mulher ,são constantes, como se . as mulheres fossem mais um bem na lista de produtos que o indivíduo adquiriu, e observem que ainda por cima ,ela costuma aparecer em último lugar nestas listas . Sendo que muitas vezes estas falas e até algumas dessas declarações consideradas românticas ,tal como “você é minha” ,traz embutido nela o sentimento de posse ,de poder e de dominação sobre o outro e como a maioria dessas falas são tão repetidas passam até despercebidas e soam muitas vezes como naturais.

Sendo que alguns dos professores entrevistados, afirmaram que ao longo de suas aulas tiveram a oportunidade de conversar e debater com seu alunos a respeito de permitir a continuidade dos estudos da esposa ,bem como com o outro aluno em relação à questão do término do casamento, e segundo ela houve da parte dos dois a reflexão e ambos tomaram a decisão de resolver a situação, um permitindo que a esposa continuasse os estudos e outro resolvendo aceitar a separação ,para que ambos iniciassem uma nova vida. Ressaltamos aí a necessidade de um trabalho de educação sexual na escola, o qual permita que haja um amplo debate acerca dos direitos da mulher ,permitindo que os homens percebam que tanto eles ,quantos as suas companheiras são seres humanos e como tais, ambos têm obrigações e direitos iguais, sendo o diálogo fundamental para que o casal viva uma relação baseada no respeito-mútuo e não uma relação no qual o homem imponha as suas vontades e desejos sobre a esposa e isto vale também na questão sexual, visto que a mulher tem o direito de escolher de que forma, quando e o que quer vivenciar a sua sexualidade.

Em relação à formação de professores nesta área se faz necessário um trabalho gradual e contínuo, visto que estas formações quase não acontecem e quando acontecem ficam restritas a palestras, fazendo com que aqueles que tenham interesse por esta temática busquem por conta

própria a formação desejada, sendo que todos eles afirmaram que os cursos procurados melhoraram as suas práticas em sala de aula.

Quando questionados sobre qual a definição que tinham acerca de Educação Sexual e se percebiam interesse dos alunos por esta temática, os professores foram unânimes em afirmar que percebem interesse dos alunos pelo tema, contudo em relação à definição de educação sexual notamos que as concepções de alguns destes professores sobre educação sexual, continua atrelada somente a questão biológica, centrada nas questões de prevenção e aconselhamento, chegando um deles a afirmar depois da entrevista, que acreditava que a Educação Sexual devia ser mais agressiva no sentido de colocar medo nos jovens afim de que os mesmos não tenham filhos cedo, colocando medo na meninas para que elas evitem engravidar, ficando portanto a sua definição de educação sexual restrita à listagem de conteúdos ligados a temática.

Dessa forma percebemos que na primeira escola a concepção dos professores em sua maioria restringia-se a perceber a Educação Sexual como algo totalmente voltado para a prevenção a doenças, e as questões físicas e biológicas, chegando até mesmo a afirmarem que a educação sexual é orientar para o sexo, como se a Educação Sexual estivesse restrita a questão da prática sexual, e a aconselhamentos e medidas preventivas, alguns entrevistados demonstraram ainda confusão entre sexo e sexualidade, bem como a falta de conhecimento sobre a Educação Sexual e sobre seu papel na formação do aluno.

Estas afirmações deixam claro que há urgência na oferta de cursos de formação nessa área para os professores, em vista de muitos ainda confundirem sexo e sexualidade e não conseguirem perceber o papel da Educação Sexual, acreditando também que a educação sexual está limitada à questão da prevenção de doenças e de gravidez indesejada.

Porém, alguns professores demonstraram que possuem conceitos mais amplos sobre a sexualidade, percebendo a importância da Educação Sexual para que o indivíduo se conheça e possa construir seus conhecimentos sobre a sexualidade de forma crítica e autônoma. Entendendo a diferença entre sexo e sexualidade e percebendo que a Educação Sexual tem um papel importante na formação de jovens mais saudáveis e responsáveis na vivência da sexualidade, sendo que estes professores demonstraram preocupações em abordar a educação sexual, de forma mais dinâmica e trabalhando temáticas como a questão da mulher, orientação sexual, e o combate à homofobia.

Em relação ao Programa de Saúde na escola, é evidente a importância deste, sendo necessário, porém uma maior divulgação de suas ações e das suas atribuições, visto que na

maioria das escolas onde ocorre o programa, as suas ações estão mais ligadas à saúde física e bucal dos alunos, ficando muitas vezes de fora as temáticas ligadas à sexualidade. Tendo sido afirmado pelo representante da secretária de saúde e pelo representante do PSE que alguns gestores, muitas vezes, por questões religiosas acatam ao programa, mas solicitam que as questões ligadas à sexualidade fiquem de fora.

Devendo portanto, haver entre a comunidade escolar encontros para que decidam sobre a implantação do programa, dessa forma não ficando a cargo somente da direção a decisão de aceitar ou não as temáticas do programa ligadas a sexualidade, visto que a Educação completa do educando é um direito, bem como é direito do professor receber formação, e ao não aceitar o programa, por completo os gestores das escolas, lhes negam estes direitos.

Em relação ao PSE e as suas ações talvez fosse interessante, desenvolver estratégias de ações, com ofertas de qualificação, palestras e debates, entre outras, que agrupassem escolas por regiões, as quais poderiam ser ofertadas em um local, no qual grupos de escolas, pudessem participar, visto a deficiência de membros no programa, sendo que os professores pudessem ser preparados para serem multiplicadores, sendo importante ainda que houvesse o acompanhamento das ações, desenvolvidas, percebendo as alterações da prática dos professores, após a participação nas qualificações.

Contudo para uma educação com mais qualidade se faz necessário, além da melhoria na formação de professores, a melhoria da escola como um todo, desde a estrutura pedagógica, até a estrutura física, bem como melhores condições de trabalho e a valorização dos profissionais da educação.

A fim de conhecer melhor o PSE, entrevistamos o seu coordenador, que traçou um breve histórico do PSE e apontou quais as suas diretrizes explicando como acontecem as suas ações. Tendo ficado claro que a concepção de Educação Sexual está voltada para a percepção de uma educação sexual que trabalhe os diversos temas relacionados à sexualidade, além das questões preventivas, físicas e biológicas, de maneira a buscar uma discussão mais ampla de combate a atitudes preconceituosas, discriminatórias e de violência às mulheres e aos GLBTTTs.

Tendo sido confirmado pelo representante do PSE a eficácia da Educação sexual na escola nos colocando que esta contribui para a melhoria e a diminuição de problemas relacionados à sexualidade junto aos alunos participantes do programa, sendo porém que nunca

houve a preocupação de se efetuar um acompanhamento e um registro dessas mudanças de comportamento.

3.3.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS A PAIS E ALUNOS.

A seguir, analisaremos os resultados dos questionários aplicados a alunos e pais na escolas da rede estadual de Sergipe. Os quais buscaram coletar as opiniões desses sujeitos em relação à Educação Sexual e a outros temas ligados à sexualidade. Nos questionários aplicados a pais e alunos nas duas escolas, chama a atenção a falas de pais e alunos que afirmam a importância da família na educação sexual dos jovens, ficando claro contudo, que apesar de perceberem esta importância, muitas vezes esta educação não ocorre e quando ocorre é pautado em aconselhamentos preventivos e conceitos recheados de preconceitos e tabus. Quanto ao papel de escola neste processo, muitos já perceberam que ela tem importância, contudo infelizmente ainda não atentam que mais do que repassar conteúdos de biologia a escola deve disponibilizar espaços de debates que fomentem a discussão sobre os mais diversos temas ligados a sexualidade de forma clara e livre de conceitos pré-concebidos

Pais e educadores estão unidos pela mesma responsabilidade social de gerar, preparar, enquadrar e habilitar as novas gerações ao convívio e reprodução material e simbólica do grupo social a que pertencem. Nesta sua responsabilidade institucional é que radicam as formas de supostas alianças entre o saber sexual transmitido pela família e aquelas informações e padrões de reforço exigidos pela escola em sua conformação com as finalidades mais complexas da construção social de comportamentos delimitados. (NUNES e SILVA, 2000, p.113).

No tocante aos métodos mais eficientes para evitar as doenças sexuais transmissíveis foi citado o parceiro único, e surpreendentemente a pílula, a qual ainda é percebida por algumas pessoas como eficiente na prevenção das DSTs, o que sem dúvida é motivo de preocupação logo após ficou a abstinência e mais uma vez uma resposta preocupante, pois alguns deles citaram o coito interrompido como um meio eficaz de se evitar esses problemas. Fazendo perceber sobre a importância do trabalho de prevenção às DSTs, AIDS e gravidez indesejada junto a estes alunos, os quais em sua maioria têm vida sexual ativa e ainda demonstram dúvidas em relação às medidas preventivas e de saúde.

Indagamos ainda se eles, ou alguém que eles conheciam já haviam passado por problemas relacionados à sexualidade, tendo muitos deles afirmado que sim, chamando a atenção os casos citados de gravidez indesejada, aborto, homofobia, da violência sexual, da

pedofilia e abuso na família, da AIDS, DSTs, e sexismo, confirmando assim a necessidade da educação sexual como forma de prevenção a estes problemas.

A declaração dos professores de que não realizam atividades e nem projetos sobre a educação sexual, nos faz entender que ao afirmarem receber aulas sobre educação sexual, os alunos se referiram as aulas de biologia e de eventualmente terem ocorrido algumas palestras sobre o tema da sexualidade, sobretudo relacionada às questões preventivas. Ficando claro, portanto que projetos relacionados à educação sexual e atividades contínuas, não são uma realidade nesta escola. Solicitamos ainda que eles citassem quais os temas que haviam sido abordados na escola, tendo eles respondido em sua maioria temas como os de prevenção às DSTs e AIDS, gravidez e corpo confirmando a visão bio e física citada por nossos entrevistados, que predomina em nossas escolas. Ao questionamos, se no caso da escola oferecer a educação sexual quais seriam os temas que eles achavam que poderiam ser abordados, a maioria optou por temas ligados à prevenção de doenças, da gravidez indesejada, da pedofilia e do abuso sexual, e da AIDS, passando por questões como gestação, vivendo com AIDS, e outros temas ligados à biologia, além de alguns que afirmaram querer mais informações sobre questões de gênero, homofobia e lesbofobia, gbltts entre outros assuntos. Sendo que estes temas fazem parte da curiosidade de muitos como afirmado pela professora entrevistada, contudo ao que parece muitos tem vergonha de tratar desses temas.

Em relação à questão relacionada a conhecer alguém da mesma faixa etária dele, que tenha passado por problemas relacionados a sexualidade, e que por isso tenha deixado a escola, alguns afirmaram conhecer alguém que passou por gravidez indesejada, homofobia, AIDS e aborto. Sendo que em relação a homofobia muitos alunos não deixam a escola, mas acabam sendo perseguidos e ridicularizados tanto por colegas, quanto por professores. Tendo sido, inclusive afirmado por alguns alunos que se incomodam em ter colegas e professores gays, apontado desta forma estes resultados para a existência do preconceito e da intolerância, visto que outras situações ligadas à questão da diversidade sexual e às questões de gênero também foram apontadas como incômodas ou muito incômodas para alguns alunos.

Ao ser não apenas consentida, mas também ensinada, a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas. Somos também desafiados a construir indicadores sociais de homofobias nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularmos, implementarmos e executarmos políticas educacionais inclusivas. (JUNQUEIRA, 2009p.16).

Em relação às questões de gênero, podemos perceber atitudes preconceituosas, discriminatórias, e desrespeitosas para com mulheres e homossexuais, demonstrando assim a necessidade de se realizar na escola discussões que procurem provocar reflexões sobre a necessidade de desenvolver atitudes, comportamentos e ações baseadas no respeito mútuo e na valorização do ser humano, independente do seu sexo, ou de sua opção sexual.

Construir as possibilidades para este reconhecimento da diversidade sexual na educação implica uma visão de conjunto e um quadro de referências alimentado pelo diálogo, por princípios de justiça e equidade, por valores democráticos e pela compreensão do papel da diversidade e do pluralismo no processo educacional (JUNQUEIRA, 2009, p.425).

As respostas dos jovens demonstram desconforto e falta de informações acerca de diversas questões relacionadas à sexualidade, estando presente tanto nas respostas dos jovens como nas dos pais discursos recheados de preconceitos e discriminações relacionados a todos aqueles que não se enquadram no padrão de comportamento esperado pela sociedade.

Mas uma vez será central o papel da educação. Mesmo com todas as dificuldades, a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofobia. (JUNQUEIRA, 2009, p.36).

A seguir analisaremos os resultados dos questionários aplicados na outra escola pesquisada, o Barão de Mauá, na qual é desenvolvido o PSE, porém como afirmado pelos professores desta escola, nesta instituição as ações do PSE estão ficando centradas nas ações de saúde, deixando dessa forma as ações relacionadas às questões de saúde sexual e das sexualidades, limitadas a palestras eventuais realizadas pelo grupo que está à frente do PSE.

Nesta escola foi percebida a presença de alunos gays que usam vestimentas e acessórios femininos, além de pintarem as unhas e usarem maquiagem. De acordo com o relato de um professor entrevistado nesta escola, estes alunos acabam sofrendo mais discriminação na escola do que aqueles alunos que são gays assumidos, mas que se vestem como meninos. Sendo que este professor procura desenvolver ações, como peças teatrais, nas quais os alunos possam refletir sobre o que é ser homem, ser mulher e possam trocar de papel a fim de se colocarem no lugar do outro e perceber quais as diferenças e dificuldades pelas quais as pessoas passam.

Assim como na outra escola, os jovens declararam ter iniciado a vida sexual muito cedo entre os 10 e os 18 anos, preocupando o fato de alguns destes alunos não terem feito o uso de preservativos, ao terem a primeira relação sexual. Em relação a temas que os alunos gostariam de discutir na sala de aula, percebemos que eles demonstraram interesse por todos os temas que dizem respeito à sexualidade desde questões físicas e biológicas e até as questões relacionadas à diversidade sexual, e ao combate à pedofilia, à homofobia, ao combate as violências sexuais e outros temas ligado a estas questões.

Quando questionados sobre onde buscavam informações acerca da sexualidade, aparecem a família, em segundo os amigos, a internet, em quarto a escola, seguida da tv, da igreja, de revistas e outros, neste caso, foi citado DVDs pornô. Dessa forma percebemos a falta de preparo e de informação destes alunos, visto que muitos deles parecem confundir sexo, com sexualidade, além de terem citado como fontes de busca de informação lugares não muitos confiáveis e educativos, tendo citado por um aluno os filmes pornô, os quais sem dúvida nenhuma não podem ser classificados como educativos, mas pelo contrário banalizam o sexo e estimulam comportamentos que podem ser apontados como comportamentos de risco, além de vulgarizarem o sexo e apresentarem linguagem chula e altamente discriminatória, preconceitos, machistas e desrespeitosos contra a mulher e ainda por cima em muitos casos estimularem atitudes violentas e até, criminosas contra as elas. Em relação às revistas, sabemos também que muitas delas não apresentam conteúdos confiáveis, mas apenas apelam para as imagens e conteúdos fortes e altamente apelativas, as quais muitas vezes estimulam a prática sexual, também fazemos restrições também, em relação a tv, visto que como afirmado por alguns autores, o sexo, mas não a sexualidade adentra em nossos lares diariamente por meio dela, a qual está recheada de propagandas e programas, que estimulam irresponsavelmente atitudes sensuais e eróticas, até mesmo na programação voltada para o público infantil se preocuparem em apresentar ações educativas, que permitam ao público refletir criticamente acerca do que foi exibido.

Além disso a tv, apresentar em muitas de suas atrações situações discriminatórias, homofóbicas, sexistas e preconceituosas, as quais costumam associar a imagem da mulher a produtos que são comprados e consumidos, estimulando a mercantilização dos corpos.

Em relação aos amigos, os quais também foram muitos citados como fonte de informação, revelam-se fontes preocupantes, visto que se trata muitas vezes de jovens desinformados e deseducados sexualmente, em busca de informações com outros jovens que na maioria das vezes também estão nestas mesmas condições. Correndo-se assim o risco de

que estes jovens troque entre si informações erradas que podem prejudicar a sua vida sexual e por consequência a sua saúde como um todo .

Já em relação à igreja, outra instituição também apontada como fonte de informação, acreditamos que muitas vezes esta pode apresentar uma visão um tanto quanto restrita e obviamente voltada para os aconselhamentos ,sabemos da importância e valorizamos a visão da sexualidade como algo que deve ser vivido com base no auto respeito e no respeito ao outro ,atitudes que devem ser valorizadas pelas igrejas, contudo apontamos para o problema da igreja se prender a comportamentos e aconselhamentos ,desconsiderando assim a autonomia e o direito do indivíduo ,visto que ainda hoje a igreja aconselha o sexo somente para fins reprodutivos e dentro do casamento.

Sendo assim acreditamos ser fundamental o papel da família e da escola no desenvolvimento de ações e atividades que tratem da Educação Sexual, visto que as questões ligadas ao sexo e à sexualidade permeiam as relações sociais e estão presentes em ambientes diversos sendo, portanto, importante que em um ambiente como a escola, a igreja e outros espaços públicos sejam fomentado debates e discussões que visem educar sexualmente os nossos jovens, para que eles saibam se defender de abusos, busquem seus direitos ,e possam vivenciar a sexualidade de forma sadia ,emancipada e alicerçada em valores éticos e baseados no respeito mútuo, sendo fundamental a participação da escola neste processo.

O reconhecimento do papel da escola na Educação Sexual pode ser acentuado na medida em que há a conscientização de que, através da educação sexual, especialmente da pública, é possível atingir um grande número de crianças e adolescentes.(FIGUEIRÓ,2001,p.90)

Assim como na outra escola, apesar de terem apontado a família como a principal instituição responsável pela educação, muitos destes jovens afirmaram não conversarem sobre sexualidade com seus familiares,. Assim eles também se mostram confusos em relação a questões de prevenção a doenças e a gravidez,outra situação preocupante nesta escola foi o grande número de alunos que afirmaram conhecer alguém que já havia tido problemas de saúde envolvendo a sexualidade bem como gestação indesejada e aborto, bem como problema envolvendo discriminações e as violências sexuais .

De acordo com Golberg,citada por Figueiró (2000)para contribuir realmente para a mudança dos padrões relacionados a sexualidade ,a educação sexual deverá ser uma prática de autonomia,participação e luta e de denúncia devendo para isso ,ser desenvolvidas ações de luta a favor da liberdade sexual,contra as violências,as discriminações e ao autoritarismo.

Desse modo, podemos afirmar que a Educação Sexual Emancipatória e participativa, que permite a construção de conceitos pelos jovens, é essencial na construção desta luta. Percebemos que os jovens têm grande interesse por esta temática e que apesar de muitos possuírem vida sexual ativa ainda enfrentam problemas relacionados à sexualidade, pois apesar de estarem mais informados eles não possuem conhecimentos sólidos e claros a respeito de questões que fazem parte da sexualidade. Tendo sido confirmado a necessidade e a importância da educação sexual, bem orientada para que estes jovens efetivamente melhorem as suas formas de vivenciar a sexualidade. Tendo ficado claro também que ainda que esporádica a presença dos educadores sexuais fomentam este debate na escola trazendo resultados eficientes de fato. No tocante a questões com perguntas do tipo Likert, os resultados desta escola

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História da educação sexual demonstra que esta sempre esteve ausente dos currículos escolares, contudo de certo modo ela estava presente na fala repressiva, no aconselhamento ,nos sermões e até mesmo no silêncio pois ao se calar sobre a sexualidade, família e escola também fazem um tipo de educação sexual, não pautado em construção de saberes ,mas sim, uma educação sexual baseada no medo e na vergonha, associado a algo proibido e não permitido.

A sexualidade abrange muito mais do que simplesmente o sexo como marca biológica, visto que a vivência sexual envolve aspectos culturais ,morais ,éticos ,sociais, eróticos, afetivos, históricos,políticos e religiosos.

Sendo que os valores morais e a vivência desses valores que se manifestam pelas ações e comportamentos oscilam de cultura para cultura, fatos aceitos em uma determinada época e sociedade, podem ser percebidos como inadequados em outra época, ou para uma outra cultura.

Sendo que vivemos hoje na chamada sociedade do conhecimento ,na qual o mundo ficou pequeno e um número cada vez maior de informações chega mais rápido para um número maior de pessoas, contudo não basta informar ,sendo necessário portanto ,além de informar, desenvolver no indivíduo a capacidade crítica de questionar e refletir sobre o que está sendo informado.

Em relação ao sexo, isto também é uma realidade, as questões ligadas a esta temática invadem nossas casas seja por meio da mídia ou através das conversas cotidianas, contudo muito se fala sobre esta questão e pouco se discute, ao realizarmos nossa pesquisa podemos perceber o quanto as pessoas ainda se incomodam em falar sobre estas questões. Sendo que muitos possíveis entrevistados ou possíveis participantes que deveriam responder aos questionários se negaram a respondê-lo, quando descobriam a temática.

Algumas mulheres questionadas também demonstraram receio em participar por terem passado por problemas relacionados à violência, abuso sexual ,gravidez indesejada e aborto. Podemos notar também que muitos ainda associam a Educação Sexual ,a algo que não precisa ser discutido na escola, visto que para eles não é necessário se ensinar a fazer sexo, como se sexualidade se limitasse ao ato sexual e como se Educação Sexual fosse relacionada

ao ensino da prática do sexo, como foi inclusive afirmado por algumas professores entrevistados.

Ao optarmos por esta temática, sabíamos que enfrentaríamos algumas barreiras, visto que muitos professores, pais e alunos ainda não se deram conta da necessidade e da importância do tema. Contudo após realizarmos a pesquisa confirmamos a urgência do desenvolvimento de ações que fomentem o debate em torno das questões diversas ligadas a estes temas, bem como a urgência da oferta de disciplinas em cursos de graduação que abordem esta temática e de cursos de qualificação que também destaquem a Educação Sexual.

Acreditamos que a escola não pode se eximir de sua responsabilidade em relação a esta questão, salvo a grande importância e a grande responsabilidade da família, acreditamos que a escola tem uma responsabilidade enorme e um grande trabalho a realizar em relação à educação sexual. Sendo que para a realização desta tarefa, não basta apenas informar, ou oferecer ações e atividades esporádicas em torno da questão, sendo urgente o desenvolvimento de ações que abordem a Educação Sexual de maneira ampla, sem preconceitos, mitos ou tabus, que impeçam a discussão ampla dos temas a ela relacionados.

Para isto, é necessário que a Educação Sexual ocorra desde a Educação Infantil, sendo que ela pode e deve estar presente em todos os conteúdos e disciplinas, e devendo também estar presente no projeto, político e pedagógico da escola, a fim de que realmente ações ligadas a ela sejam desenvolvidas. Porém educar sexualmente, não é falar de sexo, nem reprimir ou tentar enquadrar os alunos em modelos de comportamentos considerados ideais e aceitos como certos pelo educador, mas sim, desenvolver no educando a consciência crítica e estimular a reflexão e a construção de conhecimentos sólidos que lhes permitam fazer as suas próprias escolhas, percebendo que o mais importante da vivência, da sexualidade é estar bem consigo mesmo e entendendo que é necessário que esta vivência se baseie no auto respeito e no respeito ao outro.

Como podemos perceber, um grande número de jovens iniciam a vida sexual muito cedo e infelizmente, muitos deles ainda não sabem como se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis e nem de gravidez indesejada, o que resulta em jovens meninas que recém-saídas da adolescência já se tornaram mães ou que já realizaram abortos. Através de nossos questionários notamos também um grande número de mães solteiras, muitas das quais foram mães ainda no início da adolescência e não puderam contar com seus companheiros, e acabaram tendo que criar sozinhas seus filhos.

Sendo que ao questionarmos sobre a responsabilidade em relação a criação de filhos de mães solteiras, alguns questionados afirmaram ser esta uma responsabilidade das mães. Em depoimento, um de nossos entrevistados afirmou também que em relação à temática sobre prevenção à gravidez, os meninos, ainda não se interessam tanto nos fazendo entender, que a gravidez ainda fica muito sob a responsabilidade da mulher, sendo necessária uma educação voltada para a conscientização de que meninos também “engravadam”, visto que eles também devem ter responsabilidades e dar apoio às meninas que ficaram gestantes dentro de um relacionamento que os dois viveram.

Alguns dos nossos questionados, ainda demonstram atitudes sexistas e preconceituosas em relação às mulheres afirmando que não gostariam que seus filhos casassem com meninas que já fossem mãe ou que já não fossem mais virgem, tendo outros ainda afirmado que “Os filhos podem tudo por serem homens e as meninas não, dessa forma percebemos que a família sozinha não dá conta da tarefa de educar seus filhos sexualmente, visto que muitos pais e mães ainda demonstram perceber a sexualidade como algo permitido ao homem, mas ainda proibido para as meninas, visto que para a questão que indagava a respeito do início da vida sexual das meninas, uma grande parte afirmou esperar que esta iniciação ocorresse o mais tarde possível, fato que em relação aos meninos não é esperado.

Sendo que esta expectativa de que as meninas não iniciem a vida sexual cedo provavelmente, se dá pelo medo de que as meninas se tornem mães cedo, e em sendo deixadas pelo namorado, acabem junto com o bebê sob a responsabilidade dos pais. Em relação aos meninos alguns pais demonstraram preocupação em que os filhos não fossem pais cedo, contudo percebemos que esta preocupação em relação às meninas fica mais evidente, parecendo que aos meninos ainda é concedida uma maior liberdade para a vivência sexual, enquanto que para as meninas esta vivência ainda é percebida como algo que deve ser aguardado até o casamento.

Podemos perceber a preocupação, entretanto, que muitos jovens de ambos o sexos, iniciem muito cedo a vida sexual sendo que muitos deles ainda têm muitas dúvidas em relação à própria sexualidade, à prevenção à doenças e à gravidez. Dessa forma esses jovens acabam muitas vezes ficando expostos a diversos problemas e além do mais, muitas vezes não têm com quem conversar sobre as suas dúvidas, visto que muitas famílias se calam e na maior parte das vezes a escola também não possibilita espaços de discussão sobre a sexualidade, quando muito como podemos perceber, são abordadas questões ligadas à prevenção, sendo raras as iniciativas

que proporcionem espaços de discussões relacionadas às questões de gênero e às diversidades sexuais.

Entretanto diante de tantas mudanças sociais que estamos tendo, é mister que a escola amplie os seus espaços de debates e não deixe de discutir sobre questões que estão acontecendo e que afetam diretamente a vida de alunos, professores e pais. Sendo uma destas questões a da situação de filhos de gays e lésbicas, os quais se constituem em um novo modelo de família, que é constantemente ignorado pela escola.

Ao longo da nossa pesquisa nos deparamos também com alunos transexuais, os quais não se encaixam no gênero masculino, sendo de acordo com relato do professor pesquisado os que mais sofrem discriminação sendo muitas vezes alvos de brincadeiras homofóbicas. Contudo, além dessas questões, fica evidente que a sexualidade ainda é extremamente atrelada a algo que não deve ser discutida na escola, visto que em relação a assuntos escolhidos como sendo de responsabilidade da escola ,prevalecem os assuntos ligados à saúde e à prevenção.

Pesquisas apontam que vem caindo o número de gravidez entre adolescente, porém este número ainda é grande,(ver tabela 1. em anexo) sendo grande também o número de casos de AIDS, entre os jovens de acordo com o Ministério da Saúde surge no Brasil 36 mil casos por ano, sendo que para se contaminar com o vírus basta não usar o preservativo, visto que todos que têm vida sexual ativa correm risco. De acordo ainda com o Ministério da Saúde vem crescendo o número de casos de AIDS, entre jovens ,principalmente os de menor escolaridade e também entre os idosos de qualquer orientação sexual, bem como entre as mulheres, sendo que de acordo ainda com esta fonte mulheres são as que menos usam preservativos em relações com parceiros casuais.(ver tabela 2 em anexo).

Dessa forma vale ressaltar a importância do uso do preservativo, seja qual for a orientação sexual da pessoa, visto que a vulnerabilidade ao vírus não está restrita a nenhum grupo, mas sim a comportamentos de risco, tais como o não uso do preservativo. Ressaltamos que o crescimento e a facilidade de acesso às informações ,não implicam em mudanças profundas de comportamentos, visto que estas informações nem sempre são debatidas e questionadas, sendo fundamental que a Educação Sexual ocorra sempre e no dia a dia , de forma não só a levar informações, mas também provocando a reflexão crítica e a construção de conhecimentos sólidos baseados em valores éticos de respeito mútuo, nos quais os indivíduos desenvolvam hábitos e atitudes que lhes permitam viver e conviver de forma solidária ,autônoma ,valorizando a si mesmo e ao outro, independente da sua orientação sexual ,percebendo que a sexualidade e a vivência sexual não podem estar atreladas a tabus, mitos e

preconceitos ,mas sim deve ser percebida como um importante aspecto da nossa existência, visto que a nossa própria vida tem início através de uma relação sexual.

Dessa forma acreditamos na importância da oferta da Educação Sexual na escola, a qual deve ser ofertada desde a educação infantil, a fim de ofertar às crianças uma educação sexual desmitificada e livre de preconceitos e estereótipos ,sempre é claro com o cuidado de respeitar a idade e o vocabulário das crianças. Vale ressaltar também a importância da educação sexual nesta faixa etária a fim de prevenir abusos, violência e a exploração sexual da infância, visto que infelizmente é grande o número de casos de pedofilia em nosso país, sendo que muitas de nossas crianças e adolescentes encontram-se na chamada situação de risco.

Podemos perceber que para que a Educação Sexual apresente resultados mais satisfatórios, palestras pontuais, informações sobre prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada, além de informações biológicas apenas ,não bastam .Se faz necessário que a escola e a família se unam nessa tarefa de educar sexualmente seus jovens, visto que o sexo, o erotismo e até a pornografia hoje, tem livre e fácil acesso aos nossos lares, sendo que contudo, na maioria das vezes estas informações não são debatidas por pais e filhos e nem pela escola. ,a qual tem uma tarefa importante em relação a esta questão, visto que muitas das famílias nem sempre contam com informações e com os conhecimentos necessários para levarem adiante este debate, além de ser um fator de grande preocupação o fato de muitas dessas famílias serem desestruturadas ,ou de também a criança estar sob condições de risco ou sofrendo abuso dentro da própria família ,que dessa forma não pode lhe oferecer proteção e nem garantir os seus direitos de ter uma infância saudável, protegida e feliz.

Porém, para que a escola realize esta tarefa se faz necessário, que ela esteja preparada para isto sendo assim preciso que a comunidade escolar, sobretudo os professores disponham de conhecimentos que lhes permitam a abordagem desta temática despida de preconceitos, mitos e tabus, de maneira a não discriminar ou reprimir comportamentos e sem basear suas falas em aconselhamentos com influência religiosa, moral ou ética, mas sim sendo capaz de perceber a sexualidade de forma ampla e respeitando as suas variadas formas de se manifestar ,é mister combater comportamentos discriminatórios, sexistas , misóginos, abusos e todos os tipos de violência sejam físicos ,verbais ou psicológicos contra as pessoas de orientação sexual diversa, e contra a mulher ,bem como favorecer a ações que permitam aos indivíduos se perceberem como seres autônomos e capazes de vivenciar a sua sexualidade de forma emancipada plena e feliz. Sendo mister ainda, ressaltar a importância de estimular ações de cuidados e de prevenção ligadas à saúde e a gravidez indesejada afim de evitar um outro grave

problema que é o aborto ,o qual não é permitido no Brasil ,mas acaba sendo realizado clandestinamente em lugares indevidos , resultando em muitos casos na morte da paciente.

A educação sexual que pensamos e propomos é a educação sexual que permita ao indivíduo perceber que a sexualidade não se resume ao ato sexual e que este não se resume ao ato ,de forma a entender que a decisão de ter uma vida sexual ativa ,implica em responsabilidade e em cuidados consigo e com o outro. Percebendo que a vivência da sexualidade é algo que diz respeito à individualidade de cada um, e que para que esta vivência seja plena e feliz se faz necessário desatrelar a sexualidade de conceitos pré concebidos e moralistas, favorecendo o diálogo e os debates de maneira que haja o entendimento de que existem maneiras diversas de se viver a sexualidade ,sendo que o mais importante em tudo isso é o respeito ,visto que independente da opção sexual de cada um todos somos seres humanos e como tais devemos ser respeitados .

Portanto, a Educação Sexual é necessária e eficaz, auxiliando os jovens na construção de conhecimentos que os orientem para um melhor posicionamento em relação aos assuntos ligados à sexualidade ,desde as questões ligadas a assuntos como prevenção e às questões biológicas e físicas, até a assuntos mais amplos e diversos tais como combate à violência e às diversidades .Sendo que para que estas mudanças ocorram de forma mais eficaz se faz necessário que a Educação Sexual, não se limite a ações esporádicas e a práticas espontaneístas, visto que é importante que a educação sexual faça parte da rotina escolar ,devendo ser ofertada desde a Educação Infantil, por meio de atividades lúdicas e dinâmicas que estimulem a participação e a construção de conceitos pelos alunos.

Sendo importante ainda que estas ações não fiquem restritas às questões físicas e biológicas e que não tenham apenas caráter de aconselhamento médico ,religioso, não devendo ainda ficar a cargo somente do professor de biologia ,mas sim ,ser trabalhada de maneira inter e transdisciplinar, dentro de um contexto que permita ao aluno refletir, questionar e buscar respostas por meio de debates Sendo que para isto é preciso que o professor esteja preparado para discutir a sexualidade em suas mais diferentes formas de se expressar despido de tabus ,mitos e preconceitos.

Dessa forma, acreditamos que para que isto ocorra é salutar que o professor esteja preparado e sentindo-se a vontade para discutir esta questão, considerando os aspectos culturais, sociais, históricos, afetivos, psicológicos entendendo que a sexualidade deve ser percebida como algo que faz parte de nossa vidas desde a mais tenra idade e que ela não pode mais ser entendida como algo proibido dentro da escola. Entendemos ainda que para que o

professor aborde esta temática em sala de aula ,é importante que ele passe por cursos de formação que o instrumentalize e o deixe seguro e consciente de que tratar da sexualidade em sala de aula ,não implica em ensinar o que é certo ou o que é errado ,mas sim em promover atividades e discussões que promovam ações e comportamento de respeito ao outro ,independente do sexo ,e da opção sexual de cada um.

Através de nossa pesquisa concluímos que os jovens ainda têm muitas dúvidas em relação a questões de cuidados e prevenções a doenças e a gravidez indesejada ,sendo portanto de extrema importância que a escola realize debates e ações que promovam o esclarecimento sobre estas questões.

Contudo, percebemos também que esta temática ainda é muito “temida”, por alguns professores, os quais não se sentem preparados e preferem ignorar assuntos ligados à sexualidade ,visto que muitos deles ainda não diferenciam sexo e sexualidade, outro grave problema em relação a estas questões são atitudes discriminatórias em relação às mulheres e aos gays masculinos e femininos em sala de aula, os quais muitas vezes são alvos de brincadeiras e de bullying tanto por parte de alunos ,quanto por parte de professores .Sendo esse comportamento reflexo de uma sociedade machista, homofóbica e intolerante com as diferenças ,os quais não percebem o outro como alguém que merece ser respeitado independente de ser homem ou mulher ,bem como também independente da sua orientação sexual.

Podemos afirmar a importância e a eficiência da Educação Sexual na escola, a qual contribui para que os jovens se tornem mais responsáveis e saudáveis ,sexualmente falando, fazendo também que se tornem mais tolerantes e respeitosos em relação a si mesmo e aos outros ,o que contribui para diminuir os problemas relacionados à sexualidade , bem como favorece uma convivência mais harmoniosa ,com ações voltadas para o respeito às diferenças e sobretudo às mulheres.

Portanto acreditamos na importância da educação global do educando a qual inclui a Educação Sexual, que deve promover a emancipação do indivíduo de maneira que o mesmo se perceba como agente construtor de sua história e sujeito capaz de amar e merecedor de amar e de ser amado/a. Contudo, ao realizarmos esta pesquisa encontramos algumas barreiras e dificuldades em relação a conseguirmos dados ,já que a grande maioria dos professores não abordam a Educação Sexual em suas aulas ,e em relação aos pais e alunos participantes da pesquisa alguns se negaram a participar alegando que este não é um assunto para ser discutido na escola .O fato de muitos professores não terem recebido formação nesta temática também

se constitui em um problema ,visto que mitos e tabus ainda são disseminados por eles em suas aulas, ao se calarem sobre o assunto ou com ações e falas que reforçam estereótipos e preconceitos.

Prendemos dar continuidade a esta pesquisa e posteriormente desenvolvermos o doutorado abordando esta temática, pretendemos contudo enfatizar e continuar aprofundando as questões ligadas à história da sexualidade feminina e às mudanças comportamentais ligadas à sexualidade na atualidade ,bem como às questões ligadas aos novos modelos de famílias, percebendo de que forma a educação sexual na escola poderá contribuir para a formação de jovens menos preconceituosos e seguros sejam eles frutos de famílias tradicionais ,ou de famílias homo ou monoparentais, bem como para a igualdade de gêneros ,afim de construirmos uma sociedade mais solidária, tolerante e, afinal, mais democrática.

Conclui-se, portanto, que a sexualidade ainda gera polêmica estando ao mesmo tempo presente e ausente nas nossas discussões, percebemos ainda que a maioria dos trabalhos que abordam a Educação Sexual acaba se prendendo às questões biológicas e preventivas, contudo alguns pesquisadores e autores tais como: Nunes e Silva, Junqueira e Louro entre outros educadores, já atentaram para a necessidade de se ampliar as discussões para questões relacionadas a outros aspectos da sexualidade dentre eles a diversidade sexual bem como as questões de gênero, violência e abuso sexual percebendo a vivência sexual como não apenas algo naturalmente dado mas, sim dentro de uma perspectiva mais ampla contextualizada histórica, política, psicológica ,emocional e culturalmente, entendendo que os Direitos Sexuais também são Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, Helena, Orientação Sexual nos PCNs. Revista Brasileira de sexualidade, volume 6 n 1 SBRASH 1995
- ALTMANN, H. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 9, p. 575-585, jul./dez. 2001
- .ARIÉS, Philippe, História Social da Criança e da Família .Rio de Janeiro ;Zahar, 1981
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. *Diretrizes para uma política educacional de sexualidade*. Brasília: MEC/Sepespe, 1994. Série Educação Preventiva Integral. v.1 .
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, TV na Escola e os Desafios de Hoje. Uni REDE E SUD (MEC/Universidade de Brasília), Brasília, 2002.
- BRASIL. Ministério da saúde, Ministério da Educação e do Desporto. Livro do professor: criança de 10 a 12 anos/coordenação nacional de DSTs e AIDS. Brasília. DF. 1997.
- BRASIL Ministério da Saúde .Manual do multiplicador: adolescente/ Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente transmissíveis e AIDS – Brasília , 1997.
- Brasil, Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e Prevenção nas escolas :guia para a formação de profissionais de saúde e educação/Ministério da Saúde, Secretaria de vigilância em saúde –Brasília :Ministério da saúde,2006
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos TEMAS TRANSVERSAIS, ÉTICA/SECRETARIA de Educação Fundamental-Brasília :MEC/SEF,1997
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST e AIDS e Hepatites Virais .Adolescentes e jovens para educação entre pares: diversidades sexuais._Brasília,2011
- BRASIL ,Ministério da Saúde .Secretaria de Vigilância EM Saúde, Departamento de DST e AIDS e Hepatites Virais .Adolescentes e jovens para educação entre pares: gêneros _Brasília,2011 Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica
- .Passo a passo PSE : Programa Saúde na Escola : tecendo caminhos da intersectoralidade / Ministério da Saúde. Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica, Ministério da Educação. – Brasília : Ministério da Saúde, 2011.
- CATONNÉ, Jean-Philippe. A Sexualidade, ontem e hoje. 2ª. São Paulo: Cortez, 2001.

Valdira Vieira da Rocha – Educação Sexual nas escolas: concepções dos Professores e percepções de Pais e Alunos.

DINIS, N. F. *Educação, cidadania e as minorias sexuais e de gênero*. In: SCHMIDT, M. A.; STOLTZ, T. (Orgs.). Educação, cidadania e inclusão social. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006. p.

130-135.

DINIS, Elson, LUZ, Araci Asinelli, DOSSIÊ: COGNIÇÃO, INTERAÇÃO SOCIAL

Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural. Educ.rev. no.30 Curitiba 2007

Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.069/904ª EDIÇÃO, DP&A, RIO DE JANEIRO, 2002
FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, Educação Sexual. Retomando uma proposta um desafio. Londrina. UEL, 2001

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, Formação de Educadores Sexuais, Adiar não é mais possível, Londrina, Mercado das Letras, 2006

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Gewandszjder, Fernando Ciências 4ª edição São Paulo ATICA, 2009

GROTH, Inês Carlise, Thomé, Celine Luciana, Rosa, Beatriz da Silva. "Você sabe o que é Sexualidade?" Relato de experiências de oficinas de Educação Sexual na Escola, Roteiro, Joçoba, V.36 nº1 pág.105-128 jan/jun 2011

JUNQUEIRA, Diniz Rogério (Org.) Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada,

Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009

Lakatos, Maria e Marconi, Marina de Andrade. Fundamentos da Metodologia Científica - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LAVILLE/DIONNE, Christian e Jean. A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. — Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

LEAL, Marta Miranda e Saito, Maria Ignez, A Educação Sexual Necessária, Pediatría (São Paulo) 2000

LDB – 2011, LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. Lei Nº 9394/96.

LOPES, Louro, Guacira, O Corpo Educado, Pedagogia da Sexualidade 2ª edição Belo Horizonte, Autentica, 2000

LOURO, Lopes Guacira, Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas as tensões teórico – metodológicas Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

Valdira Vieira da Rocha – Educação Sexual nas escolas: concepções dos Professores e percepções de Pais e Alunos.

LOPES, Elaine Maria Teixeira (org.) 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte:

Autêntica, 2000.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; COSTA, Neyla SHIRLENE Santos; Patrícia Samara Veras; Aguiar Yara Amorim de .A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas Ver .Brasileira Enfermagem60(4):373-376.jul-ago.

MARTIN, Selma Alves de Freitas .Educação Sexual na Escola Concepções e práticas de professores –Dissertação (Mestrado)Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciência e

Tecnologia. Presidente Prudente , 2010

MOREIRA, Betina Loitzenbauer da Rocha. Percepções de alunos e Professores Da Rede Pública Municipal De Ensino Fundamental de Uruguaiana acerca da Educação Sexual Na escola .Santa Maria,2011-(Tese de Doutorado)UFSM,RS

MOREIRA, Betina Loitzenbauer da Rocha,, João Batista Teixeira da e Folmer ,Luiz Puntel , Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes Revista Electrónica de Enseñanza de la sCiênciasVol 10, Nº 1, 64-83 (2011) Universidade Federal do Pampa, Brasil.

MONTANÉ, ALEJANDRA&CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de Diálogo sobre género: justicia, equidad y políticas de igualdad en educación superior (Brasil y España) Revista Lusófona de Educação, 21, 97-120Diálogo sobre género: justicia, equidad y políticas de igualdad em educación superior (Brasil y España).

NAVARRO, Karina da Motta. Artigo: O Significado da Escola para o Jovem Estudante do Ensino Médio Noturno. 2005.

NUNES, César, Silva, Edna. A educação sexual da criança. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

NUNES, César, Silva, Edna. Sexualidade(s) Adolescente(s):uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência –Florianópolis,SC,Sophos,2001.

Nunes, César, Silva ,Edna. As Manifestações da Sexualidade da Criança, Campinas, SP ,Editora século XXI,1997

Parra, Ivoneide Aparecida ,Histórias de vida :Uma análise do discurso de educandos em privação de liberdade,p.20,UTFP, londrina 2012.

PRADO, Vagner Matias do, ARILDA, Inês Miranda, FANZANO, Cristiane Luciana. Materiais Audiovisuais Didáticos e Educação Sexual na Escola: Uma Pesquisa nos acervos viodeográficos do Ministério Da educação E Cultura E Ministério Da Saúde do Governo

Brasileiro Colloquium Humanarum,vol.8 Nº1(2011)

PRIORE, Del Mary. (org.)História das mulheres no Brasil. 9ª.São Paulo: UNESP, 2008

Valdira Vieira da Rocha – Educação Sexual nas escolas: concepções dos Professores e percepções de Pais e Alunos.

PRIORE, Del Mary. Histórias Intimas Sexualidade e Erotismo no Brasil. São Paulo; Planeta 2011

PRIORE, Del Mary. História das Crianças no Brasil. (Org.) 7ªed.-São Paulo:Contexto,2010

ROSSEAU, J..Emílio e ou da Educação .Rio de janeiro :Ed. Bertrand Brasil S/a,1992

SINELLI-LUZ, A.;MORALES, C.; MANIKOWSKI, T. S. *Educação sexual*: perfil e prática de educadores/as. In: MOSTRA SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS ,Brasília: UnB, 2007.

SOARES, R. Adolescência: monstrosidade cultural? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 151-159, jul./dez. 2000.

PAIVA, Vera, CALAZANS Gabriela, VENTURI Gustavo, DIAS Rita, e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros Rev .De Saúde Pública V.42 supl.1 São Paulo jun.2008

VITIELLO, Nelson. A Educação Sexual, Volume 6 - Número 1 - Janeiro a Junho de 1995.Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes. Gravidez na Adolescência. Revista.

Bras.Ginecol.Obstet.[online]. 2006, VOL.28,N.8,P.P.443-445. ISSN 0100-7203.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 ROTEIRO DA ENTREVISTA

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E REFLEXOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

(Professores)

Nome: _____

Sexo: () M () F

Idade:

Escola:

Religião:

TABELA 3A - Questões aplicadas aos professores das duas escolas pesquisadas.

QUESTOES APLICADAS AOS PROFESSORES NAS ENTREVISTAS
Q1 - Onde e como foi educado sexualmente? Esta educação sexual que recebeu na juventude influenciou a sua vida sexual?
Q2 - Para você de quem é a responsabilidade pela educação sexual dos jovens?
Q3 - Você já recebeu qualificação para trabalhar a educação sexual? Se sim informe, quando e onde?
Q4 - Se você já recebeu qualificação para trabalhar educação sexual, descreva como foi e se isso contribuiu para a sua prática.
Q5 - Você se sente preparado e a vontade para trabalhar esta temática em sala de aula? Acredita que a educação sexual contribui para que os jovens tornem mais saudáveis e responsáveis sexualmente?
Q6 - Como você define educação sexual? Percebe interesse dos alunos por esta temática?

Q7 - Costuma abordar esta temática em sala de aula? Através de que temas e de que forma?

Q8 - Você já desenvolveu um algum projeto e ou atividade ligado a educação sexual?

Q9 - A sua escola desenvolve o PSE? Fale sobre ele e sobre as ações desenvolvidas nesta escola por este programa que aborda a educação sexual.

APÊNDICE 2-ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E REFLEXOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

(Representante do PSE em Sergipe)

- Como surgiu o PSE? Quais os seus objetivos e como é organizado na prática?
- Quais as diretrizes do Programa?
- Como e quando este Programa foi implantado em Sergipe? Quantas e quais são as escolas participantes?
- Quem são as pessoas responsáveis pelo desenvolvimento das ações do PSE nas escolas? E como elas foram qualificadas para desenvolverem o Programa?
- Educação Sexual também faz parte do PSE. Como e quais os conteúdos dessa temática que são abordados pelo programa?
- Para você, o que é Educação Sexual?
- Quais os temas relacionados à Educação Sexual o senhor acredita que devem ser trabalhados? De que forma?
- Como se dá a participação dos professores no projeto?
- Como os pais e os alunos reagem em relação ao fato da escola estar abordando conteúdos que abordam a sexualidade?
- De forma prática, em sua opinião o PSE, tem contribuído para que o aluno tenha uma melhor qualidade de vida e vivencie de forma mais responsável a sua sexualidade? Sem sim, explique de forma prática situações que confirmem este fato.

APÊNDICE 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTAS

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E REFLEXOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

(Secretaria de Educação)

- A Educação Sexual é um tema transversal presente nos PCNs. Contudo as ações para que ela seja abordada em sala-de-aula continuam tímidas. De quem é a responsabilidade pela Educação Sexual para o senhor?
- A secretaria de Educação de Sergipe desenvolve algum projeto de qualificação para os professores trabalharem esta temática?
- Na sua opinião , o que é Educação Sexual?
- Quais os conteúdos e de que forma ela deve ser trabalhada?
- Qual a importância e quais os objetivos da oferta da Educação Sexual nas escolas?
- O PSE (Programa de Saúde na Escola) inclui a sexualidade em seu programa o senhor acredita que este programa seja suficiente, ou seria necessário um programa mais específico para abordar as questões ligadas à sexualidade?
 O senhor tem informação se houve redução de problemas relacionados a sexualidade nas escolas em que está sendo ofertado Educação Sexual, ainda que por meio do PSE?
- Quais os procedimentos a serem adotados pela escola, caso identifique alunos que enfrentem problemas relacionados a sexualidade?
- Como pais, professores e alunos reagem em relação a oferta da Educação Sexual nas escolas?

APÊNDICE 4 - ROTEIRO DA ENTREVISTAS

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E REFLEXOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

(Secretaria de Saúde)

- O PSE está sendo desenvolvido em algumas escolas do nosso Estado, qual a participação desta Secretária no desenvolvimento deste programa?
- A saúde Sexual é fundamental para que o indivíduo viva bem. Defina Educação Sexual e aponte a sua importância.
- E em relação a Educação Sexual e Sexualidade, quais as atividades desenvolvidas na escola por esta Secretária, e que temáticas costumam abordar?
- Quais são os temas abordados pelos representantes desta secretaria em relação a Educação Sexual?
- Quais as dificuldades encontradas no desenvolvimento na escola, de atividades ligadas a Educação Sexual?
- Esta secretária oferece algum tipo de qualificação aos profissionais da escola e aos professores para lidarem com questão de saúde ligada a sexualidade? Em caso de oferecer, qual o grau de participação e de dúvidas dos professores?
- Em relação às atividades desenvolvidas, vocês percebem alguma resistência em relação às atividades por parte de pais, alunos ou professores?
- Em caso afirmativo, quais seriam os motivos dessa resistência?
- Como reagem e quais as maiores dúvidas apresentadas pelos alunos em relação à sexualidade? Esta secretaria desenvolve atividades de apoio a alunos que enfrentem problemas relacionados a sexualidade?
- Vocês têm como acompanhar e perceber mudanças significativas no comportamento de jovens que recebem orientação sexual nas escolas?
- Onde e como foi educado sexualmente? Esta educação sexual que recebeu na juventude influenciou a sua vivencia sexual?
- Para você de quem é a responsabilidade pela Educação sexual dos jovens?
- Você já recebeu alguma qualificação para trabalhar a Educação Sexual? Se sim informe, quando ,onde, por quem foi ofertado.

- Se você já recebeu qualificação para trabalhar a Educação Sexual, descreva como foi e se isso contribuiu para a sua prática.
- Você se sente preparado e a vontade para trabalhar esta temática em sala de aula? O senhor (a) acredita que a Educação Sexual na escola contribuiu para que os alunos se tornem pessoas mais responsáveis e saudáveis sexualmente falando?
- Como você define Educação Sexual? Percebe interesse dos alunos por esta temática?
- Costuma abordar esta temática em suas aulas? Através de que temas e de que forma ?
- A sua escola desenvolve o PSE? Fale sobre este programa. E sobre as ações desenvolvidas nesta escola por este programa que abordem a educação Sexual
- Se você já realizou alguma atividade e ou projeto ligado a Educação Sexual ,descreva-o.

APÊNDICE 5-QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E REFLEXOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS

ESCOLAS

Orientações para preenchimento dos questionário.

As questões deverão ser assinaladas de acordo com a sua opinião, a Questão 9,deverá ser respondida de acordo com o que você considerar mais próximo do que acredita utilizando 1 para discordo totalmente,2 para discordo ,3 concordo em parte 4 para concordo totalmente.

O presente questionário tem como objetivo coletar a sua opinião sobre a Educação Sexual e assuntos ligados a sexualidade .Bem como perceber se a sua escola desenvolve e como desenvolve esta temática.

Sexo: ()M ()F Profissão:_____

Idade: _____

Escola:

Religião _____ :

Favor informar se já iniciou a vida sexual. () SIM () NÃO

Se sim, usou preservativo? (

) SIM () NÃO Em qual

idade teve a primeira
relação?

10aos 14anos()

14 aos 18anos()

18 aos 24anos()

24 anos ou mais ()

- Para você qual é a instituição responsável pela Educação Sexual?

Escola () família () igreja () outra () qual? _____

- Em que momento, você acha que a escola poderia abordar esta questão?

Educação infantil () Ensino Fundamental () Ensino médio ()

- Se você já recebeu educação Sexual na escola assinale quais os temas que já foram discutidos.

Prevenção a AIDS e as DSTs ()

Reprodução e Órgãos Sexuais ()

Prevenção a gestação Indesejada, Métodos contraceptivos e Aborto ()

Diversidade Sexual ()

Questões de Gênero, preconceito, sexismo e Discriminação ()

Homofobia ()

Violência contra mulheres, crianças e adolescentes e combate a Pedofilia ()

- No caso da escola abordar a Educação Sexual ,quais dos temas abaixo que você gostaria que fosse trabalhado?

() Prevenção as DSTs

() Menstruação

() Prevenção a Gravidez Indesejada

() Pedofilia e abuso sexual

() Prevenção a AIDS

() Homoerotismo

() Homofobia

() Lesbofobia

() Gestação

() Prevenção a abuso ,violência Sexual e Pedofilia

() Questões de Gênero e Indentidades

() Vivendo com AIDS

() GLBT TT

Reprodução e órgão reprodutivos masculinos e femininos

Outros quais?-----

- Onde você busca informações sobre sexualidade?

Família Escola Igreja Amigos Internet Tv

Revistas e outros materiais impressos () Outros.

Quais?_____

- Seus pais e ou/responsáveis conversam com você sobre sexualidade?

SIM () NÃO ()

- Em relação a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis qual o método que você considera mais eficiente.

uso de preservativo Coito interrompido.

pílula e outros contraceptivos

abstinência

parceiro único e fixo

- Em relação a problemas ligados a sexualidade ,você passou ou conhece alguém da sua faixa etária, que tenha enfrentado 1 ou mais problemas dentre os listados abaixo?

Homofobia Preconceito

Lesbofobia Violência Sexual

Sexismo

Discriminação Aborto

Exploração Sexual Combate a pedofilia e violência e abuso sexual

Gravidez indesejada DSTs

AIDS

Abuso Sexual na Infância por familiares

9- Das alternativas abaixo marque 1 para discordo totalmente,2 para discordo em parte,3para concordo e 4 para concordo totalmente.

A) A minha escola oferece educação sexual, e acho isso muito útil. ()

b) Não concordo que a escola oferta Educação Sexual. ()

10- Das situações abaixo marque (1) para nada incomodado (2) pouco incomodado (3) indiferente (

4)muito incomodado (5)Extremamente incomodado

a) Ter um colega gay ou lesbica na sala de aula ou na vizinhança. ()

c) Casar com uma menina que não era mais virgem. ()

d) Ser flertado por alguém do mesmo sexo. ()

e) Realizar tarefas consideradas não apropriadas para o seu sexo. ()

f) Ser amiga de uma adolescente grávida.()

g) Atitudes preconceituosas e discriminatórias contra gays masculinos e femininos. () h) Crimes homofóbicos ()

i) Não ser respeitado por ser gay ou lésbica.()

J) Namorar com um/uma bissexual.()

L) Ter um professor gay ou lésbica.

M) Ser colega de alguém que é filho de gays ou de lésbicas que vivem em situação de conjugalidade.()

N) Comportamento discriminatórios e preconceituosos contra a mulher. ()

11- Você o conhece algum aluno(a)que tenha sofrido algum problema relacionado a sexualidade e que por isto deixou a escola?

SIM () NÃO ()

Cite qual tipo de problema ele enfrentou.

()DSTs ()AIDS ()Gravidez indesejada ()Aborto ()Homofobia

Obrigada pela colaboração. Ao responder o questionário você colaborou com esta pesquisa.

APÊNDICE 6 - QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E REFLEXOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

As questões deverão ser assinaladas de acordo com a sua opinião, a Questão 2,deverá ser respondida de acordo com o que você considerar mais próximo do que acredita utilizando 1 para discordo totalmente e 4 para concordo totalmente. O presente questionário tem como objetivo coletar a sua opinião sobre a Educação Sexual e assuntos ligados a sexualidade. Em como perceber se a sua escola desenvolve e como desenvolve esta temática.

Nome _____ :

Idade: _____

Sexo: () M () F

Estado _____ civil:

Religião: _____

Profissão: _____

___ 1-Para você de quem a responsabilidade pela Educação Sexual das crianças e dos jovens?

Família () escola () igreja () outros () Quais? _____

QUESTÃO 2-Marque (1) CONCORDO (2) DISCORDO (3) CONCORDO EM PARTE (4) CONCORDO TOTAMENTE

- Converso abertamente com meus filhos sobre sexualidade e procuro educá-los sexualmente. () B - Converso com meus filhos sobre sexo, mais somente de maneira informal. ()

- Não converso com meus filhos sobre sexualidade ou sexo, isto não é assunto para pais e filhos ()
- Meus filhos já sabem tudo sobre sexo e sexualidade não preciso conversar com eles sobre estes assuntos. ()
- Falar sobre sexualidade com as crianças não é bom, pois desperta o interesse para a prática antes da hora. ().
- Meu filho ou filha ou filhos de alguém que eu conheça, já sofreu discriminação, violência ou bullying por ser gay.()
- Acredito que as pessoas devem ser respeitadas independente da orientação sexual. ()
- Ficaria incomodado se meu filho ou filha tivesse um colega gay ou lésbica.
 - I- Não gostaria que meu filho ou filha tivesse um professor gay ou lésbica.
- Respeito os gays, mas acho que o homoerotismo é errado.()
- Não gostaria que minha filha fosse amiga de uma jovem adolescente grávida.()
- Não gostaria de ver meu filho casado com uma jovem que não fosse virgem.()
- Não gostaria que meu filho se casasse com uma menina que já fosse mãe.()
- Meu filho pode e deve iniciar a vida sexual o quanto antes. ()
- Minha filha deve ser manter virgem ,o maior tempo possível.()
- Oriento meu filho para que ele não seja pai cedo, pois a responsabilidade também será dele.().
- Oriento minha filha para que ela não engravide solteira, pois a responsabilidade e o problema sempre sobra para a mulher, visto que quem deve se cuidar é ela. ()
- Procuro orientar meus filhos, para que não venham a ser pai ou mãe muito cedo, pois a responsabilidade da criação da criança é de ambos. ()
- Meu filho pode tudo, minha filha não, pois é mulher. ()
- Não me incomodaria em ter um filho gay ou lésbica. ().

- No caso da escola trabalhar a Educação Sexual, quais os temas relacionados a SEXUALIDADE que você acha que a escola deveria trabalhar com os alunos?.

Homofobia ()

Homossexualismo()

Prevenção as DSTs E AIDS ()

Preconceito e Discriminação ()

Prevenção a gravidez ()

Questões de gênero ()

Outros () Quais -----

2-Que tipo de Educação Sexual o senhor(a)recebeu na sua família?

Não recebi() ()Repressora ()Liberal

3-Esta Educação recebida influenciou o seu comportamento sexual até hoje? () SIM () NÃO

Obrigada ! Por ter colaborado.

APÊNDICE 7 - TRANSCRIÇÃO COMPLETAS DAS ENTREVISTAS

Tabela 2A-Identificação Dos Professores Entrevistados na Escola Carlos Camélio Costa.

Nome	Idade	E. civil	Religião	Disciplina
P1	34anos	Casado	Católico	Matemática
P2	52anos	Soltiro	Católico	Geografia
P3	41anos	Casada	Católica	Inglês
P4	43anos	Casada	Católica	Inglês

1-Onde e como foi educado sexualmente? Esta educação sexual que recebeu na juventude influenciou a sua vivencia sexual?

Prof.1 - Na Família. Não lembro a idade entre 9 a 12,13 anos ,meus pais tentaram de forma natural me explicar sobre a sexualidade. Sim ,influenciou em relação aos cuidados ,pelo fato de minha mãe ,nessa idade que falei no final da década de 80 e 90 em relação a Prevenção /cuidados, ela se preocupou e me orientou.

2º Entrevistado

Prof.2 Em casa.Sim influenciou um pouco.

Prof.3 Com a minha família .Em família. Influenciou.

Prof.4 Resposta --Bom efetivamente não tive aula de educação sexual. é...basicamente a gente começa ,bom no meu caso em particular, foi através de leituras em livros, alguns didáticos e em alguns filmes, onde busquei estas informações, que via o queria ou não queria que acontecesse comigo. E sim porque a vida sexual da gente pelo que pude perceber ela está sempre em movimento ,bom na verdade o meu objeto sexual é o homem, porque sou mulher neste campo

eu acho que dificilmente vai variar, é nunca vai mudar, pelo menos até hoje...risos, não sei... pelo menos neste aspecto acho que nunca vai mudar, mas em outros aspectos gosto de variar e de experimentar.

A postura da minha família era repressora, meu pai, no caso não tocava no assunto, era bem repressor, levando-se em consideração que falar em namorado, era motivo para críticas e também questionamentos sobre as mudanças do corpo na adolescência e na pré adolescência era difícil e complicado naquele período.

2º Para você de quem é a responsabilidade, pela educação sexual dos Jovens ?

Prof. 1-A família tem um papel fundamental . É a princípio ela a família que tem o cuidado, a escola também tem participação, mas a base é a família bem estruturada. Se você tem isso em casa ajuda bastante.

Prof. 2- A responsável mesmo, primeiro é a família e em segundo lugar a escola.

Prof. 3 - Um pouco da família e um pouco dos jovens.

Prof.4 - Hoje eu tenho certeza de que faz parte de um conjunto. Não adianta hoje a gente querer que os pais ou a escola, façam só. Porque existem diversos meios, revistas, livros. tv, internet, amigos e este debate deve ser feito por todo mundo, dentro de casa e na escola.

3-Você já recebeu alguma qualificação para trabalhar a Educação Sexual? Se sim informe, quando, onde ,e por quem foi ofertado.

Prof.1--Não. Infelizmente não.

Entrevistadora - Gostaria de receber?

Acho que sim, fui pego de surpresa ,até porque a minha disciplina é matemática, nunca tive ,é ...talvez nunca tenha precisado orientar os alunos, isto sempre ficou a cargo da professora de ciências, mas acho interessante. Por trabalharmos com crianças e adolescentes ,mas nunca precisei, só com aqueles que vem falar comigo sobre isso.

Prof.2Não ,não recebi qualificação

Prof. 3. - Não

Prof.4Veja, eu fiz alguns cursos ,mas não que tenham sido oferecidos pelo Estado, mas por conta própria. Cursos que lidavam com a sexualidade, mas não com o objetivo de trabalhar a educação sexual com os alunos.

Entrevistadora. Estes cursos não foram organizados com a preocupação de formar professores ?

Resposta - Não foi uma busca minha ,eu estudei no centro de psicanálise de Aracaju, onde a sexualidade faz parte do programa.

4-Se você já recebeu qualificação para trabalhar a Educação Sexual, descreva como foi e se isso contribui para a sua prática.

Prof.4 - Sim. Demais, digamos que hoje eu sou mais observadora ,não tolhendo o meu aluno, e tendo cuidado, colocando limite em brincadeiras e chamo para o debate, quando surge o tema durante as aulas .E até quando percebo né que é algum problema restrito, aí chamo o aluno para o debate.

5- Você se sente preparado e a vontade para trabalhar esta temática em sala de aula ? O senhor acredita que Educação Sexual na escola contribui para que os alunos se tornem pessoas mais responsáveis e saudáveis sexualmente falando ?

Prof.1-Preparado não. Mas não me sinto incomodado ,se houvesse necessidade falaria. A família é importante, mas a escola também é importante não deve estar isenta, o adolescente fica mais a vontade em falar na escola. Sim com certeza.

Prof.2- Me sinto a vontade. Preparado, não. E Sim acredito que a Educação Sexual na escola, melhora a vida dos jovens.

Prof.3- Não. Acredito.

Prof.4 - Sim . À-vontade preparada sim. Acredito porque a gente consegue perceber o que é ato sexual e sexualidade em si ,então assim, fazer o aluno perceber isto é essencial ,fazê-lo perceber que a sexualidade não é apenas o ato sexual ,fazê-lo perceber isto ,já é uma grande vitória.

• Como você define Educação Sexual ? Percebe interesse dos alunos por esta temática?

Prof.1 - Passa pela anatomia de cada um, explicar e educar no sentido de prevenção doenças, cuidados, não tem idade certa para é muito pessoal, não se ensina como fazer sexo, não é necessário, acha que educação sexual é relativo a cuidado com a prevenção a gravidez que é grande no Estado de Sergipe. Percebo interesse. Não só por parte dos alunos adolescentes, mas também nos adultos em programas sobre o tema, eles também fazem perguntas.

Prof.2 --É a maneira de educar sobre o sexo. Se a pessoa estiver preparado para o sexo é melhor do que saber por outras pessoas né ? Sim, conversando sempre, mostram interesse em conversas com amigas ,muitas vezes de forma errada. Acho que os temas que devem ser trabalhados são relacionados ao uso de preservativo, gravidez precoce e a idade que deve se iniciar a vida sexual ,se é que isso é possível.

Prof.3 –É na verdade só informe do que é relação sexual, e de métodos contraceptivos.

Prof.4 –Eu defino da seguinte forma eu acredito que sexualidade é algo muito amplo né ? Acredito é o respeito, você respeitar o outro ser humano dentro da perspectiva dele. A partir do momento que ele não lhe agrada e você não agrada o outro, você consegue estabelecer com ele um relacionamento muito produtivo. Sim percebo interesse dos alunos, porque assim um dos temas que eu acredito que mais interessa os alunos é a homossexualidade, a homoafetividade né ? Porque para eles ao mesmo tempo em que é muito comum, ainda se torna algo que é um ponto de interrogação né ?Então assim devo ou não devo experimentar? Então o que eu percebi, percebo muitos jovens se identificando com a homossexualidade ,digamos uma “pseudo-homossexualidade,” quando na verdade ele ,que na realidade inda não definiu a sua sexualidade ,que objeto lhe interessa, ele pode se bi, ou até hetero, mas por determinadas características ,ou por os colegas acharem, que ele ou ela é homossexual ou lésbica, eles acabam acreditando e se definindo e isto acaba influenciando na sexualidade deles.

Entrevistadora: Então você acredita ser importante trabalhar questões ligadas a gênero e identidade ?

Resposta - Sim.

7- Costuma abordar esta temática em suas aulas ? Através de que temas e de que forma?

Prof.1 - Não costumo abordar esta temática.

Pesquisadora: E quando surge entre os alunos ,como você reage ?

Resposta - Da melhor maneira possível ,porque eles tem dúvidas ,não devemos ter vergonha e devemos esclarecer, e é claro que surgem situações engraçadas.

Prof.2-Sim. Costumo abordar relacionado ao crescimento da população, é ...nos países Subdesenvolvidos, né ? Assim dessa forma.

Prof. 3 .Não .

Prof.4 - Sim porque esta temática da sexualidade, hoje em dia é assim , esta questão da sexualidade está ausente hoje na escola é por incrível que pareça, apesar de existir um grande número de informações na tv, internet ,mídia e rádio ,ao mesmo tempo não se tem este debate e este debate deve ser feito na igreja ,na escola, e em outros espaços religiosos. Então é assim é necessário que haja o debate, que só acontece em lugares como estas escola, casa ,igreja então assim discutir com as pessoas porque isto ajuda a ampliar a visão da sexualidade e também a visão de mundo.

Eu gosto de trabalhar o tema a mulher porque você percebe que a mulher é um ser humano como o homem é. Risos. Falando assim parece algo absurdo né ?Todo mundo não vê?Vê, mais a questão tá no respeito né ?Então a partir do momento que a partir do momento que a gente vê que a mulher tem os mesmos direitos do homem, que a mulher tem a mesma capacidade que o homem tem a gente conseguir perceber ,a partir do momento que a gente percebe isto, a gente vai ver que a sociedade vai passar por uma modificação, no trato com as mulheres. A gente não vai ver mais mulheres sendo espancadas pelos maridos e estupradas também por seus maridos ,da forma que são, desrespeitadas por seus pais que lhes mandam calar a boca porque quem fala é o homem. Então assim ,tem vários aspectos ligados a sexualidade que quando a gente começa a discussão em sala de aula a gente percebe que as pessoas começam a pensar diferente. Então assim, a mulher também tem o direito de não querer um homem, porque não é o homem quem escolhe a mulher, mas ambos se escolhem, e isto faz parte da própria constituição da humanidade, os dois são seres iguais não tem um ser predominante, o macho tem as suas características e a fêmea tem as suas características.

8-A sua escola desenvolve o PSE? Fale sobre este programa. E sobre as ações desenvolvidas nesta escola ,por este programa, aquelas que abordem a Educação Sexual.

Prof. 1- O PSE (Programa de Saúde na Escola)? Sim conheço lá na rede municipal, o pessoal vai lá. Mas acho que está restrita a questão da higiene pessoal e a saúde bucal com a distribuição de objeto de saúde bucal. Pelo que perceber de longe, mas não tenho certeza.

Prof.2- Olha, se for eu não tenho conhecimento.

Prof. 3 - Não tenho conhecimento

Prof.4 - Não tenho conhecimento, mas se estiver, deve estar sendo muito bem desenvolvido.

9-Se já realizou alguma atividade e /ou algum projeto ligado a Educação Sexual. Descreva-o.

Prof.1 - Não desenvolvi infelizmente, mas acho que seria interessante, mas nunca houve nenhum projeto , nem aqui e nem em outra escola.

Prof. 2 - Não.

Prof.3 - Não, não tenho.

Prof.4-Não projeto, não tenho.

Todos os professores afirmaram não ter participado e nem ter desenvolvido nenhum projeto ou atividade relacionado a educação sexual.

A outra escola pesquisada, foi a Escola Estadual Barão de Mauá ,na qual é desenvolvido o PSE , a seguir relataremos os conteúdos das entrevistas dos professores desta escola.

Quadro 2-Identificação dos professores do Barão de Mauá.

Identificação	Idade	Religião	Estado civil	Disciplina
Prof.5	38	Católica	Casada	Biologia
Prof.6	41	Espírita	Solteiro	Matemática

1-Onde e como foi educado sexualmente? Esta educação Sexual que na juventude influenciou a sua vivencia sexual até hoje ?

Prof.5 - Na realidade uma orientação sexual eu não tive né ?A curiosidade me fez pesquisar e me fez buscar leituras e meu curso (biologia) também ajudou a ter a minha orientação sexual. Mas Educação Sexual mesmo eu não tive não. Quer dizer eu não tive orientação sexual nem de pais e nem de professores. E não influenciou.

Prof.6-Fui educado sexualmente pela família em si, minha mãe apesar de ser dona-de-casa, ela sempre nos colocou contato com este tema por meio das mídias tais como filmes ,o próprio preservativo ,foi apresentado por ela , e ela sempre conversou muito conosco, mas eu sempre estudei em colégios de padre e nas aulas de ciências biológicas a professora sempre nos esclareceu sobre as DSTs, as mudanças no corpo ,tivemos sorte, hormônios, mas não muito ligado as questões de O. Sexual não, só ligado mesmo a parte funcional do organismo mesmo. .E sim influenciou .Acho que a questão religiosa no dá um certo freio não é ?Então lembro que minha mãe ,sempre nos falava olha te apresento o preservativo ,mas lembre-se que as pessoas não descartáveis e você também não é. Então sempre a questão da relação sexual mais longa pela afetividade pra no futuro ter algo mais consistente. E é claro por ser do sexo masculino ,vem também o sexo casual, mas sempre com a perspectiva de um futuro relacionamento ,mais longo. E ela também educava meu pai já que nunca fez a ligadura de trompas e o obrigava a também usar o preservativo.

2-Para você de quem é a responsabilidade pela Educação Sexual dos jovens?

Prof..5 - Em primeiro lugar da família e em segundo da escola .

Prof.6 - Eu digo que a família é a base ,mas temos sim de ter um profissional na escola. Eu tive esta sorte de ter uma mãe que era dona-de casa, mas e as crianças hoje muitas vezes são criadas com as avós, as quais não tem uma cultura muito compatível com a realidade de hoje e que não tem uma cultura em relação as DSTs, por exemplo ,e tem dificuldade com a realidade de hoje, sendo que muitos pais não tem tempo e de acompanhar o filho e de saber tudo que eles fazem. Então é necessário sim que a escola traga as novidades né ?Eu acho que esta questão do conservadorismo é quebrada pela escola ,passa pela grade curricular ,por professores capacitados e a articulação da família e da igreja. Assim vem valores culturais e espirituais e a essência sexual da pessoa que é muitas vezes deixada de

lado, tabus em relação a orientação sexual. Então eu acho que deve sim ter uma ligação entre a escola, a família a igreja.

3-Você já recebeu qualificação para trabalhar a educação sexual ?Descreva como foi e se isso contribuiu para a sua prática.

Prof.5 - Não.

Prof.6 - Eu busquei esta formação ,por meio de vídeos, seminários e congressos, não me lembro o nome dos eventos agora. Mas eu sempre buscou ,não que a escola peça ,mas quando alguém sabe de algo que envolva estas questões ,me informa entendeu ?.

Pesquisadora --Você sabe informar se a secretaria de educação do estado de Sergipe, ofertou algum curso de formação nessa área ?Você participou de algum da Secretaria?

Prof.5 -Não , não sei. Não lembro de nenhum que a secretaria de educação tenha ofertado.

Prof. Sempre busco ,cursos , mas nunca tive informação sobre cursos ofertados pela secretaria de educação.

4-Se você já recebeu qualificação para a Educação sexual, descreva como foi e se isso contribuiu para a sua prática

Prof. 5 Nunca recebi ou participei de nenhum curso de formação.

Prof.6- –Como já falei busquei esta formação em cursos e seminários ,por conta própria e com certeza eles contribuíram para a minha prática pedagógica e para as atividades e projetos que desenvolvo, aqui na escola relacionados a esta temática.

5 - Você se sente preparado e à vontade para trabalhar esta temática em sala de aula ? O senhor (a) acredita que a Educação Sexual na escola contribui para que os alunos se tornem pessoas mais saudáveis e responsáveis sexualmente falando ?

Prof.5 Preparada totalmente não. Mas me sinto bastante à vontade, a minha curiosidade em saber sobre isto é grande, então estou sempre buscando textos

para trabalhar isto com meus alunos .Acredito sim ,com certeza, sem sombra de dúvida.

Prof.6 Sim me sinto preparado e à vontade. Eu acho que sim porque eu já tenho mais de três anos nesta prática, busco coloca como matemática para a cidadania .Onde vamos buscar a pesquisa da comunidade, que começa primeiro com a pesquisa de laboratório, com informações sobre o mundo e o Brasil, para ver a realidade maior e a nossa realidade .Então fazemos questionários sobre DSTs e estes questionários são aplicados junto ao turno da manhã e ao turno da tarde, para ver se sabem o que é, se já estou na prática, se conhecem e usam preservativos ,se sabem quais são as orientações sexuais e se já sentem definido pela orientação sexual e desejo ,quais as nomenclaturas para se definir estas pessoas que são de outras orientações sexuais. Sim, contribuiu. Contribuiu principalmente e contribui principalmente se a pessoa tiver uma orientação de psicólogos e se tiver uma orientação de professores da área de ciências biológicas de pessoas que estão sempre ligadas a este tema. Acho que é muito importante.

6-Como você define Educação Sexual? Percebe interesse dos alunos por esta temática?

Prof.5 A Educação Sexual é um conhecimento que a gente tem de adquirir sobre os diversos temas da sexualidade ,gênero, não só a anatomia e a fisiologia ,mas envolvendo tudo ,por que este conhecimento vai orientar a pessoa quando ela for ter a sua prática, experiência individual. Sim. É interessante eles tem bastante interesse. Dentre os temas relacionados a sexualidade o que mais chama a atenção deles é na minha experiência como evitar a gravidez, isto é o que mais chama a atenção deles.

Prof.6 –Eu digo que é algo meio subjetivo porque é primeiro fazer com que o outro se goste, se entenda é... ele começa a buscar ,claro através das literaturas e de sua própria auto -análise e avaliação do que é ser feliz. Do que é ser tocado, de como deve ser tocado ,se é criança ,se esse toque ...porque existe a violência sexual contra o menor. Não é isso ?É por isso que a educação sexual deve ser desde pequenininho. Até mesmo um pai e uma mãe ...eu mesmo eu tinha um sobrinho que quando era pequenininho e eu ia lhe dando banho eu dizia para ele você mesmo se toca, você tem esse direito em nenhum momento eu forçava o toque

, para que ele entenda ,possa se r criado , que o corpo é um templo sagrado. Ele tem sim autoridade sobre o corpo dele, independentemente da idade que ele tenha isto deve ser dito a criança ,deve ser entendido e a criança deve dizer se não gostou daquele toque e da rispidez como foi falado ou entendido aquilo. Então Educação Sexual, eu digo que é uma mistura não sei também se é porque eu tenho uma base religiosa católica e agora espírita, a gente busca, muito essa essência do outro né ?È o amar para se amar tem de se amar primeiro. Então tem muito colega de trabalho que fica ,mas educação sexual no Ensino fundamental Menor ?E eu digo sim !Porque é necessário que a família possa entender que a criança que está em contato com a internet ,ela tá sendo muitas vezes ludibriada, sendo seduzida tem professor, padre, quando falo padre não estou questionando ,é vou até mudar este nome é um líder religioso ou alguém assim que hoje em dia é o que tá sendo muito comentado na mídia né ?Existe Existem profissionais fantásticos ,mas existem profissionais que não é aquilo que diz ser não é ?

7-Explique de que forma e quais os temas que você costuma abordar em suas aulas?

Prof.5– Bom eu abordo a questão da gravidez os perigos da gravidez na adolescência .eu abordo a anatomia, a fisiologia do sistema reprodutor, as DSTs, de um modo geral. Como eu abordo isto? Através de textos, do conteúdo do livro didático, dos filmes e de debates.

Prof.6 - Bem veja bem a dinâmica é usar as nossas dores, como objeto de estudo, então que dores são essas? As aflições que eles estão passando em relação a transformação do corpo, com a sexualidade com a identidade de gênero, a violência na escola e no mundo Mas e quem vai ser a medida? A matemática .Eu tenho experiência que a estatística ,vai ser o veículo que vai comprovar para a direção e para o corpo de professores ,então através da pesquisa local a real a verdadeira necessidade deles. Porque até nestes questionários eu coloco .Você sente dúvidas sobre quais temas? Sobre o tema violência contra a mulher? Dificuldade com o corpo? Dificuldade com o pai, com a mãe ?E através desta pesquisa local ,iremos identificar se ele está sofrendo bullying na escola ou em casa. o resultado ?Vamos fixar e divulgar no mural e dizer que fizemos? Não eu pego este material e faço uma reunião com professores e a equipe diretiva e depois nos reunimos com

a comunidade local .E explico porque naquele dia em determinado professor retirou os alunos da sala da para responder aquele questionário ,para responder com veracidade. E então através destes dados desenvolvo um planejamento do ano sobre as reais necessidades .A nossa escola tem poucos casos de violência física, pelo menos noturno da tarde ,que é o que eu trabalho, mas existe a violência verbal, na família e na escola. Então este trabalho é feito para que a gente se auto avalie também.

9-A sua escola desenvolve o PSE? Fale sobre este programa .E sobre as ações desenvolvidas nesta escola, por este programa que abordem a Educação Sexual.

Prof. 5 Não .Nunca soube ,olha só aqui na escola existe o PSE, mas assim ,como posso falar...,eles fizeram várias ações aqui na escola, uma das ações foi a “Qualidade de vida”, trouxeram a academia da cidade, eles fizeram uma ação com relação a saúde bucal, escovação ,mediram estatura ,vacinação e algumas relacionadas a alimentação ,teve também aqui na escola. Mas relacionado mesmo a sexualidade não ocorre... nada! O que houve foi uma pequena orientação para os professores, mas que não teve continuidade e não teve conclusão. Então na realidade o PSE em 2012,é ...2011 a ação foi maior e em 2012 foi bem menor ,só teve escovação.

Prof.6- Não. O projeto que eu desenvolvo não tem ligação com o PSE. Também nunca parei para pedir auxílio e não sei sobre as ações dele aqui ,talvez tenha em outro turno.

10-Se você já realizou alguma atividade e ou projeto ligado a Educação Sexual, descreva-o.

Prof.5 - Já sim. Nesta escola eu fiz um miniprojeto, um trabalho e atividades em sala de aula ,no qual os meninos fizeram atividades de paródias, desenvolveram histórias em quadrinhos um com prevenção as DSTs ,como se adquire as DSTs .E na outra escola eu fiz um projeto maior onde a gente teve peças teatrais, paródias ,danças, jogos como passa ou repassa ,em relação as DSTs e pedimos aos alunos que preparassem um folder sobre as DSTs e o distribuíssem nas escolas.

Prof. 6 -Sim desenvolvo o Projeto Matemática para a Cidadania.

Para darmos continuidade a nossa pesquisa buscamos também realizar entrevistas com o representante do PSE, com um representante da Secretária da Educação e com um representante da Secretária da Saúde, registradas a seguir.

Tabela 3 - Identificação dos entrevistados, na Secretaria da Saúde, o do PSE e o representante da formação de Professores da Secretária de Educação.

Identificação	Formação	Ocupação	Órgão
RSS	Médico sanitarista	Gerente do Programa estadual de DSTs /AIDS	Secretária de Saúde
R.SE	Letras /Direito /Enfermagem	Coordenação Sistema OAB/SEEED	Secretaria de Educação
R.PSE	Ciências Biológicas /Mestrando em Educação	Coordenador do PSE Sergipe	Secretária de educação /PSE

1-O PSE está sendo desenvolvida em algumas escolas do nosso Estado, qual a participação desta secretaria no desenvolvimento deste programa?

MI- Existe uma parceria entre as secretarias do estado da saúde e da secretaria de estado da educação, bem como com as demais secretarias de educação dos municípios, com relação a nossa participação no PSE e SPE(saúde e prevenção nas escolas), acontece em vários momentos, primeiro na capacitação de professores, segundo terceiro na realização de palestras, atendendo na distribuição de materiais informativos e em terceiro lugar através das palestras, atendendo a demanda.

As palestras acontecem já obedecendo um calendário, previamente estabelecido para atender todas as escolas, ou acontecem de acordo com a solicitação das escolas?

Resposta - Exato, é de acordo com a demanda das escolas, que solicitam e atendemos na medida do possível.

2-A saúde sexual é fundamental para que o indivíduo viva bem. Defina Educação Sexual e aponte a sua importância.

M1 - A Educação Sexual é um ramo da ciência fundamental para o ser humano porque na Educação Sexual se aborda a Saúde Sexual e esta saúde sexual

envolve a sexualidade ,como também as doenças sexualmente transmissíveis ,então é fundamental para a vida do ser humano.

3-E em relação a Educação Sexual e Sexualidade, quais as atividades desenvolvidas na escola por esta Secretaria ,e que temáticas costumam abordar?

Resposta - Então na capacitação dos professores, um dos temas que explicados é a sexualidade, que envolve os aspectos da biologia, gênero, orientação sexual ,mitos, fantasias sexuais é... são vários os temas abordados nestas capacitações, um outro tema abordado aí dentro é a gravidez na adolescência.

4-Quais as dificuldades encontradas no desenvolvimento na escola, de atividades ligadas a Educação Sexual?

M1- Ainda não há uma cultura principalmente é...por parte de determinados diretores com relação a abordagem da sexualidade. Existem questões religiosas que atrapalham e alguns diretores de escola que são mais conservadores e acham que a abordagem da Educação Sexual junto aos alunos está incentivando alguns comportamentos .Esta dificuldade, outra dificuldade é o envolvimento dos pais ,é necessário que toda escola mobilize os pais para esclarecer porque aquela escola está abordando o tema as sexualidade. Então isso eu acho um desafio.

5-E em relação a capacitação dos professores ,como se dá esta qualificação? Qual o grau de participação e de dúvidas?

M1- As capacitações são disponibilizadas sempre em conjunto entre a secretaria de educação e a de saúde, de acordo com a demanda e por microrregiões por exemplo e elas estão sempre disponíveis e...nós sabemos que há uma renovação dos professores nas escolas, então nós sempre procuramos estar atento a esta renovação e disponibilizar estas capacitações.

6-Como já foi afirmado existe um grau de resistência por parte de alguns diretores, mas em relação aos professores, alunos e pais, vocês também percebem alguma resistência?

M1- Com relação aos alunos não, não .não...não encontramos tanta dificuldade, porquê a sexualidade já faz parte da vida deles , é lógico que muitos deles tem informações erradas é...e nós procuramos nas palestras e nos debates mostrar o que é certo e o que é errado e eles vão refletir de acordo o comportamento

deles. Não temos muita dificuldade com os alunos porque hoje tudo tá muito erotizado ,então o tema da sexualidade abre até a discussão para outros temas ,facilita a discussão para os outros temas.

7-Quais são as maiores dúvidas apresentadas pelos alunos em relação a sexualidade?

M1- Sobre gravidez na adolescência, métodos anticoncepcionais, quanto ao uso da camisinha, ainda tem muitas dúvidas ,sobre exame de AIDS, Sintomas das DSTs ,São os temas mais abordados.

8-Hoje uma das questões que está muito evidente é a questão da diversidade sexual e da homofobia ,vocês é...recebem alguma queixa de alunos com relação a estas questões?

M1- A parte da Secretaria de Educação, falam que existem casos de atitudes inadequadas por parte de professores e até de alunos diante de um aluno homoafetivo ou de uma aluna lésbica .Isso ainda existe ,isto é uma questão cultural que ainda persiste; embora tenha diminuído muito ,mais ainda existe.

9-Vocês tem como acompanhar e perceber mudanças significativas e positivas no comportamento de jovens que recebem educação sexual nas escolas?

M1- A gente tem algumas pesquisas ,que foram feitas á nível nacional, mas não é a nível local ,ainda não temos ,um estudo com estas questão, mas dá para ver a mudança.

Comentário da pesquisadora

A fala do entrevistado deixa claro que a união ente a secretaria de educação e a secretaria de educação resultam em ações ,que visam realizar um trabalho que resulte em uma serie de atividades que disponibilizem informações e que promovam a saúde sexual nas escolas. Além da distribuição de matérias informativos de prevenção ,ocorre também atividades relacionadas a formação dos professores.

Contundo, ao que nos parece diante das falas dos professores entrevistados de que não receberam formação para desenvolverem esta temática em suas aulas, talvez fosse necessário que esta formação não ficassem restritas a palestras ,mas que houvesse realmente um curso pensando e organizado para que os professores pudessem receber esta formação .Na fala de uma das professoras

entrevistadas, foi dito que em uma escola do interior na qual trabalhou os professores foram capacitados pelo grupo do PSE e que o resultado dessa formação foi muito positiva, fazendo com que estes professores realmente se envolvessem nos projetos relacionados a Educação Sexual, que passaram a ser desenvolvidos na escola. Dessa forma acho memorável o trabalho desenvolvido pelo equipe do médico Almir Santana, contudo, sabemos das dificuldades enfrentadas por eles e podemos perceber que há a necessidade de um número maior de pessoas nessa equipe para que possam atender as escolas tanto das redes municipais, quanto as da rede estadual. Sendo assim se houvesse um calendário organizado e um local apropriado no qual os professores por escolas ou micro –regiões pudessem receber formação por um tempo mais longo ,o trabalho iria apresentar um melhor resultado.

Além disso, seria interessante, que os professores cursistas fossem monitorados e orientados a desenvolverem projetos de educação sexual nas escolas ,devendo estes projetos terem os seus resultados compartilhados e debatidos, a fim de buscar uma melhoria constante no cotidiano escolar. Sendo portanto necessário que a Secretaria de Educação por meio do núcleo de formação de professores disponibilize e divulgue estes cursos para os professores de sua rede. As palestras são importantes e fundamentais contudo ,devido a importância e a abrangência do tema ,se faz necessário, que esta formação se estenda por um período maior de tempo e que possa abranger um número maior de professores e conseqüentemente de alunos.

Representante da Secretaria de Educação

1-A Educação Sexual é um tema transversal presente nos PCNs. Contudo as ações para que ela seja abordada em sala-aula continuam tímidas. De quem é a responsabilidade pela Educação Sexual para o senhor/?

RS- É a responsabilidade de todos, família, escola, comunidade de forma em geral. Mesmo porque a Educação Sexual ,ela transcende a questão do sexo em si e sim ela trabalha a sexualidade e o desenvolvimento do adolescente não é ?Com relação ao desenvolvimento do seu corpo.

2-A secretaria de educação de Sergipe desenvolve algum projeto de qualificação para os professores trabalharem esta temática?

RS- Além do PSE , que é o programa de saúde e prevenção na escola ,nós temos vários cursos de formação continuada que envolvem o tema das

diversidades, engloba a questão de gênero e de sexualidade e as questões das diferenças com relação e educação inclusiva. Desde o ano de 2011 nós temos cursos de formação continuada com 200 horas ,todas em convenio com a UAB(Universidade Aberta do Brasil) e a UFS(Universidade Federal de Sergipe).

Pesquisadora - E como está sendo a participação dos professores nestes cursos?

RS - Ah! A procura é uma procura boa né? Apesar de alguns professores chegarem a afirmar que a informação não chega nas escolas, mas nós fazemos a divulgação. Junto as diretorias regionais e as unidades escolares e a procura está sendo boa.

4-Depois de realizados os cursos vocês procuram saber se os professores estão ponto em prática os cursos? Vão fazer está busca?

RS - Na verdade a gente não tem um instrumento de avaliação para é a utilização dos conteúdos pragmáticos dos cursos nas escolas .Então não temos esse processo de avaliação né? Mas quando há uma análise das projetos políticos pedagógicos das escolas, bem como dos planos e conteúdos iniciais, a gente percebe a inclusão desses conteúdos nas aulas dos professores.

5-Qual a importância e quais os objetivos da oferta da Educação Sexual nas escolas?

RS A educação Sexual é um processo de aprendizado né? Então os adolescentes, passam por um processo de formação, conhecimento ,na realidade do que venha a ser a prática sexual ,métodos contraceptivos, com relação com temas como gravidez indesejada na adolescência, bem como o conhecimento do seu próprio corpo não é? E também de ver as diferenças entre o sexo masculino e feminino e também na questão de trabalhar as tolerâncias.

Então, você acredita que os conteúdos a serem trabalhados ,devem ser mais amplos não se restringindo a fisiologia e a prevenção não é? Então o projeto que vocês tem é oferecido engloba os professores das diversas áreas né isso?

RS - Exatamente. Isso né? Isso pra todas as áreas do conhecimento né ?Como o tema é transversal, todas as disciplinas elas podem muito bem trabalhar a questão da sexualidade. Não só o professor de ciências né? Especificamente porque o professor de português pode trabalhar o de redação também pode trabalhar. Mesmo porque o tema, ele transcende a questão de uma disciplina única.

5-Como pais, professores e alunos reagem em relação a oferta da Educação Sexual?

RS Bem na verdade, a gente percebe é ...como posso dizer para você, a gente percebe uma certa barreira entre os pais nesse programa mesmo porque na cabeça dos pais é como se a gente tivesse ensinando os adolescentes a fazerem sexo. E a gente sabe que não é isso, porque além da prevenção de uma gravidez indesejada a gente trabalha a questão de conhecer né? A sua sexualidade .O que é sexualidade? Porque a sexualidade, ela é ampla né? Não é só a gravidez, não é só o ato sexual, mas sim o todo né?

Pesquisadora - Existem escolas nas quais os diretores preferem não tratar desta questão e não recebem o PSE?

RS - Na realidade não, as escolas, é os diretores tem a cabeça bem aberta, com relação a este tema ,mesmo porque eles percebem a dificuldade de se tratar este tema na escola e não eles procuram a ajuda da secretaria e nestes cursos ,para trabalhar este tema na escola da melhor forma.

Pesquisadora Qual seria a principal função, a grande importância da Educação Sexual na escola. E quais os objetivos que vocês têm quando desenvolvem este trabalho na escola .Ele está mais voltado para o aluno ou para o professor?

RS - Os dois mesmo porque os professores passam por esse processo de formação mesmo porque lidar com adolescente não é fácil. Então eles buscam nesses cursos conteúdos as metodologias, capazes de desenvolverem as informações necessárias a prevenção o conhecimento do próprio corpo ,a fisiologia e a sexualidade de forma ampliada ,fazendo com que eles tenham uma base teórica para trabalhar este tema ,no caso dos professores.Com relação aos alunos a gente busca na realidade, formar na escola cidadãos capazes de diferenciar o que é ser homem e o que é ser mulher por exemplo quais os seus atributos ,não colocar na cabeça da mulher que ela deve ficar em casa ,pelo contrário ela tem os mesmos direitos que o homem relação ao trabalho. E logicamente a prevenção né? Porque a gente percebe que o número de adolescentes que engravidam é muito grande esse número não é?

Pesquisadora Vocês aqui ,através da secretaria, tem informação se houve redução de problemas relacionados a sexualidade ,nas escolas em que a Educação Sexual, está sendo oferecida ,ainda que através do PSE?

RS - Na realidade não, A gente não tem, por exemplo estudos que comprovem a eficácia do programa ou seja, não tem monografia ,não tem ,não existe artigo

publicado que falem sobre os conteúdos do PSE trabalhado na escola e o impacto desses conteúdos, na vivência dos alunos que possam nos trazer estas informações sobre a eficiência desse programa.

Pesquisadora - Ok . Mas existem relatos de professores? Eles chegam a relatar ou também não?

RS - Também não.

6-O PSE inclui a sexualidade em seu programa o senhor acredita que este programa seja suficiente ,ou seria necessário um programa mais específico para abordar estas questões, sobretudo uma formação mais direcionada para aqueles professores que já desenvolve em suas aulas conteúdos relacionados a Educação Sexual?

RS - Veja só ,com relação ao PSE ele é amplo porque ele trabalha a prevenção ao uso de álcool ,droga, violência ,a sexualidade ...suficiente ,não. Porque você não vai dizer que um programa fechado, um programa que possui conteúdo programado ,um material próprio ,ele vai ser suficiente para abordar todos os temas de modo a exauri-los .Na realidade todos os programas que visem melhorar o conhecimento nesta área ,principalmente da sexualidade é bem-vindo .

7-Quais seriam os procedimentos a serem adotados pela escola, caso identifique alunos que enfrentem problemas relacionados a sexualidade?

RS - Na realidade não é um programa não é? E a própria legislação não é? O próprio estatuto da criança e do adolescente né que vai disciplinar a permanência desse aluno na escola ,bem como a forma como este estudo será aproveitado né? No caso de aluna que se afaste ,no caso da menina que se afaste para ter seu bebe né? E neste caso a escola tem toda a autonomia ,né? Isso também em relação a formação continuada dos professores né? Porque a escola também recebe dinheiro né? Dinheiro porque tem o dinheiro direto na escola que também serve para formação dos professores no plano de aplicação de recursos para a formação de professores. E apesar qual seria a atitude? Comunicar aos pais e orientar o adolescente que estiver com este problema em relação a sexualidade. A outra também é em relação a violência né? Então o, Conselho Tutelar é acionado ,bem como o Ministério Público ,porque o Ministério Público tem um programa que vai acompanhar a ida e ausência desse aluno na escola deste adolescente. Então

tudo isso é comunicado tanto ao ministério público ,quanto ao conselho tutelar ,caso haja algum problema ,mas algum programa específico não existe.

Mas os professores que participam das formações ,são orientados a prestar algum tipo de auxílio a estes alunos?

RS - Na realidade todos os cursos que são oferecidos pela secretaria ,a gente faz um investimento no professor e espera que ele seja um multiplicador em seu ambiente de trabalho .Então aquele professor que não participou pode ter conhecimento do conteúdo e da metodologias por meio de seu colega. Então a gente incentiva que a escola por meio de seus gestores favoreça encontros entre os que participaram e os que não participaram haja a disseminação dos conteúdos e lógico impacto pedagógico tenha um melhor resultado não é? E uma eficiência e eficácia dos conteúdos trabalhados.

Pesquisadora Ok .E em relação dados computados relacionados a alunas que engravidam e continuam estudando ,vocês tem isso computado? Há a preocupação das escolas em passar estas informações ou não?

RS - Não. Em relação a isto eu não sei lhe informar porque realmente eu não tenho este dado. A pessoa que responde sobre o PSE, talvez tenha estes dados.

Coordenador do PSE de Sergipe pela Secretária de Educação

1-Como surgiu o PSE? Quais os seus objetivos e como é organizado na prática?

R P. - Bem, a origem disso tudo é o SPE Saúde e Prevenção na escola),que foi lançado em 2003 nacionalmente, pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação em conjunto que é uma política intersetorial com fomento para discutir na escola sobretudo a questão da saúde sexual e reprodutiva, uma vez que na época o PSE estava vinculado ao programa nacional de DSTS /AIDS, certo ?Então ,as temáticas iniciais eram relacionadas a questão da temática sexual e saúde reprodutiva, DST, aids, gravidez na adolescência ,drogas ,sexualidade e gênero. Ele foi lançado em 2003 ,foi lançado oficialmente pelo Ministério em 18 municípios brasileiros apenas, foi o piloto em 2003 e em 2004 o Saúde e Prevenção nas escolas foi lançado nacionalmente né? Assim foi capilarizado e então chegou a Sergipe, ele foi desenvolvido em 12 escolas de 4 municípios né? Eram quatro escolas aqui de Aracaju, uma das quais eu trabalhava ,na Escola Estadual Albano Franco ,1

escola em Socorro, 1 em São Cristóvão e 1 em Laranjeiras também. Bom de 2004 a 2007 o PSE ,caminhou ano a ano com formação continuada tanto promovidas pela secretária de educação e de saúde e tanto com formação continuada, também com formação continuada promovidas pela Ministério de Saúde ,na época pela gestão federal que existia e existia o grupo de gestão estadual e o grupo de gestão em cada município. Nesse meio tempo o Ministério ,lançou algumas publicações como o guia de formação de professores da saúde, e para estudantes o caderno das coisas importantes e publicações de jogos e teve outras publicações todas relacionadas a saúde sexual e reprodutiva ,todas ligadas a sexualidade. Em2007,ocorreu a tentativa de transformar o PSE ,em um programa em um programa nacional ,esta tentativa foi um pouco frustrada porque como, era restrito a DSTs, AIDS, sexualidade ,gênero ,violência e drogas é eles tiveram como manobra de tornar o programa um programa nacional do governo federal, que tivesse rubrica própria ,foi ampliar o programa para além da saúde sexual e reprodutiva, ampliar ´para tudo o que se relaciona com a saúde integral no sistema de Saúde. Então no final de 2007,foi lançada a portaria(7de dezembro)interministerial 6286,que instituiu o programa saúde na escola ,ele possui 05 componentes .Entre eles, o número 2 é o componente de promoção de saúde e prevenção na escola ,onde foi colocando o projeto de saúde e prevenção na escola ,então neste componente trata da questão de saúde sexual, reprodutiva ,violência ,drogas ,atividades físicas e corporais ,,ficou no primeiro componente .II Avaliação clínica e psicossocial ,educação de saúde da família /saúde bucal ,auditiva visual na escola, hipertensão ,diabete e obesidade preconizadas pelas equipes da saúde da família dentro das esfera de territorial e envolve o público jovem /adulto estudante vinculado a escola e chega até as famílias com ações de palestras com ferramentas contínuas que envolvam a comunidade (oficina).E o componente III ,É o de formação Permanente ,nos quais os grupos de trabalho, estaduais, municipais e regionais que vão que vão pensar as ações de formação e o outros componentes são de monitoramento e de avaliação do próprio Ministério.

2-Como e quando este programa foi implantado em Sergipe? Quantas e quais são as escolas participantes? O senhor pode citar algumas ,nas quais tenha tido um resultado mais eficaz?

R P. Em Sergipe também em 2007também a partir da portaria,6289em 2004.Em 2012 o número de escolas participantes era de 283 escolas em todo o

estado. Este cadastro é feito a partir no sistema de monitoramento do MEC, a partir dos grupos de trabalho intersetoriais municipais. Então cada município que adere ao programa recebe recursos diretamente do governo federal via secretaria de saúde pra em conjunto com a secretaria de educação realizarem as ações vinculadas ao programa. Então estas secretarias a de saúde e a de educação cadastram estas escolas estaduais e municipais que são o público alvo destas ações. Então os dados oficiais de número de escolas cadastradas que nós temos é o Semec /sistema de monitoramento do MEC, que são de 283 escolas. Entre estas escola as que nós aqui da rede estadual e da secretaria acompanhamos mais de perto posso citar a escola estadual João batista nascimento que tem feito um trabalho consistente e insistente nos últimos cinco anos continuidade né? Relacionado a questão do protagonismo juvenil(sexualidade e gênero e nos últimos anos tem estendido a prevenção as drogas e a violência. E o colégio Albano Franco também tem feito um trabalho bem interessante ,mas mais voltado para o componente 1 vinculado da escol com a unidade de saúde)mas eles tem feito um bom trabalho relacionado a gravidez na adolescência ,tem também o Murilo Braga em Itabaiana ,que também tem realizado caminhadas ,gincanas e ações de mobilização. E o município de Macambira que é pequeno, mas tem feito um trabalho extremamente relevante através das equipes de família e eles só tem lá duas equipes de saúde de família, mas que estão muito presentes e vinculadas nos últimos três anos e nos últimos três anos nós temos visitados estas escolas pelo menos três vezes para promover palestras e formação para os profissionais da saúde e para os professores .

3- Vocês tem dados registrados que confirmem que estes alunos que participam do projeto conseguem vivenciar melhor a sexualidade e se proteger melhor de problemas relacionados a sexualidade, ou vocês fizeram este acompanhamento?

R P. O tema da sexualidade ,ainda é muito velado na escola né? Esta questão de homo, bi e hetero na escola ,ainda é colocado com um tema de segunda ordem , as pessoas ,digo gestores, professores e alunos ignoram ainda as questões ligadas a sexualidade. Problemas ligados a sexualidade, nós temos dois casos o de duas escolas, nas quais jovens militantes do movimento LGBTs tiveram problemas porque quiseram realizar atividades nas escolas e não tiveram apoio da gestão e dos colegas e nós tivemos que intervir institucionalmente como gestor da secretária de

estado da educação, para apoiarmos o movimento dos jovens. Problemas que chegaram até nós foram esses pontuais, mas assim o que a gente percebe na prática quando vamos ministrar cursos de formação para educadores e profissionais de saúde por aí fora é que esta é uma temática ainda colocada como de segunda ordem e quando vamos ministrar palestras e oficinas aos pais é assim não surgem muitas perguntas, fica todo mundo em cima do muro, calados ninguém que se posicionar. Assim né temos um problema que é assim o uso do banheiro que é assim entende? No ensino noturno de jovens e adultos, nós temos algumas transexuais matriculadas, e o nome social que não vai para a caderneta e o professor ignora o nome social né? E chama pelo nome da certidão de nascimento tá? E assim esses são alguns detalhes e que fazem com que estas pessoas se afastem da escola. E a gente conversar com estes gestores e com os professores para tentar mitigar esses problemas.

E em relação aos educadores que tem orientação sexual diversa, vocês tem informação se eles também passam por algum tipo de dificuldades em relação, aos colegas, aos pais ou aos alunos?

R P. - Não. Com relação aos educandos não chegou nenhuma informação, até agora não chegou nenhum problema sério ou reclamação pontual nesse sentido. Nós sabemos que temos muitos professores e professoras homossexuais na rede entendeu? Quando a gente ministra cursos por aí fora, aparecem muitas questões, muitos debates né? A cerca disso né? A gente sabe que o preconceito e a discriminação é algo vigente né? Acontece mas em relação a professores este tipo de problema não chegou até gente.

4-Como você define Educação Sexual?

R P. - Bem é Educação para a sexualidade né? Para o exercício da sexualidade. Eu uso muito esse conceito que nós usamos no curso, né? Que diz que este exercício da sexualidade é essa capacidade de desenvolver sua sexualidade, sem coerção, com autonomia não é? E sobretudo consciente dos seus direitos e dos limites impostos socialmente. E é óbvio sempre buscando superar tais limites. Então educação Sexual é eu diria...é um processo de elevação do nível de consciência para que estes jovens possam fazer as suas próprias escolhas e possam viver socialmente com a premissa do respeito.

5-Quem são as pessoas responsáveis pelo desenvolvimento das ações do PSE nas escolas ?E como elas foram qualificadas para desenvolverem o programa? Por que já presenciei algumas palestras que eram pautadas em aconselhamentos ,dentro de uma abordagem médico – religiosa em algumas escolas.

R P. . - Bem antes de chegarmos a escola as equipes de saúde e de gestão fazem o alinhamento teórico que se dá por meio do PSE, passo a passo ,que e o material didático do programa ,a gestão, as temáticas como podem se trabalhadas, guia de formação dos professores p educação e saúde ,tem textos, oficinas que revelam a matriz teórica do programa.. Tem também as reuniões periódicas dos grupos gestores pra gente discutir o que tem sido feito porque o que acontece realmente é o que você coloca por conta dos municípios terem autonomia para desenvolverem o programa ,acabam convidando outros o alinhamento teórico do programa e a gente conversar para que estas pessoas se alinhem a visão do programa. Porém infelizmente na prática isto não acontece, a gente encontra pessoas que fazem a abordagem muito nesta linha de aconselhamentos, médico ,religioso, muito moral, pautado na moralidade ,isto acontece, mas assim quando nós vamos fazer parte ,nos procuramos nos alinhar teoricamente dentro do programa.

6-Educação Sexual também faz parte do PSE.Como e quais são os conteúdos desta temática que são abordadas pelo programa?

R P. . - Saúde, Nutricional, ocular ,visual ,auditivo no Componente I programa de promoção da saúde .II- Gravidez na adolescência, sexualidade, gênero ,drogas lícitas e ilícitas ,violência ,programa de atividades para a promoção de atividades físicas para a promoção da saúde.

Pesquisadora - E a questão do combate a pedofilia vocês abordam também?

R P. . - É a pedofilia, passa quando abordamos gêneros sexualidades e violências ,e a pedofilia acaba entrando nas discussões ,porque quando tratamos de sexualidades, gêneros e violências tudo no plural, discutimos as diversas violências e a pedofilia é muito requerida pelo público.

Pesquisadora - Já houve algum relato neste sentido?

R P. . - Sim. Em cursos de formação em municípios menores houve relato de professores ,nada comprovado de pais e mães com filhos que eles creem , em indícios, nada comprovado, apenas relatos que eles desconfiavam e nós orientamos que com provas façam a denuncia anônima para que o caso transcorra com deve .

Pesquisadora : Qual a maneira de se abordar a sexualidade?

R P.. - O que nós temos conversado muito nos cursos de formação é que primeiro esta é uma temática que deve estar presente na formação humana desde a sua gênese, esta não é uma temática do Ensino fundamental maior ou do Médio ou do fundamental menor, não é? A gente bate muito na tecla que nós precisamos quebrar alguns tabus não é? Para quebrar essas barreiras sobretudo na formação nas famílias e as questões chegam sempre nas escolas. Com certeza estas questões chegam nas escolas em todas as faixas etárias. Tem professores que trabalham com crianças de 4 e 5 anos e já tem alunos que já apresentam traços de tocar os colegas ,de brincar e de relatar o que vê em casa. O que falamos é que devemos respeitar a idade cognitiva da criança e adequar a linguagem ao vocabulário da crianças , e com o cuidado de não historiar não é? Falar a verdade , sem mascarar ,sem meia verdade , as verdades tem quer ser ditas é óbvio respeitando a idade da criança .E os pedagogo que conhecem a realidade d a crianças que vivem no dia a dia são profissionais indicados para isso .Então tomar cuidado e sobretudo formar estes jovens e estes adolescentes para que ele eleve ele, ele tiver que ficar velado ,então possa ser que surta muitos efeitos na sua vida. e o nível de consciência ,para que ele possa dialogar em outro espaço porque se ele só poder falar naquele espaço, escola e sala de aula e não em outro espaço Então eu diria a você que é melhor abordar a sexualidade é a partir da prática social deles né? Porque o todo caótico e a gente vem ,com a teoria, elabora e sintetiza esta teoria junto com eles,Para que eles possam fazer a s suas escolhas.

Pesquisadora E no caso das palestras eu vocês realizam nas escolas , quais os conteúdos que vocês costumam abordar?

R P. . - É por demanda, temos ali alguns ofícios de escolas do estado solicitando ,ali as principais temáticas que as escolas sugerem ,no ano passado 45% em 2012 das solicitações eram sobre drogas/violência e as outras 55% eram sobre gravidez na adolescência, sexualidade ,DSTs, gênero, AIDS e sempre muito vinculado e 30%disso e o restante é sobre violência ,obesidade e dengue e outros temas ligados a saúde.

Pesquisadora - E como se dá a participação efetivamente dos professores neste projeto e nas palavras?

R P. . - Bem geralmente as palestras são solicitadas pelos professores e depois tem a formação e a cadeia de atividades é da seguinte forma, primeiro tem a

formação continuada ,que fazemos pontualmente e então os professores voltam para a escola e fazem o projeto de intervenção, a este então primeiro eles vão ver o que vão fazer na escola com os jovens e a comunidade ,nos apoiamos com palestras ,materiais ,xerox, preservativos e outros e este projeto é acompanhado por nós.

Pesquisadora Enfrentam algum tipo de barreiras por parte de alguém se sim quais ?

R P. - É a principal barreira é a de distribuição de preservativos na escola não é? A gente tem como uma das diretrizes do programa mitigar as vulnerabilidades ,saúde sexual e reprodutiva sobretudo a gravidez na adolescência ,DSTs e AIDS e uma das ações preventivas é a distribuição de preservativos na escola ,a gente recebe cerca de 1 milhão de preservativos por ano para ir para a escola ,mas é obvio ,que não vai sem antes pactuar com educadores, gestores ,pais e comunidades e a principal barreira é essa .A agente tem muito preservativo nas secretaria estão muito poucas escolas das 383 apenas 46 disponibilizavam o preservativo .A maioria das escolas querem ações apenas para algumas ações, para gincanas, para palestras ,para algumas ações pontuais .E o que nós queremos é que a escola seja um ponto de referência não só para o aluno, mas para a comunidade que não tenha esta referência só no posto de saúde. E a grande barreira é esta é o que os pais entendam que o preservativo é incentivo e a presença do preservativo não é incentivo, mas é proteção para quem já tem a vida sexualmente ativa. A ideia é disponibilizar dispensadores de preservativos nos banheiro e em áreas comuns para que os alunos pequem ,mas ainda não conseguimos colocar estes dispensadores por conta dessas barreiras.

Pesquisadora – E em relação aos gestores, existem alguns gestores que não aceitam o programa, se sim por qual motivo?

R P. . - Gestores que não aceitam o programa ,a gente não tem. Eles aceitam tudo em relação ao programa de saúde, auditiva, visual, nutricional, tudo certo ,mas dizem mas esta questão de sexualidade, é melhor não tocar aqui, por questão de formação moral ou religiosa ,tem muitos gestores que se posicionam dessa forma e não são poucos ,com certeza tem um número grande de gestores que agem dessa forma..

10-De forma prática, na sua opinião a Educação Sexual, na escola seja por ações individuais dos professores ,ou através do PSE, tem contribuído para que o

aluno tenha uma melhor qualidade de vida e vivencie de forma mais responsável e feliz a sua sexualidade.

R P.. - É infelizmente, isso a gente acredita que acontece com um número mínimo de jovens que conseguiram elevar o nível de sua consciência, e mudaram sua prática para viver estas questões e, eu vou lhe dizer, quais são estes jovens que nos acreditamos que realmente elevam a sua consciência e melhoraram a sua prática. Estes grupos, são aqueles jovens que se envolveram no programa, os jovens com os quais nós conseguimos fazer formação, os de grupos de protagonismo, os de educação entre pares que conseguiram fazer a formação, que tem um grupo na escola, que é um tanto ativista que se mobiliza, que propõe ações. No ano de 2007 e 2008, nós criamos uma ação de formação de um grupo de 23 alunos na escola, no colégio ALBANO FRANCO, que vieram a secretaria, que passaram três dias discutindo estas questões com profissionais da saúde e da educação então eles voltaram para a escola e passaram os conhecimentos e criaram discussões sobre o tema, e eles criaram até camisetas diferenciadas, e tinham sala própria de reunião, formavam grupos que passaram a fomentar esta questão, foram para a comunidade distribuíram preservativos. Então eles realmente se apropriaram desses conceitos, e mudaram a sua prática e implantaram em sua vida cotidiana os demais jovens que participaram de oficinas e de palestras, que são ações pontuais. A gente consegue tocá-los por um momento só, por conta de nós trabalharmos com a realidade concreta, levamos para eles dados da realidade, mas de modo continuado a gente percebe que os índices de gravidez e de violência não altera, a gente tem conseguido inserir a temática de forma mais frequente, mas o espaço é curto e o número de violência, de gravidez e de problemas não se alteram bruscamente, penso que demanda mais tempo para elevarmos este nível de consciência.

Eu diria que a abordagem da sexualidade ainda fica muito pautada no bio e digo que se sairmos do bio para o social, vai ficar muito só pautado no masculino/ feminino, pênis /vagina e não vão se conceber outras formas de relação e se saírem do social para chegar no bio, inverter a ordem a gente vai sim elevar o nível de consciência e vai perceber que sim existem outras formas de se relacionar e que o respeito é uma premissa que precisa estar presente em todas as relações.

APÊNDICE 8-TABELA REFERENTE A REVISÃO DE LITERATURA.

AUTOR	TÍTULO	UNIVERSIDAD E OU REVISTA	ANO	CATEGORIAS
PRIORE Mary Del	História Íntimas Sexualidade s e erotismo na Historiado Brasil	Editora: Planeta	2011	Sexualidade Historia
JUNQUEIRA, Rogério Dinis	Diversidade Sexual na Educação; Problematizações sobre a homofobia nas escolas	Ministério da Educação	2009	Diversidade Sexual Homofobia Educação Sexual
Martin, Selma Alves de Freitas	Percepções e Práticas de Professores sobre a Educação Sexual	Universidade Estadual Paulista	2010	Educação Sexual Formação Continuada
Groth, Ines Carlise, Celine e Luciana Rosa, Beatriz da Silva	“Você sabe o que Sexualidade ? Re-la de Experiências Oficinas de Educação Sexual na Escola	Roteiro, Joçobadã	2011	Ed.Sexual Prevenção e Saúde
Prado, Vagner Matias do, Ribeiro, Arilda Ines Miranda Fanzano, Cristiane Luciana	Materiais Audiovisuais Didáticos e Educação Sexual na Escola; Uma pesquisa nos Acervos videográficos do Ministério	Colloquium Humanarum	2011	Diversidade Sexual Gênero Identidade LGBTTT

	da Educação e Cultura e Ministério da Saúde do Governo Brasileiro			
Paiva Vera; Gabriela Calazans; Gustavo Venturi, Rita Diasalidade e Aids	Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros	Rev. De Saúde Pública V.42 supl.1 São Paulo jun.2008	2008	Educação Sexual Saúde Prevenção e Sexualida
Monteiro, Claudete ferreira de Souza, Costa, NeylaShirlene Santos Nascimento, Patrícia Samara Veras, Aguiar, Yara Amorim de	A violência intrafamiliar contra adolescentes grávidas	Revista Brasileira de Enfermagem	2007	Educação Sexual Relações Familiares Sexualidade Saúde Prevenção e Contracepção
Moreira, BetinaLoitzen Bauer da Rocha		Universidade Federal de Santa Maria	2010	Educação Sexual Formação Continuada Qualificação de Profissionais da Saúde Prevenção
Louro, Lopes Guacira,	Gêneo, sexudade e educação: das afinidades políticas as tensões teórico	Metodológicas Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201218.	2007	Diversidade, Educaçã Sexual, Instituições Jurídicas,religiosas e Educacionais/Preconc e Discriminação Homofobia

ANEXOS

ANEXO 1 -: PARTOS POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO ENTRE JOVENS DOS 10 AOS 14ANOS.

UF	2000	2005	2009	Taxa de variação no período de 2000 a 2009
Faixa etária	> 10a 19	10a 19	10a 19	
Acre	4.452	3.338	3.670	- 17,57%
Alagoas	15.952	15.287	11.546	- 27,62%
Amapá	3.532	2.880	2.622	- 25,76%
Amazonas	16.687	16.049	13.057	- 21,75%
Bahia	66.782	55.333	38.823	- 41,87%
Ceará	35.120	30.442	23.314	- 33,62%
Distrito Federal	12.020	6.786	7.342	- 38,92%
Espírito Santo	11.761	9.666	7.600	- 35,38%
Goiás	17.215	15.470	9.471	- 44,98%
Maranhão	36.565	33.050	23.700	- 35,18%
Mato G. do Sul	10.616	9.296	7.455	- 29,78%
Mato Grosso	12.261	11.810	8.524	- 30,48%
Minas Gerais	59.071	47.809	37.325	- 36,81%
Pará	38.859	40.242	31.928	- 17,84%
Paraíba	14.964	14.035	10.545	- 29,53%
Paraná	34.522	26.757	22.144	- 35,86%
Pernambuco	39.183	32.981	26.419	- 32,58%
Piauí	17.615	13.778	9.951	- 43,51%
Rio de Janeiro	45.917	32.487	23.169	- 49,54%
Rio G.do Norte	13.534	12.280	8.599	- 36,46%
Rio G.do Sul	30.267	23.345	17.837	- 41,07%
Rondônia	7.351	4.881	3.621	- 50,74%

Roraima	1.069	1.835	1.710	59,96%
Santa Catarina	16.741	13.575	11.800	29,51%
São Paulo	100.494	84.503	70.307	30,04%
Sergipe	9.342	7.679	6.139	34,29%
Tocantins	7.466	6.947	5.438	27,16%
Total	679.358	572.541	444.056	34,64%
Fontes DATASUS SIH_SUS Tab SAS 20/01/2010				

AIDS entre jovens

Vale ressaltar que se observa tendência de aumento na prevalência da infecção pelo HIV nos jovens. Pesquisa realizada com os conscritos (de 17 a 20 anos de idade) do Exército mostrou que a prevalência na referida população passou de 0,09%, em 2002, para 0,12% em 2007. Com relação às taxas de incidência de aids entre jovens de 15 a 24 anos de idade em 2010, a taxa para os homens foi de 2 casos de aids e, para as mulheres, de 1,6 para cada grupo de 100 mil habitantes. No que diz respeito à razão de sexos na citada faixa etária nos últimos 20 anos, houve diminuição na proporção de casos entre homens e mulheres. Em 1990, para cada 3,7 casos de aids em homens, havia um caso em mulher e, em 2010, a proporção diminuiu para 1,4/1 (Figura 1).

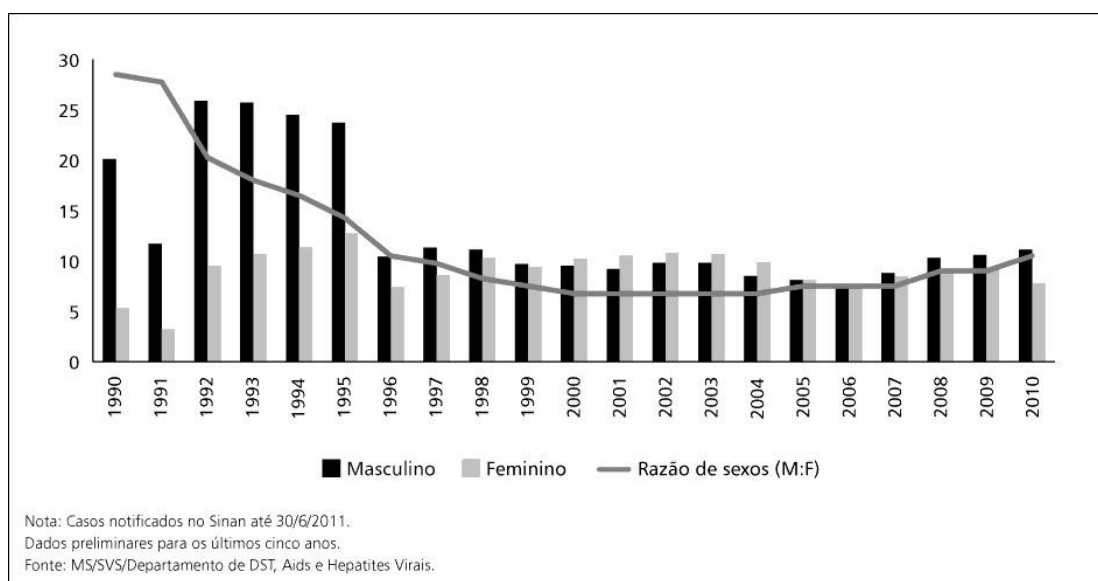


Figura 1 – Taxa de incidência (por grupo de 100 mil habitantes) dos casos de aids em jovens de 15 a 24 anos de idade, segundo sexo, por ano de diagnóstico e razão de sexos. Brasil, 1990-2010